



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CLÁUDIO JOSÉ ALVES

**NATUREZA E CULTURA NAS ILUSTRAÇÕES DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE  
EXPLORAÇÃO (1859-1861).**

CAMPINAS

Março 2012





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CLÁUDIO JOSÉ ALVES

**NATUREZA E CULTURA NAS ILUSTRAÇÕES DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE  
EXPLORAÇÃO (1859-1861).**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor em História, na área de Concentração História da Arte.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz César Marques Filho

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE  
DEFENDIDA PELO ALUNO Cláudio José Alves, E ORIENTADA PELO PROF.  
DR Luiz César Marques Filho.**

CPG, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CAMPINAS

Março 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
SANDRA APARECIDA PEREIRA-CRB8/7432 – BIBLIOTECA DO IFCH  
UNICAMP

AL87n Alves, Cláudio José, 1970-  
Natureza e cultura nas ilustrações da Comissão  
Científica de Exploração, (1851-1861) / Cláudio José Alves. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2012

Orientador: Luiz Cesar Marques Filho  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Comissão Científica de Exploração (Brasil).
2. Ilustrações Científica. 3. Ciência - História - Séc. XIX.
4. Arte e história. I. Marques Filho, Luiz Cesar, 1952-.
- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em Inglês:** Nature and culture through the Scientific Exploration Commision  
Illustrations, (1859-1861)

**Palavras-chave em inglês:**

Scientific Exploration Commision (Brazil)

Scientific illustration

Science - History - 19th century

Art and history

**Área de concentração:** História da Arte

**Titulação:** Doutor em História

**Banca examinadora:**

Luiz Cesar Marques Filho [Orientador]

Luciano Migliaccio

Elaine Cristina Dias

Leticia Coelho Squeff

Iara Lis Franco Schiavinatto

**Data da defesa:** 30-03-2012

**Programa de Pós-Graduação:** História

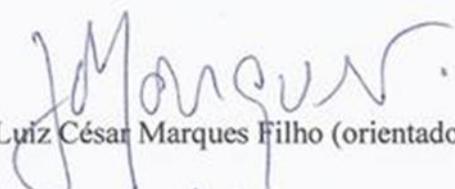
CLÁUDIO JOSÉ ALVES

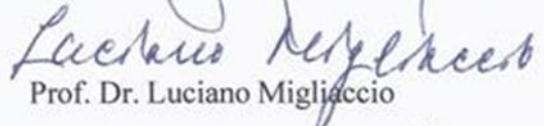
*Natureza e Cultura nas Ilustrações da Comissão Científica  
de Exploração (1859-1861)*

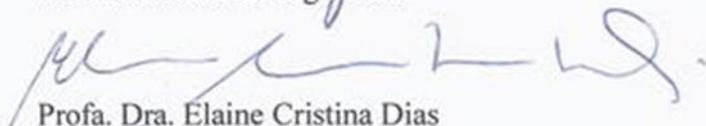
Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de  
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do  
Prof. Dr. Luiz César Marques Filho.

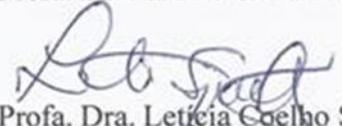
Este exemplar corresponde à redação final da  
Tese defendida e aprovada pela Comissão  
Julgadora em 30 / 03 / 2012.

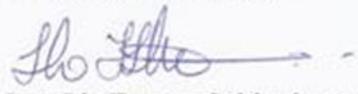
BANCA

  
Prof. Dr. Luiz César Marques Filho (orientador)

  
Prof. Dr. Luciano Migliaccio

  
Profa. Dra. Elaine Cristina Dias

  
Profa. Dra. Letícia Coelho Squeff

  
Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto

MARÇO  
2012



*Uma palmeira com os círculos do tronco trabalhados com tão grande e maravilhosa arte.*

*Somente a paciência e o gênio de Leonardo podiam fazê-los.*

Vasari, "Vida de Leonardo Da Vinci".



## Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do programa em História da Arte do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em especial ao Prof. Luiz Marques pela compreensão durante o percurso de definição e realização do trabalho, por seu exemplo como pesquisador e docente.

Ao Prof. Luciano Migliaccio igualmente pela sua constante motivação e interesse pela cultura artística brasileira e pelo desenvolvimento desta pesquisa.

À Profa. Claudia Valladão pela sua disposição em sempre auxiliar nos levantamentos de novas questões a serem traçadas pela pesquisa em História da Arte.

Ao Prof. Jorge Coli, ao Prof. Nelson Aguilar e ao Prof. Marcos Tognon pelo entusiasmo com que sempre tratam a arte, os artistas contemporâneos e a preservação do patrimônio artístico e cultural do Brasil.

Aos professores que aceitaram participar da Banca de Defesa: Luciano Migliaccio, Elaine Dias, Letícia Squeff, Jens Baumgarten, Ermelinda Pataca, Iara Lis, Alex Miyoshi e ao apoio do Prof. Miguel Faria da Universidade Autônoma de Lisboa.

Aos colegas de curso Maria Antonia e Maria do Carmo, Waldemar, Cleusa Gomes, Marcelo Marotta e Renata Bittencourt pelo apoio e conversas informais sobre o desenrolar das atividades do doutorado.

Aos colegas do Projeto Temático *Plus-Ultra* Renata Martins, Valéria Lima, Valéria Picoli, Malu e todos demais participantes pelas sugestões durante os seminários de pesquisas.

Ao CNPq pela Bolsa de Doutorado e aos funcionários do Museu D. João VI, Museu Histórico Nacional, IHGB, Biblioteca Nacional, Museu de História Natural da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro, Museu de Etnologia de Lisboa e ao Instituto Nacional de História da Arte de Paris, pela presteza com que me receberam e pelas informações fornecidas sobre seus respectivos acervos.

À minha família e ao carinho e respeito expressos pela doçura de Antonia Maria Alves.



## Resumo

Essa Tese refere-se à iconografia da Comissão Científica de Exploração enviada ao Ceará, em 1859 até 1861, por D. Pedro II. As aquarelas, os desenhos e as litografias da expedição foram produzidos a partir da atuação do pintor José dos Reis Carvalho, do poeta Gonçalves Dias e dos naturalistas Francisco Freire Alemão e Manoel Ferreira Lagos. Ao compararmos o trabalho de José dos Reis Carvalho para a Comissão Científica de Exploração com as influências estéticas de sua época, nele iremos perceber que, ao tratar da questão da seca, expressou elementos próprios da realidade local e da cultura brasileira, ali identificadas com o sertanejo e seu modo de vida na aridez da caatinga. Como um ilustrador científico, mas com um padrão estético próprio, deu às suas obras um caráter histórico envolto de questões sociais da época e representou o homem em conflito com uma paisagem que o hostilizava. Por meio de artigos e manuscritos sob as questões climáticas e culturais relacionadas ao Ceará, e pela bibliografia adquirida pela Comissão Científica de Exploração, delimitamos o espaço documental que justificou a produção iconográfica do pintor voltada para o tema das secas e para os costumes locais. O poeta Gonçalves Dias compôs um indianismo no qual se voltou a reconstituir a identidade nacional através das reminiscências culturais das antigas tribos Tupis e Tapuias. Permitiu o nascimento de uma etnografia de caráter científico baseada nas características linguísticas, tecnológicas e estéticas destes povos antigos e presentes nos grupos indígenas existentes no período. Os artefatos que ele recolheu no Amazonas, remeteu ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e foram litografados pelo Imperial Instituto Artístico, expressam a importância que estes objetos assumiram como documentos iconográficos relacionados à História da Cultura Brasileira que esteve motivada por uma ideologia nativista. O botânico Francisco Freire Alemão e o zoólogo Manoel Ferreira Lagos, além de promoverem a identificação e a classificação de diversas espécies da biodiversidade cearense, dedicaram-se a produzir registros visuais para inaugurarem uma produção bibliográfica ilustrada no Brasil que ainda era incipiente. O interesse pela aplicação das técnicas acadêmicas do desenho Freire Alemão manifestou em seus singelos desenhos de vilas e plantas presentes na Biblioteca Nacional e outros que foram publicados na revista *Guanabara*. No entanto, sua maior e mais relevante produção iconográfica relacionada à botânica está na sua *Flora Cearense*, um manuscrito de valioso valor estético e histórico.

**Palavras chaves:** Ilustração Científica, Comissão Científica de Exploração, História da Arte, História da Ciência.



## Abstract

This thesis refers to the iconography of the Scientific Exploration Commission sent to Ceará, from 1859 until 1861, by D. Pedro II. The watercolors, drawings and lithographs of the expedition were produced in the work of the painter José Carvalho dos Reis, the poet Gonçalves Dias along with the naturalists Francisco Freire Alemão and Manoel Ferreira Lagos. Comparing the work of José dos Reis Carvalho with the aesthetic influences of his age, we will realize that, when addressing the issue of drought, he attempted to identify in Brazilian culture the proper elements of the local reality. As a scientific illustrator, but with a proper aesthetic standard, promoted in his works a historical character of social issues in his epoch and represented the Brazilian man conflict with the hostile landscape. Through articles and manuscripts on themes related to Ceará climate and culture, and literature acquired by the Scientific Exploration Commission, we delimited a documental research that was justified by the painter iconographical production turned into issue of drought and local culture. The poet Gonçalves Dias wrote an Indianism in which the identity of Brazilian people was reconstructed through the cultural remnants of Tupi and Tapuias ancient tribes. He allowed the birth of an ethnography scientific nature based on linguistic features, technology and aestheticism of these ancient people in the indigenous groups presented in his time. The artifacts he has collected in the Amazon were sent to the National Museum of Rio de Janeiro and they were lithographed by the Imperial Art Institute, which express the importance of these objects as iconographic documents related to the history of art and culture in Brazil. The botanist Francisco Freire Alemão and the zoologist Manoel Ferreira Lagos, beyond promoting the identification and classification of several biodiversity species in Ceará, they produced visual records to inaugurate an illustrated bibliographical production in Brazil, which was still incipient at that. The interest of Freire Alemão, in applying the academic techniques of drawing, was expressed in his single drawing of villages and plants present in the National Library and others that were published in *Guanabara*. However, his greatest and most relevant iconographic production related to botany is in his *Flora of Ceará*, a manuscript of valuable historical and aesthetic value.

**Keywords:** *Scientific Illustration, Scientific Exploration Commission, Art History, Science History.*



<b>Índice</b>	
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>IX</b>
<b>Índice</b> .....	<b>XV</b>
<b>Índice de Figuras inseridas no corpo da Tese</b> .....	<b>XIX</b>
<b>Lista de Siglas</b> .....	<b>XXII</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>01</b>
<b>Capítulo 1 – Expedições científicas na América do século XIX e a Comissão Científica de Exploração</b>	
<b>1.1 – A Análise da Iconografia Comissão Científica de Exploração</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2. - Os artistas viajantes na América</b> .....	<b>16</b>
1.2.1 – A. Von Humboldt: As paisagens, os naturalistas e os pintores.....	17
1.2.2 - As vistas e as pinturas de paisagens.....	20
1.2.3 - Considerações sobre os <i>Quadros da Natureza de Humboldt</i> .....	22
1.2.4- Duas vistas sobre o Campo de Sant´Ana: T.Ender e Reis Carvalho.....	33
<b>Capítulo 02 - A formação e atuação da Comissão Científica de Exploração</b> .....	<b>39</b>
2.1- A Bibliografia adquirida pela Comissão Científica de Exploração.....	48
2.2- O início dos trabalhos da Comissão Científica de Exploração.....	59
<b>Capítulo 03 – José dos Reis Carvalho e suas ilustrações para a Comissão Científica de Exploração</b> .....	<b>65</b>
<b>3.1– Registros das Paisagens</b> .....	<b>72</b>
<b>3.2 - As vistas de Paisagens na Academia Imperial de Belas Artes</b>	
3.2.1 - A paisagem identificada como ícone do Império.....	75
3.2.2 - A paisagens vistas por viajantes: Debret, Von Martius e Rugendas.....	76
3.2.3 - A paisagem vista por F.-É. Taunay.....	83
3.2.4 - A paisagem percebida pela Comissão Científica de Exploração.....	85
3.2.5 - A paisagem vista por José dos Reis Carvalho.....	91
3.2.5.1 - <i>Casal em Viagem e Cassimbas do rio Acaracu</i> .....	92
3.2.5.2 - <i>Corte de Carnaúba</i> .....	95

<b>3.3</b>	<b>- Registros da Cultura e dos Costumes</b>	
3.3.1	- Os Costumes, os viajantes e as obras ilustradas.....	102
3.3.1.1	- As ilustrações de costumes entre a Europa e o Brasil.....	105
3.3.1.2	- As ilustrações de costumes na América Latina.....	112
3.3.2	- As ilustrações de costumes na Comissão Científica de Exploração.....	114
3.3.2.1	- Os Vaqueiros.....	119
3.3.2.2	- As Vaquejadas.....	128
3.3.2.3	- Sambas, Batuques e Carnavais.....	131
3.3.2.4	- Penitentes.....	141
3.3.2.5	- Vendedores.....	145
3.3.2.6	- A pesca e as Jangadas.....	147
<b>3.4</b>	<b>- Registros das Edificações</b>	
3.4.1	- Igrejas.....	151
3.4.1.1	- A Velha Catedral.....	153
3.4.1.2	- A Igreja Matriz de Aquiraz.....	162
3.4.2	- O Farol do Mucuripe.....	164
3.4.3	- Edificações populares e a cultura indígena: <i>Interior de um Rancho</i> .....	167
3.4.3.1	- Dois objetos de <i>Interior de um rancho</i> : cabaça e rede de dormir	
3.4.3.1.1	- A cabaça.....	174
3.4.3.1.2	- A rede de dormir.....	175
<b>Capítulo 04</b>	<b>- Gonçalves Dias e a etnografia indígena.....</b>	<b>183</b>
<b>4.1</b>	<b>- A Seção Etnográfica e Arqueológica no IHGB.....</b>	<b>184</b>
4.1.1	- A Criação da Comissão de Arqueologia e Etnografia Indígena no IHGB.....	186
4.1.2	- Revista do IHGB e as publicações sobre a temática indígena.....	189
4.1.3	- A arqueologia e a etnografia no IHGB.....	192
4.1.4	- A Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração.....	195
<b>4.2</b>	<b>- A Importância dos estudos filológicos indígenas.....</b>	<b>200</b>

<b>4.3 - O indianismo de Gonçalves Dias: <i>Brasil e Oceania</i></b> .....	207
<b>4.4 - O estudo dos objetos reunidos por Gonçalves Dias</b> .....	219
4.4.1 - Os objetos, as obras etnográficas ilustradas e os Museus de História Natural.....	223
4.4.2 - A descrição dos objetos recolhidos por Gonçalves Dias em seu <i>Diário</i> .....	235
<b>Capítulo 05 – Ilustrações das Seções Zoológicas e Botânicas</b> .....	253
<b>5.1 - Francisco Freire Alemão e as Ilustrações botânicas</b> .....	256
5.1.1 - Freire Alemão e o desenho botânico.....	262
<b>5.2 – Manoel Ferreira Lagos e as Ilustrações Zoológicas</b> .....	275
5.2.1 - Manoel Lagos e as litografias ornitológicas.....	276
<b>Considerações Finais</b> .....	281
<b>6 – Bibliografia</b>	
6.1 - Fontes Primárias Impressas.....	284
6.2 - Fontes Primárias Manuscritas.....	291
6.3 - Teses e Dissertações.....	295
6.4 - Artigos de Periódicos.....	296
6.5 – Anais de Encontros.....	298
6.6 – Catálogos.....	299
6.7 – Jornais.....	300
6.8 - Obras de Referência: Dicionários e compêndios.....	301
6.9 – Livros.....	301
<b>7 – Anexos</b>	
<b>7.1 Anexo I -</b> Relação de obras com “ex-libris” da Comissão Científica de Exploração na Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro e tabelas.	
<b>7.2 Anexo II –</b> Imagens da Comissão Científica de Exploração	



## Índice de Figuras inseridas no corpo da Tese.

### Capítulo 1

Fig. 1.1 - Augustus Earle. <i>Morro do Corcovado. Rio de Janeiro</i> .....	21
Fig. 1.2 – J. R. Carvalho, <i>Igreja de Sant' Anna em dia de festa, 1851</i> .....	35
Fig. 1.3 - Thomas Ender. <i>Campo de Sant' Ana</i> .....	35

### Capítulo 2

Fig. 2.1 - Ex-libris da Comissão Científica. <i>Exploração</i> .....	39
Fig. 2.2 - Agostinho da Motta. <i>Fábrica do Barão de Capanema</i> .....	46
Fig. 2.3 - Antigo Edifício do Museu Nacional no Campo de Sant' Ana.....	50
Fig. 2.4 - Dessiné par Fiaquet. <i>Cascade de Tijouka a Rio Janeiro</i> .....	56
Fig. 2.5 - Fiaquet. Bertrand Editeur. <i>Éclise de La Glória a Rio de Janeiro</i> .....	57
Fig. 2.6 - Fiaquet. Bertrand Editeur <i>Environs de Rio de Janeiro</i> .....	57
Fig. 2.7 - José dos Reis Carvalho, <i>Vista da cidade de Iço</i> .....	58
Fig. 2.8 - José dos Reis Carvalho, [O Navio Palpite].....	61
Fig. 2.9 - M. Laplace & C. P. Théodore. <i>La Favorite</i> .....	61
Fig. 2.10 - T. Ender. <i>Fragata Áustria – Augusta</i> .....	62

### Capítulo 3

Fig. 3.1 - José dos Reis Carvalho, <i>Acampamento de Missão Científica</i> ,.....	74
Fig. 3.2 - J. B. Debret. [Paisagem].....	77
Fig. 3.3 - Félix-Émile Taunay, <i>Mata reduzida a carvão</i> .....	84
Fig. 3.4 - José dos Reis Carvalho, <i>Cassimbas do Rio Acaracu</i> .....	93
Fig. 3.5 - Carl Linde. <i>A carnaúba</i> .....	96
Fig. 3.6 - Carl Linde. <i>Productos da Carnaúba</i> .....	96
Fig. 3.7 - C.F.P. Von. Martius. <i>Corypha cerifera</i> .....	98
Fig. 3.8 - Sylvain Maréchal. <i>Femme Caraibe de Suriname</i> .....	108
Fig. 3.9- G. Engelmann et G. Berger. <i>Habitans de Quito</i> .....	109
Fig. 3.10 - Galeria Montesquieu. <i>Brasiliens</i> .....	110
Fig. 3.11 - A. G. Houbigant. <i>Danse Russe</i> . ....	111
Fig. 3.12 - M. Vaillant. <i>Vue de une Rue du Rio de Janeiro</i> .....	116
Fig. 3.13 - M. Vaillant. <i>Convente de San Francisco a Lima</i> .....	116
Fig. 3.14 - M. Vaillant. <i>Scene de Danse, aux iles Sandwich</i> .....	116
Fig. 3.15 - M. Laplace & C. P. Théodore. [Cena de Dança].....	116

Fig. 3.16 - M. Laplace & C. P. Théodore. <i>Pêcheurs</i> .....	117
Fig. 3.17 - M. Laplace & C. P. Théodore. <i>Barbier Chinois</i> .....	117
Fig. 3.18 - M. Laplace & C. P. Théodore.. [ <i>Cena religiosa</i> ].....	117
Fig. 3.19– Exposição Nacional de 1861. <i>Um vaqueiro</i> .....	120
Fig. 3.20 - José dos Reis Carvalho, <i>Vaqueiro</i> .....	120
Fig. 3.21 - L´Eveque. “The prisoner’s soup”.....	123
Fig. 3.22- L´Eveque. “The Mud Cart”.....	123
Fig. 3.23 - L´Eveque. “A Peasant from the neighbourhood”.....	123
Fig. 3.24 - L´Eveque. “A Paisant Girl lending a wagon”.....	123
Fig. 3.25 - L´Eveque. “Waggons, made use of at Lisbon”.....	123
Fig. 3.26 - J.B. Debret. [Carros de bois].....	123
Fig. 3.27 - J.M. Rugendas. [Carro de bois].....	124
Fig. 3.28 - T. Ender. <i>Carro de bois</i> .....	124
Fig. 3.29 - T. Ender. <i>Pesado Carro de bois</i> .....	124
Fig. 3.30 - J.M. Rugendas. “Habitan de Goyaz”. <i>Viagem Pitoresca</i> .....	128
Fig. 3.31 - L´Eveque. “La Marchande de pain à la Place S. Paul”.....	146
Fig. 3.32 - L´Eveque. “La Marchande de Poifsons”.....	146
Fig. 3.33 - L´Eveque. “Le Marchand de Balasis et de Paillafsons ”.....	146
Fig. 3.34 - Museu do Ceará. <i>Jangada</i> .....	147
Fig. 3.35(a) - <i>Igreja N. S. da Conceição do Outeiro</i> . [Vista Lateral].....	152
Fig. 3.35(b) - <i>Igreja N. S. da Conceição do Outeiro</i> . [Vista Frontal].....	153
Fig. 3.36 – <i>Antiga Igreja da Sé</i> . [Fotografia, Vista Lateral].....	154
Fig. 3.37 – <i>Antiga Igreja da Sé</i> [Fotografia, Vista Frontal].....	155
Fig. 3.38- <i>Missa na Antiga Catedral, 1938</i> [Fotografia].....	155
Fig. 3.39 - Detalhe do Cruzeiro da Catedral de Fortaleza [Fotografia].....	159
Fig. 3.40 (a) - <i>Igreja Matriz de Aquiraz</i> . [Fotografia, Vista Frontal].....	163
Fig. 3.40 (b) - <i>Igreja Matriz de Aquiraz</i> . [Fotografia, Vista Lateral].....	163
Fig. 3.41(a) - <i>O velho farol do Mucuripe</i> . [Fotografia].....	164
Fig. 3.41 (b) -Praia do Mucuripe, ao fundo Farol. [Fotografia].....	164
Fig. 3.42 - <i>Portal da Academia Imperial de Belas Artes - Jardim Botânico</i> .....	166
Fig. 3.43 - M. Vaillant. <i>Interior d´une case a Payta</i> .....	169
Fig. 3.44 - M. Laplace & C. P. Théodore. <i>Village de Bel-Air – Afrique</i> .....	170
Fig. 3.45- L. I. Duperrey, <i>Iles de la Societé</i> (1).....	170
Fig. 3.46- J. B. Debret. <i>Formas de Habitação dos Índios</i> .....	171

Fig. 3.47 - C.F.P. Von. Martius. <i>Elaeis Guincensis, Acrocomia sclerocarpa</i> .....	172
Fig. 3.48-Carlos Julião. <i>Transporte em rede realizado por dois nativos aculturado</i> .....	178
Fig. 3.49 - J. B. Debret. "Famille d'un chef camacan se préparant pour une fête".....	178
Fig. 3.50- José dos Reis Carvalho, <i>Trabalhos de Labertino</i> .....	180

#### Capítulo 4

Fig. 4.1 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (2)</i> .....	225
Fig. 4.2 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (3)</i> .....	225
Fig. 4.3 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (4)</i> .....	225
Fig. 4.4 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (5)</i> .....	225
Fig. 4.5 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (6)</i> .....	226
Fig. 4.6 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (7)</i> .....	226
Fig. 4.7 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (8)</i> .....	226
Fig. 4.8 - L. I. Duperrey. <i>Iles de la Societé (9)</i> .....	226

#### Capítulo 5

Fig. 5.1 - John Lindley. <i>C. Bicolor</i> .....	254
Fig. 5.2 - Freire Alemão. <i>Estudos botânicos e descrições de plantas brasileiras</i> .....	263
Fig. 5.3 - Manuel Freire Alemão Cisneiros, <i>Caderneta de notas sobre botânica</i> .....	269
Fig. 5.4 - Duperrey, L. I. <i>Cassican de Keraudren</i> .....	279

## Lista de Siglas

AIBA – Academia Imperial de Belas Artes

BN – Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros.

INHA – Instituto Nacional de História da Arte - Paris

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Rio de Janeiro

IPHAN/CE – Instituto do Patrimônio Artístico Nacional do Ceará

MDJ – Museu Dom João VI – Rio de Janeiro

ME – Museu de Etnologia de Lisboa - Portugal

MN – Museu Nacional da Quinta da Boa Vista – Rio de Janeiro

MHN – Museu Histórico Nacional – Rio de Janeiro

MNBA – Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro.

MIS/CE – Museu da Imagem e do Som do Ceará

MUMA – *Museo Missionario Indios in Amazzonia – Assisi* - Itália

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

## Introdução

A Comissão Científica de Exploração (1859-1861) foi formada no IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com o intuito de estabelecer um conjunto de informações voltadas às províncias do norte do Brasil Imperial e almejava construir um conhecimento relacionado ao potencial econômico relacionado às riquezas ainda não exploradas.

Desejava verificar as possibilidades de levar às províncias do norte meios capazes de superar modelos ineficientes de uso dos recursos naturais, minerais, agroindustriais e de mão-de-obra e, ao mesmo tempo, traçar um perfil etnográfico dos usos e costumes das comunidades visitadas, para assegurar ao projeto de desenvolvimento concebido pelos integrantes do IHGB uma real possibilidade de concretização, sob os auspícios de D. Pedro II.

A Comissão Científica seguiu o modelo de investigação dos viajantes estrangeiros que contribuíram para a descrição do Novo Mundo e insere-se no mesmo contexto das expedições que chegavam à América decorrentes dos movimentos de independência e, no caso do Brasil, da abertura dos portos após a chegada de D. João VI, em 1808.

O modelo de descrição, tanto textual quanto visual, foi influenciado pela cultura estabelecida pelas expedições científicas, cuja estrutura já estava consolidada no período tais quais as instruções dadas por Domingos Vandelli para as *Viagens Filosóficas* de Alexandre Rodrigues Ferreira, e que pode ser percebido comparando-se os resultados iconográficos da Comissão Científica com a bibliografia por ela adquirida, guardada nos acervos do atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro.

O projeto concebido no IHGB atenderia a um anseio de colonização interna e civilizatório do extenso território brasileiro. Apropriou-se do *modus operandi* das expedições científicas que percorriam o mundo neste período e buscou-se, além de produzir relatos escritos, criar uma documentação visual compreendida por pinturas de paisagens, costumes e ilustrações de diferentes formas e tipos da

vegetação e do reino animal. Inclui-se neste conjunto iconográfico a representação de costumes populares ou indígenas, das técnicas de aproveitamento dos recursos naturais, das edificações arquitetônicas nos diferentes locais escolhidos para serem explorados.

O que muito influenciou os artistas-viajantes da Comissão Científica e de outras expedições do século XIX foi a tradição da observação direta dos fenômenos naturais que se consolidou com a ciência moderna através do iluminismo, mas sem deixar de considerar uma reminiscência de olhar artístico voltado à observação direta e a representação dos fenômenos naturais.

Para atender ao interesse dos centros europeus em conhecer e perceber a natureza vivenciada no Novo Mundo, coletavam-se materiais que iriam integrar os gabinetes de curiosidades e os nascentes museus, além de fortalecer o poder institucional das monarquias.<sup>1</sup> Essa intenção que é similar ao fortalecimento do Museu de História Natural pelo IHGB através do enriquecimento de seu acervo ao receber o resultado dos trabalhos da Comissão Científica de Exploração que compreendem, além de uma vasta bibliografia incorporada pela biblioteca do museu, os materiais coletados pela expedição e as litografias de pássaros e etnográficas.

A ilustração científica, do mesmo modo, contribuiria para satisfazer ao anseio de se conhecer a natureza nos moldes classificatórios delineados por Carl Lineu, além de suprir o novo gosto gerado pelo conhecimento visual do Novo Mundo.<sup>2</sup> As ilustrações científicas também eram um meio de vivenciar e experimentar a natureza de forma direta, sem intervenções de mitos ou intenções

---

<sup>1</sup> L. M. FERREIRA. "Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. p. 271-77.

<sup>2</sup> As obras de Carl Lineu já eram bem conhecidas pelos viajantes do século XIX como esta que se encontra na Biblioteca de Obras Raras do Museu de História Natural do Rio: Liné, Carl von – *Systema naturae por regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species cum characteribus, differentiis, synonyme, locis*. Ed. 12ª. Aucta reformata cura Jo. F. Gmelin... Lipsiae, Geopgr. Emanuel Beer, 1788.

subjetivas, algo que já era almejado pela ciência moderna através do empirismo de Francis Bacon (1561-1626), oposta aos antigos dogmatismos.<sup>3</sup>

Para atender aos anseios pelo conhecimento visual europeu, iriam chegar ao Brasil e à América os primeiros viajantes que produziram obras ilustradas sobre a natureza desde as xilogravuras de Marcgraf, as vistas que chegariam à Europa através de Frans Post (1612-1680)<sup>4</sup> e os desenhos científicos de Albert Eckhout (1610?-1665?), seguidos pelos ilustradores da primeira metade do século XIX como os desenhos botânicos e zoológicos de Spix & Martius, João Maurício Rugendas(1802-1858), Andrien Aimé Taunay (1803-1828), Hercules Florence (1824-1879),<sup>5</sup> J.B. Debret(1768-1848), dentre outros.

Neste contexto, destaca-se a viagem de Alexander Von Humboldt (Berlim, 1769-1859) que, além de fazer uma descrição da fauna, da flora e das paisagens, descreveu também os aspectos etnológicos e arqueológicos da América espanhola e é dentro deste formato de viagens exploratórias que após a metade do século XIX formou-se a Comissão Científica de Exploração (1859-1861).

Ela traria descrições visuais de um Brasil desconhecido pela corte e pela imprensa ilustrada que ali atuava visando, além de constituir informações sobre o interior da nação, suprir de informações os museus de história natural europeus.

---

<sup>3</sup>O aspecto crítico ao dogmatismo, mesmo na ciência, só iria aparecer, em 1620, com o empirismo expresso no *Novum Organum* de Francis Bacon (1561-1626). Em 1632, em uma perspectiva filosófica muito diferente, no *Diálogo sobre Dois Maiores Sistemas*, Galileu Galilei (1564-1642) iria advogar naturalmente a experiência e, sendo essencialmente neoplatônico, para ele “a natureza era um livro escrito em caracteres matemáticos”. Veja M. Spinelli. *Filosofia e Ciência*. São Paulo, Edicon; Santa Maria, RS, 1990. pp. 178, 234.

<sup>4</sup> Gravuras de vistas de Frans Post (1612-1680) aparecem na obra de Caspar van Baerle (1584-1648), *Rerum per octennium in Brasíliã et alibi nuper gestarum sub praefectura illustrissimi comitis Mauri Nassoviae* de 1647. Os desenhos estão no British Museum, em Londres: *BM&FBovespa. Gravuras de Frans Post na BM&FBovespa – (Catálogo de Exposição)*, São Paulo, 2008.

<sup>5</sup> Contratado como segundo desenhista da expedição russa dirigida pelo alemão Barão von Langsdorff, encerrada em 1829. Cabia-lhe auxiliar Adrien A. Taunay, cuidar da administração e redigir o diário oficial, o *Esquise pittoresque du voyage de Porto Feliz à Cuiabá et expliations des dessins ci-joints*, com desenhos próprios arquivados na Academia de Ciências de São Petersburg. Faleceu em Campinas. Sua vida e realizações encontram-se relatadas em *Hercules Florence: um herói da sociedade* (São Paulo, 1901), de Estevan Leão Bourroul, etc: E.J.S. Stickel, *op. cit.*, p. 233.

A pesquisa atual voltou-se principalmente para os aspectos visuais que envolveram a Comissão Científica de Exploração, influenciada por diversos elementos da cultura material e imaterial. Buscou perceber os caminhos estruturantes do pensamento visual dos artistas de formação acadêmica que atuaram, direta ou indiretamente, na expedição para ilustrá-la, tal qual uma obra literária científica acompanhada por figuras ilustrativas. É o caso de José dos Reis Carvalho, formado por J.B.Debret e dos irmãos Fleiuss do Imperial Instituto Artístico.<sup>6</sup>

Partindo-se da Missão Austríaca de 1814 com Von Martius, cuja influência é confirmada através das cartas trocadas com o botânico Francisco Freire Alemão, presidente da Comissão Científica, presentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e também da influência Jean Baptiste Debret, da Missão Artística Francesa de 1816 e sua obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, percebe-se que a Comissão Científica constituiu-se no contexto iconográfico dos naturalistas viajantes que percorriam as mais diversas localidades do mundo. Esta Tese, mesmo partindo de tais viajantes, procura identificar os traços de estilo de José dos Reis Carvalho quando ele registrou a natureza e a cultura do Ceará em suas aquarelas.

A paisagens do sertão, que foram pintadas por Reis Carvalho, possuem um realismo próximo de uma objetividade científica voltada a atender aos interesses da Comissão Científica de Exploração de conhecer as províncias do norte do país. O pintor foi capaz de exprimir em suas aquarelas, através de escolhas subjetivas, a condição do homem sertanejo em seu meio natural e cultural. Atingiu um desejado senso de representação da natureza sem desconsiderar a presença do elemento humano na paisagem.

---

<sup>6</sup> O Imperial Instituto Artístico foi fundado pelo artista alemão Henrique Fleiuss. Após chegar ao Brasil, em 1858, foi importante propulsor das artes gráficas. Fundou e desenhou para a “Semana Ilustrada”, de 1860 a 1876, e para a “Ilustração Brasileira”, de 1876 a 1878. Faleceu em Colonia, na Prússia, em 15 de novembro de 1882. Veja L. Freire. *Um século de pintura – Apontamentos para a História da Pintura no Brasil de 1816 a 1916*. p. 91.

Parte da influência conceitual sobre José dos Reis Carvalho, e sobre os demais membros da expedição, vem da vasta bibliografia adquirida pela Comissão Científica de Exploração e uma parte dela está na Biblioteca do Museu Nacional de História Natural na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Embora não seja ampla, parte destes títulos estão elencados no Anexo I desta Tese, todos que estão identificados com o *ex-libris* da Comissão Científica. Esta lista não inclui publicações periódicas pois elas não foram identificadas com o *ex-libris*, mesmo assim, pelas obras de ciências naturais ilustradas disponíveis, percebe-se como foi estruturada a bibliografia desta expedição brasileira.

Além das ilustrações, a expedição colheu materiais botânicos, zoológicos, mineralógicos e bibliográficos para a composição do acervo do Museu Nacional de História Natural. Criado em 1818, o Museu Nacional almejava tornar-se uma fonte de informações para futuros estudos sobre a natureza brasileira. Após a Proclamação da República, em 1890, desmembrou seu acervo e, naquele momento, parte do material da Comissão Científica, composto por livros e gravuras, foi para a Biblioteca Nacional, para o IHGB e para a Academia Imperial de Belas Artes.

O Museu D. João VI que, além de possuir importantes fontes para história da AIBA, recebeu a maior parte das ilustrações de José dos Reis Carvalho com miniaturas de paisagens, edificações, usos e costumes das localidades visitadas. Além disso, a EBA – Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro possui também um conjunto de textos raros que ainda estão por esclarecer os importantes aspectos dos artistas que ali se formaram como José dos Reis Carvalho. Este acervo inclui a já conhecida obra que fora traduzida por F.-E. Taunay (1795-1881) em 1837, intitulada *Epítome de Anatomia*,<sup>7</sup> da tratadística anatômica,<sup>8</sup> além do *Catálogo da Biblioteca* manuscrito organizado por F.-

---

<sup>7</sup> C.f. LEBRUN, C. Torteбат, Millini & G. Audran. *Epítome de Anatomia - De Hum compendio de Physiologia das paixões, e de algumas considerações gerais sobre as proporções com as divisões do corpo humano*; Trad. F. E. Taunay, Typografia Imperial e Constitucional de V Villeneuve e Com., Rio de Janeiro, 1837.

<sup>8</sup> Veja a obra ilustrada de anatomia de 1543: A. Vesalius (1514-1564). *De Humani Corporis Fabrica. Epitome. Tabulae sex.* Trad. Pedro Carlos Piantino e Maria Cristina. Co-edição: Imprensa Oficial-SP/Ateliê Editorial/Editora Unicamp, 2002.

E.Taunay, em meados de 1850. Este catálogo, que Alfredo Galvão transcreveu em 1957, faz referência às obras utilizadas nos cursos da AIBA para formação dos primeiros artistas.<sup>9</sup>

Também o Museu Histórico Nacional recebeu um considerável conjunto de ilustrações deste mesmo âmbito, principalmente as representações de templos religiosos, desenhos de habitações e paisagens.<sup>10</sup>

O IHGB recebeu principalmente as correspondências de Gonçalves Dias que auxiliam a compreensão deste poeta durante o período de existência da Comissão Científica de Exploração e o momento imediatamente seguinte quando se deslocou para a região amazônica.

A Biblioteca Nacional recebeu parte das litografias relacionadas aos artefatos indígenas e à ornitologia. Também, por concessão familiar, a *Coleção Freire Alemão*, composta de cartas, documentos, anotações e diários manuscritos, além de parte de seu *Diário de Viagem*,<sup>11</sup> já publicado pelo Museu Cearense, e principalmente, no âmbito desta pesquisa, a *Flora Cearense* com desenhos de

---

<sup>9</sup> GALVÃO, A. *Catálogo da Biblioteca – Com indicações das obras Raras ou Valiosas*, Rio de Janeiro, Universidade do Brasil/ Escola Nacional de Belas Artes, 1957. No referido Catálogo consta as seguintes obras de interesse como: *Flora Fluminenses* editado por Lith Senefelder – Paris, 1827; *Traité de perspective linéaire à l'usage des artistes par Ch. Cloquet*, editado por Aimé André – Paris, 1823 ; *Anatomie des formes extérieures du Corps humain, par P.N. Gerdy*, editado por Paris Imprimerie Le Basson-Bruxelles ; *Tratado completo de cosmografia e geografia histórica, phisica e comercial antiga por J.P.C. Casado Giraldes*; *Oiseaux remarquables du Brésil – Descourtils*, Editores: Heatons et Rensbourg – Rio de Janeiro; *Oeuvres d'histoire naturelle et de Philosophie de Charles Bonet*, Samuel Tuache Nevchatel, 1779; *la Physionomie humaine compare à la physionomie des animaux* por Charles Lebrun, Paris, 1916 ; *La perspective appliqué au paysage* por J.P. Thénot, Paris, s.d.; *Traité de perspective* por J. P. Thénot, Paris, s.d. etc.

<sup>10</sup> O Museu Histórico Nacional informa que, das 39 obras relacionadas por Renato Braga em sua *História da Comissão Científica de Exploração*, 1962, 7 não foram localizadas em inventário realizado em 1983 e há um desenho no acervo que não fora citado pelo autor, ainda, das 7 aquarelas encontradas por Gustavo Barroso e divulgadas em um artigo no *Cruzeiro*, de 16 de outubro de 1948, intitulado “Segredos e revelações da História do Brasil; a arquitetura nos sertões”, pp. 22, 23, 32, 34, destas o arquivo só possui quatro (de números 4,5, 8 e 9).

<sup>11</sup> FREIRE ALEMÃO, F. *Diário de Vigem de Francisco Freire Alemão/ Fortaleza- Crato, 1859*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

considerável qualidade artística, deste botânico que foi o presidente da Comissão Científica de Exploração, mas que infelizmente nunca fora publicada, mesmo porque, além de outros interesses institucionais, requer o trabalho conjunto de equipes interdisciplinares que envolvam botânicos e artistas ilustradores.

Nas fontes de informações sobre a cultura material e imaterial, esta pesquisa buscou elementos que ampliam a compreensão das figuras da Comissão Científica onde aparecem o vaqueiro, as vaquejadas e a danças em rodas de samba. De modo que, a continuidade da investigação busca extrapolar as questões em torno do meio ambiente para compreender aspectos da vida popular que aparecem nas aquarelas de José dos Reis Carvalho e que as tornaram documentos visuais para histórias de pequenas cidades, aldeias e homens de regiões afastadas, num sertão um pouco obscurecido pelos efervescentes acontecimentos políticos e culturais da corte no Rio de Janeiro.

Parte desta Tese, além de compreender os fatores sociais e culturais que permearam o imaginário do pintor José dos Reis Carvalho, almejou reafirmar a importância deste tipo de material como patrimônio cultural brasileiro em acervos museológicos. A comunidade científica internacional do período esperava conhecer os resultados da Comissão Científica que através de uma narrativa impressa em publicações contribuiria para inserir a nação brasileira na cultura científica das nações europeias. No entanto, como se sabe, estas publicações não tiveram êxito, com exceção dos *Folhetos da Seção Botânica*, a cultura da divulgação científica impressa só viria mais tarde no Museu Nacional de História Natural através de seus *Arquivos*. Os incipientes periódicos científicos ilustrados ainda não possuíam força editorial e contavam com poucos meios de divulgação em publicações dispersas como ocorria com a *Revista Guanabara*; nela Freire Alemão publicava alguns de seus desenhos com traçados anteriores à Comissão Científica.

Estabelecer uma metodologia para analisar a gama de documentos que constituem as fontes primárias da expedição envolve delimitar seu volume que é de aproximadamente 120 aquarelas de Reis Carvalho, 600 desenhos de Freire

Alemão,<sup>12</sup> 100 litografias de artefatos indígenas, 100 litografias de pássaros, entre a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional, que ainda requerem uma inventariação mais sistemática. Aqui, as imagens foram divididas em sete blocos: 1- paisagens, 2 - costumes, 3 - ilustrações botânicas, 4 - ilustrações zoológicas, 6 - construções arquitetônicas e pequenas habitações e 7 - artefatos indígenas. Em sua maioria estão no Museu D. João VI, no Museu Histórico Nacional, na Biblioteca Nacional e um pequeno número no Museu do Crato do Ceará.

Todas as obras originais foram acessadas no âmbito desta pesquisa e, uma parte razoável está reproduzida no Anexo-II (Imagens). Infelizmente os desenhos botânicos de Freire Alemão estão em pequena quantidade e com uma reprodução fotográfica um tanto quanto precária, serve apenas como uma motivação para novas interpretações. A iconografia completa da Comissão Científica de Exploração ainda não participou de nenhuma exposição pública, embora o Museu Histórico Nacional tenha disponibilizado fotografias de seu acervo para exposições itinerantes.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Este número de desenhos feitos por Freire Alemão, que estão na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi dado por R. Braga, *op. cit.*, (1962) p. 63.

<sup>13</sup> Do Museu Histórico Nacional, não constam reproduzidas no Anexo-II (Imagens) desta Tese, as seguintes obras elencadas pela base do referido museu: RC 2 - *Missões do Padre Agostinho, junto à Igreja de "Na. Sra. Da Conceição do Outeiro da praia, capital do Ceará, em 1859*, Desenho à lápis, 19,30 x 289,90 cm. RC3 – *Paio de Pólvora. Ao fundo o morro do Croata*. Desenho à lápis, 19,50 cm x 29,00 cm. RC 8 – *Na. Sra. Do Rosário, na cidade do Aracati" (4 de setembro de 1859)*, Aquarela, 19,30 x 29 cm. RC 9 – *Nas. Sra. Dos Prazeres, na cidade do Aracati" (6 de setembro de 1859)*, Aquarela, 19,30 x 29 cm. RC 10 – *Matriz da Cidade do Aracati*, Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm. RC 11- *Igreja do Bonfim, no Aracati*, Desenho a lápis, 29,10 x 19,30 cm. RC 15 – *Pedras Russas*, Desenho a lápis, 19,30 x 29,00cm. RC 18 – *Igreja Matriz na cidade de Russas, sua invocação é Na. Sra. Do Rosário, dista [...] (19 de setembro de 1859)*, Desenho a lápis, 19,30 x 29,10 cm. RC 19 – *Tabuleiro de Areia [...]*. Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm. RC 20 – *Jaguaribe-mirim [...]*, Aquarela, 19, 30 x 29,00 cm. RC 21 – *Vila e Freguesia do Pereiro [...]* (03 de outubro de 1859), Desenho a lápis, 19,30 x 29,20cm. RC 26 - *Sem referência [Vista de Igreja]*, Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm. RC 29 - *Sem referência [uma pedra]*, Grafite e aguada nanguim, 19,30 x 29,00 cm. RC 31 – *Sem referência (cabeça de índio Xocó?)*, Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm.

Para as aquarelas de Igrejas e outras edificações como o Farol do Mucuripe [Fig.50], realizaram-se pesquisas de campo no Ceará especificamente nas cidades de Fortaleza e Aquiraz, visitando-se o IPHAN e o Museu de Imagem do Som daquele estado. A finalidade foi de constatar a existência das mesmas e reforçar a ideia de que realmente são documentos iconográficos produzidos pela Comissão Científica, importantes para a História do Ceará, e para aquisição de informações sobre as características formais destes edifícios bem como estabelecer as relações com as aquarelas de José dos Reis Carvalho. Os templos visitados foram principalmente a Matriz da Cidade de Fortaleza [Fig.40], a Igreja Matriz de Aquiraz [Fig.42], a Igreja da Prainha além do Farol do Mucuripe [Fig.50] na Praia do Futuro. A produção bibliográfica dos historiadores do *Instituto do Ceará*, os quais desde 1887 publicam na *Revista do Instituto* sobre aspectos da cultura cearense, também foram relevantes para esta pesquisa.

Alguns elementos da cultura elucidam as composições com construções eclesiais, fornos de barro, artefatos de pesca, vestuários e os utensílios domésticos sob a influência indígena. Além disso, fica uma indicação de pesquisa a comparação entre os desenhos de flores de Freire Alemão e algumas ilustrações de flores coloridas por Reis Carvalho, pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional. Bem próximo da botânica, as flores de Reis Carvalho ainda carecem de serem publicadas juntamente com a *Flora Cearense*, esta última é uma obra ilustrada com lápis e papel mas comporta um significativo valor estético.

Foram relevantes, no âmbito desta pesquisa, os trabalhos de Historiadores da Arte como Lucia Tunjiorgi Tomasi da Universidade de Pisa, que produziu estudos sobre representação científica através das ilustrações botânicas de artistas como Redouté e Ehret, além de Miguel Figueira de Faria da Universidade Autônoma de Lisboa que desenvolveu trabalhos sobre desenhistas em viagens como José Joaquim Freire, Joaquim José Codina, Ângelo Donatti os quais participaram da ilustração da *Flora Meridionalis* datada de 1780, localizada nos fundos do Museu Bocage e participaram da *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues, tema de Tese da pesquisadora brasileira Ermelinda Moutinho Pataca.

Por fim, no âmbito da História da Arte, a iconografia da Comissão Científica de Exploração relaciona-se com as pinturas de paisagem, a natureza morta e a ilustração científica do século XIX. Estes três gêneros compõem contexto de análise e vincula-se à compreensão dos documentos visuais inseridos na cultura do período que viriam a compor as Exposições Nacionais como a de 1861, e posteriormente a Exposição Antropológica de 1882, organizada por Ladislau Neto.

Assim, o Capítulo 01 buscou referências históricas e visuais sobre as expedições científicas que percorreram a América Latina no século XIX. O Capítulo 02 buscou compreender a Comissão Científica de Exploração e sua formação no contexto de tais expedições.

O Capítulo 03 buscou centrar-se na produção de José dos Reis Carvalho, tanto sob o aspecto da documentação da paisagem quanto da cultura das localidades visitadas pela Comissão Científica. Demonstra que as ilustrações das edificações, que inclui as aquarelas das Igrejas Cearenses, são documentos iconográficos e registros históricos das construções representadas.

As relações entre homem e natureza incluem o tema da degradação da natureza presentes em diversas representações da paisagem e indica a proximidade entre os conceitos advindos da arte e da ciência. A vida cotidiana, os usos e os costumes foram expressos nas ilustrações com temas do cotidiano que envolviam o vaqueiros, as vaquejadas, as rodas de samba e a pesca.

Uma parte da iconografia da Comissão Científica está intimamente ligada à etnografia indígena representada pelos objetos que foram reunidos por Gonçalves Dias no Amazonas. Assim, o Capítulo 04 buscou compreender os esforços do poeta em compor um indianismo brasileiro. Tal pensamento, ligado aos aspectos históricos específicos das diferentes nações indígenas do período, foi expresso em seu *Diário da Viagem ao Rio Negro*. Dentro do contexto histórico firmado entre o IHGB e a Comissão Científica, procurou-se compreender a importância do conjunto das litografias indígenas para a fundamentação de uma etnografia científica que era aceita pelos membros do IHGB.

O Capítulo 05 buscou tratar dos desenhos do Botânico Freire Alemão e seu interesse em criar uma revista científica ilustrada que pudesse incorporar desenhos como os presentes em sua *Flora Cearense* e as litografias de pássaros da Seção Zoológica, que fora chefiada por Manoel Ferreira Lagos.

Em linhas gerais, a Tese buscou reunir as publicações textuais existentes sobre a Comissão Científica para levantar alguns dos fatores que permitem a compreensão dos documentos visuais desta expedição. Contudo, fica aqui um trabalho que não é conclusivo e se propõe a, minimamente, auxiliar novas pesquisas sobre o tema das viagens científicas e suas ilustrações que aqui não foi possível esgotar.



## Capítulo 1

### **Expedições científicas na América do século XIX e a Comissão Científica de Exploração**

#### **1.1 – A Análise da Comissão Científica de Exploração**

Este primeiro capítulo tem a intenção de reconhecer alguns aspectos da Comissão Científica de Exploração relacionados ao contexto dos artistas viajantes e aproximar suas imagens às demais produções iconográficas das viagens científicas do século XIX, sendo relevantes citar os trabalhos de R. Braga, L. Kury, K. Kodama, dentre outros, que serão mencionados nos demais capítulos.<sup>14</sup>

O conjunto iconográfico da Comissão Científica de Exploração seguiu a uma tradição iconográfica presente na história das expedições científicas do século XIX, tradicionalmente constituídas por representações botânicas, zoológicas, geológicas, etnográficas ou por construções arquitetônicas, isoladas ou justapostas nas paisagens, mas requer uma metodologia de análise específica que considere a corte no Rio de Janeiro, o Ceará e Amazônia como os lugares principais do contexto histórico.<sup>15</sup>

O material botânico *Flora Cearense*, obra manuscrita que traz os desenhos botânicos de Freire Alemão, o *Diários* e as *Cartas* de Freire Alemão são fontes primárias relevantes para interpretação das ilustrações ligadas a Comissão Científica. São considerados também como fontes primárias da Comissão

---

<sup>14</sup> BRAGA, R. *História da Comissão Científica de Exploração*. Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. KURY, L. (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

<sup>15</sup> Sobre a metodologia da pesquisa em História da Ciência veja: L. Al-Chueyr P. Martins. "História da Ciência: objetos, métodos e problemas". In: *Ciências & Educação*, v. 11, n. 2, p. 305-317, 2005.

Científica as *Instruções*<sup>16</sup> e os *Relatórios* da *Comissão* publicados na *Revista do IHGB*, os trabalhos produzidos pelos membros da Comissão Científica de Exploração, que se voltaram aos aspectos físicos da paisagem em textos como *A Seca no Ceará* de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia, bem como as cartas de Capanema que apareceram na imprensa e foram publicadas em *Zigue-Zagues do Dr. Capanema* por Maria Sylvia Porto Alegre, recentemente publicados pelo Museu Cearense.

Encontrar as ideias implícitas nas ilustrações para, em seguida, confrontá-las com outras fontes de informações de mesmo caráter foi possível utilizando-se parte dos trabalhos ilustrados que foram adquiridos pelo Governo Imperial para a Comissão Científica de Exploração que estão no Museu de História Natural do Rio de Janeiro e foram relacionados no Anexo I desta Tese.

Assim, em alguns momentos, a compreensão da essência da natureza expressas nas aquarelas de José dos Reis Carvalho só foi possível através de suportes conceituais que advêm da literatura brasileira mais próxima do realismo regionalista de Euclides da Cunha do que de mitologias indígenas. O próprio Gonçalves Dias, em certos momentos, por estar interessado na etnografia como um braço da ciência empírica, preferiu refutar os mitos; por exemplo, ao contestar, a existência das amazonas no norte do país.<sup>17</sup>

Se o conhecimento dos costumes da primeira metade do século XIX vem dos relatos dos viajantes, no momento seguinte, no ano da Comissão Científica (1859-1860), vem de escritores regionalistas como José Olympio, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias, dentre outros que, além de permitirem a compreensão das imagens no âmbito desta pesquisa, fomentaram as pinturas com temas do sertão e

---

<sup>16</sup> As instruções para a *Comissão Científica de Exploração* foi apresentada no IHGB na 16ª Sessão em 14 de Novembro de 1856; veja Porto-Alegre, Manuel Araújo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XIX, 1º. Trimestre de 1856. Suplemento, pp. 42-74. Uma análise mais apurada foi feita por Pinheiro, Raquel. *As Histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002.

<sup>17</sup> C. Ricardo. *O Indianismo de Gonçalves Dias*. p. 62.

do agreste que iriam aparecer na arte a partir do início do século XX.<sup>18</sup> As questões etnográficas, principalmente aquelas desenvolvidas por Gonçalves Dias no âmbito da cultura indígena e popular aparecem nos manuscritos pertencentes ao acervo bibliográfico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro, nas publicações da *Revista do IHGB* e da Academia Brasileira de Letras.

A compreensão das imagens produzidas pela Comissão Científica, dentro de seu contexto histórico-cultural e a compreensão das aquarelas de Reis Carvalho, como um artista-viajante, vem em parte da comparação com outros trabalhos de mesmo gênero realizados por outros artistas-viajantes que contribuíram para a formação da iconografia brasileira e foram tratados por A. M. Belluzzo e E. J. S. Stikel.<sup>19</sup>

São importantes os trabalhos Alexander Von Humboldt, J. B. Debret, J. M. Rugendas, Thomas Ender (1793-1875), Karl Friedrich Philip Von Martius (1794-1868), da primeira metade do século XIX, sem deixar de citar, em alguns momentos, os desenhistas militares, outros naturalistas ilustradores no contexto do *grand tour*, além da influência de pintores ligados ao *costumbrismo* latino e as obras ilustradas como o *Costume of Portugal* de L´Eveque.

Contudo, o *Diário de Viagem* de Francisco Freire Alemão, além de apresentar exatas descrições da natureza, descreve atividades cotidianas dos membros da Comissão Científica e dos habitantes das comunidades locais e, assim, dá também um razoável suporte para interpretação das aquarelas de costumes de José dos Reis Carvalho.

---

<sup>18</sup> O regionalismo sertanejo com motivos do sertão e do agreste será incorporado com maior vigor nas gravuras de Percy Lau como as *Rendeiras do nordeste*, *Cacimba*, o *Boiadeiro* e a *Vaquejada*, a fabricação de vasos de barro em *Mulheres e potes*, as *Jangadas* e os *Jangadeiros*, o *Vendedor de palhas*, *A fazedora de redes*, a *Zona do Agreste*, os *Carnaubais* e os *Maguezais*; esta temática aparecerá também nas pinturas de Raimundo Cela como *Cena Rural*, *Jangadeiro Cearense*, *Jangada para o Mar* e *Retirantes* publicadas por C. Pellingeiro (org.). *Raimundo Cela (1890 – 1954)*. Ceará: Edições Pinakothke, 2005.

<sup>19</sup> A. M. Belluzzo, *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros. 1994, 3 vs. Stikel, E. J. S. *Uma pequena biblioteca particular – Subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. Prefácio Emanuel Araújo. São Paulo. EDUSP/Imprensa Oficial. 2004.

## 1.2 - Os artistas-viajantes na América

Além de Humboldt, outros naturalistas de interesse para a história natural do período parecem influenciar a Comissão Científica. Francisco Freire Alemão Cysneiros (1797-1874), o presidente da Comissão Científica de Exploração, em manuscrito, refere-se a Frei José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811), Domingos Vandelli, Bernardino Antonio Gomes (1768-1823),<sup>20</sup> Manuel Arruda Câmara e aos artistas viajantes como Phol e St. Hillaire.<sup>21</sup> Inclui-se nesta lista de interesse os trabalhos de Von Martius com o qual Freire Alemão trocava cartas, hoje pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e são constituídos de 29 cartas sendo 17 escritas por Freire Alemão.<sup>22</sup>

A documentação ligada à Comissão Científica de Exploração demonstra que a relação dos membros da expedição com outros naturalistas estender-se-ia à segunda metade do XIX até Louis Agassiz, cuja expedição só seria contratada por D. Pedro II após terminados os trabalhos da Comissão Científica, em 1869. Duas das obras de Agassiz publicadas antes de 1859, ligadas à arqueologia e aos fósseis (Anexo I), são encontradas na Biblioteca do Museu de História Natural do Rio de Janeiro com o *ex-libris* da Comissão Científica: *Monographie des poissons fossiles du vieux gresrouge*, 1854 e *Recherches sur les poissons fossiles*, 1833-53 o que indica o conhecimento deste naturalista pelos membros participantes da expedição ao Ceará.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Médico, químico e botânico português. Em 1817 é o médico oficial da Arquiduquesa Leopoldina em sua viagem ao Brasil. Sua obra *Plantas Medicinais do Brasil*, aparece como o quinto volume da coleção *Brasiliensia Documenta* organizada pelo historiador Edgard Cerqueira Falcão. É uma obra ilustrada com desenhos de sua autoria (atualmente arquivados na Academia de Ciências de Lisboa) gravados por Antonio José Quinto, Neves, Manoel L. Rodrigues Vianna, e outros artistas gravadores, todos da oficina Arco do Cego em Lisboa: E. J. S. Stickel, *op. cit.*, p. 258.

<sup>21</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Notas sobre naturalistas brasileiros*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 10,6. (MS 548 (7)).

<sup>22</sup> D. Damasceno e Waldir Cunha. “Os manuscritos do botânico Freire Alemão. Catálogo e transcrição”. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 81, Rio de Janeiro, 1964. Disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br) [Biblioteca Digital].

<sup>23</sup> As obras com a classificação geral são: Agassiz, Louis, 1807-1873. *Monographie des poissons fossiles du vieux gresrouge... 1854*. 1 v. + 1 Atlas. Classificação Geral: OR 567 A262. Agassiz, Louis, 1807-1873.

Estas obras foram adquiridas pelo IHGB para subsidiar a Seção Etnográfica e Arqueológica do IHGB, que no período voltava-se a desvendar a identidade da nação implícita nos vestígios de povos primitivos, ideias que serão discutidos pela Seção Etnográfica da Comissão Científica.

Outros viajantes que produziram obras ilustradas sobre suas “*Voyages autour du monde*” são encontrados na lista dos livros com o *ex-libris* como Louis Claude Desaulses de Freycinet (1779-1852), Cyrille Pierre Théodore Laplace(1793-1875), Jules-Sébastien-César Dumont d'Urville (1790-1852), Louis Isidore Duperrey (1786-1865), Abel Dupetit-Thouars (1793-1864) além da obra *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite comandée par M. Vaillant* (Anexo I). Estas obras serviram de referência para os membros da Comissão Científica, são relevantes para esclarecer os propósitos e os resultados desta expedição e, por isso, foram eventualmente utilizadas com o propósito de relacionar a iconografia da Comissão Científica ao *modus operandi* de outras expedições científicas. Acrescenta-se ainda a esta lista os trabalhos do naturalista Alexander Von Humboldt.

### **1.2.1 Alexander von Humboldt: As paisagens, os naturalistas e os pintores.**

Dos viajantes citados por Freire Alemão, um naturalista que influenciou a Comissão Científica de Exploração foi Alexander Von Humboldt (1769-1859),. como membro honorário do IHGB.<sup>24</sup> Por sua importância para o Instituto, a *Revista* publicara, em 1840, no seu segundo Tomo, o artigo “ Juízo sobre a obra intitulada - Examen critique de l’histoire de la Géographie du Nouveau Continent “ ,(RIHGB,1840). Do mesmo modo, sua influência estendia-se sobre grande parte dos naturalistas viajantes que atuaram durante todo o século XIX.

As ideias de Humboldt, sobre o conhecimento sistêmico da natureza, as ciências naturais e suas relações com a pintura de paisagem e a etnografia,

---

*Recherches sur les poissons fossiles* / Neuchâtel : Impr. de Petit Pierre, 1833-1853. 5 v. + 2 Atlas. Classificação Geral: OR 567 A262r.

<sup>24</sup> IHGB. “Lista dos membros do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo I, 1839.

influenciaram os artistas formados pela Academia Imperial de Belas Artes no Brasil. Elas contribuem para a interpretação das imagens produzidas pela Comissão Científica relacionando-as com o ensino praticado naquela instituição.

O pensamento sistêmico de Humboldt integra a arte e a ciência num campo de conhecimento ligado às representações visuais de uma missão científica. Sua viagem pela América Latina permite situar a iconografia da Comissão Científica de Exploração no contexto de cultura onde a ciência não se dissociava da arte, onde naturalistas e artistas permaneciam em associação viva.

Algumas de suas obras pertencem à Biblioteca do Museu de História Natural e, embora não apareçam na lista dos livros marcados com *ex-libris* da Comissão Científica, é possível que tenham relação direta com a expedição, pois Guilherme Schüch de Capanema<sup>25</sup> informa haver algumas obras de Humboldt na Biblioteca Nacional e no IHGB e, por este motivo, não entrariam na lista de novas aquisições que seriam realizadas na Europa.<sup>26</sup>

Após percorrer a América Latina e findar seus trabalhos de campo, Humboldt produziu um rico acervo textual e iconográfico sobre o Novo Mundo

---

<sup>25</sup> G. S. de Capanema, "Relatório do Sr. Dr. Capanema lido na Sessão do IHGB, de 4-12-1857" *apud* R. Braga. *op. cit.*, p. 115.

<sup>26</sup> Constan na Biblioteca do Museu Nacional obras publicadas antes de 1859 sem a indicação do *ex-libris* da Comissão Científica de Humboldt: *Essai géognostique sur le gisement des roches dans les deux hémisphères*, Paris, 1826; *De distributione geographica plantarum secundum coeli temperiem et altitudinem montium*, [...] Paris, 1817; *Essai politique sur l'île de Cuba*, Paris, 1836-1839; *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et ldes progrès de l'astronomie nautique [...] 1836-1839.*; *Histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique [...] Paris, 18--?*; *Tableaux de la nature, ou, considerations sur les deserts, sur la physionomie des vegetaux, sur les cataractes de l'Orenoque, sur la structure et l'action des volcans [...] Paris, 1828*; *Vues des cordillères et monuments des peuples indigenes de l'Amérique*, Paris, 1816; *Kosmos [...] Stuttgart, 1845-1858*; *Personal narrative of travels to the equinoctial regions of the new continent, during te years 1799-1804, with maps, plans...*, 1819-1822; *Political essay on the kingdom of New Spain [...] the physical aspect of the country, the population, [...] London, 1811*; *Voyage pittoresque dans les deux Amériques: résumé général de tous les voyages de Colomb, Las Casas, [...] Humboldt, [...], Auguste de Saint-Hilaire, Max. de Neiwied, Spix et Martius, etc Paris, 1836*; *Voyage aux regions equinoxiales du nouveau continent, [...] Paris, 1816-1831*; *Essai géognostique sur le gisement des roches dans les deux hemispheres*, Paris, 1823; *Tableaux de la nature*, Paris, 1850-1851; *Ansichten der natur, [...] Stuttgart, 1860*; *Cosmos: essai d'une description physique du monde*, Paris: G. et J. Baurdry, 1855-1859; *Alexander von Humboldt's reise in die aequinoctial-gegenden des neuen continents [...] Stuttgart : J. G. Cotta, 1859-1860.*

relacionado aos anos de 1799 e 1804, cuja visão sistêmica trazia profundas relações com a pintura de paisagem e a ilustração científica.

Embora existam características específicas ligadas à geografia física e humana na obra de Humboldt, foi seguindo também o modelo de sua expedição que a Comissão Científica baseou a criação de suas instruções e, por isso, alguns de seus pensamentos merecem ser destacados pois revelam motivações conceituais implícitas nos membros da expedição e em algumas paisagens de José dos Reis Carvalho.

Contrariamente ao que se pode pensar no senso comum, o olhar do naturalista do século XIX foi ricamente influenciado pelo olhar do artista dedicado à pintura de paisagem. Para Humboldt, os pintores determinavam as qualidades dos olhares lançados pelos naturalistas sobre a natureza observada, como ele afirmou em *Influence de La peinture de paysage sur l'étude de la nature* :

“La peinture de paysage n'est pas non plus purement imitative; elle a cependant un fondement plus materiel; il y a en elle quelque chose plus terrestre. Elle exige de la part des sens une variété infinie d'observations immédiates, observations que l'esprit doit s'assimiler, pour les féconder par sa puissance et les rendre aux sens, sous la forme d'une oeuvre d'art. Le grand style de la peinture de paysage est le fruit d'une contemplation profonde de la nature et de la transformation qui s'opère dans l'intérieur de la pensée.”<sup>27</sup>

Segundo ele, a pintura de paisagem mais do que imitar a natureza fazia observações cuidadosas das formas de flores, frutas, animais, rochas, montanhas, rios e mares o que a tornou um gênero independente.

A paisagem, composta pelos diferentes reinos da natureza, tornou-se um gênero independente que deixou de ser apenas um cenário acessório para a pintura histórica, ou para a poesia. Tornou-se um elemento essencial da

---

<sup>27</sup> A. Von Humboldt. *Influence de La peinture de paysage sur l'étude de la nature*. Rumeur des Ages, 2002. p. 28.

composição como parte da narrativa representada o que implicou um maior rigor das técnicas empregadas pela ilustração científica. Imbuiu-se de cor, forma e volume para transpor ao objeto artístico uma verdade concebida pelo desenvolvimento das ciências naturais.

### 1.2.2 - As vistas e as pinturas de paisagens

Humboldt, influenciado pela poesia, e pela pintura, tornou-se sedento por vistas, como destacou Fernando Antonio Raja Gabaglia ao afirmar, no “Prefácio” para a reedição de 1884 do *Quadros da Natureza (Ansichten der Natur)* que “[...] quando chegou, em 19 de junho de 1799, no navio “Pizarro” às Canárias, logo subiu ao pico em Tenerife para contemplar a paisagem diante de seus olhos”.<sup>28</sup>

As vistas fascinavam os viajantes do século XIX e estiveram presentes em todas as expedições relevantes para o desenvolvimento científico do período. Curiosamente, elas aparecem, por exemplo, nos trabalhos empreendidos pelos naturalistas ingleses Charles Darwin e Alfred Russel Wallace, os quais produziram iconografia nos moldes dos demais artistas que viajavam pela América.

Charles Darwin publicara sua *Origem das Espécies* naquele ano de 1859 quando se iniciavam os trabalhos da Comissão Científica de Exploração no Ceará. Inicialmente com apenas 250 cópias vendidas o número cresceu para vinte e cinco mil cópias no ano de sua morte, em 1881. Darwin, que tivera contato com a obra de Humboldt quando ainda era estudante em Cambridge,<sup>29</sup> viajando no *Navio Beagle* passou pela Bahia (Salvador) em 29 de fevereiro de 1832, retornou entre os dias 1 a 6 de agosto de 1836 e no Rio de Janeiro esteve entre 5 de abril a 25 de junho de 1832. Além das teorias sobre a evolução das espécies e da seleção natural desenvolvidas por Darwin, os artistas de sua expedição produziram uma iconografia que incluía registros de vistas.

---

<sup>28</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. V-XVI.

<sup>29</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. XVI-XXI.

O pintor da expedição era Augustus Earle (1793-1838), também paisagista, impressor, escritor e poeta, mas Darwin informava a sua irmã Caroline, numa carta que escrevera em Montevideu a 13 de novembro de 1833 que, por motivos de saúde, Augustus Earle fora substituído por Conrad Martens.<sup>30</sup> Assim, tanto as ilustrações de Earle quanto de Martens apareceriam no *Narrative* de 1839, obra ilustrada com uma série de vistas, uma delas é o *Morro do Corcovado*.<sup>31</sup>

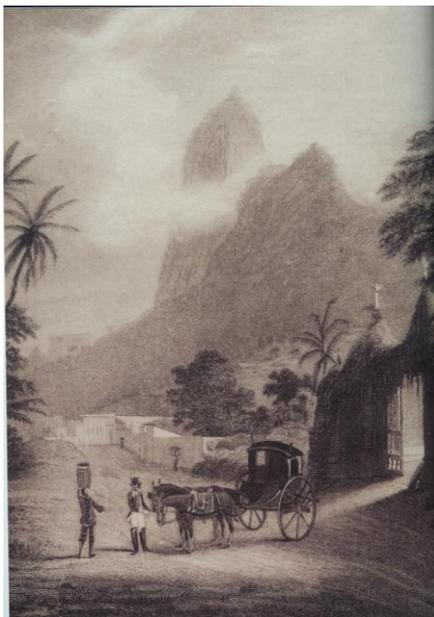


Fig. 1.1 - Augustus Earle. *Morro do Corcovado. Rio de Janeiro*. Gravura. *Narrative* (1839).<sup>32</sup>

Outro viajante importante para os estudos sobre evolução, e cujas vistas devem ser lembradas para compreensão do contexto iconográfico da época é Alfred Russel Wallace (1823-1913). Ele chegou ao braço sul do rio Amazonas em 26 de Maio de 1848, ao vinte e cinco anos e manifestou seu interesse pela

---

<sup>30</sup> J. Taylor. *A viagem do Beagle*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 142.

<sup>31</sup> *NARRATIVE of Surveying Voyages of His Majesty's Ships Adventure and Beagle between the years 1826 and 1836: Describing Their Examination of the Southern of South America, and the Beagle's Circumnavigation of the Globe*. Henry Colburn, 1839; King, Phillippe Parker (Vol. I), Fitzroy, Robert (Vol. II) e Darwin, Charles (Vol. III). Título da obra fornecido por J. Taylor, *op. cit*, p. 147.

<sup>32</sup> Fonte: J. Taylor. *AViagem do Beagle*. São Paulo. Edusp, 2009. p. 98.

etnologia indígena na sua obra *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*.<sup>33</sup> Esta obra inclui gravuras com vistas de paisagens e desenhos rupestres que marcam a presença indígena na região: *Uma aldeia no rio Negro*, *Um córrego na floresta* e *Uma aldeia de índios, no rio Negro*.<sup>34</sup> De sua viagem pelo Amazonas também resultou uma série de ilustrações de peixes do Rio Negro.<sup>35</sup> A região seria visitada por Gonçalves Dias, em 1861, no intuito de recolher os materiais etnográficos para a Comissão Científica de Exploração.

### 1.2.3 - Considerações sobre *Os Quadros da Natureza* de Humboldt

*Quadros da Natureza* é uma obra de Humboldt que permite aproximar a compreensão da iconografia da Comissão Científica de Exploração e os trabalhos de José dos Reis Carvalho durante sua atuação no Ceará, inicialmente, pela influência que a obra Humboldt exercera nos membros do IHGB e da Academia Imperial de Belas Artes.

O pensamento de Humboldt chegava ao Brasil muito bem expresso pela Missão Artística Francesa pois, como já foi tratado por outros autores, foi ele quem indicou Joachin Lebreton ao Marques de Marialva para a contratação da comitiva francesa que fundaria a Academia Imperial de Belas Artes e onde José dos Reis Carvalho teria os primeiros contatos com a pintura histórica e de paisagem através dos membros da comitiva como J. B. Debret (1768-1848),

---

<sup>33</sup> A Biblioteca do Museu Nacional de História Natural do Rio de Janeiro possui a obra: Wallace, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro with an account of the native tribes and observations on the limits, geology and natural history of the Amazon valley... with a map and illustrations*. London, Reeve and co. 1853.

<sup>34</sup> A. R. Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. pp. 251, 367, 430.

<sup>35</sup> A. R. Wallace era naturalista inglês. Acompanhou o também naturalista inglês Henry Walter Bates em sua viagem ao Brasil; empreendeu uma viagem de estudos iniciada e concluída em Belém (1848-1856) e perdeu suas coleções e manuscritos em 1852 quando retornava à Inglaterra. Sua obra *Peixes do Rio Negro – Fishes of the Rio Negro* [São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial SP, 2002.] forma a série “Uspiana – Brasil 500 anos”, é apresentada encadernada, luxuosa e lindíssima, reproduz em cores os 212 desenhos tipos de peixes da Amazônia e apresenta seus correspondentes estudos científicos: E.J.S. Stickel, *op. cit.*, p. 613.

Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) e seus filhos Félix-Émile Taunay e Andrien Aimé Taunay (1803-1828). Tanto Reis Carvalho quanto Manoel Araújo Porto-Alegre, primeiros alunos, iriam transmitir às futuras gerações de artistas formados pela Academia Imperial de Artes o aprendizado dos pintores da comitiva de Lebreton.<sup>36</sup>

Pelas atas das sessões *Institut de France*, especificamente nas sessões públicas de 1811 e 1812, Lebreton, o fundador e redator do Jornal *Décade Philosophique*, mostrava-se um adepto do estudo da Antiguidade clássica, do modelo-vivo e do desenho, princípios fundamentais do neoclassicismo francês e, além disso, valorizava o conhecimento oferecido pelos naturalistas. Nesta Ata mencionou a importância das obras de Von Humboldt como a *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent* na sessão pública de 1812, como percebeu Elaine Dias.<sup>37</sup>

Em seu manifesto, o *Manuscrito inédito de Lebreton sobre o Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816*, Lebreton considerou Humboldt como um célebre viajante e destacou sua importância para a fundação da Academia Imperial de Belas Artes onde seria imprescindível ao artista o conhecimento sobre os aspectos da história natural, referindo-se a Humboldt, diz:

“[Após] conversações aprofundadas com o mesmo viajante, [...] eu concebi o projeto de concorrer para dar as mesmas vantagens ao Brasil, com despesas infinitamente menores.”<sup>38</sup>

Da relevância de seu pensamento, talvez pela influência do secretário, Manoel Araújo-Porto Alegre, Humboldt tornara-se membro honorário do IHGB e

---

<sup>36</sup> A. de E. Taunay (1876-1959). *A Missão Artística de 1816*. p. 12.

<sup>37</sup> Elaine Dias. “Joachim Lebreton e a estruturação do ensino artístico no Instituto de France (1803- 1815)”. In: R. Conduru & S. Gomes Pereira (org). *Anais do XXIII colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*, Rio de Janeiro 2.004, pp. 179-186. *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804* [Relation Historique] par Alexander Humboldt et A. Bonpland, Paris, 1816-1831; está presente no acervo de obras da Biblioteca do Museu de História Natural do Rio de Janeiro (veja nota 23).

<sup>38</sup> J. Lebreton, “O Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816”, in: M. Barata. “Manuscrito Inédito de Lebreton...”. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, no. 14, (1959), p. 284.

suas obras eram incorporadas ao acervo bibliográfico do instituto. As ideias de Humboldt eram assim conhecidas pelos naturalistas sócios como Manoel Ferreira Lagos, Francisco Freire Alemão, Guilherme S. de Capanema, Giacomo Raja Gabaglia e pelo poeta Gonçalves Dias, os principais mentores da Comissão Científica.

Os relatos de Humboldt sobre as localidades visitadas, acompanhado pelo amigo Aimé Bonpland, que conhecera em Paris no ano de 1797, é feita no intuito de elevar a percepção dos naturalistas viajantes frente à natureza do Novo Mundo. Ele se expressou em *Quadros da Natureza* a estreita relação que mantinha com a pintura e com a poesia.

*Ansichten der Natur*, ou *Quadros da Natureza*, foi a obra mais popular de Humboldt, publicada em dois volumes em Stuttgart, 1808, onde registrou suas impressões e exaltou as belezas americanas observadas durante os poucos mais de cinco anos nos quais esteve no continente, de 05 de junho de 1799 a 09 de julho de 1804.<sup>39</sup>

A obra, repleta de descrições das regiões visitadas, conjuga o olhar de um naturalista próximo da geografia com um olhar estético contemplativo. Ela se tornou, portanto, um referencial literário tanto para os naturalistas quanto para os pintores de paisagens, interessados pela natureza Novo Mundo.

Os *Quadros da Natureza* compreendem inúmeras descrições da natureza através de expressões que remetem aos sentidos. No primeiro capítulo, Humboldt imprime as projeções de seu olhar romântico e sensível às condições de sobrevivência ao descrever o soergimento das montanhas, as planícies e a vegetação, diz:

“Se, depois de atravessar os vales de Caracas [...] se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar [...] a vista dilata-se e descansa para o sul sobre

---

<sup>39</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. V-XVI.

estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte”.<sup>40</sup>

Como naturalista observa um tempo passado em atraso através da luz emitida pelas longínquas estrelas e expressa sua percepção, ainda que através de uma ilusão: “Hoje, contudo, ao chegar a noite, recordamos, por uma ilusão dos sentidos, aquelas imagens de um tempo que passou.”<sup>41</sup> Algumas vezes, a paisagem é apresentada como um cenário pitoresco e sublime, marcada pela inexistência humana e sem registros de passado:

“[...] plainos da América Meridional [...] Nenhum oásis lembra a morada de antigos povoadores; nem uma pedra lavrada [...] este canto de terra parece um teatro selvagem, onde se exhibe livremente a vida dos animais e das plantas.”

42

De seu interesse em descrever paisagens, Humboldt demonstra os elementos da natureza em estreitas relações entre si, descreve os movimentos dos rios a rodear montes e vales até chegarem aos mares e aos bosques que abrigam o solo do calor abrasador. Do mesmo modo que os naturalistas da Comissão Científica que se mostraram sensíveis às condições climáticas adversas do sertão nordestino, Humboldt fez menção às secas dos desertos arenosos ocasionadas pela falta de vegetação, de água e de nuvens, onde a terra abrasada e as correntes de ar secas tornavam o solo mais ardente e o sol mais escaldante:

“Quando o tapete de verdura, que cobre a terra, cai desfeito em pó, queimado pelos raios perpendiculares de um sol não velado por nuvem alguma [...] e, quando o vento do oriente

---

<sup>40</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 5.

<sup>41</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 6.

<sup>42</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 10.

chega a passar sobre este solo incandescente, em vez de lhe trazer frescura, fá-lo, pelo contrário, mais ardente. [...]"<sup>43</sup>

Descreveu, sob o sol impetuoso os animais que sofriam, hibernavam e enterravam-se na argila em estado de letargia: “Nos países gelados do Norte, hibernam, com o frio [...] aqui também o crocodilo e a boa, enterrados profundamente na argila seca, permanecem, imóveis e em letargo.”<sup>44</sup> Ali se feria a mula nos espinhos de uma planta para tirar-lhes gotas de água, onde a dor da seca acompanhava a fome e a sede: “[...] a mula busca outro meio de aplacar a sede; [...] aventura-se a aproximar os lábios e a sorver a medula refrigerante. [...] é muito comum ver mulas feridas nos cascos pelos espinhos do cacto.”<sup>45</sup>

Finalmente, a vida renasce e surge das cinzas com o início do tempo chuvoso: “Quando, por fim, depois de longa seca, chega a estação benéfica das chuvas, a cena muda subitamente. [...] mimosas herbáceas desenrolam as suas folhas adormecidas [...] as flores das plantas aquáticas que se desenrolam aos primeiros raios do dia.” Sua obra exorta ao pintor: “Poderia pôr aqui termo à empresa arriscada de pintar o quadro das estepes.”<sup>46</sup>

Para Humboldt a natureza era capaz de enriquecer os meios de expressão através da língua, e depois, para Gonçalves Dias, a língua será um elemento vivo para desvendar as particularidades de cada uma das nações indígenas e por ela procurará descrever os diferentes grupos existentes na Amazônia. Para Humboldt é o convívio com a natureza que enriquece a linguagem do viajante ao descrever as impressões sensíveis e as descobertas de novas formas, desenhos de folhas, ramificações de árvores e as relações entre os seres vivos.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. pp. 20-1.

<sup>44</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. pp. 20-1.

<sup>45</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 21-22.

<sup>46</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 26

<sup>47</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 263.

Na descrição da noite no Livro Terceiro, “Vida Nocturna dos Animais nas Florestas do Novo Mundo”, destaca a relação sensível existente entre os animais, os índios e a natureza:

“Eram mais de onze horas [...] os gritos entrecortados do grande tigre da América [...] e de um enxame de periquitos [...] Se se perguntar aos índios o que é que produz, [...] esse tumulto contínuo, respondem, rindo, que os animais gostam de ver a lua iluminar a floresta e que festejam a lua cheia.”

48

No Livro Quarto, “Da Fisionomia das Plantas”, descreve muitas formas para o pintor: “Quanto mais se vê aumentar, aproximando-nos dos trópicos, a variedade das formas, a graça dos contornos e a combinação das cores, tanto mais se sente a força e mocidade eterna da vida orgânica”. A descoberta da natureza pelo pintor também ocorre pela apropriação do conhecimento científico e ele não deixa de considerar a necessária aliança com o naturalista para dizer-lhe sobre as particularidades da vegetação: “[...] O pintor [...] pode distinguir bem, no fundo de uma paisagem, os pinheiros ou os bosquezinhos de palmeiras dos bosques de faias; mas não pode dizer se um bosque é formado de faias ou de outras árvores de folhagem.”<sup>49</sup>

*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*, acompanhada pelo *Atlas pittoresque* com mapas e ilustrações, compreende as famosas vistas dos vulcões, desenhos de ruínas pré-colombianas, esculturas astecas e peruanas, uma notável dissertação sobre os sistemas de calendário e da escrita pictográfica, mitos nativos, além de análises linguísticas com uma tabela onde são comparadas as línguas americanas com tártaro, provando que as primeiras são tão distantes uma da outra quanto do tártaro.<sup>50</sup> Humboldt apresentou em *Atlas* os desenhos representativos dos índios da região de Michoacán, em trajes típicos, os quais

<sup>48</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 268.

<sup>49</sup> A. Von Humboldt. *Quadros da Natureza*. p. 281, 287.

<sup>50</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. V-XVI.

remetem ao termo *costumbrismo*, termo que se refere às representações dos modos de vida e costumes dos povos visitados.<sup>51</sup> Esta seria uma obra de Humboldt que influenciaria o IHGB a criar sua Seção de Etnografia e Arqueologia em 1851.

A propósito, de seu esforço em aliar ciência empírica à sensibilidade romântica, nesta obra Humboldt demonstrou seu olhar sensível ao impacto destrutivo da ação do homem sobre a natureza que acontecia na América do Sul, tema que será amplamente discutido pelos membros da Comissão Científica de Exploração. Eis a sua famosa observação sobre o estado do lago de Valência, na Venezuela, citada por J. A. Pádua:

“ [...] Ao cortar as árvores que cobrem o topo e as encostas das montanhas, os homens de todos os climas produzem de uma só vez duas calamidades para as gerações futuras: a falta de combustível e a escassez de água. Quando as florestas são destruídas, como o são em toda parte da América [...] as fontes de água secam e se tornam menos abundantes [...]”<sup>52</sup>

No *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique* (*Vista das Cordilheiras e monumentos dos povos indígenas da América*), apresenta sessenta pranchas de admirável execução e exhibe a rica natureza das regiões tropicais, a formação das montanhas, as vistas andinas e curiosos pormenores sobre os gêneros de vida, os costumes, os antigos monumentos dos povos do México e do Peru; a *Compilação de observações de zoologia e anatomia comparada* teve a colaboração de Cuvier e Latreille, o seu *Nova genera et species plantarum* de 7 volumes apresenta 700 estampas.<sup>53</sup> Em *Cosmos*, publicada em

---

<sup>51</sup> S. L. Catlin. “Natureza, Ciência e Pitoresco”. In: D. Ades. *Arte na América Latina*. pp. 67-68.

<sup>52</sup> A. Humboldt, *Viagem a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*, pp. 105-7, apud PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 48-49.

<sup>53</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. V-XVI. *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique* está presente no acervo de obras da Biblioteca do Museu de História Natural do Rio de Janeiro (veja nota 23).

1845-48, o caráter especial da ciência é vinculado sempre à contemplação das coisas criadas onde, por exemplo, a forma das rochas é a sua própria história. A Natureza é apresentada através das emoções que ela causa no homem. No segundo volume, “Reflexos do mundo exterior na imaginação do homem”, Humboldt procurou o traço do sentimento da natureza nos poetas, nos pintores de paisagens e nos viajantes que foram longe “contemplar” a vegetação dos trópicos, ou mesmo nos observadores que se limitaram às coleções de plantas em estufas artificiais. No capítulo “Literatura Descritiva”, Humboldt louva Luís de Camões, o poeta marítimo, como um dos mais perfeitos pintores da Natureza.<sup>54</sup>

Depois de Humboldt, durante o século XIX, uma série de artistas-viajantes estiveram na América e expressaram o gosto pelo “sublime” e pelo “pitoresco”, dois conceitos que aparecem nas teorias de Edmundo Burke e William Gilpin, respectivamente. Como afirmou Claudia Valadão Mattos, a pintura de paisagem que chegaria ao Brasil no início do século XIX era permeada pelas ideias expressas nas cartas que Jakob Philipp Hackert enviara J. W. Von Goethe e que seriam por ele publicadas em 1811, numa delas escreve: “Nada agrada mais, tanto na natureza quanto num quadro, que uma bela árvore”.<sup>55</sup>

É a expressão da poesia de Goethe que estava presente na visão de natureza que chegaria à visão de Alexander Von Humboldt expressa em sua obra *Quadros da Natureza*, cuja influência esteve no pensamento de Joachim Lebreton ao constituir a Missão Artística Francesa.

Lebreton, afirmava que Debret possuía experiência do ensino elementar de desenho e pintura, pois dirigira por 15 anos o atelier de David e durante 10 anos foi o único mestre de desenho do melhor e mais numeroso colégio de Paris. Dessa maneira, consta no manuscrito:

“Assim, os mínimos elementos lhe são familiares e não o atemorizam: aliás, é útil que na escola se aprenda a desenhar

---

<sup>54</sup> F. A. Raja Gabaglia. “Prefácio”. pp. XVI-XXI.; *Cosmos :essai d'une description physique du monde* está presente no acervo de obras da Biblioteca do Museu de História Natural do Rio de Janeiro (veja nota 23).

<sup>55</sup> J. Ph. Hackert e J.w. Von Goethe. “Sobre a Pintura de Paisagem”. In: C. V. Mattos (org.). *Goethe e Hackert sobre a pintura de Paisagem*. pp. 137.

flores e animais, e Debret concorda em encarregar-se desse ensino.”<sup>56</sup>

Assim, Reis Carvalho trazia nos primórdios de sua formação e vivência a influência do pensamento de Joaquim Lebreton e de sua comitiva. O *Manuscrito inédito de Lebreton sobre o Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816*<sup>57</sup> dizia ser imprescindível ao artista conhecer aspectos da história natural para realizar suas composições o que para ele, seria perfeitamente transmitido por Debret no ensino de pintura de paisagem, fauna e flora, em suas palavras: “M. Debret está em condições de ensiná-lo”.<sup>58</sup>

Interessante notar, ainda, o destaque que Lebreton fizera sobre as ciências naturais e sobre a necessidade do aprendizado de Botânica ao escrever:

“Os que pintarem plantas, flores [...] deverão estudar noções de botânica. O reino vegetal do Brasil interessa demasiadamente às ciências naturais para que não o tornemos conhecido com fidelidade, mesmo na pintura.”<sup>59</sup>

E sobre a pintura de animais afirmou:

“A descrição dos insetos do Surinã é preciosa, pois a arte, dirigida pela ciência, representou esses animais, nas plantas de que se nutrem.”<sup>60</sup>

Em 1823, Reis Carvalho, trabalhava com Debret e juntos esforçavam-se para ocupar o edifício destinado a abrigar a Academia Imperial de Belas Artes através de um abaixo-assinado:

“Com todo o respeito vão aos pés de V.Exa. [...] que figurando-se João Baptista Debret a fazer um quadro em ponto grande, em memória da Feliz Fundação deste

---

<sup>56</sup> J. Lebreton “O Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816”, in: M. Barata. “Manuscrito Inédito de Lebreton...”. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, no. 14, (1959), p. 299.

<sup>57</sup> J. Lebreton, “O Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816”, in: M. Barata. “Manuscrito Inédito de Lebreton...”. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, no. 14, (1959), p. 284.

<sup>58</sup> J. Lebreton, *op. cit.*, p. 289.

<sup>59</sup> J. Lebreton, *op. cit.*, p. 289.

<sup>60</sup> J. Lebreton, *op. cit.*, p. 289.

Império, e tendo já pintado o esboço em ponto pequeno [...] o dito pintor predisse a S. M. Imperial a permissão de servir-se da casa que esta para estabelecimento da Academia das Artes [...]”<sup>61</sup>

Naquele momento, Reis Carvalho estava em contato com os demais pintores da Missão Francesa e com as concepções que envolviam o pintor F. E. Taunay, as quais seriam expressas na série de folhetos sobre a arte de pintar publicados em 1836,<sup>62</sup> bem como as traduções de 1837 da *Anatomia Pitoresca* de Tortebat, o *Ensaio sobre a fisiologia das paixões* de Carlos Le Brun e ainda *Considerações gerais sobre as proporções* de Millini. Reis Carvalho também viveu os ares que envolviam os primeiros alunos da AIBA, conheceu a Pinacoteca que F.É. Taunay organizara com obras trazidas por Lebreton, seu interesse em arborizar a cidade, alargar as ruas e criar jardins antes de aposentar-se, em 1851, para ser substituído por Augusto Müller na vaga de professor de paisagem.<sup>63</sup>

A necessidade da proximidade da teoria científica nos cursos da AIBA artes permeava o pensamento de Manoel Araújo Porto-Alegre, outro discípulo de Debret tal qual Reis Carvalho. Já diretor da Academia Imperial de Belas Artes, entre 1854 e 1857, defendia a opinião de que o professor de *Paisagem* deveria possuir noções gerais de botânica, geologia, meteorologia, a fim de que soubesse situar as plantas em climas próprios.<sup>64</sup> Para Porto-Alegre, os cientistas como Lineu, Cuvier, Tounefort, Humboldt e Flourens ensinavam a pintar, assim como os anatomistas, matemáticos, poetas, filósofos, físicos e fisiologistas.<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> F. B. Nacional, “José dos Reis Carvalho assina um abaixo-assinado para que se atenda o pedido de Debret para uso da Academia”. 1823. Mss./750.781/m; I-46, 4,99. Ainda em 1830, o edifício da AIBA devia ceder espaço para Tipografia Nacional o que desagradou Debret, por isso resolve deixar o Brasil em 25 de julho de 1831.: C. V. N. Fernandes, *op. cit.*, p. 65.

<sup>62</sup> A. Galvão, “Felix Emílio Taunay e a Academia de Belas Artes”. *Revista do SPHAN*, 16(1968) p. 141 citado por C. V. Fernandes, p. 177.

<sup>63</sup> A. Galvão, *Subsídios para a História da Academia Real*, p. 48.

<sup>64</sup> J. R. T. Leite Dicionário Crítico de Pintura no Brasil , pp . 373-377.

<sup>65</sup> Porto Alegre, Manuel Araújo. “Crítica a um programa de ensino. 26 de novembro de 1855”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, No. 14, 1959.*

Porto-Alegre ainda em sua “Crítica a um programa de ensino”, trecho extraído de seu *Diário*, pertencente ao acervo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, lamentava o “distanciamento” dos pintores de paisagem que resultavam em “defeitos de forma”, “toques não exatos” e “desproporção” entre as grandezas decorrentes das cópias dos modelos europeus. Neste sentido, orientava o uso da aquarela antes da finalização na pintura à óleo, pois a aquarela permitia que o artista fizesse seus estudos em locais distantes como no mar alto, no cume das montanhas, no centro das florestas virgens, e portanto, fosse um sedento por vistas. Conforme fragmentos do *Diário* nos trechos abaixo:

“A falta que temos de exemplares americanos em suas formas, é o que conduz o Sr. Professor a lançar mão dos exemplares europeus, a fim de adestrar o aluno na prática do desenho [...] Depois dessas exercícios, vão os alunos pintar logo a óleo [...]

[...] O toque da folhagem das árvores, das parasitas, das bromélias, das gramíneas ou taquaras, e das plantas aquáticas, não era exato, nem a colocação destas plantas localizada convenientemente; há defeitos de forma geral e característica. Há desproporção entre sua grandeza, e infidelidade no tipo geral que especifica as regiões intertropicais. [...]

Orientava que o aluno previamente fizesse estudos de claro escuro monocromáticos em aquarelas para depois seguir a pintura à óleo:

“Não seria, talvez, mais útil, mais sistemático, empregar os alunos no exercício do pincel, com uma só cor [...] êste estudo por meio da monocromia não lhes daria um conhecimento mais exato dos valores do claro e escuro, e de suas degradações na perspectiva? [...] Depois da aquarela monocromática virá a colorida, e depois desta a execução magistral da pintura a óleo”.

Também a aquarela seria a técnica ideal para os estudos de campo necessários à pintura de paisagem:

“Se o artista que se achar no mar alto, no cume dos Andes, no centro das florestas virgens [...] pode por meio da aquarela, fazer seus estudos, e levá-los à força e brilho do colorido da pintura a óleo. [...] [...] o paisagista se apodera do mundo físico para com ele construir ou deleitar”.

Finalmente, o conhecimento das teorias científicas seria imprescindível para o desenvolvimento das habilidades do pintor de paisagens:

[...] Não digo êle [o professor de paisagem] seja um sábio, [...] as considerações gerais sobre a [...] criação devem ser lidas por êle, e aplicadas à sua arte: por que Lineu, Cuvier, Tournefort, Humboldt, Flourens, nos ensinam a pintar, assim como os anatomistas, matemáticos, poetas, filósofos, físicos e fisiologistas. [...] <sup>66</sup>

#### **1.2.4 - Duas vistas sobre o Campo de Sant'Ana: Thomas Ender e Reis Carvalho.**

A aquarela foi a técnica predominante na formação do acervo conhecido de José dos Reis Carvalho, possibilitou-lhe os exercícios das vistas e das atividades cotidianas.

Percebe-se numa aquarela de Reis Carvalho, de 1851, uma proximidade temática a outra aquarela realizada por Thomas Ender do Campo de Sant'Ana, de meados de 1817. Antes da expedição ao Ceará, esta é uma das primeiras impressões que permitem situar o pintor da Comissão Científica ao contexto histórico dos artistas viajantes interessados por vistas e costumes e contribui para justificar a atração do pintor pela representação dos usos e costumes do período.

---

<sup>66</sup> Porto Alegre, Manuel Araújo. “Crítica a um programa de ensino. 26 de novembro de 1855”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, No. 14, 1959.*

Quando Reis Carvalho representou o Campo de Sant'Ana, ali era um local repleto de acontecimentos culturais e envolviam as atividades cotidianas de brancos e negros. Sua feição por registrar aspectos da cultura popular atraiu o pintor a uma vista particular do Campo de Sant'Ana.

No Ceará, José dos Reis Carvalho representaria vistas das vilas visitadas como o Lugar *chamado Fortaleza em Sobral e Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859*, (MDJ) como fizera Thomas Ender em *Vila Rica (Ouro Preto)*<sup>67</sup> e seu próprio mestre J. B. Debret com representação de vistas presentes em *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.<sup>68</sup>

De certo modo, o caráter da representatividade de Reis Carvalho para a Comissão Científica de Exploração segue a tradição de genealogia de estilo composta de temas presentes nas ilustrações de outros viajantes e apresenta, por exemplo, vistas constituídas de representações arquitetônicas como a Igreja de Sant'Ana localizada no campo onde hoje encontra-se a Estação Central do Brasil.

A aquarela de José dos Reis Carvalho, *Igreja de Sant'Ana em dia de Festa*, de 1851, foi realizada antes de o pintor partir para as províncias do norte e está no Museu Nacional de Belas Artes. A Igreja de Sant'Ana foi também representada por Thomas Ender em 1817,<sup>69</sup> um dos artistas participantes da missão austríaca que veio ao Brasil por ocasião do casamento da arquiduquesa austríaca D. Leopoldina com D Pedro I. Com esta expedição, além dos naturalistas Spix & Martius, vieram ainda Natterer, Schott, Buchberger, Milkan, Pohl, Fich, além do italiano Giuseppe Raddi (1770-1829).<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Veja R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender – 1817-1818*. Petrópolis, Kapa Editorial, 2000.

<sup>68</sup> Veja J. B. Debret (1768-1848). *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. E. 129, P. 33.

<sup>69</sup> R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender – 1817-1818*. Petrópolis, Kapa Editorial, 2000.

<sup>70</sup> T. Isenburg. "Naturalistas Italianos no Brasil, 1800-1850". In: *Ciência Hoje*. Vol. 09, No. 51, Março de 1989. pp. 54-58.



Fig. 1.2 - José dos Reis Carvalho, *Igreja de Sant' Anna em dia de festa, 1851*, Museu Nacional de Belas Artes, Fonte: Gilberto Ferrez *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.



Fig. 1.3 - Thomas Ender. *Campo de Sant' Ana*. Aquarela. 190x288mm. Fonte: R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender*.

Ao representar a *Igreja de Sant'Ana em dia de Festa*, com mastros, barracas e pessoas circulando, José Reis Carvalho, como pintor, manifesta seu interesse pelas manifestações populares, pois ali era um local de grande efervescência cultural e política. Em tempos de festas elas ocorriam durante todo o dia quando eram instalados mastros, bandeiras e barracas; à noite havia danças, apresentações de bonecos, fogos e luzes que criavam um cenário de múltiplas manifestações culturais e, por esta razão, atraía os olhares dos cronistas e artistas-viajantes. O Campo de Sant'Ana era o maior espaço público da cidade onde ocorriam paradas militares e as cerimônias de aclamação dos imperadores brasileiros, segundo os relatos de memorialistas como Ewbank, Mello Moraes Filho e Vieira Fazenda.

Como descreveu Martha Abreu, em tempos de festas, principalmente na festa de Pentecostes, os fogos era a maior atração e ficavam em, aproximadamente, 40 mastros que iam de oito a 15 metros de altura num espaço livre e aberto com luzes, cores, cheiros de guloseimas como doces de milho com leite de coco, cocadinhas brancas e bolinhos de aipim. Ali as pessoas movimentavam-se ou ficavam diante do chafariz para ver os cavalos de raça, macacos, palhaços, artistas para os exercícios equestres, dançarinas de corda luxuosamente fantasiadas, os que demonstravam os exercícios de Hércules, equilíbrios de garrafa, pirâmides humanas, evoluções de argolas, teatrinhos de bonecos, cantorias de duetos e orquestras com violão, flauta e cavaquinho.<sup>71</sup>

Ali se apresentavam artistas italianos como a famosa Signorina Cardiani, músicos negros com músicas religiosas ou profanas eruditas como valsas e polcas. A festa no Campo de Sant'Ana incluía feira livre onde as diversas camadas sociais reuniam-se com as negras com seus tabuleiros vendiam roscas, pães variados, cuscuz, cocadas e angu, barracas de sorte, de comidas e bebidas,

---

<sup>71</sup> M. Abreu. Martha *“Nos requebros do Divino”*: *Lundus e Festas populares no Rio de Janeiro do século XIX*. pp. 248-256.

espetáculos de circo, barracas de jogos diversos, peças teatrais e até batuques.<sup>72</sup> O principal foco de atenção no dia-a-dia do Campo de Sant'Ana era o chafariz de pedra conhecido como “das lavadeiras”, pois estava sempre rodeado de escravas que ali lavavam roupas, batendo-as com força, para depois estendê-las no chão ou pendurá-las nas poucas árvores que havia. Os filhos das lavadeiras e outros moleques das camadas menos favorecidas da sociedade, além de capoeiras e prostitutas, passavam boa parte do dia ali. Ali no Campo de Sant'Ana os escravos, escapando de seus donos nas tardes de domingo, dançavam ao som de sua própria música. Era frequente a reunião de soldados, cocheiros, carregadores de água e carregadores do lixo das regiões centrais da Corte, que não raro era ali depositado. Ali ficava a conhecida barraca *Três Cidras do Amor* que, na década de 1850, era de propriedade do comediante Telles; abrigava centenas de espectadores para atrações que incluíam teatrinho de bonecos, representações de comédia, cantorias de dueto, mágicas e ginástica. Mello Moraes Filho destacou em sua plateia famosos escritores, como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Casemiro de Abreu, Machado de Assis, Laurindo Rabelo, Manuel Araújo Porto- Alegre e, possivelmente, José dos Reis Carvalho.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> M. Abreu. Martha “*Nos requebros do Divino*”: *Lundus e Festas populares no Rio de Janeiro do século XIX*. pp. 248-256.

<sup>73</sup> V. MACEDO. *O Império das Festas – o império do Divino e outras festividades católicas no Rio de Janeiro Oitocentista*. pp. 195-209.



## Capítulo 2

### **A Formação e a atuação da Comissão Científica de Exploração**



Fig. 2.1 - Ex-libris da Comissão Científica. Exploração.<sup>74</sup>

A formação da Comissão Científica de Exploração enviada ao Ceará pelo IHGB propiciou a aquisição de uma rica bibliografia que foi incorporada ao Museu de História Natural do Rio de Janeiro e é identificada pela marca do *ex-libris* da expedição colada nas contracapas dos livros.

Através desta bibliografia, que foi relacionada no Anexo I desta Tese, é possível perceber alguns aspectos descritivos das paisagens e dos costumes das regiões visitadas que apareceram nas aquarelas de José dos Reis Carvalho, nos desenhos botânicos de Francisco Freire Alemão e nas litografias etnográficas e de animais realizadas pelo Imperial Instituto Artístico.

---

<sup>74</sup>Estampas publicadas pela Comissão Científica de Exploração: “ex-libris”, “pássaro”, “desenho de Freire” e “artefato indígena” foram apresentados por Dulce F. Fernandes Cunha. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. 1966. pp. 31-32. O desenho do *ex-libris* da Comissão Científica de Exploração assemelhava-se à imagem que integrava a Bandeira do Império do Brasil. Veja [www.monarquia.org.br](http://www.monarquia.org.br). Acesso em 28.01.2012.

Voltada principalmente a investigar o potencial econômico das províncias do norte, a Comissão Científica de Exploração, também conhecida por Comissão das Borboletas ou Comissão do Império;<sup>75</sup> foi constituída pelo IHGB em 1856,<sup>76</sup> dezoito anos após inícios das atividades do Instituto, em 1838, quando foi fundado sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, como informa o Tomo I da *Revista do IHGB* de 1839.

Não fora a primeira, diversas expedições de pequeno porte, acompanhadas pelo IHGB, percorreram o Brasil no intuito de compor a identidade da extensa jovem e independente nação brasileira motivadas por pensadores como Gônego Carvalho, Rodrigo de Souza e Von Martius.

Como observou Lúcio Ferreira, a viagem científica era a ferramenta colonizadora do século XIX subsidiada pelo mecenato Imperial brasileiro. Visava a “interiorização da civilização”, firmar fronteiras geopolíticas com as outras nações da América Latina além de corrigir erros historiográficos em obras como *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita (1660-1738).<sup>77</sup>

Já em 1839, o IHGB publicara um manuscrito que descrevia uma cidade abandonada no sertão da Bahia e Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha (1789-1849) fez uma petição a D. Pedro II, em 7 de novembro de 1841 para que se realizasse uma expedição para colher tradições populares, conhecimento sobre as matas e as riquezas minerais.<sup>78</sup>

Do mesmo modo que Rodrigo de Souza propôs a realização das “viagens científicas” e as “excursões arqueológicas”, na *Revista do IHGB* em 1841, Karl P. Von Martius (1794-1868) publicou o artigo “Como se deve escrever a história do

---

<sup>75</sup> BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*, Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. Veja também Braga, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Ceará, s.d. Disponível em [www.coleçãomossoroense.org.br](http://www.coleçãomossoroense.org.br), acesso em 04.06.2011.

<sup>76</sup> IHGB. V. Sapucahy. “8ª. Sessão de 25 de julho de 1856”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo XIX, Suplemento, 1856.

<sup>77</sup> L. M. FERREIRA. “Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. p. 271-77.

<sup>78</sup> L. M. FERREIRA. “Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. p. 271-77.

Brasil” em 1844 onde propõe também a busca de conhecimentos sobre a cultura e língua indígena através de viagens exploratórias. Portanto, desde o início das atividades do IHGB existia o desejo potencial da realização de uma expedição composta por naturalistas para explorarem o território brasileiro.<sup>79</sup>

Nas primeiras reuniões dos membros do IHGB várias questões sobre a natureza e o povo brasileiro eram discutidas, como a situação dos índios nas diversas localidades, os estados de utilização dos recursos naturais através da agricultura, mineração etc.

Discutiam-se também questões em torno do clima, do uso inadequado do solo, da agricultura e dos costumes indígenas, como neste fragmento de Ata publicado pela *Revista do IHGB*, tratando do mal uso dos recursos naturais com prejuízos para a agricultura e o abastecimento de água:

"5o. O **Ceará** durante o século passado **derrubou** **immensas porções de suas mattas para substituil-as por algodoeiros**. [...] A devastação das florestas expondo o grau relativo da humidade atmospherica que ellas entretinham; o que **produziu a final o dessecamento das fontes** que nascendo das montanhas molhavam seus valles. Extensões de terreno outr'ora cobertas de ricos vegetaes acham-se hoje muddas em áridos desertos sem o menor vestigio de agua!... Pois bem, esse mal sera ou não remediável. O plantio de arvores, ao menos no alto das montanhas, bastará?! [...] São estas outras questões de não menor interesse que deve ocupar a attenção da comissão, máximo quando tendem a **salvar uma das nossas mais bellas provincias do flagello da secca** e da fome - consequencia fatal da primeira!"<sup>80</sup>

Esperava-se que a comissão trouxesse alternativas para as questões climáticas adversas e causadores das secas, como relata a ata da 17ª. Sessão:

---

<sup>79</sup> L. M. FERREIRA. "Ciência Nômada: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. p. 271-77.

<sup>80</sup> IHGB. "17a. Sessão em 28 de novembro de 1856". *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*. Tomo XIX, Suplemento, 1856. p. 80. [Grifos adicionados].

"9a. **Somos de opinião que a comissão prestaria grandes** serviços à nossa agricultura que deverá seguir-se de preferencia; fazendo ensaios n'esse sentido; **levando sementes e plantas**, e distribuindo-as pelos agricultores do nosso interior." <sup>81</sup>

A Comissão Científica de Exploração, na "8a. Sessão em 25 de Julho de 1856" do IHGB, foi constituída de cinco seções: Seção Geológica e Mineralógica, Seção Botânica, Seção Zoologia, Seção Astronômica e Geográfica, Seção Etnográfica e Narrativa da Viagem, com seus respectivos chefes. <sup>82</sup> A eles caberiam indicar o naturalista preparador, que seria João Pedro Vila Real, outros membros necessários à comitiva e o 'desenhador' da missão, que seria José dos Reis Carvalho, este possivelmente foi escolhido também pela influencia do pintor Manuel de Araújo Porto-Alegre, então secretário do Instituto, ambos discípulos de Debret. <sup>83</sup>

As seções receberam *Instruções* específicas que foram publicadas na *Revista do IHGB*, 16<sup>a</sup>. Sessão em 14 de novembro de 1856. <sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> IHGB. "17a. Sessão em 28 de novembro de 1856". *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*. Tomo XIX, Suplemento, 1856. p. 80. [Grifos adicionados].

<sup>82</sup> IHGB. Visconde de Sapucahy." 8a. Sessão em 25 de Julho de 1856". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XIX, Suplemento, 1856.pg. 20. A chefia ficou assim distribuída: "Francisco Freire Alemão, presidente da comissão, incumbido da secção botânica; Guilherme Schüch de Capanema, da geologia e mineralógica; Manuel Ferreira Lagos, da zoológica; Giacomo Raja Gabaglia, da astronomia e geographica; Antonio Gonçalves Dias, da ethnographica e narrativa da viagem; [...] convirá que os sobreditos membros indiquem os adjuntos [...] assim como o desenhador, naturalista preparador e mais comitiva de absoluta necessidade". p. 20.

<sup>83</sup> IHGB. "Lista dos membros do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo I, 1839. p. 286.

<sup>84</sup> IHGB. "16<sup>a</sup>. Sessão em 14 de novembro de 1856". *Revista do IHGB*, Tomo XIX, 1856. pp. 42 a 74: Seguem os autores das instruções para cada uma das seções: "Secção Botânica: Dr. Freire Alemão; Secção geológica e mineralógica: Dr. Capanema; Secção zoológica: M.F. Lagos; Secção Astronômica e geographica: C. Baptista de Oliveira; Secção ethnographica e narrativa de viagem: M.A. Porto-Alegre". Veja também: R. Pinheiro. *As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) nas cartas de Guilherme Schüch de Capanema*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002.

De modo geral, as *Instruções* seguiam modelos conhecidos em Portugal e Paris. Segundo Kaori Kodma, o desejo da corte portuguesa em institucionalizar campos ligados ao conhecimento da natureza levou a criação do Real Horto Botânico (1808), do Museu Real (1818) e a Academia Real Militar (1810) e seguia o texto *Instruções para os Viajantes e Empregados das Colônias sobre a Maneira de Coher, Conservar, e Remeter os Objetos de História*, editada pela Impressão Régia em 1819.<sup>85</sup>

Do mesmo modo, Magali Romero de Sá afirma que o Museu de História Natural de Paris havia elaborado instruções feitas para viajantes de autoria do agrônomo e botânico André Thouin (1747-1824), publicadas pela primeira vez em 1818, o *Manuel d’Instruction pour les Voyageurs et pour les Employés dans les Colonies sur La Manière de Recueillir les Objects d’Histoire Naturele, Rédigé par l’Administration Du Muséum Royal d’Histoire Naturelle*. (Paris: Imprimerie de L. Martinet). Possivelmente Manoel Ferreira Lagos baseou-se neste trabalho para redigir as instruções para a Seção Zoológica bem como os demais redatores ligados às respectivas seções da Comissão Científica de Exploração também o utilizaram.<sup>86</sup>

No que se refere às ilustrações, a Comissão Científica considerava em suas *Instruções* ser indispensável desenhar com toda a fidelidade de coloração os animais como peixes e répteis. Isso porque, quando conservados quimicamente para serem transportados para os museus de História Natural, poderiam perder ou mudar suas cores, como se segue:

“Conquanto a Química tenha descoberto processos infalíveis para prevenir que se corrompam e deterioreem os animais destinados aos museus de História Natural [...] infelizmente perdem ou mudam algumas de suas brilhantes cores, logo ou poucas horas depois de introduzidos nos melhores líquidos preservativos [...]”<sup>81</sup>

---

<sup>85</sup> K. Kodma. *Os Índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. p. 54.

<sup>86</sup> M. R. Sá. “A zoologia da Comissão Científica de Exploração”. In: KURY, L. (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*, p. 157.

Os naturalistas viajantes deveriam praticar corretíssimos desenhos, fiéis ao colorido. Na classe dos insetos, pouparia à iconografia enfadonhas leituras na busca de ligeiras diferenças, mesmo com o uso da terminologia. Diz as *Instruções*:

“Havendo certeza, ou desconfiando-se que as cores de alguns animais virão a alterar-se, é indispensável fazê-los desenhar imediatamente com toda a fidelidade de colorido”.<sup>87</sup>

Esta missão seria uma fonte de saber relacionada ao norte do Brasil, não apenas motivada pelo manuscrito do Padre Francisco Teles de Meneses denominado *Lamentação Basílica*, referindo-se às riquezas minerais inexploradas do Ceará, como afirmou Renato Braga,<sup>88</sup> mas vem também de uma motivação a partir de ideias vinculadas à imprensa sobre as potencialidades econômicas do Ceará, especificamente no periódico *Patriota*.

Em 1814, o Sargento-mor João da Silva Feijó publicara no *Patriota* sua “Memória escrita sobre a Capitania do Ceará”, onde dizia haver riquezas nas montanhas como ouro, ferro além de cobre na Serra de Ibiapaba, chumbo nas Serra dos Côcos e salinas naturais na costa. Feijó chama atenção para presença de árvores frutíferas como a videira, que “produziam duas ou três vezes ao ano, ou as figueiras que davam figo o ano todo”, sendo ainda possível cultivar outros arbustos da Europa, como a pêra, o pêssego, o marmelo e amoreiras. E ainda, como segue:

“Nas matas se encontram excelentes arvores, como cedros, angicos, aroeiras, paus de arco, rabuges, pequias, jucás, gitahis, massarandubas etc., importantíssimas pela qualidade das suas madeiras e cores; [...] para todas as obras de marcenaria e tinturaria e para outras artes, [...] ou finalmente

---

<sup>87</sup> Comissão Científica de Exploração, “Instruções para a Comissão Científica de Exploração encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil” in: R. Braga, *op. cit.*, p. 192.

<sup>88</sup> R. Braga, *op. cit.*, p. 38.

suas gomas, resinas, oleos etc. [...] As melhores e mais corpulentas madeiras, e por isso aptas para a construção naval, [...] Além destas madeiras [...] muitas raízes e cascas vegetais utilíssimas, umas a medicina [...] outras para a tinturaria, como seja o marmeleiro branco, o jatahi, a bem conhecida tatajuba para o amarello, o pau branco, o pau para o vermelho, o páu-ferro, e o jucá para o preto.”<sup>89</sup>

Havia, portanto, um anseio de conhecer os recursos das províncias do norte incluindo-se os aspectos da cultura popular que seriam favoráveis ao mapeamento das riquezas, daí o interesse pelos seus modos de vida, costumes e saberes vinculados ao uso e localização geográfica dos recursos naturais para o proveito econômico do Brasil Imperial.

As cinco seções que foram compostas estavam designadas a colher informações sobre os recursos naturais das províncias do norte; a *Seção Geológica e Mineralógica*, chefiada por Guilherme Schüch de Capanema foi a que mais esteve comprometida com os aspectos exploratórios relacionados uso recursos minerais. Devia estudar as possibilidades de explorar minas existentes de mármore, cimentos, carvão de pedra, lenhitas, asfalto e xistos betuminosos, atentar para lendas sobre a existência de minerais como o ouro, examinar rios, lagos e terrenos salgados para achar salitre ou sal amoníaco.<sup>90</sup>

Capanema tinha grande influência nas decisões nos trabalhos da Comissão Científica de Exploração e publicava notícias nos jornais locais que foram transcritos por Maria Sylvia Porto Alegre em *Os ziguezagues Dr. Capanema*.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> J. S. Feijó. “Memória escrita sobre a Capitania do Ceará (1814)”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1889. pp. 1-25.

<sup>90</sup> Comissão Científica de Exploração, “Instruções para a Comissão Científica de Exploração encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil” in: R. Braga, *op. cit.* p. 174-181.

<sup>91</sup> Maria Sylvia Porto-Alegre. *Os ziguezagues Dr. Capanema – Ciência Cultura e Política no século XIX*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. Veja também: R. Pinheiro. *As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) nas cartas de Guilherme Schüch de Capanema*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002.

Interessado na divulgação científica através da imprensa, dedicava-se também a pesquisar sobre a fabricação de papel para impressão em Petrópolis. O quadro *Fábrica do Barão de Capanema*, pintado por Agostinho da Motta como uma das primeiras pinturas de paisagens feita *en plein air* no Brasil, refere-se à fábrica que foi criada em 1852 e funcionou até 1861.<sup>92</sup>

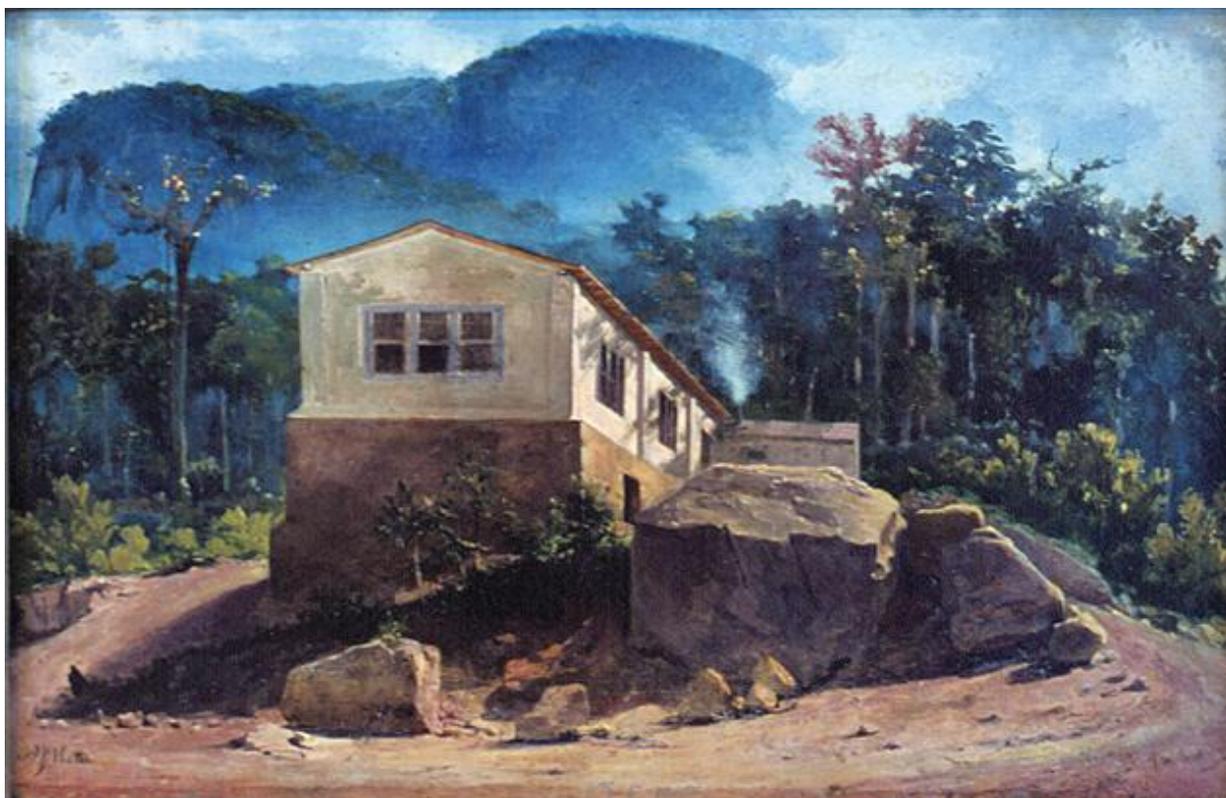


Fig. 2.2 - Agostinho da Motta. *Fábrica do Barão de Capanema*. Óleo sobre cartão, 34 x 51 cm. Rio de Janeiro Museu Nacional de Belas Artes, 1860.

Ainda assim, esta não era a questão central da Comissão Científica de Exploração, apesar de seus objetivos de explorar aspectos das riquezas minerais, agroindustriais e de mão de obra para desenvolver economicamente o Brasil Imperial. Guilherme Schüch de Capanema deixava claro sua intenção de conhecer os aspectos da mineração e do clima contra a pobreza gerada pela seca que assolava o nordeste periodicamente, assim escreveu artigos como “A seca no

---

<sup>92</sup> L. Hallewel. *O livro no Brasil: sua história*. p. 204. Veja também M. A. Couto da Silva. *Agostinho da Motta. Fábrica do Barão de Capanema*. Disponível em [www.marte.art.br](http://www.marte.art.br).

Ceará” e “Apontamentos sobre secas no Ceará”. Giacomo Raja Gabaglia escreveu “Ensaio sobre alguns melhoramentos tendentes à prosperidade da Província do Ceará”, publicados pelo Museu do Ceará.<sup>93</sup>

O interesse de Manoel Lagos, da Seção Zoológica, era conhecer, na zoologia, meios para desenvolver a produção de origem animal como a seda, a produção de mel e a pesca. Freire Alemão, chefe da Seção Botânica e também Presidente da Expedição interessou-se pela ilustração de plantas através dos desenhos que praticava tomando vistas dos vilarejos por onde passava e se voltava, com mais afinco, a conhecer as plantas do Ceará como relata em seu *Diário*: “Terça-feira, 8 [Novembro, 1859] De manha trabalhei desenhando e estudando o pereiro-branco (*Aspidoperma*)”.<sup>94</sup> As causas práticas da medicina foram de maior interesse de seu sobrinho que o acompanhou Manoel Freire Alemão.

G. S. Capanema manifestava suas intenções de conhecer os aspectos da mineração e do clima contra a pobreza gerada pela seca que assolava o nordeste periodicamente. O pintor da missão, José dos Reis Carvalho, retratou os costumes, realizou aquarelas com edificações de igrejas, construções públicas como o educandário e a alfândega, pintou a terra desolada, a paisagem diversa e exuberante das serras, as atividades comerciais do povo, suas habitações, seu cotidiano, suas manifestações culturais e seus artefatos de trabalho.

Gonçalves Dias, eleito chefe da Seção Etnográfica e narrador da viagem, desejava encontrar no índio elementos para constituição da identidade da nação brasileira e foi centrado na cultura dos diferentes grupos indígenas e na língua que focou seus trabalhos.

Assim, a expedição criou um *corpus* de cultura material composto por textos e imagens ao percorrer diversas cidades como Sobral, Içó, Aracati, Crato, Lavras além das aldeias amazônicas a partir da motivação de Gonçalves Dias em

---

<sup>93</sup> G.S. Capanema & G. Raja Gabaglia. *Estudos sobre Seca*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, Museu do Ceará, 2006.

<sup>94</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859*. p. 162.

desprender-se dos outros membros da Comissão Científica de Exploração, em 1861, e embrenhar-se a subir o Rio Negro.

## 2.1 - A Bibliografia adquirida pela Comissão Científica de Exploração

A história natural no século XIX implicou não apenas em criar argumentos sobre a natureza e os espaços ocupados pelo homem, mas uma grande quantidade de livros e papéis ilustrados.

Todo material impresso que serviu a Comissão Científica demonstra a importância que as publicações científicas ilustradas vinham assumindo naquele momento para os naturalistas e para o público em geral, embora muitas vezes, os custos fossem bastante elevados, como afirmou David Knight.<sup>95</sup>

Da França vieram para Inglaterra tecnologia e técnicas de desenho com descrições de paisagens industriais bem como de processos industriais, alguns deles ilustrando a *Enciclopédia Diderot*. A ilustração científica incluiu não apenas figuras de animais, plantas e rochas, mas também figuras de pontes, estradas e equipamentos utilizados nos experimentos com gases. É através da ilustração científica que se percebe que ciência e arte, teoria e estilo, não estiveram separadas e muitas teorias científicas vindas da óptica, da geologia, botânica, zoologia, meteorologia apareciam nas ilustrações científicas.

A Ciência, como um conhecimento público, interessava-se em divulgar as ilustrações científicas. Deste modo, o desenvolvimento da imprensa e das técnicas de gravação como a xilogravura, a gravura em água-forte e buril e a litografia iriam acompanhar a divulgação dos resultados dos trabalhos dos naturalistas que viajavam em busca de descrições textuais e visuais pelo mundo.<sup>96</sup>

Consultando o acervo de Obras Raras da Biblioteca do Museu Nacional verifica-se a existência de uma parte dos livros ilustrados com a figura que abriu

---

<sup>95</sup> David Knight. "Discourse in Pictures". In: *The Age of science: The Scientific World-view in the Nineteenth Century*. p.109.

<sup>96</sup> David Knight. "Discourse in Pictures". In: *The Age of science: The Scientific World-view in the Nineteenth Century*. p.109.

este capítulo, o *ex-libris* da Comissão Científica de Exploração, impresso nas contracapas, desenho semelhante ao que estava na Bandeira do Império do Brasil.<sup>97</sup> Estes são os livros que foram adquiridos pela Comissão Científica em livrarias da França e Alemanha.

A bibliografia importada para dar suporte técnico à expedição, cerca de dois mil volumes, incluindo-se periódicos como o *Filosofical Transaction*, estava relacionada à Geologia, Botânica, Zoologia, Paleontologia e às Viagens Científicas.

Os livros selecionados dão indícios sobre os naturalistas e viajantes que eram conhecidos por G. S. de Capanema e pelos demais membros da Comissão Científica de Exploração. Capanema afirmava em seus relatórios que publicações de Humboldt, Bompland, Spix e Martius, de Pohl, de Saint Hilaire, dentre outros como Reaumur, Olivier, Schoenher, Fabricius, Guérin-Méneville, Meigen, Macquart, Déjean já existiam na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, ou em bibliotecas particulares, o que dispensava a necessidade de aquisição de tais autores para darem suporte à Comissão.<sup>98</sup>

Segundo Kaori Kodama, um relatório do ministro do Império Luiz Pedreira do Coutto Ferraz de 1855 o qual fornecera livros à biblioteca do IHGB mediante a existências de exemplares repetidos de uma biblioteca comprada pelo Estado, informa que a biblioteca do Instituto já contava com 2.817 volumes, 112 mapas geográficos e hidrográficos, planos e plantas de fortalezas do Império, 52 mapas

---

<sup>97</sup> O desenho do *ex-libris* da Comissão Científica de Exploração assemelhava-se à imagem que integrava a Bandeira do Império do Brasil. Veja [www.monarquia.org.br](http://www.monarquia.org.br). Acesso em 28.01.2012.

<sup>98</sup> G. S. de Capanema, "Relatório do Sr. Dr. Capanema". In: *RIHGB*, Tomo XX, 1857, pp. 63-7. A Biblioteca de Obras Raras do Museu Histórico Nacional apresenta diversas obras citadas por Capanema, como a lista é extensa não foi possível relacioná-las aqui, mas a lista pode ser consultada no site: [www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br](http://www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br). Apenas como exemplo as obras: Pohl, Johann Emanuel, 1782-1834. *Brasilien vorzuglich lastige insect*. V. Kollab. Wien: [s.n.], 1832; Saint-Hilaire, Auguste de. *Aperçu d'un voyage dan l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les missions dites du Paraguay*. Paris, Impr. A. Belin, 1823.

não relativos ao Brasil, 610 manuscritos e o Instituto ganhara, ainda, a biblioteca que pertencera ao botânico Von Martius.<sup>99</sup>

Capanema afirmava também que Manuel Ferreira Lagos, chefe da seção zoológica, já possuía coleções completas dos anais da Sociedade Entomológica de França, *História Natural dos Peixes* de Cuvier e Valenciennes, etc. o que tornava desnecessário comprá-las.<sup>100</sup>

Os livros da Comissão Científica foram significativos para o incipiente acervo bibliográfico do Museu Nacional de História Natural, quando ainda estava no Campo de Sant'Ana, até chegar ao edifício atual do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, depois de ser residência de D. Pedro II e da Família Imperial Brasileira.



Fig. 2.3 - Antigo Edifício do Museu Nacional no Campo de Sant'Ana Fonte: Museu Nacional

O Museu Nacional, que fora criado pelo decreto de 06 de junho de 1818 por D. João VI ao Brasil, tinha como função estimular os estudos de botânica, da

<sup>99</sup> Luiz Pedreira do Coutto Ferraz. *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa na Terceira Sessão da Nova Legislatura (sic) pelo Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império, Luiz Pedreira do Coutto Ferraz* Rio de Janeiro: Typ. Universal Laemmert, 1855. Disponível em: <Brasil.crl.edu/bsd/bsd/ul1727/000002.html> Acesso em: 3 de maio de 2005. Citado por K. Kodama, *Os índios no Império do Brasil*, p.188.

<sup>100</sup> G. S. de Capanema, "Relatório do Sr. Dr. Capanema lido na Sessão do IHGB, de 4-12-1857" *apud* R. Braga. *op. cit.*, p. 112.

zoologia no local e também das artes.<sup>101</sup> O acervo do Museu Nacional deveria ser enriquecido com os trabalhos da Comissão Científica e, por isso, para lá foram transportados os instrumentos de pesquisa importados para servirem nessa empreitada e os materiais botânicos, zoológicos, etnográficos coletados pela Comissão.<sup>102</sup>

Segundo Dulce Cunha, em 1870, Ladislau Netto publicou *Investigações sobre o Museu Nacional* que historiava a vida do museu de 1818 até 1870. Era conhecido como Museu Real das Ciências Naturais e recebera as coleções da antiga Casa de História Natural, ou Casa dos Pássaros que incluíam materiais, armários e instrumentos que, na ocasião, estavam de posse do Arsenal do Exército e serviam aos alunos da Academia Real Militar desde o falecimento de Francisco Xavier Caldeira, protetor e criador de uma primeira coleção ornitológica. Para a criação do Museu Nacional, que ficaria no Campo de Sant'Ana, estavam também nas intenções de D. João VI, em 1818, fomentar as Artes, o comércio e a indústria. Abaixo, o decreto:

“[...] em benefício do commercio, da industria e das **Artes** que muito desejo favorecer, como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte e estabeleça um Museu Real para onde passem quanto antes os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares [...] E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de S. Anna ocupa o seu proprietário João Rodrigues Pereira de Almeida [...] que o mencionado proprietário voluntariamente se preste á vendel-a [...]

---

<sup>101</sup> M. H. M FERRAZ,. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química*. p. 191-195.

<sup>102</sup> BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*, Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p.39. Esta é a versão impressa utilizada nesta Tese. Há uma versão *on-line*: [www.coleçãomossoroense.org.br](http://www.coleçãomossoroense.org.br), acesso em 04.06.2011.

procedendo-se a escritura de compra [...]. Palácio do Rio de Janeiro em 6 de Junho de 1818”.<sup>103</sup>

A biblioteca da Comissão Científica foi incorporada à do Museu Nacional em 1863, na ocasião Manoel Ferreira Lagos, que já era adjunto da Seção de Zoologia desde 1854 e membro do IHGB desde 1838, foi incumbido de realizar um catálogo com todos os livros relacionados à Comissão Científica:

“Annuindo à ideia apresentada por V. Sa. pelo Presidente da Comissão Scientifica [...], de se reunirem aos livros que possui a Biblioteca do Museu Nacional os que tem sido compostos para uso daquela Commissão, formando-se assim uma biblioteca especial das sciencias naturaes, declaro a V. Sa. que, feito o cathalogo dos livros da dita Commissão pelo Doutor Manoel Ferreira Lagos, [...], devem êlles ser reunidos aos desse Museu debaixo da mesma direcção. [...]”<sup>104</sup>

Frederico Burlamaqui, então diretor do Museu Nacional, afirmava que as obras da Comissão seriam 2.000 volumes, parte vinha de Hamburgo e havia uma relação destas, algumas faltavam encadernar e outras eram de luxo. Na ocasião, a Biblioteca do Museu Nacional recebia 200 volumes de botânicos da Sociedade Velloziana, presidida por Freire Alemão, que era de uso público. Com a morte de Burlamaqui, em 1867, assumia Freire Alemão e num “Relatório dos trabalhos feitos e aquisição havidas no Musêo Nacional de 7 de fevereiro de 1868 a 30 de abril de 1869” afirmava que a biblioteca adquiria obras da Europa e jornais de ciências naturais e as obras da Comissão compradas em Leipzig do livreiro Bockhaus. A riqueza das coleções de Freire Alemão e Manoel Ferreira Lagos foi

---

<sup>103</sup> “Decreto de 06/06/1818 para Criação do Museu Real das Ciências Naturais” *apud* Cunha, D.F.F. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Pg. 19-20, 37. (Grifo adicionado).

<sup>104</sup> MUSEU NACIONAL. 2ª. Seção Ministerio dos Negócios do Império em 11 de julho de 1863. *apud* Cunha, D.F.F. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. p. 29. No âmbito desta pesquisa tal catálogo não foi localizado no Museu Nacional.

incorporada à Biblioteca do Museu Nacional com obras raras do século XVII e XVIII, como destacou Dulce Cunha.<sup>105</sup>

Em 1872, a Biblioteca do Museu Nacional já tendo recebido os livros da Comissão Científica, recebera também suas publicações, com as estampas da coleção zoológica, etnográfica e mineralógica, legadas ao Museu Nacional por ordem do Imperador em 26 de agosto de 1876, o acervo cresceu também quando incorporou a coleção de livros da Comissão da Carta Geológica bem como a Frederico Hartt (1840-1878) que a presidira.<sup>106</sup> Algumas estampas da coleção zoológica e etnográfica estão no Anexo II desta Tese, mas não foi possível a localização das estampas relacionadas à mineralogia.

Com a proclamação da República, Ladislau Netto pleiteou em 1890 verbas para expansão do Museu e sua transferência para a Quinta da Boa Vista no Palácio São Cristóvão, onde já estava instalado o Conselho Constituinte. Desejava ocupar toda a área na qual estava o palácio para montar um parque zoológico, herbários, aquários etc. que serviriam aos pesquisadores.

Quando o Governo concordou com a instalação do Museu Nacional no palácio da Quinta da Boa Vista, Ladislau Netto também conseguiu que os trilhos da Companhia de Bondes de São Cristóvão fossem até as portas do palácio para facilitar a transferência do acervo do Museu para o novo local. O ex-Imperador D. Pedro II determinara em carta remetida ao procurador Dr. José da Silva Costa que se organizasse uma comissão da qual faria parte o Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e o Dr. Severiano da Fonseca. Eles seriam responsáveis em selecionar os livros de sua biblioteca particular, a fim de serem distribuídos entre o IHGB e a BN.

---

<sup>105</sup> D.F.F. Cunha. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. p. 31, 64.

<sup>106</sup> C. F.Hartt, cientista americano. Sua vida e obra encontra-se relatada em *Hartt: expedições pelo Brasil Imperial. 1865-1878*, Marcos Vinicius de Freitas. Como volume 200 da série 5ª. Da "Brasiliana", esta é a primeira tradução do *Geology and Physical geography of Brazil* (Boston, 1870). Reproduz 78 desenhos que retratam paisagens brasileiras e outras relacionadas ao título. E.J.S. Stickel, *op. cit*, 274.

Assim o Jornal do Comercio de 7 de Julho de 1891 anunciava que parte do acervo, que não fosse de interesse do Museu Nacional e sim da história e da geografia do Brasil iria para o IHGB, formando um grupo chamado “Colleção D. Thereza Christina Maria” e o acervo ligado à História e Ethnographia do Brazil comporia a coleção “Prinzeza Leopoldina”. O resto dos livros seria doado à Biblioteca Nacional.<sup>107</sup>

Ainda, parte dos livros seguiria para a Academia Imperial de Belas Artes como informa a “16ª. Sessão do IHGB”:

“Acrescenta que, diversos livros e objectos já se acham na biblioteca do Jardim Botânico, que outros, em grande numero, estão apartados para a Academia de bellas artes,  
....”<sup>108</sup>

Possivelmente, foi nesta época que a Academia de Belas Artes recebera sua coleção de livros raros e as aquarelas de paisagens e costumes de José dos Reis Carvalho que depois foram incorporadas ao Museu D. João VI.

A “18ª. Sessão do IHGB” informa que parte do material estava destinada ao IHGB, provavelmente incluía as cartas de Gonçalves Dias. Incluía-se também nesta remessa o material destinado à Biblioteca Nacional com partituras musicais. É possível que esta remessa incluísse as litografias dos objetos reunidos por Gonçalves Dias e as litografias de pássaros da Seção Zoológica, além dos desenhos botânicos de José dos Reis Carvalho que pertencem à respectiva Seção Iconográfica:

“Jornal do Commercio – 16 de março de 1892.

No dia 10 de março corrente conclui-se a remoção dos últimos livros [...] que havia ficado nas 5 salas da Bibliotheca

---

<sup>107</sup> D.F.F. Cunha. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. pp. 40, 41.

<sup>108</sup> IHGB. “16ª Sessão em 9 de outubro de 1891”. *Revista do IHGB*, t. 54, 1892. 2. *Apud* D.F.F. Cunha. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. p. 40- 60. (Grifo adicionado).

do Imperador. Entregou-se por ordem da comissão esse acervo à **Bibliotheca Nacional**, bem como estantes, mesas, [...] tendo tocado **ao Instituto Histórico** tudo quanto convinha [...].

Para a Biblioteca Nacional foram transportadas três grandes latas, cheias de estampas, gravuras, photographias, mapas, muraes etc.

Além destas, forão contadas 630 grandes colleções encardenadas em volume ou collocados dentro de pastas avulsas, 226 gravuras, 474 photographias e mais 232 photographias ilustrativas da Divina Comedia , de Dante.

Ao **Instituto Histórico** couberam 156 estampas relativas à historia da pátria.”<sup>109</sup>

Parte do material bibliográfico que fora importado para a Comissão Científica recebeu seu *ex-libris* e foram então incorporados à Biblioteca do Museu Nacional. Deles advêm várias referências iconográficas como fontes para estudos referentes à genealogia do estilo ligado às viagens científicas. São ilustrações de pássaros, plantas primitivas, animais e costumes além das referências de vistas que vêm de obras como o *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite commandée par M. Vaillant*, onde se encontram gravuras de vistas principalmente do Rio de Janeiro.

---

<sup>109</sup>IHGB. “18ª Sessão ordinária de 6 de novembro de 1891”. *Revista do IHGB*, t. 54, 1892. 2. p. 269. *Apud* D.F.F. Cunha. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. p. 40- 60. (Grifo adicionado).



Fig. 2.4 - Dessiné par Fiaquet. *Cascade de Tijouka a Rio Janeiro* (Brésil). Fonte: *Voyage autour du monde de M. Vaillant*<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> M. Vaillant. *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite*. Paris: A. Bertrand, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas. Classificação Museu Nacional de História Natural: OR 910.41 V975v + **IN FOLIO 286 OR atlas**.



Fig. 2.5 - Dessiné par Fiaquet. Bertrand Editeur. *Église de La Glória a Rio de Janeiro (Brésil)*. Fonte: *Voyage autour du monde de M. Vaillant*



Fig.2.6 - Dessiné par Fiaquet. Bertrand Editeur *Environs de Rio de Janeiro (Brésil)*. Fonte: *Voyage autour du monde de M. Vaillant*

Pelo material iconográfico disponível de José dos Reis Carvalho, percebe-se que o referido pintor esteve mais próximo destas vistas, dos usos e costumes do que da própria ilustração de flora e fauna, matéria que aproximou mais o olhar de outro naturalista da expedição, o botânico Freire Alemão além de seu sobrinho Manoel Freire Alemão.



Fig. 2.7 - José dos Reis Carvalho, *Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859*, Aquarela/Lápis de cor/papel, 17,9 x 37,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

## 2.2 - O início dos trabalhos da Comissão Científica de Exploração

Depois de criada e contratada em 1857 a Comissão manteve-se no Rio de Janeiro ainda por dois anos, para os preparativos que envolviam aquisição de livros e materiais, incluindo uma canoa portátil que viera dos Estados Unidos. Segundo Margaret Lopes as obras alemãs para a Comissão Científica de Exploração foram compradas em Hamburgo, na Perthes Besser & Mauke, e também na Brockhaus, de lá vieram as publicações da Academia de Ciências de Viena para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Outros equipamentos como vidros, telescópios, papéis para desenho, dentre outros, viriam de casas como Sotheran & Willis, Newmann, M. Deis de Londres e Paris.<sup>111</sup>

Capanema recebera a incumbência da aquisição dos objetos necessários à Comissão Exploradora. Gabaglia e Gonçalves Dias viajaram até os fabricantes da França, Inglaterra e Alemanha. Solicitou-se a fabricação de instrumentos magnéticos, microscópios, aparelhos meteorológicos, os aparelhos de análises químicas, vidros para conservação de objetos zoológicos em líquidos mandados fabricar no Museu de Viena e aparelhos de sondagens. Dos Estados Unidos vieram uma canoa portátil de goma elástica destinada para o exame dos rios e lagoas, sondas para os poços artesianos e microscópios. Os cronômetros vieram da Inglaterra. Para a Seção Astronômica, foram adquiridos muitos aparelhos e ferramentas usados na manutenção dos instrumentos matemáticos. Capanema afirmava que os instrumentos geodésicos causavam o atraso da partida da expedição, pois além da dificuldade de encontrar bons construtores, eles não os liberavam antes de perfeitamente verificados e corrigidos, muitos chegavam a demorar cinco anos para entregar encomendas.<sup>112</sup>

Capanema alegava dificuldades para obter o instrumental da *Seção Astronômica e Geográfica*, mas, além disso, estava envolvido com negócios na corte. Com a morte do Marquês de Paraná, a 4 de maio de 1857 subia ao gabinete

---

<sup>111</sup> M. Margaret Lopes. "A Comissão Científica de Exploração uma "Expansão para dentro"". In: L. Kury. *Op cit.*, 2009. p. 56.

<sup>112</sup> G. S. de Capanema, "Relatório do Sr. Dr. Capanema". In: *RIHGB*, Tomo XX, 1857, pp. 63-7.

o Marquês de Olinda. Capanema via-se contrariado, achava-o arbitrário. Foi quando Manuel Araújo Porto-Alegre, cunhado de Capanema e também secretário do IHGB, colocado à frente da Academia de Belas-Artes pelo Imperador como chefe do gabinete, não fora consultado quanto à nomeação de um professor para a cadeira de Pintura Histórica, para ele o substituto escolhido era de pouca habilidade artística.<sup>113</sup> Capanema então escreveu para Gonçalves Dias pedindo tempo:

“Digo-te em todo segredo que será uma imprevidência de nossa parte partir para o sertão enquanto Olinda for Ministro [...] Pensa e reflete bem e maduramente nas circunstâncias e demore as encomendas [...] assim ganhamos tempo e iremos quando Deus nos favorecer.”<sup>114</sup>

As orientações de Capanema foram seguidas à risca. A partida foi adiada até a queda do gabinete do Marquês de Olinda, substituído a 12 de dezembro de 1858 pelo Visconde de Abaeté. Gabaglia demorou com as compras de sua responsabilidade e regressou apenas nos primeiros dias de 1859.<sup>115</sup>

Vencidos esses entraves, o navio a vapor partiu da corte em 26 de janeiro de 1859, em 04 de fevereiro de 1859 chegou à Fortaleza. Como em outras representações de navios que transportavam comissões científicas, tal qual Thomas Ender, Augustus Earle e as ilustrações que aparecem no *Voyage autour du monde* de M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875), Reis Carvalho representou um navio da expedição portando a Bandeira do Império do Brasil, de 1822, autoria de Debret e colaboração de José Bonifácio, a aquarela, abaixo, pertence ao acervo do Museu do Crato.

---

<sup>113</sup> R. Braga, *op. cit.*, p. 35.

<sup>114</sup> *Carta de Capanema a Gonçalves Dias Apud* R. Braga, *op. cit.*, p. 35.

<sup>115</sup> R. Braga, *op. cit.*, p. 36.



Fig. 2.8 - José dos Reis Carvalho, [O Navio Palpite/Tocantins?]. Museu do Crato.

Fonte: Azevedo, Miguel Ângelo de. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, Capa.



Fig. 2.9 - M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *La Favorite*: Fonte. *Voyage autour du monde*.

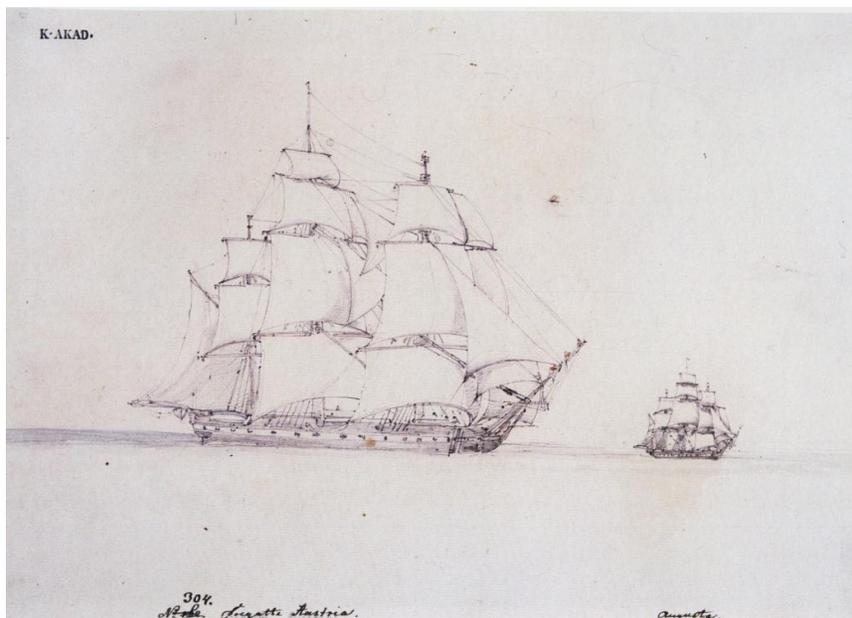


Fig. 2.10 - T. Ender. *Fragata Áustria – Augusta*. Lápis, um pouco aquarelado, 200 x 277 mm.  
Fonte: R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender*.

O desembarque ocorreu debaixo de repetidas pancadas de água. Francisco Freire Alemão, chefe da Seção Botânica, informa no seu relatório que o tempo era de florescência e colheram bons exemplares de grande número de espécies que, após preparadas, foram guardadas em caixas de folha de Flandres. O quadro, então, era favorável para a Seção Botânica que pôde assistir à transformação dos campos, quando depois da seca vinham as primeiras águas; teriam farto material de estudo, como relatou Freire Alemão:

“Os arbustos, queimados pela estação calmosa, garranchosos, tristes, quase mortos rebentam em viço e vigor de modo admirável, e se cobrem de abundantes e variadas flores”.<sup>116</sup>

Segundo Maria Sylvia Porto-Alegre, o grupo chegou pelo Mucuripe onde há o farol que fora pintado por José dos Reis Carvalho [Fig. 50, Anexo II]; na época Fortaleza contava com 35.000 habitantes. O grupo visitou a foz do Rio Ceará onde ficavam as ruínas da antiga Vila Velha e, em Fortaleza, ficaram no Outeiro

<sup>116</sup> F. Freire Alemão, “Relatórios dos Membros da Comissão Lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, in: .R. Braga, *op. cit.*, p. 260.

da Praia e no cais do porto, próximo à alfândega [Fig. 54 Anexo II], ali aguardavam a chegada dos navios que traziam o correio e os jornais com notícias do Rio de Janeiro.<sup>117</sup>

A Comissão instalou-se no Liceu Cearense [Fig. 53].<sup>118</sup> O Liceu, representado em um dos desenhos de Reis Carvalho, foi criado em 1844 e dirigido pelo naturalista Thomaz Pompeu de Souza Brasil com quem os membros da Comissão Científica trocavam informações sobre a natureza e clima do Ceará.<sup>119</sup>

Um fragmento do relatório produzido por Freire Alemão indica uma parte do itinerário da Comissão Científica: no mês de setembro, depois de várias subidas à serra da Aratanha e a outras, entraram nos Cariris, viajaram no rigor da seca, os leitos dos rios eram largos areais, as matas estavam desfolhadas e os pastos torrados, essa paisagem entristecia, mas sobressaíam algumas árvores como o juazeiro. Diz Francisco Freire Alemão: “Mais notáveis se faziam outras que, abrasadas [...], ainda sem folhas adornavam de vistosas flores [...]”. Em sete de outubro, estavam no Iço, lá, por quarenta dias, estudaram as plantas sertanejas, a maioria florida. No dia três de dezembro, entraram no Crato, estavam nos Cariris, um oásis, de onde se via o monte Araripe, revestido de vegetação que denominam agreste, jorrava água límpida que refrescava os contornos daquele monte e mantinha a vegetação luxuriante. Em fins de janeiro de 1860, enquanto o adjunto da Seção, Manuel Freire Alemão, colhia e estudava plantas do alto Araripe, Francisco Freire Alemão afirma ter ido fazer uma excursão ao Exu, através do Araripe junto com o chefe da Seção Zoológica, Manoel Ferreira Lagos. De volta para o Crato, em 4 de fevereiro, prossegue no estudo da flora acompanhada de

---

<sup>117</sup> M. Sylvia Porto Alegre. “150 anos depois: Na ronda do tempo”. In: L. Kury (org.). *op. cit.*, 2009. pp. 10-15.

<sup>118</sup> M. Margaret Lopes. “A Comissão Científica de Exploração uma “Expansão para dentro””. In: L. Kury. *Op cit.* 2009. p. 70.

<sup>119</sup> A. B. de Menezes. “Descrição da Cidade de Fortaleza”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1895. pp. 147-221.

progressiva florescência, o que enriquecia o herbário. O relatório continua com uma rica descrição da paisagem do Ceará.<sup>120</sup>

Os resultados da Comissão Científica eram esperados pela comunidade científica internacional, Gonçalves Dias dizia ao Imperador que seriam publicados artigos sobre a Comissão em periódicos franceses, alemães e ingleses embora os jornais no Brasil dissessem que as Instruções eram colossais e os membros não conseguiriam executá-las.<sup>121</sup>

O material coletado no Ceará figurou na primeira *Exposição Nacional da indústria e das artes brasileira* do Rio de Janeiro, de 1861 foi realizada após Manoel Ferreira Lagos organizar, entre os dias 7 e 14 de setembro, em um dos salões Museu Nacional, uma exposição de produtos naturais relativos à indústria da província do Ceará, relacionados à Comissão Científica. A Exposição Nacional, que contou com a presença de D. Pedro II e as princesas D. Isabel e D. Leopoldina, era um ensaio para a participação do Brasil na *Exposição Universal de Londres* que ocorreria em 1862 e para onde Reis Carvalho enviara uma pintura a óleo de flores, Agostinho da Mota um quadro de floresta e outro de frutas e Müller um quadro de paisagem. Manoel Lagos expôs a litografia “Um Vaqueiro” e também foram expostas litografias “Carnaúba”, “Productos da Carnaúba”, “Estatua de Bronze de S. M. o Imperador D. Pedro II”, realizadas pelo Instituto Artístico.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> F. Freire Alemão, “Relatórios dos Membros da Comissão Lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, in: R. Braga, pp. 260-3.

<sup>121</sup> M. Margaret Lopes. “A Comissão Científica de Exploração uma “Expansão para dentro””. In: L. Kury. Op cit. 2009. pg. 56. [Nota 10: Carta de Giacomo Raja Gabaglia para Gonçalves Dias. Londres, 7 de fevereiro de 1857. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 91, 1971. Correspondência Passiva de Antônio Gonçalves Dias. Divisão de Publicação e Divulgação. 1972]. Disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br) (Biblioteca Digital).

<sup>122</sup>C. f. O *Relatório Geral da Exposição Nacional de 1861* foi publicado por Antonio Luiz Fernandes Cunha no “Diário do Rio”, Rio de Janeiro, 1862. Veja RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. pp.4,8 e 125.

### Capítulo 3

## **José dos Reis Carvalho e suas ilustrações para a Comissão Científica de Exploração**

As primeiras informações sobre José dos Reis Carvalho aparecem em meados de 1830 no *Voyage Pittoresque* de J. B. Debret. É nomeado como pintor de cenários de teatro, de marinas, flores e frutas. A Tese de Cybele Fernandes informa que o artista frequentava o ateliê do mestre francês desde 1816 no Catumbi e ainda teria assinado uma petição na qual Debret solicitava o uso da Academia.<sup>123</sup>

O pintor José dos Reis Carvalho viveu aproximadamente entre os anos de 1816 e 1882, quando se iniciou no ateliê de J. B. Debret no Catumbi até sua última aquarela conhecida com maior datação: *O Cumeta* (Museu D. João VI, Fig. 17, Anexo II).

Não há dados documentais disponíveis sobre seu nascimento, morte, filiação, etc. Tudo o que se sabe sobre o pintor está na *Viagem Pitoresca de Debret*<sup>124</sup> em poucos documentos manuscritos nos Arquivos do Museu D. João VI, no *Diário de Viagem* de Francisco Freire Alemão<sup>125</sup> e nos *Catálogos de Exposições da Academia de Belas Artes* que foram compiladas por C.R.M. Levy.<sup>126</sup>

---

<sup>123</sup> FERNANDES, C. V. N. *Os caminhos da Arte. O Ensino Artístico na Academia Imperial das Belas Artes – 1.850/1890*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001, p. 177. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, “José dos Reis Carvalho assina um abaixo-assinado para que se atenda ao pedido de Debret para uso da Academia”. Rio de Janeiro, 14/08/1823. Mss.: 750.781/m; I-46,4,99.

<sup>124</sup> J. B. Debret, *Viagem Pitoresca e História do Brasil*, Tomo II, Vol. III, (1972), pp.115-117.

<sup>125</sup> F.F.Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão...*, Museu do Ceará, 2006.

<sup>126</sup> LEVY, C.R.M. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes: período monárquico - catálogo de artistas entre 1840 e 1884*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1990, p. 280.

Elogios à sua obra aparecem em artigo da revista *Minerva Brasiliense* publicado por Manoel Araújo Porto-Alegre, de 1844<sup>127</sup> e também na crítica de Luiz Gonzaga Duque presente em sua obra *Arte Brasileira*.<sup>128</sup>

As referências secundárias sobre este pintor aparecem em *A muito leal e Heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* de Gilberto Ferrez, de 1965, onde o autor apresenta as duas aquarelas pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, *Teatro Provisório em 1853* e *Igreja de Sant'Ana em dia de Festa em 1851*.<sup>129</sup>

Reis Carvalho é frequentemente mencionado por autores como Laudelino Freire<sup>130</sup> e Roberto Pontual. O *Dicionário Artes Plásticas no Brasil* de R. Pontual, publicado em 1969, apresenta-o como desenhista, cenógrafo, decorador, pintor de naturezas mortas, retratos e paisagens exibidas em várias exposições. Obteve medalha de ouro na exposição de 1865. Pontual apresenta Reis Carvalho também como professor da Academia Imperial de Belas Artes e da Escola Imperial da Marinha, onde fora professor de desenho.<sup>131</sup>

Durante sua carreira, o artista participou de várias exposições e recebeu diversos prêmios, entre eles o *Cavaleiro da Ordem da Rosa*<sup>132</sup> de D. Pedro II por

---

<sup>127</sup> PORTO ALEGRE, M. A. "Exposição de 1843". *Minerva Brasiliense*, 1º. de Janeiro de 1844, vol. 1, No. 5, p. 151.

<sup>128</sup> DUQUE ESTRADA, L. G. *A arte Brasileira*, Introdução e notas Tadeu Chiarelli, São Paulo: Mercado das Letras, 1995. p. 109.

<sup>129</sup> G. Ferrez, *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro : quatro séculos de expansão e evolução (1565-1965)*, p. 181.

<sup>130</sup> L. Freire. *Um século de pintura – Apontamentos para a História da Pintura no Brasil de 1816 a 1916*. O autor afirma que Reis Carvalho assumiu a vaga de professor de desenho da Escola Imperial na Marinha na vaga de José de Cristo. Na exposição de 1829, expôs quatro obras: *Prisão* (pintada no teatro, a partir de uma cena do balé *Ursupador Punido*, de Montani), segunda *Prisão*, esta copiada de Debret, *Marinha*, cópia de Debret, e um *Grupo de Frutas e Flores do País*. Na Exposição de 1830, expôs, além das obras do ano anterior, mais o *Retrato de Giulio Romano*, copiado de Debret, um *Castelo Antigo* e uma *Alegoria à Criação da Ordem da Conceição*. Disponível em [www.pitoresco.com/laudelino/reis\\_carv.htm](http://www.pitoresco.com/laudelino/reis_carv.htm).

<sup>131</sup> R. Pontual, *Dicionário de Artes Plásticas no Brasil*, p. 114-5.

<sup>132</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Diploma a José dos Reis Carvalho, nomeado Cavaleiro da Ordem de Roza por Decreto, Rio de Janeiro, Mss.: C-1019,73.

ocasião da 9ª. Exposição em 1848.<sup>133</sup> Iniciou suas exposições com J. B. Debret (Tabela 1, Anexo I).<sup>134</sup>

Com a partida de Debret para França, Reis Carvalho prosseguiu participando das Exposições Gerais de Belas Artes (Tabela 2, Anexo I), sendo frequentemente premiado.<sup>135</sup>

Em 1861, enviou para Londres uma composição de flores como relata o Catálogo *Recordações da Exposição Nacional de 1861*, gênero de pintura no qual se destacava como se pode ver na série de aquarelas com flores do acervo do Museu D. João VI (Figs. 95 a 132, Anexo II).<sup>136</sup>

Sua produção era considerada por Manuel de Araújo Porto-Alegre de um caráter nacional, como destacou no periódico *Minerva Brasiliense* ao comentar a Exposição de 1843:

“Uma produção de um gênero diferente, e que pertence inteiramente à escola brasileira, porque ela representa uma cena particular do país é o quadro de José dos Reis Carvalho, discípulo de Debret. [...]”<sup>137</sup>

Embora não existam informações sobre os trabalhos de Reis Carvalho que foram apresentados nesta exposição de 1843, próximo a esta data, há uma belíssima composição realizada pelo pintor com o título *Natureza morta com cristas* de 1841 (Fig. 1, Anexo II).

A maioria de seus trabalhos são posteriores ao ano de 1851. Antes deste ano, realizou ainda um desenho de figura humana intitulado *Retrato de Criança – Araújo*, de 1837 (Fig. 13, Anexo II, MDJ), uma *Paisagem* de 1842 (Fig. 14, Anexo II, MDJ) que representa uma cena de vilarejo noturna. Os trabalhos anteriores à

---

<sup>133</sup> LEVY, C.R.M. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes: período monárquico - catálogo de artistas entre 1840 e 1884*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1990, p. 280.

<sup>134</sup> J. B. Debret, *Viagem Pitoresca e História do Brasil*, Tomo II, Vol. III, (1972), pp.115-117. Veja também A. Galvão, “Cousas Antigas”, *Arquivos*, pp. 131-6. Este autor apresenta os títulos das obras.

<sup>135</sup> C.R.M.Levy. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes – Período Monárquico, Catálogo de artistas e obras entre 1840 e 1884*.

<sup>136</sup> RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. Rio de Janeiro, Confraria do Livro.

<sup>137</sup> PORTO ALEGRE, M. A. “Exposição de 1843”. *Minerva Brasiliense*, 1ª. de Janeiro de 1844, vol. 1, No. 5, p. 151.

sua viagem ao Ceará foram reproduzidos no Anexo II desta Tese (Item 7.2), mas a maior parte de sua obra está relacionada à Comissão Científica de Exploração (1859-1861).

A dimensão da capacidade que o artista possuía para conferir um precioso efeito de realidade nas composições, ao realçar a singularidade, a particularidade e a objetividade de cada um dos elementos da composição, pode ser constatada pelas composições de flores presentes no acervo do Museu D. João VI além das duas naturezas mortas com flores (Fig. 1 e 2, Anexo II) referidas por Luciano Migliaccio durante a *Mostra do Redescobrimento*.<sup>138</sup>

Juntamente com Agostinho José da Motta e Estevão da Silva, Reis Carvalho “pode ser considerado um dos mais importantes expoentes da pintura de natureza-morta no Brasil do século XIX”, como afirmou Rafael Cardoso.<sup>139</sup> No gênero da natureza notabilizou-se a ponto de o crítico Luiz Gonzaga Duque referir-se a Reis Carvalho como um fiel pintor dos temas ligados à natureza:

“Reis Carvalho que acompanhou de muito perto todo o período do “Movimento”, faleceu ignorado, segundo se diz, no interior desta província. Dedicou-se à pintura de natureza morta (flores e frutos), gênero em que se tornou notável pela fidelidade com que procurou sempre copiar a natureza. Além desse gênero pintou não pequeno número de retratos, que ligeira importância mereceu”.<sup>140</sup>

Como apontou Gonzaga Duque, Reis Carvalho parecia dedicar-se também a fotopintura. Conforme registra o verso de uma fotografia com cena familiar, pertencente ao acervo do atual Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o pintor trabalhava em um estúdio localizado na Rua do Ourives, N<sup>o</sup>. 02.<sup>141</sup>

---

<sup>138</sup> MIGLIACCIO, L. “O século XIX”. In: Aguiar, Nelson (org.) *Mostra do Redescobrimento*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

<sup>139</sup> R. Cardoso. “José dos Reis Carvalho”. In: *A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]*. p. 33.

<sup>140</sup> DUQUE ESTRADA, L. G. *A arte Brasileira*, Introdução e notas Tadeu Chiarelli, São Paulo: Mercado das Letras, 1995. p. 109.

<sup>141</sup> IHGB, *Retrato de um casal não identificado*. No verso: *Oferecido a minha Madrinha Sem@ D. Emilião. Photographia e Pintura de Reis Carvalho*. R. do Ourives, 2. Rio de Janeiro. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – Iconografia.

Pelas obras conhecidas, a feição de Reis Carvalho inclinou-se de forma mais acentuada a registrar costumes populares e aparece ainda antes de partir com a expedição em 1859. Tais ilustrações incluíam registros do trabalho de escravos carregadores de água, músicos, encarregados pela iluminação pública, marinheiros, além de atividades religiosas e os locais de festas públicas. As aquarelas que ilustram estas atividades, reproduzidas no Anexo II, são: *Iluminação de azeite de Peixe* (Fig. 12), *Becos dos Marinheiros* (Fig. 10), [Dois músicos] (Fig. 9), *Chafariz [...] Catumbi* (Fig. 11), *Cerimônia Religiosa* (Fig. 6), *Pátio do Hospício de Jerusalém* (Fig. 5), *Igreja de Sant'Ana em dia de Festa* (Fig. 4) e *Teatro Provisório* (Fig. 3).

Diferente dos outros pintores formados pela Academia Imperial de Belas Artes, Reis Carvalho não demonstrou interesse em registrar as atividades da corte e do soberano, apenas duas pinturas mostram soldados da guarda real com cavalos, uma do Museu D. João VI (Fig.7, Anexo II) e outra da Biblioteca Nacional (Fig.8, Anexo II), ambas de 1853.

Seu interesse pela natureza morta expressa nas composições de flores, pelos costumes populares expressos nas atividades da vida cotidiana e pelos retratos foram os motivos que o levaram a ser convidado a participar da Comissão Científica de Exploração, subsidiada pelo governo Imperial.

Reis Carvalho e M. A. Porto-Alegre, acompanhados ainda de Gonçalves de Magalhães, Luís Aleixo Boulanger, Maurício Rugendas, dentre outros, frequentavam a casa do mordomo Paulo Barbosa, como informou Leticia Squeff.<sup>142</sup> Desta convivência, é possível que Manoel de Araújo Porto-Alegre tenha influenciado a escolha de Reis Carvalho como “desenhador” da Comissão Científica, pois era o secretário do IHGB quando, na 8ª. Sessão de 25 de julho de 1856, os chefes das Seções foram incumbidos da indicação de um artista para expedição.<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup> L. Squeff, *O Brasil nas Letras de um Pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879)*, pp. 60-72.

<sup>143</sup> IHGB. SAPUCAHY, V. “8ª. Sessão de 25 de julho de 1856”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil Tomo XIX, Suplemento*, 1856, pg. 22.

Mas também possa o pintor, através de suas pinturas de flores, ter caído nas graças do botânico Francisco Freire Alemão, o presidente da Comissão Científica. Em seu *Diário*, o botânico frequentemente demonstrava interesse pelas técnicas do desenho e no ano anterior à formação da expedição no IHGB, em 1855, fora aceito como membro honorário da Academia Imperial de Belas Artes.<sup>144</sup> Ali, Freire Alemão também convivera com Reis Carvalho. Na AIBA o pintor mantinha parte de suas atividades, seja participando de comissões para avaliação de quadros, seja eventualmente lecionando pintura de paisagem. Durante os trabalhos da expedição, enquanto percorriam as paisagens do Ceará, a convivência de ambos era permanente, segundo descreve Freire Alemão em seu *Diário*.

Em suas raízes como aluno de Debret, encontram-se importantes referenciais comparativos que situam Reis Carvalho junto aos os artistas viajantes do século XIX no Brasil. Debret viajou ao sul do país pelas províncias de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande e empenhou-se em documentar a realidade dos diferentes grupos humanos representados pelos escravos na corte ou os índios embrenhados nas matas. José dos Reis Carvalho, também como artista viajante, foi para o nordeste do Brasil para retratar a vida daquela parte do país que parecia ser desconhecida para o restante do Império.

As aquarelas de José dos Reis Carvalho constituem um significativo material visual que permite analisar as relações do sertanejo com a paisagem e compreender o que foi esta expedição, sob o ponto de vista da cultura cearense e da arte produzida pelo artista viajante. O pintor incluiu como tema de suas aquarelas o vaqueiro, as vaquejadas, as atividades comerciais e cotidianas do povo, seus artefatos de trabalho, suas habitações, edificações de igrejas, humildes

---

<sup>144</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Título de membro honorário da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1855.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,69. (MS 548 (2)). Diz o documento: “Na sessão de quatro de junho de mil oitocentos e cinquenta e cinco foi aclamado a membro honorário Dr. Francisco Freire Alemão”. [É assinado por Manoel de Araújo de Porto-Alegre – Diretor]. A convivência de Reis Carvalho e Freire Alemão aparece no diário de Freire Alemão: F.F.Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão...*, Museu do Ceará, 2006.

e rústicas habitações e vistas de vilas, a terra desolada, a paisagem diversa e exuberante das serras, elementos constituintes das paisagens do sertão.

José dos Reis Carvalho, além de retratar a relação do sertanejo com a aridez da terra, realizou um conjunto de aquarelas para Comissão Científica que compreende atividades de trabalho de pesca com jiqui em duas aquarelas (Fig. 68 e 69), jangadas também em duas aquarelas (Fig. 70 e 71), venda de cajus e peixes, venda de sapatos ou garapa, os trabalhadores para o correio cearense (Fig. 77), os vaqueiros e as vaquejadas e os diferentes aspectos da paisagem como o mangue, a serra e a caatinga. A beleza dessas aquarelas transporta para a simplicidade da vida do interior do país. Ao mesmo tempo, essas aquarelas documentam a história das cidades surgidas em decorrência da crescente interiorização do Brasil Imperial.

Com o fim dos trabalhos da Comissão Científica, Reis Carvalho voltou a dedicar-se às suas atividades artísticas e também eventualmente a lecionar na AIBA, um documento manuscrito do Arquivo do Museu D. João VI informa que ele lecionava pintura em meados de 1879.<sup>145</sup>

Sua atuação em comissões para avaliação de trabalhos artísticos aparece registrada em um manuscrito dos Arquivos do Museu D. João VI no qual é citado quando a Diretoria do Ministério busca a nomeação de uma comissão para classificar o valor do quadro de Victor Meireles a *Batalha de Guararapes*, a comissão seria composta ainda por João Zeferino da Costa e João Maximiliano Mafra.<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> MUSEU D. JOÃO VI, “Ofício Academia Imperial de Belas Artes informando que José dos Reis Carvalho é professor de Pintura a ser apresentado para aula de Paisagem, flores e Animais”. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1879, Mss.: 4708.

<sup>146</sup> MUSEU D. JOÃO VI, “Ofício Academia Imperial de Belas Artes solicitando nomeação de comissão composta por José dos Reis Carvalho para classificar valor de quadro de Victor Meireles”, 09 de maio de 1879, Mss.: 5580.

### 3.1 – Registros das Paisagens

O pintor José dos Reis Carvalho mostrou-se capaz de despertar a paisagem para um novo gênero pictórico sancionado pela Academia de Belas Artes depois de participar das primeiras exposições que J.B. Debret promovera durante o período de fundação da AIBA.<sup>147</sup> Para Reis Carvalho, como para J. B. Debret, a aquarela foi a técnica mais propícia para o artista viajante. A técnica, incentivada por Manuel de Araújo Porto-Alegre para as aulas de pinturas de paisagens, apresentava secagem rápida e por isso permitia maiores deslocamentos durante a expedição.

J. -B. Debret, em *Viagem Pitoresca*, faz referência aos viajantes como Maximiliano de Neuwied, Augusto de Saint-Hilaire, Spix e Martius, Langsdorf e Frederico Celaw indicando o contexto histórico de sua obra que realizou durante os anos nos quais trabalhou no Brasil, de 1816 a 1831. Os temas que apareciam nas composições dos viajantes seriam também recorrentes nas pinturas de José dos Reis Carvalho para a Comissão Científica no Ceará e estão presentes em suas aquarelas as categorias topológicas com vistas de cidades e lugarejos, bem como o interior das florestas.

Um desses aspectos da paisagem cearense aparece em *Acampamento de Missão Científica*, (Fig. 19, Anexo II). O lugar era constituído de mata exuberante caracterizado pela presença de uma enorme árvore na posição central da composição sob a qual estão sentados dois naturalistas da Comissão Científica. Seria muito provável dizer que um dos naturalistas da composição seja Manoel Ferreira Lagos, o chefe da Seção Zoológica e outro Francisco Freire Alemão, o presidente da Comissão Científica. Reis Carvalho representou as caixas que transportavam os materiais da expedição com a marca “CS”, designando “Comissão Científica”, e “Seção Zoológica”.

Como descreveu Debret, por ocasião de sua viagem ao sul do país, no acampamento científico:

---

<sup>147</sup> Veja as Tabelas 1 e 2 as exposições e os prêmios recebidos pelo pintor José dos Reis Carvalho.

“[...] o viajante no Brasil deve ter ainda força de cuidar atentamente todas as noites do preparo do pouso no meio das inúmeras florestas, [...] Terminado o dia, ele acende o fogo, [...] a fogueira, alimentada durante toda a noite, preserva-o dos animais ferozes [...]”.<sup>148</sup>

Estes momentos de pausa foram representados por Reis Carvalho quando os viajantes estavam embrenhados na vegetação e com os trabalhos em curso. Envolviam atividades de alimentação e descanso da tropa, rever as anotações diárias, alimentar e ferrar os cavalos, limpar o armamento de defesa do grupo, além de planejar as ações para o dia seguinte.

Atento às atividades de campo dos viajantes, no dia 29 de setembro de 1859, quando os membros da Comissão Científica iam de Aracati ao Iço, Freire Alemão relatou em seu *Diário* que “O Reis [Carvalho] foi logo desenhar o [...] rústico acampamento, assim como fazer depois o prospecto da igreja [...]”.<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> J. B. Debret (1768-1848). “Acampamento Noturno de Viajantes”. In: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 270-271. Dos viajantes citados, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) foi o botânico francês que acompanhou em 1816 a comitiva do Duque de Luxemburgo ao Brasil, são conhecidas suas obras ilustradas *Flora Brasiliæ meridionalis* (Paris, 1825-1833) e *Plantes usuelles des Brésiliens* (Paris, 1824): E.J.S. Stickel, *op. cit*, p. 520.

<sup>149</sup> FREIRE ALEMÃO, F. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão/ Fortaleza- Crato, 1859*. p. 134.



Fig. 3.1 - José dos Reis Carvalho, *Acampamento de Missão Científica*, Aquarela/Lápis de cor/Papel – 1859; 20,9 x 32,8; Museu D. João VI, UFRJ.

Esta citação demonstra o interesse de Reis Carvalho em representar as interações existentes entre os componentes da expedição e a natureza bem como seu desejo de realizar ilustrações para registrar as construções que existiam nas paisagens. Eram igrejas, casas e edificações públicas. Algumas agregavam conhecimentos populares sobre as edificações, outras eram regidas pelos desenhos arquitetônicos realizados por profissionais radicados no Ceará para edificações de edifícios públicos ou templos como a *Igreja do Menino Deus em Sobral* (Fig. 41, Anexo II). Na citação, acima, Freire Alemão possivelmente referia-se a ilustração da *Matriz na Cidade do Aracati* (Fig. 44, Anexo II) ou a igreja de *Na. Sra. do Rosário, na cidade do Aracati* (Fig. 48, Anexo II).

As paisagens registradas por Reis Carvalho compreendem diferentes aspectos da vegetação e em sua maioria referem-se ao sertão longínquo descrito por Freire Alemão em seu *Diário*. Entre elas estão a exuberância da vegetação tropical e a topologia específicas das regiões serranas que aparecem em

*Viajantes com burro de carga* (Fig. 26), a vida nos manguezais em *Paisagem Vegetação do Ceará* (Fig. 31(b)), a terra desolada no sertão e nas caatingas em *Casal em Viagem* (Fig. 20), *Cacimbas do Rio Acaracú* (Fig. 23), *Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859* (Fig. 57), *Estação de carros no sertão* (Fig. 34), *Pedras Russas* (Fig. 33) e *Correio do Ceará* (Fig. 77). A vegetação próxima das montanhas aparece em *Tauá e Serra do Arerê* (Fig. 28).

## **3.2 - As vistas de Paisagens na Academia Imperial de Belas Artes**

### **3.2.1 - A paisagem identificada como ícone do Império**

As paisagens representadas por Reis Carvalho possuem características específicas próximas aos objetivos do registro e da documentação, inerentes à ilustração científica. Suas aquarelas com paisagens diferem da natureza das representações da paisagem brasileira em outros pintores do período que, em alguns momentos, atendiam às concepções da pintura acadêmica ligadas ao poder do soberano e à representação da paisagem como meio de propagar o Brasil Imperial perante as nações europeias. Convém destacar alguns pontos.

A pintura de paisagem que chega ao Brasil com a Missão Francesa comumente insere-se no modelo seguido por J. P. Hackert como Primeiro Pintor de Paisagem, Caças e Marinhas da corte de Ferdinando IV de Bourbon. Aquelas paisagens, segundo os anseios do soberano, eram meio de divulgação de uma nova imagem do soberano como um rei caçador e pescador interessado nos costumes do povo, como afirmou Luciano Migliaccio.<sup>150</sup>

Segundo L. M. Schwarcz, através de Nicolas-Antoine Taunay a natureza representada nas primeiras paisagens brasileiras seguiam este modelo e elas eram ícones que buscavam reafirmar a identidade brasileira; apresentava-se sob um aspecto contemplativo ao qual o observador era levado quando se colocava diante de composições como *Cascatinha da Tijuca* (Museu I Reinado) ou quando

---

<sup>150</sup> C. f. L Migliaccio. "A pintura Clássica como Alegoria do Poder do Soberano: Hackert na Corte de Nápoles e as Origens da Pintura de Paisagem no Brasil". In: Mattos, C. V. de. *Goethe e Hackert sobre a pintura de Paisagem: quadros da natureza na Europa e no Brasil*. pp. 87-126.

a figura do soberano era enaltecida como em *D. João e D. Carlota Joaquina passando na Quinta da Boa Vista perto do Palácio de São Cristóvão* (Museu Nacional, Palácio de São Cristóvão), nesta composição a presença de N.-A. Taunay confirmava sua vocação de pintor da corte.<sup>151</sup>

De certo modo, a paisagem que aparece nas aquarelas de Reis Carvalho durante os trabalhos da Comissão Científica seguiram outro modelo de representação distante de uma idealização da natureza. Seu caráter científico documental aproximava a paisagem da realidade do homem popular, cuja expressão apareceu em outros artistas viajantes como Von Martius e Rugendas.

### **3.2.2 - A paisagens vistas por viajantes: Debret, Von Martius e Rugendas**

A observação cuidadosa das paisagens de Reis Carvalho para a Comissão Científica denota sua percepção sobre uma natureza degradada pela ação humana, amplamente criticada tanto pelos textos dos naturalistas e artistas, quanto pelas pinturas realizadas pelos viajantes que o antecederam.

Nas aquarelas de Debret, o elemento humano é o foco central da narrativa inserido na paisagem, sua historicidade é o que fundamenta sua presença na composição, a natureza apresentada aparece como um cenário onde transcorrem as ações criadas pelo homem e sua ausência implica numa natureza virgem e intocada.

Debret, como professor de Pintura Histórica, ao retratar uma cena de paisagem na *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* com a presença de aves, além de demonstrar sua habilidade em pintar fauna e flora na margem de um rio ou uma lagoa, conta uma história da natureza do Novo Mundo que se mostra intocada e inerte diante dos estímulos humanos inexistentes.<sup>152</sup>

---

<sup>151</sup> L.M. Schwarcz. *O sol do Brasil, Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. Pp. 256-7.

<sup>152</sup> J. B. Debret, *Viagem Pitoresca e História do Brasil*, (1989), p. 98.



Fig. 3.2 - J. B. Debret. [Paisagem]. Viagem *Pitoresca*.

Ao oferecer esta prancha aos pintores de paisagem e história, Debret faz lembrar o momento em que a natureza é mata virgem e ponto de partida temporal para historicidade de uma paisagem sujeita às transformações decorrentes das atividades humanas:

“Essa lembrança é uma coleção de desenhos versando especialmente a vegetação e o caráter das florestas

virgens do Brasil. Ofereço-as aos pintores de paisagem e história [...]”.<sup>153</sup>

Contudo, os naturalistas, em seus relatos sobre a paisagem, frequentemente emitiam reflexões relacionadas às ações do homem sobre a natureza as quais resultavam em consequências nem sempre positivas, para não dizer catastróficas. Estes pensamentos, em alguns momentos, foram incorporados pelos pintores acadêmicos e pelos artistas que participavam das expedições científicas.

Von Martius, por exemplo, em um pequeno fragmento de sua *Viagem pelo Brasil*, expressou um sentimento de desilusão logo que a visão de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 14 de julho de 1817, contrastava entre o belo da natureza carioca e horror da destruição das matas.

A paisagem diante dos seus olhos, momentos antes de desembarcar em terras brasileiras, causa-lhe encantamento pela vegetação e topografia particulares ao Rio de Janeiro:

“O dia estava encantadoramente claro e límpido [...]. Não tardou a patentear-se aos nossos olhos, embora ainda distante, a grandiosa entrada do porto do Rio de Janeiro. À direita e à esquerda, elevam-se como portões da baía, escarpados rochedos, banhados pelas vagas do mar; o que domina ao sul, o Pão de Açúcar, é um conhecido marco para os navios afastados”.

Continua o viajante:

“Depois do meio dia almoçamos, aproximando-nos cada vez mais do mágico panorama, os colossais portões de rocha, e finalmente por eles estamos no vasto anfiteatro, onde o espelho do mar reluzia como sossegado lago; onde

---

<sup>153</sup> J. B. Debret, *Viagem Pitoresca e História do Brasil*, (1989), p. 95.

espalhadas em labirinto, ilhas olorosas verdejavam, limitadas no fundo por uma serra coberta de matas, como jardim paradisíaco de exuberância e magnificência. [...] todos se deleitavam na contemplação do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo, esplendor superam muito todas as belezas naturais, que jamais havíamos visto”.

Manifesta também os sentimentos experimentados diante do encontro do mar com o continente e suas edificações em meio à paisagem com rica vegetação de palmeiras por ele avistadas:

“Do azul escuro do mar, elevam-se as margens banhadas de sol e no meio do verde vivo destaca-se a brancura das casas, capelas, igrejas e fortalezas. Atrás levantam-se audaciosos rochedos de formas imponentes, cujas encostas ostentavam em toda a plenitude a uberdade da floresta tropical. Odor ambrosiano derrama-se dessa soberba selva, e maravilhado, passa o navegante estrangeiro por entre muitas ilhas cobertas de majestosas palmeiras”.

Seu estado de sublime contemplação estendia-se até o momento do desembarque:

“Assim se alternavam sem interrupções novos, graciosos e espetaculares cenários, diante de nossos olhos admirados, até que, finalmente, a capital do novo reino, iluminada festivamente pelo sol poente, se patenteou à nossa vista; chegando à altura da pequena Ilhas das Cobras, quase junto dela, deitamos âncora às cinco horas da tarde. Indescritível sensação apoderou-se de todos nós, no momento em que a âncora deu fundo de outro continente, e o troar dos canhões, com irrupção da música de guerra, saudou o almejado alvo: a feliz conclusão da viagem marítima.

Na manhã seguinte, 15 de julho, fomos levados a terra [...]".<sup>154</sup>

Esta visão, inicialmente relatada em *Viagem pelo Brasil*, Von Martius irá transpor para sua obra ilustrada também conhecida por *Historia Naturalis Palmarum*, produzida entre 1823 e 1853 que contém uma série de belíssimas ilustrações da paisagem brasileira.<sup>155</sup>

No entanto, seu sentimento diante da paisagem logo sofreria modificação tão logo o naturalista se deparasse com o modelo de desenvolvimento do Brasil Imperial onde os avanços das lavouras e das construções das cidades comprometiam as matas e os mananciais adjacentes.

Assim, Von Martius viu na utilização das queimadas para a preparação dos terrenos cultiváveis os prejuízos ao solo, às condições climáticas e aos animais, escreveu:

“Da mesma maneira que a vista de uma floresta inteira, que chamam virgem (mato virgem), tem algo que chamarias divino e casto, assim também, demoniacamente as primitivas florestas cortadas se apresentam [...]”.<sup>156</sup>

Este sentimento de Von Martius perante as florestas “demoniacamente” cortadas, as concepções sobre a preservação dos recursos naturais, sobre os desflorestamentos excessivos e as conseqüentes queimadas eram comuns no início do século XIX e repercutia entre os intelectuais do período através da imprensa.

---

<sup>154</sup> J. B. Von Spix, & C.F.P. Von Martius. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Pp. 37-41.

<sup>155</sup> C.F.P.Martius. *Genera et species Palmarum quas in itinere per Brasiliam Tupis Lentlerianis*, (Disponível no acervo do IB/USP).

<sup>156</sup> MARTIUS, C. F. P. Von & Spix, J. B. Von . *A viagem de Von Martius. Flora Brasiliensis*. Rio de Janeiro: Editora Index, 1996 *apud* DIAS, E. C. *Paisagem e Academia – Félix-Émile Taunay e o Brasil (1824-1851)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. Pg. 320.

Segundo J. A. Pádua, as ideias de Domingos Vandelli, constantes em sua *Memória sobre a agricultura de Portugal e de suas conquistas*, publicada em 1789, chegavam ao Brasil no final do século XVIII pelos viajantes da coroa como Alexandre Rodrigues Ferreira e pelo próprio José Bonifácio. Para o naturalista italiano o modelo de desenvolvimento adotado na colônia era considerado ineficiente, pois muitos recursos eram destruídos antes de serem utilizados.

Ainda que suas ideias estivessem influenciadas por questões pragmáticas preocupadas com a preservação dos recursos naturais sob o ponto de vista econômico, para ele a natureza estava sendo degradada e os solos cultiváveis tornavam-se estéreis, principalmente devido aos desflorestamentos e às queimadas. Essas atividades descobriam o solo de tal modo que seus principais nutrientes eram carregados pelas enxurradas.<sup>157</sup>

Ainda segundo Pádua, os intelectuais do Brasil Imperial como Barboza Cunha publicavam severas críticas ao desflorestamento em periódicos como *O Auxiliar da Indústria Nacional*, onde em 1833 ele publicou o artigo “Discurso sobre o abuso das derrubadas de árvores em lugares superiores de vales, e sobre o das queimadas”. Barbosa Cunha baseava-se em autores como Humboldt e Jean Antoine Fabre que publicou em 1797 o *Essai sur la théorie des torrents et des rivières*, onde condena o desflorestamento após a revolução de 1789. Também a *Revista Médica Fluminense* publicou em 1835 o discurso de Emílio da Silva Maia, na sede da Academia Imperial de medicina, era o *Discurso sobre os males que tem produzido no Brasil o corte das matas e sobre os meios de remediá-los*.<sup>158</sup>

De certo modo, essas ideias chegavam aos artistas ilustradores que se sensibilizavam em retratá-las nas suas composições e em José dos Reis Carvalho. O próprio Rugendas trazia um dos primeiros relatos iconográficos conhecidos sobre a destruição das matas em *Defrichement D'Une Forêt*, gravura que está no *Voyage Pittoresque dans Le Brésil* (1835).<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 152.

<sup>158</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. pp. 174-180.

<sup>159</sup> Gravura em litografia sobre papel presente no álbum Rugendas, *Viagem Pitoresca através do Brasil*, 1830.

Segundo S. L. Catlin, Rugendas produziu mais de cinco mil pinturas e desenhos no México, na América do Sul e no Brasil entre 1821 e 1823. Na segunda visita à América, após sua estada na Europa, quando possivelmente encontrou-se com Humboldt e Delacroix e teve contato com os pintores da Escola de Barbizon, presenciou a Revolução de Julho de 1830 e reviveu a liberdade de pensamento na França, modificou sua concepção sobre a paisagem e abandonou as descrições luxuriantes da natureza. A partir daí, Rugendas foi ao encontro dos costumes e da gente. Neste momento, as atividades humanas passaram a ser mais enfatizadas pelo pintor que a natureza monumental.<sup>160</sup>

Em *Defranchement D'Une Forêt*, Rugendas manifestou sua sensibilidade diante dos acontecimentos em florestas ameaçadas. Como cientista que extraía os elementos que caracterizavam espécimes de fauna e flora, como geógrafo que sabia privilegiar os espaços para registrar picos montanhosos, colinas, pontes, rochedos, choupanas, penínsulas, rios, baías, pores-do-sol, vistas panorâmicas de cidades, Rugendas importou-se em captar e registrar a natureza transformada pela mão do homem.

Estas novas percepções sobre a pintura de paisagem, onde a natureza comporta ela mesma uma historicidade deflagrada por um processo de apropriação humana irá aparecer em José dos Reis Carvalho como ocorreu magistralmente na pintura de um dos filhos de N. Taunay, seja ela, *Vista de hum mato virgem que se está reduzindo a carvão*, 1843, de Felix-Émile Taunay, Museu Nacional de Belas Artes. Merece também algumas considerações.

---

<sup>160</sup> S. L. Catlin. "O Artista-Cronista Viajante e a Tradição Empírica na América Latina pós-independência". In: D. Ades. *Arte na América Latina*. P. 53.

### 3.2.3 - A paisagem vista por F.-É. Taunay

As transformações que a paisagem brasileira sofreria durante o século XIX refletiam tanto o pensamento dos intelectuais do período quanto dos artistas viajantes como Rugendas e Von Martius. Tais posicionamentos sobre a degradação desenfreada das matas estariam próximos dos membros da Academia Imperial de Belas Artes já com o recebimento de um exemplar da *Flora Brasiliensis*<sup>161</sup> de Von Martius por volta de 1837,<sup>162</sup> o que demonstra o interesse da instituição pela obra e pelo pensamento do naturalista da Missão Austríaca. A mata em si era considerada um recurso natural, Carlos Taunay, filho de Nicolas Taunay, afirmava no *Manual do Agricultor brasileiro* de 1837 que as matas eram mananciais de riquezas que conservavam as fontes de água, refrescavam o clima e purificavam a atmosfera.<sup>163</sup>

O elemento de diferenciação no qual a natureza representada reflete o conjunto das ações humanas, apareceu, então, em *Vista de hum mato virgem que se está reduzindo a carvão* de Félix-Émile Taunay. Esta é umas das pinturas de paisagens mais significativas dentro do contexto histórico de sua produção, pois expressa a totalidade dos sentimentos dos naturalistas e artistas, como Debret, Von Martius e Rugendas, perante a natureza brasileira do período, antes intocada pela cultura do homem branco mas agora transformada.

Em Félix-Émile Taunay, *Vista de hum mato virgem que se está reduzindo a carvão*, pode-se contemplar tanto uma proposição quanto outra, ou seja, a representação da exuberante natureza virgem, fonte de toda riqueza de um lado da

---

<sup>161</sup> A *Flora brasiliensis* foi produzida entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban. Apresenta estudos taxonômicos de 22.767 espécies reunidas em 15 volumes com um total de 10.637 páginas. A obra é disponível em [www.florabrasiliensis.cria.org.br/index](http://www.florabrasiliensis.cria.org.br/index). Acesso em 05.10.2011.

<sup>162</sup> DIAS, E. *Paisagem e Academia – Félix-Émile Taunay e o Brasil (1824-1851)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Pg. 320. (Nota 34: Félix Taunay teve contato com as pranchas de *Flora brasiliensis* ainda em 1837, conforme destaca a ata de 14 de abril de 1837: “O Senhor diretor deu parte que pela direcção da Biblioteca Pública lhe tinham sido remetidas as folhas existentes do texto da Flora Brasileira”. AMDJ-EBA. UFRJ).

<sup>163</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 237.

composição e do outro a crítica a sua devastação e a sua destruição inconsequente. Nesta pintura de F.É. Taunay a história da natureza apresenta-se na paisagem como uma narrativa que transcorre da esquerda para a direita do quadro: a queimada parece avançar no tempo e no espaço sobre a mata exuberante e suas fontes de água.



Fig. 3.3 - Félix-Émile Taunay, *Mata reduzida a carvão*, 1843, Óleo sobre tela, 134x195, Rio de Janeiro, MNBA.

Na paisagem F.-É. Taunay, o homem aparece em sua relação histórica com a própria natureza, antes “intocada” e inerte, agora transformada fazendo parte de uma narrativa onde ela mesma irá protagonizar e subordinar os novos destinos humanos. As reações de efeito de natureza destruída, mal tocada, tornavam-se tão fortes e agressivas que as ações humanas sobre ela tornavam-se inoperantes e desarticuladas, restando como única alternativa partir.

No Ceará, sem meios para agir, o sertanejo vitimado pela escassez do principal recurso, a água, tornava-se retirante e via como única saída partir para outras regiões menos inóspitas como indica a aquarela *Família em Viagem* (Fig. 22, Anexo II). Assim, na paisagem apresentada por *Casal em Viagem* (Fig. 20, Anexo II) de em 1859, José dos Reis Carvalho expressa a condição histórica do retirante. O sertanejo é sujeito a um fator climático natural, anteriormente verificado pelos membros da Comissão Científica, mas sua condição de retirante é potencializada pela derrubada das matas ciliares aos rios, pelas intermináveis queimadas das matas virgens próximas às serras e às nascentes. A consequência vital era a falta d'água.

A Academia estava sensibilizada pela questão ambiental. Em 1845, Manoel de Araújo Porto-Alegre publicara um longo poema depois inserido na série *Brasilianas*, intitulado “A destruição das florestas”. A obra compunha-se de três cantos – “Derribada”, a “Queimada” e a “Meditação”. Amigo de D. Pedro II, professor da Academia de Belas-Artes, secretário do IHGB, diretor de uma das seções do Museu Nacional, sua oposição ao desaparecimento das florestas era dura e quase desesperada, como afirmou J. A. Pádua.<sup>164</sup>

### **3.2.4 - A paisagem percebida pela Comissão Científica de Exploração**

A questão permeava também os membros do IHGB e da Comissão Científica de Exploração. Em 1858, Rio de Janeiro, Guilherme S. Capanema publicou um livreto denominado *Agricultura: fragmentos do relatório dos comissários brasileiros à Exposição Universal de Paris de 1855*, onde criticava a abundância de recursos naturais e de mão-de-obra cativa escrava como causa de uma involução tecnológica em favor das queimadas que trouxeram, para as vizinhanças das grandes cidades, os terrenos cansados onde as sementes nada produziam. Neste artigo também discutiu o avanço das monoculturas de café no

---

<sup>164</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 162. .

Vale do Paraíba, após ter-se destruído e abandonado as florestas das montanhas da capital. Para ele, de nada adiantaria as estradas de ferro se o modelo nômade de uso da terra não fosse superado.<sup>165</sup>

Este pensamento de G. S. Capanema foi transposto para as *Instruções* norteantes da Comissão Científica de Exploração, que após constatar o estado atrasado em que se encontrava o cultivo da terra, buscou amenizar os efeitos da falta de cuidado para com o uso do solo e dos recursos naturais.<sup>166</sup> Assim, a Comissão Científica, além de pesquisar sobre os aspectos geográficos e econômicos das províncias do norte, buscava compreender as causas da seca e amenizá-las.

Tanto Freire Alemão<sup>167</sup> da Seção Botânica e presidente da Comissão quanto Guilherme Schüch de Capanema da Seção de Mineralogia e Geologia e Giacomo Raja Gabaglia da Seção de Astronomia e Geografia trataram de informar sobre as questões que permeavam as causas da seca no Ceará que também preocupavam naturalistas radicados naquela província como Thomaz Pompeo de Souza Brasil.<sup>168</sup>

Para Giacomo Raja Gabaglia chefe da Seção Astronômica e Geográfica, por exemplo, além de se realizar observações astronômicas e topográficas visando o interesse da física geral do globo e melhoramentos materiais para as províncias visitadas, eram necessárias sondagens a fim de se descobrirem locais propícios para abertura de poços artesianos e diminuir os efeitos das secas.<sup>169</sup>

---

<sup>165</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. pp. 244-5.

<sup>166</sup> IHGB. "16ª. Sessão em 14 de novembro de 1856". *Revista do IHGB*, Tomo XIX, 1856. pp. 42 a 74.

<sup>167</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Francisco Freire Alemão, "Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?". Rio de Janeiro, *Junho 1852(?)*, Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

<sup>168</sup> CAPANEMA, G. S. "As secas do Ceará"; in: A. A. A. Câmara, *Algumas Considerações Sobre a Causa da Formação e Origem do Gulf-Stream*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1954.

<sup>169</sup> Comissão Científica de Exploração. *op. cit.*, p. 195.

Segundo Pádua, Freire Alemão, filho de agricultores sitiados da região do Mendanha, na zona oeste do Rio de Janeiro, cresceu em meio às belas florestas atlânticas que naquele tempo cobriam quase toda a região e aí nasceu a preocupação com a destruição da flora. Em 1850, na Sociedade Vellosiana, discutia, dentre outros temas, o problema da destruição florestal. Alemão lamentava o fato de não restarem florestas na Serra Grande e percorreu os cafezais do Vale do Paraíba tentando diagnosticar as pestes que atacavam as monoculturas. Defendia a necessidade de renovar os cultivos, combinar culturas, estrumar as terras e conservar florestas, a região fora registrada por Reis Carvalho em 1856 na aquarela *Praitinga, Ponte do Rio Paraíba* (MDJ).<sup>170</sup>

Freire Alemão refutava o fogo ateadado nas queimadas como um grande mal favorável ao desaparecimento das nascentes. Ele expressou sua dificuldade para explicar aos lavradores que as derrubadas das matas ocasionavam o desaparecimento das fontes, em manuscrito registrou:

“Nunca tive ocasião de observar este fato por mim, mas não podia deixar de acreditar [...] mal podia responder, quando queria persuadir de que farias grandes males no país com destruição total de matas, [...] hum delles o desaparecimento das fontes, e diminuição dos rios [...]”.<sup>171</sup>

Neste documento manuscrito, Freire Alemão relatou a crença equivocada dos lavradores segundo a qual os olhos d’água aparecem após as derrubadas:

“[...] parece contrário as leis da meteorologia. Há opinião entre os nossos lavradores [...] affirmão alguns delles q. tendo-se feito derrubadas, principalmente nos montes em

---

<sup>170</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 183-188.

<sup>171</sup> F. B. NACIONAL, Francisco Freire Alemão, *Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?* Rio de Janeiro, Junho 1852(?), Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

lugar onde não havia água quando cobertas de matas, logo depois apareceram olhos d'água".<sup>172</sup>

Dos textos produzidos pelos membros da Comissão Científica os que se destacam são os relacionados ao tema das secas. Giacomo Raja Gabaglia publicou *A questão das Secas no Ceara* (1861) e *Ensaio sobre alguns melhoramentos tendentes à prosperidade da Província do Ceará* (1877) e Guilherme S. Capanema publicou *Apontamentos sobre secas do Ceará* (1878), *Seca no Norte* (1901) e *As secas no Ceará*.<sup>173</sup>

No artigo *As secas no Ceará*, Capanema fala sobre as dificuldades climáticas para resolver o problema das secas no Ceará. Além da construção de armazéns para as colheitas, orienta a construção de açudes e cisternas cobertas com abóbadas que evitariam a evaporação. Capanema também tratou da importância das matas: devia-se restabelecer a primitiva vegetação de Maranguape, Aratanha, Baturité, Merioca e Uruburetama. Segundo ele, a umidade que evaporava dos açudes se movia em direção à Serra do Ibiapaba, no Piauí, seria aproveitada se ali existissem as matas, anteriormente, reduzidas pelo fogo. Afirma que o restabelecimento dessas matas implicaria em extinguir os cafezais das serras, na Serra de Uruburetama seria necessário extinguir as plantações de algodão.<sup>174</sup>

Em 1860, T. P. de Souza Brasil, jurista e ex-padre, que recebera em sua casa os membros da Comissão Científica de Exploração, publicava no jornal *O Cearense* uma série de artigos sobre o problema da destruição das matas,

---

<sup>172</sup> F. B. NACIONAL, Francisco Freire Alemão, *Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?* Rio de Janeiro, Junho 1852(?), Mss.: 1-28,6,23, 548 (3), Título 08.

<sup>173</sup> M. S. Porto-Alegre. *Comissão das Borboletas – A Ciência do Império, entre o Ceará e a corte (1856-1867)*, p. 43.

<sup>174</sup> G. S. Capanema, "As secas do Ceará"; in A. A. A. Câmara, *Algumas considerações sobre a causa da formação e origem do Gulf-Stream*, pp. 3-12.

associado ao das secas.<sup>175</sup> Estes artigos seguiram a sua *MEMÓRIA - Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará* publicada no ano anterior, em 1859, onde dizia que: “todo paiz se torna árido pela desarborização; e todo paiz se torna abundante de água pela arborização”.<sup>176</sup> De acordo com ele, as lavouras nos montes comprometiam matas e mananciais, a situação agravava-se com as queimadas e os consequentes prejuízos ao solo, às condições climáticas e aos animais.<sup>177</sup> Ainda em 1877, escreveu sua *Memória sobre o clima e as secas do Ceará*, (Rio de Janeiro) tratou da importância da vegetação das montanhas que evitava as fortes torrentes e permitia a formação dos olhos d’água.<sup>178</sup>

Em *MEMÓRIA - Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, T. P. S. Brasil afirma que nas bases das serras e das chapadas, encontravam-se as poucas matas, porque quase todas foram destruídas principalmente para a cultura do algodão que despia todos os serrotes e serras mais frescas.<sup>179</sup> Souza Brasil referiu-se a Alexander Von Humboldt que na obra *Efeitos da destruição das florestas sobre o clima físico*, considerando a relevância das matas nos processos de transpiração que se precipitavam em chuva e orvalho e da condensação que diminuía pela falta de bosques.<sup>180</sup> Para Souza Brasil, a seca é devido à imprudência dos homens, aos

---

<sup>175</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 198.

<sup>176</sup> BRASIL, T. P. S. *MEMÓRIA - Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, Tipografia Brasileira, Fortaleza, 1859, reimpressão fac-similar, Fortaleza, Fundação Waldemar Câmara, s/d. pp. 5-9, 31.

<sup>177</sup> BRASIL, T. P. S. *MEMÓRIA - Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, Typographia Brasileira, Fortaleza, 1859, reimpressão fac-similar, Fortaleza, Fundação Waldemar Câmara, s/d. pp. 5-9, 31.

<sup>178</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. pp. 198-200.

<sup>179</sup> T. P. S., Brasil, *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, pp. 142-143.

<sup>180</sup> T. P. S., Brasil, *MEMÓRIA - Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, pp.5-7.

fogos frequentes, e à roteadura de matas que cobriam os montes e as margens dos rios e não castigo divino.<sup>181</sup>

Souza Brasil afirmava que a destruição das matas nas serras faziam ainda outros males além da extinção dos mananciais. Havendo matas, as folhas e troncos das árvores seriam elementos do húmus vegetal que enriqueceria o solo, sem as matas, a ação erosiva das águas pluviais arrastava a terra vegetal aos vales. Além disso, o solo sem as matas, em contato imediato com o sol, ressecava-se e as águas abriam profundos regos; a temperatura ficava elevadíssima, dificultando os processos de condensação, tudo isso agravava os efeitos da seca; no inverno, durante as chuvas, não podendo o solo reter as águas, formam-se torrentes desordenadas sobre os campos vizinhos, causando inundações.<sup>182</sup>

O autor continua sua *Memória* afirmando que há 50 ou 60 anos, da cultura do algodão e café, existiam mananciais, cujas águas desciam do coração da serra e chegavam até o sertão.<sup>183</sup> As graves consequências para a província do Piauí eram explicadas pela devastação das matas da Serra da Ibiapaba. Esta serra, a qual o Padre Antônio Vieira, tantas vezes atravessou e fez belas descrições, era antigamente coberta de matos, grandes florestas e por toda parte era fresca. Nunca faltava chuva. Mas os homens inexperientes, inteiramente ignorantes, devastaram as matas. O vale do Cariri, segundo informa, formado pela cordilheira do Araripe, continuação da Ibiapaba, foi também muito mais abundante em água, da montanha nascia o rio Salgado que ia até Lavras.<sup>184</sup>

Termina sua *Memória* dizendo:

---

<sup>181</sup> T. P. S., Brasil, MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará* p. 9

<sup>182</sup> T. P. S., Brasil, MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, pp. 10-11.

<sup>183</sup> T. P. S., Brasil, MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, pp. 17-18.

<sup>184</sup> T. P. S., Brasil, MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, pp. 19-21.

“Sendo assim não serão também as arvores um meio excelente, não só de evitar as terríveis seccas das nossas regiões, mas até de crear fontes nos mais áridos paizes? [...] pode tirar-se essa lei geral: *que todo paiz se torna árido pela desarborização; e todo paiz se torna abundante de água pela arborização*”.<sup>185</sup>

Estas questões sobre o clima, o uso do solo e o manejo do gado, discutidos pelos naturalistas envolvidos com a Comissão Científica, são pontos importantes para a compreensão das paisagens de Reis Carvalho. Como já foi dito, as características da natureza e a forma como ela reage frente às ações humanas são os fatores determinantes dos movimentos do homem na paisagem. Assim, duas aquarelas de Reis Carvalho chamam a atenção no acervo do Museu do D. João VI: *Casal em Viagem* (Fig. 20) e *Cassimbas do Rio Acaracu* (Fig. 23). Pelo conhecimento do lugar onde estas aquarelas foram pintadas é que se pode visualizar o contexto histórico e geográfico que o inspirou às tais composições.

### **3.2.5 - A paisagem vista por José Reis Carvalho**

Além das duas aquarelas citadas acima, outras paisagens do Ceará são ilustradas por Reis Carvalho onde pequenos oásis verdes persistem na secura da vegetação como *Serra do Arerê* (MHN) e na *Cerra de Tauá* de 1860 (MDJ). O sertão longínquo aparece em *Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859* (MDJ) e em *Estação de carros no sertão* (MHN). Não deixou de registrar a exuberância da vegetação tropical decorrentes da região serrana relatada pelos membros da comissão e representada em *Viajantes com burro de carga* (MDJ). A vida nos manguezais aparece em *Paisagem Vegetação do Ceará* (MDJ).

---

<sup>185</sup> T. P. S., Brasil, MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará*, pp. 31.

### 3.2.5.1 - *Casal em Viagem e Cassimbas do Rio Acaracu*

A aquarela *Casal em viagem* (Fig.20, Anexo II) representa os homens e as relações que estabelecem entre si e com o meio natural, vítimas ou autores de seus destinos.<sup>186</sup> Ela faz surgir uma dramática sequência narrativa de valor artístico e histórico onde a fúria da natureza causa torpor, é principalmente a seca que força o sertanejo, sua companheira e seu pássaro a ação, a migrarem.

Na paisagem apresentada por Reis Carvalho é possível notar que na relação entre o homem e a natureza, o elemento humano é o foco central da narrativa inserido na paisagem, sua historicidade é o que fundamenta sua presença na composição mas a natureza não diminui em importância, nunca é apenas um cenário e assume um caráter essencial para compreensão da narrativa.

Em *Casal em Viagem* (Fig.20, Anexo II) é pela paisagem que se compreende a condição histórica do retirante, ela participa do foco central da narrativa expressa pelos os galhos secos de uma árvore os quais remetem à falta de vigor da vegetação vitimada pelos tempos de estiagem, a própria natureza é deflagradora da expulsão do sertanejo daquelas regiões secas.

Do mesmo modo, as figuras humanas apresentadas por Reis Carvalho são modelos, cuja expressão está em conformidade com as formas e cores da terra. A expressão de tristeza e a desolação de *Casal em Viagem* [Fig.20] refletem a hostilidade da paisagem seca e impossibilitada de fornecer os mistérios da sobrevivência logo que o casal é forçado a migrar.

As paisagens desenhadas e coloridas pelas mãos de Reis Carvalho dão tipicamente a cor do Brasil nordeste, suas paisagens também retratam um Brasil que se desenvolvia a custo alto para a natureza. As plantações de produtos agrícolas nas serras iam reduzindo suas matas por queimadas e desmatamentos. Reduziam-se as nascentes de água e acentuavam-se os efeitos da seca.

A água brotava apenas de pequenos buracos cavados nos leitos dos rios secos em tempos de estiagens. Eram as cacimbas descritas pela *Comissão*<sup>187</sup> e

---

<sup>186</sup> Veja a imagem disponível em <http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=2192>.

<sup>187</sup> COMISSÃO CIENTÍFICA DE EXPLORAÇÃO. *Opie.*, p. 273.

registradas na aquarela de Reis Carvalho com o título *Cassimbas do Rio Acaracu* (Fig. 23, Anexo II).



Fig. 3.4 - José dos Reis Carvalho, *Cassimbas do Rio Acaracu*, Sobral, Aquarela/Lápis de cor/Papel, 15,3 x 23, Museu D. João VI, UFRJ.

Freire Alemão descreveu uma cacimba de onde se retirava água com cuias, cabaças e outras vasilhas feitas de barro:

"Domingo, 2 de outubro: levantei-me e fui ao rio tomar banho. Tem aqui o Jaguaripe seguramente 80 a 100 braças de barreira a barreira; em alguns grandes lajes ou rochedos. A água nos poços é cristalina e morna e a que serve de lavagem, de banhos e para bebedouro dos animais; a que se bebe é retirada de **cacimbas**, isto é, de pocinhos que se cavam na areia com dois ou três palmos de fundo, no qual se

ajunta logo água, que se apanha com uma cuia, ou outra qualquer vasilha, e se enchem os potes, ou cabaças".<sup>188</sup>

Em outro manuscrito Freire Alemão descreve a inexistência de chuva naquele período e a conseqüente falta de água. Mesmo assim, era possível encontrar cacimbas cheias.

“Nesse intervalo não tem havido chuvas [...] Por vezes, continuadas secas tem causado grande estragos nas lavouras. Pelos caminhos não se acham uma gota d’água para os cavalos, todos os córregos e riachos estão secos [...] .Na tarde do dia 27 [...] estavam cheias apenas cassimbas.”<sup>189</sup>

Em *Cassimbas do Rio Acaracu* [Fig.23] as mulheres do sertão descobriam nas cacimbas meios para subsistência de suas famílias, é uma vista particular cuidadosamente escolhida pelo pintor da Comissão Científica que possuía a consciência da importância de tais buracos cavados na terra seca, de fertilidade obliterada, resultados de uma secura quase irreversível.

Nesta aquarela está a paisagem desolada e distante das iniciais exuberantes representações dos demais viajantes do século XIX que se impressionavam com a vastidão da vegetação do Novo Mundo, nela está a luta para tirar da terra o pouco de riqueza que ainda restava em potes de barro queimados nos fornos.

O pintor documentou a importância da fabricação destes utensílios, como uma conquista cultural que permitia a procura de água nas regiões mais distantes, em duas composições: *Forno de Tijolo e Forno de louça* [Fig. 109] e *Forno de Cal de Pedra*, ambas do Museu D. João VI. A fabricação destas louças foi vista por

---

<sup>188</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859.* pp. 139-140. (Grifo adicionado).

<sup>189</sup> F. B. NACIONAL, Francisco Freire Alemão, *Será verdade, será possível, que, durante uma seca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?* Rio de Janeiro, Junho 1852(?), Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

Manoel Ferreira Lagos, em 8 de novembro de 1859, quando ele foi a uma casa ver trabalhar um tipo louça empretecida. Trouxe para Freire Alemão algumas amostras com: “bules, xícaras, jarros etc. [...] É realmente admirável a perfeição com que ela o faz, cobrindo-os de relevos desenhos elegantes. Tomam uma cor preta e lustrosa e firme como a de louça inglesa”.<sup>190</sup>

### 3.2.5.2 - *Corte de Carnaúba*

Reis Carvalho retratou outro aspecto da paisagem em *Corte de Carnaúba* (Fig.24, Anexo II),<sup>191</sup> planta que fora descrita por Francisco Freire Alemão diante das margens do Jaguaribe cobertas de verdadeiras florestas de Carnaúbas que “sempre verdes alegravam aquelas paragens”.<sup>192</sup> Cercados de carnaúba também foram representados por Reis Carvalho em duas aquarelas no Museu Histórico Nacional (Fig. 88 e Fig. 89, Anexo II).

A utilização desta prestimosa planta aparece em *Moinho de vento nos arrabaldes do Aracati* (Fig. 58, Anexo II).<sup>193</sup> *Todo fabricado de carnaúba* (Museu Histórico Nacional). A Carnaúba bem como os produtos que dela são derivados figurou na *Exposição Nacional de 1861* com duas litografias de Carl Linde (1830-1873) do Instituto Artístico.<sup>194</sup> A litografia *Carnaúba* apresentada neste catálogo é semelhante às aquarelas de Reis Carvalho *Corte de Carnaúba* [Fig.24], o que indica que Instituto Artístico teria usado as aquarelas do pintor da expedição como referência para suas gravuras.

---

<sup>190</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859.* P. 164.

<sup>191</sup> Veja a imagem disponível em <http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=2290>.

<sup>192</sup> F. F. Alemão. “Relatórios dos Membros da Comissão Lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, *RIHGB*, 24, Suplemento (1861): 752, 759, 764 e 765. In: R. Braga, *História da Comissão Científica de Exploração*, Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 260.

<sup>193</sup> Veja a imagem disponível em <http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=2327>.

<sup>194</sup> Carlos Linde, nasceu na Alemanha e faleceu no Rio de Janeiro. Pintor e litógrafo, fundou com os irmãos Carlos e Henrique Fleiuss (1823-1882), o Instituto Artístico de Fleiuss e Irmãos & Linde em 1859 (que obteve o título de Imperial em 1863). A partir de 1860 publicou a *Semana Illustrada*, que circulou por mais de quinze anos, ilustrou a Guerra do Paraguai em “Glorias da Marinha Brasileira”, como “Suplemento”. Veja referências bibliográficas sobre o artista em E. J. S. Stickel, *op. cit.*, p. 327.



Fig. 3.5 - Carl Linde. *A carnaúba*. Litografia. Fonte: RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861.

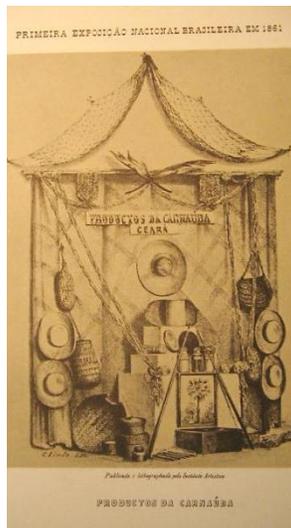


Fig. 3.6 - Carl Linde. *Productos da Carnaúba*. Litografia. Fonte: RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861.

Segundo Luís Câmara Cascudo, a primeira descrição da carnaúba (*Corypha cerifera Arr*) fora feita por Jorge Marcgrave (1610-1644) na *História Naturalis Brasiliae* onde escreveu: “Suas folhas servem para cobrir choupanas e para o fabrico de cêstos; com a madeira fazem-se cercados [...]”.<sup>195</sup>

Von Martius também viu a carnaúba nas proximidades de Juazeiro, margens do Rio São Francisco em 30 de março de 1819. Em sua *Viagem pelo Brasil*, a carnaubeira foi descrita como a “palmeira cerífera do Brasil, uma das mais belas palmeiras de leque que ornamentavam as várzeas”, o tronco era utilizado como vigas e ripas nas construções de casas e jangadas. Nas suas palavras:

“As folhas novas são revestidas de escamazinhas brancas que, sendo ligeiramente aquecidas, derretem dando uma espécie de cera, com que se fazem velas.”<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> CASCUDO, L. C. “A carnaúba”. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXVI, No. 02, abril/junho de 1964.

<sup>196</sup> SPIX, J. B. Von, & MARTIUS, C.F.P. Von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820) - Tomo II*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. pp. 199-201.



Fig.3.7 - C.F.P. Von. Martius. *Corypha cerifera*. Fonte.: *Genera et species Palmarum*<sup>197</sup>

Segundo J. A. Pádua, Manuel Arruda da Câmara, após formar-se na França, em Montpellier retornou ao Brasil, aproximou-se de Sousa Coutinho e foi designado pelo ministro para cumprir várias tarefas. Em seu “Ofício sobre a

---

<sup>197</sup> C.F.P.Martius. *Genera et species Palmarum quas in itinere per Brasiliam Tupis Lentlerianis*, (Disponível no acervo do IB/USP). A obra também conhecida por *Historia Naturalis Palmarum* foi produzida entre 1823 e 1853.

almécega e a carnaúba”, de 1809, o autor revela que também nos sertões a ignorância causava desalento. Sobre a carnaúba afirmava que sua fécula servia de nutrientes para os seres humanos e as folhas de alimento do gado e para o teto das casas rústicas. No entanto, eram derrubadas sem contas, seria necessário proibirem-se as derrubadas principalmente para fazerem currais e cercados que podiam ser feitos com outras árvores. Para tirar as folhas e frutos, ademais, não era “necessário cortar as árvores, como eles praticam, basta arrimar uma escada ao tronco para o fazerem com muita facilidade, sem dano da planta”, felizmente a técnica é verificada com uso de uma haste comprida em *Corte de Carnaúba* [Fig.24] representada por Reis Carvalho.<sup>198</sup>

Thomas P. Souza Brasil lamentou o mal uso da planta e seu corte desordenado. No seu *Ensaio Estatístico da Província do Ceará* e afirmou:

“Um dia, [...] os poderes sociaes [...] se lembrarão tarde de pôr cobro á destruição de uma arvore, que é uma verdadeira riqueza.”<sup>199</sup>

Na esperança por educação para vencer a deplorável condição de insipiência dos brasileiros sujeitos a altos índices de analfabetismo, seja no corte ou nas províncias, emergiam as pequenas salas de leituras registradas por Reis Carvalho em *As primeiras letras no Sertão* (Fig. 78), naquelas salas estava a esperança de transformação da cultura das queimadas e do desmatamento desenfreados que nunca sabiam permitir o descanso do solo e a preservação da fontes de água.

Permeado por estas ideias de preservação e igualdades sociais advindas tanto do pensamento esclarecido da literatura dos viajantes quanto das representações de devastação das matas em Félix Taunay e Rugendas, Reis Carvalho inspira a pensar a paisagem do sertão do Ceará como uma relação homem e natureza hostilizada pela própria ideia de destruição das mãos incautas

---

<sup>198</sup> PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. p. 89-92.

<sup>199</sup> BRASIL, T. P. S. *Ensaio Estatístico da Província do Ceara, Tomo I*, 1ª. ed. 1863; Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. (p. 170).

criticadas pelos membros da Comissão Científica de Exploração em coro com os demais pensadores do período.

Assim, as miniaturas em aquarelas de Reis Carvalho são documentos de uma realidade a serviço de uma expedição científica, cujo intuito era conhecer de forma objetiva as causas físicas da natureza e suas consequências sobre as atividades humanas. A desolação experimentada e documentada em *Casal em Viagem* [Fig.20] da natureza do sertão imprime uma realidade submissa à luta constante para romper dificuldades naturais e culturais inerentes à sobrevivência na terra seca do sertão. Foi quando José dos Reis Carvalho exprimiu, no pensamento de Luiz Marques:

“Esta lenta descoberta pela pintura de um novo continente de emoções, que não é outro senão o dos modos como o homem ocidental vem sentindo o seu estar-no-mundo [...]”

200

Tal qual seu mestre Debret, foi pintor viajante, fez parte de um grupo de pintores de formação acadêmica libertos para transpor às suas pinturas os registros de culturas vivenciadas, desvinculadas de concepções políticas e dogmas religiosos e que passaram a ser sedimentadas sobre uma tradição empírica propícia à ilustração científica.

Quando Reis Carvalho executou estas aquarelas estava envolvido com os problemas do nordeste do Brasil e identificou elementos próprios da realidade local. Com um padrão estético próprio, ele conferiu aos seus trabalhos um caráter permeado por questões sociais de seu tempo e representou o homem em conflito com uma paisagem hostil. Há em José dos Reis Carvalho um olhar próximo da condição cultural do povo do sertão brasileiro confirmado pelos documentos produzidos pelos membros da expedição que trataram da questão da seca. Os artigos e manuscritos relacionados às questões climáticas e culturais do Ceará compõem o espaço documental e justificam a produção iconográfica do pintor direcionada à questão da seca e dos costumes locais para a Comissão Científica de Exploração.

---

<sup>200</sup> L. Marques, *Natureza Brasileira - Registros na Coleção do Masp*, São Paulo: MASP.

A Missão Artística Francesa e AIBA foram precursoras do novo sentimento pela paisagem brasileira que Reis Carvalho soube captar e expressar nos anos que iria atuar Ceará. Mesmo em busca da objetividade, inerente a uma expedição científica, lançaria sobre suas aquarelas um olhar tão subjetivo sobre a natureza e cultura do sertão, como em *Casal em Viagem* [Fig. 20], que nele, parafraseando Luiz Marques:

“a paisagem exprime um estado de espírito, dota a natureza de um anima, delinea-lhe um retrato espiritual que é, na realidade, o do próprio artista.”<sup>201</sup>

A experiência de Reis Carvalho vinha após os quase quarenta anos de seus primeiros contatos com o pintor francês, entre 1816 e 1859. Na Comissão Científica dedicar-se-ia a pintar a paisagem de um ambiente geográfico caracterizado pela vegetação seca e reduzida, onde se desenvolvia a cultura do homem sertanejo. Daí a relevância das aquarelas com paisagens, nelas Reis Carvalho registrou os principais aspectos da natureza existentes numa fração do território do país que ainda eram desconhecidos pela iconografia produzida pelos viajantes do período.

---

<sup>201</sup> L. Marques, *Natureza Brasileira - Registros na Coleção do Masp*, São Paulo: MASP.

### 3.3- Registros da Cultura e dos Costumes populares

#### 3.3.1 - Os costumes, os viajantes e as obras ilustradas

A maioria das aquarelas com costumes populares realizadas por José dos Reis Carvalho para a Comissão Científica de Exploração inserem-se num modelo de documentação que expressa a condição de vida do homem sertanejo e, em uma pequena parte delas incluíam, o negro, presente na aquarela em *Samba* (Fig. 84, Anexo II), e o índio em *Trabalhos de Laberinto* (Fig.79, Anexo II). Mesmo assim, merecem destaques suas composições presentes na Biblioteca Nacional do Rio do Janeiro onde retratou escravos músicos (Fig. 9, Anexo II) e carregadores de água (Fig. 11, Anexo II), antes de sua estada no Ceará. De certo modo, estas imagens de costumes atendiam aos anseios de uma criação simbólica independente e de caráter popular que incluía hábitos, atividades de trabalho e manifestações culturais populares ao sistema de representações visuais tradicionalmente pertencentes ao Brasil Imperial.

Na Europa, o interesse pela cultura popular apareceu no final do século XVIII e início do século XIX quando uma onda literária floresceu como uma resistência ao racionalismo de Voltaire e como meio de fortalecimento da identidade nacionais, como afirmou Peter Burke. Este movimento levou os poetas e escritores às canções populares, às festas, às baladas como manifestações do povo (*folk*) que culminou com o aparecimento do termo *folklore*, cunhado em 1846 na Inglaterra. De certa forma, era uma busca ao “natural”, ao “primitivo” e ao “selvagem” considerados como exóticos e elogiados também por Rousseau, o grande porta-voz do primitivismo cultural, amante das ingênuas e tocantes canções populares em detrimento da estética do classicismo. *Canti popolari* para os italianos, *narodnye* para os Russos, na Alemanha surgiam termos como *volkslied*: “canção popular” ou *Volkslieder* que J. G. Herder criou para nomear os conjuntos de canções que compilou em 1774 e 1778. Descobriam-se as festas populares com o mesmo entusiasmo que Goethe expressou em *Italienische Reise*

pelo Carnaval romano presenciado em 1788, interpretou-o como uma festa “que o povo dá a si mesmo”.<sup>202</sup>

Para P. Burke, a busca dos costumes populares estava ligada à ascensão dos nacionalismos onde culturas ameaçadas ao desaparecimento pareciam reter tradições rompidas pelas invasões de outras nações. A Finlândia, por exemplo, buscou nas suas tradições uma resistência contra a cultura dos Russos que os oprimiam desde 1809. Os costumes populares chegavam às artes através da música, como a ópera de Glinka, *Uma vida para o Czar*, de 1836, e da pintura de Courbet inspirada em xilogravuras populares. Também os viajantes iam agora à busca não só de ruínas antigas, mas de costumes e preferencialmente dos mais simples e incultos. Na Itália, quando estava sob o domínio napoleônico, um questionário com perguntas relacionadas às festas, “práticas supersticiosas”, medicina popular, canções, jogos, contos de fadas, locais de peregrinação, irmandades religiosas e feitiçarias fora enviado a professores e funcionários públicos e, em 1818, Michele Placucci, publicou um livro sobre os “costumes” dos camponeses da Romagna que incluía canções e provérbios populares no livro, *Usi e pregiudizi dei contadini di romagna*. Em Portugal, Almeida Garret (1799-1854) revitalizou a poesia portuguesa e o redescobriu as baladas populares.<sup>203</sup>

Sobre os costumes e as tradições populares, C. Lévis –Strauss, ao citar o primeiro manual de costumes publicado na França em 1776, *L’Esprit des usages et des costumes des diferentes peuples* de J.-N. Démeunier, afirmou que os antigos evitavam ferir as crenças populares e costumes por mais absurdas que fossem, pois Démeunier apontava aí o mais seguro antídoto contra o despotismo, que fazia pesar sobre os cidadãos uma insuportável ditadura do poder público ou de sociedades globais, lançando-os ao anonimato. A superstição, não limitada à religião e sem excluí-la, e os costumes criavam conteúdos para que solidariedades parcelares, ou grupos de hábitos comuns, como ele definiu, defendessem a liberdade. E a liberdade real era a liberdade dos longos hábitos e

---

<sup>202</sup> P. Burke. *Cultura Popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800*. pp. 31-44.

<sup>203</sup> P. Burke. *op. cit.*. pp. 31-44.

dos costumes. Fundada sobre a posse coletiva de uma história, de uma língua e de uma cultura. A restauração das sociedades parcelares ofereceria um último meio para dar às liberdades doentes um pouco de saúde e vigor.<sup>204</sup>

Neste contexto, as ilustrações de costumes populares de Reis Carvalho e dos demais artistas viajantes que buscaram novas composições nos povos do Novo Mundo, frequentemente vinculadas aos temas da natureza e dos costumes, serviriam para documentar os hábitos e as tradições e para comporem as obras ilustradas do final do século XVIII e por todo século XIX. Em muitos momentos esses viajantes aproximavam-se das manifestações culturais dos autóctones, e no caso do Brasil, também do modo de vida cotidiana dos negros. Ao registrar os costumes destes povos criavam-se documentos iconográficos inseridos num contexto histórico que se aproximava não só do pensamento sobre a importância da preservação das tradições, como foi tratado por J. -N. Dèmeunier, mas também da possibilidade de estes grupos expressarem suas próprias condições de vida.

No caso da iconografia relacionada aos modos de vida dos negros e dos índios brasileiros do período realizada por José dos Reis Carvalho, e outros artistas viajantes como Debret, Rugendas e Rybeirolles, criou-se um sistema de representação que dotou os negros de meios de expressão pelos quais podiam chamar a atenção para as transformações sociais que os libertassem da escravidão uma vez que os índios já eram considerados livres desde a Bula Papa Bento XIV (1740-1758). Ainda assim, dificilmente serão encontradas imagens que expressem o uso do trabalho indígena nem mesmo os inúmeros conflitos que os envolveram nas lutas por ocupações das terras.

No conjunto de imagens produzidas por Reis Carvalho, a presença do negro aparece em menor número se comparadas às aquarelas de J.B. Debret relacionadas à escravidão. Em Reis Carvalho o cotidiano vivenciado pela população negra aparece nas aquarelas realizadas antes de partir para o Ceará. Nessas aquarelas os escravos aparecem trabalhando na corte como músicos (Fig.

---

<sup>204</sup> C. Lévi-Strauss (1908-2009). *O olhar distanciado*. pp. 403-406.

09, Anexo II), como marinheiros em *Beco Marinheiros* (Fig. 10), como escravos carregadores de água e quitandeiras em *Chafariz [...] Catumbi* (Fig.11) e como iluminadores em *A Iluminação de azeite de peixe* (Fig. 12). Todas estas aquarelas são de 1851 e pertencem à Seção Iconográfica da Biblioteca Nacional.

É mais frequente nas aquarelas de José dos Reis Carvalho a representação dos modos de vida e as manifestações culturais do sertanejo ligadas às vaquejadas e às rodas de samba, bem como a presença de alguns utensílios em suas aquarelas como a rede de dormir e a cabaça vistas em *Interior de Um rancho* (Fig.55, Anexo II). De certo modo, foi influenciada pelas representações de costumes populares, presentes nas obras ilustradas com costumes americanos adquiridas pelo IHGB, que a Comissão Científica de Exploração baseou sua produção iconográfica relacionada a vida cotidiana do homem sertanejo.

### **3.3.1.1 - As ilustrações de costumes entre a Europa e o Brasil**

Além das obras ilustradas com figuras sobre os usos e costumes gregos que subsidiavam a pintura e a escultura que atendiam aos anseios do neoclassicismo, outras, estavam mais próximas da geografia humana e da etnografia. Voltavam-se a registrar os costumes populares das diferentes regiões do globo de modo a trazer aos olhos dos expectadores da cultura a vida cotidiana de pequenos grupos das diversas partes do mundo.

Há de se considerar, como um contraponto, as primeiras ilustrações sobre os costumes religiosos voltados à divulgação da fé católica. Foi assim que, nesta temática, as obras ilustradas apropriaram-se da possibilidade de nelas preservar e reafirmar a fé católica. Na França, por exemplo, em 1741 foi publicado o *Histoire générale des cérémonies, moeurs, et coutumes religieuses de tous les peuples du monde*, de Banier & Mascrier que trazia 243 gravuras com representações de costumes religiosos com figuras de utensílios religiosos utilizados nas celebrações realizadas pelo alto clero as quais ilustravam as cerimônias de circuncisões, coroações e funerais de papas, consagrações de soldados guerreiros, cenas de

batismos, as confissões e casamentos, julgamentos e salas de inquisição onde figuravam os corpos sendo sacrificados ou queimados.<sup>205</sup> Acima do carácter meramente ilustrativo esta obra fazia parte de um conjunto de representações que tinham o intuito de reafirmar o poder papal e as cenas de inquisição aproximavam-se de uma forma de intimidação religiosa.

A tradição de representação de costumes populares no final do século XVIII com intuito investigativo sobre as culturas sob o domínio português também aparece nas figurinhas do engenheiro militar Carlos Julião. Ele pintou, por exemplo, associações coletivas como em *Extracção de diamentee* e figuras de tipos populares isolados representando vestimentas de negras e vendedores ambulantes.<sup>206</sup> Essa temática aparecia em Portugal nos quadros a óleo de Francisco J. Resende, J.E. Hoffmann, Delarive. Aparecia também em presépios como *Presépio do Convento Coração de Jesus*, *Presépio da Madre de Deus* e no *Presépio do Mosteiro do Sacramento*. Além disso, os costumes figuravam em painéis de azulejos, aquarelas e obras ilustradas como o painel de Convento das Trinas do Mocambo, Painel de azulejo da Academia das Ciências, nas aquarelas de Zackarie Felix Doumet (1790-1806), Manuel de Macedo, Rafael Bordalo Pinheiro e em obras ilustradas como *Portugal Illustrated* por Kinsey, a coleção “Ruas de Lisboa” com Desenho de H. L’Evêque, gravura de B. Comte e, ainda, *Costumes of Portugal* com desenhos de L’Eveque e gravuras de Bartolozzi, dentre outras.<sup>207</sup>

No Brasil das aquarelas de Reis Carvalho há um traço da representação da cultura como um legado de seu mestre Debret mais interessado na vida cotidiana do que na bela exuberância da natureza que expressou nas ilustrações para o *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, publicado entre 1831 e 1837.

---

<sup>205</sup> A. Banier, & J. -B. Le Mascrier,. *Histoire générale des cérémonies, moeurs, et coutumes religieuses de tous les peuples du monde*. 1741.

<sup>206</sup>V. Piccoli G. da Silva. *Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português*. São Paulo, Tese de Doutorado. FAU/USP, 2010.

<sup>207</sup> A. Souza. *O Trajo Popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX*. Sociedade Nacional de Tipografia, Lisboa, outubro de MCMXXIV. p. 5.

O interesse pelos costumes populares estava também na obra de Candido Guillobel (1787-1859), desenhista, cartógrafo, topógrafo e arquiteto que chegou ao Rio de Janeiro em 1808 e estudou com Grandjean Montigny na Academia Imperial de Belas Artes, suas gravuras incluíam as atividades dos negros de ganho e tornaram-se espécies de cartões-postais da época.<sup>208</sup> Na AIBA, conheceu J. B. Debret e possivelmente passou a influenciar o desejo do pintor francês em registrar os modos de vidas dos diferentes grupos humanos existentes no Brasil, como observou Valéria Lima.<sup>209</sup>

Os estudos de costumes, bem como as representações de costumes de diferentes povos, aparecem principalmente em publicações que pretendiam, num certo caráter enciclopédico, registrar os costumes em diferentes regiões do globo no intuito de fundamentar a geografia do comportamento humano. Assim, obras ilustradas apresentavam diferentes grupos em seus usos e costumes específicos o que incluía suas vestimentas, atividades de trabalho cotidiano, atividades de lazer, festas coletivas e utensílios de trabalho, sempre acompanhados de descrições dos aspectos geográficos como características climáticas e de relevo.

Como observou K. Kodama, os compêndios de geografia do período ordenavam o espaço cartográfico e as recentes informações sobre os diferentes povos do mundo. Adriano Balbi, geógrafo italiano de renome no Instituto Histórico, citados várias vezes por Cunha Matos, um dos sócios do IHGB, impulsionado pelas viagens científicas traçava novos planos relativos à distribuição do gênero humano sobre a Terra. Balbi destacava, assim, o importante papel dos naturalistas para classificação dos povos existentes na superfície da terra através de suas características físicas. A obra de Balbi, que Cunha Matos citava em suas “Épocas brasileiras”, esclarecia que a etnografia era o campo de conhecimento responsável pela coleta de informações e pela

---

<sup>208</sup> R. Naves, “Debret, o Neoclassicismo e a escravidão”. In: R. Naves, *A forma difícil – Ensaios sobre a arte brasileira*. São Paulo. Editora Ática. pp. 96-97.

<sup>209</sup> LIMA, Valéria. J. -B Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839). Campinas: UNICAMP, 2008. Ver Guillobel, Joaquim Candio. *Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel*, Estúdio Graf Fotolito, 1978.

formulação de critérios para classificar os povos do mundo, constituindo-se em matéria fundamental da geografia política. Balbi dividia todo o género humano em povos selvagens, povos bárbaros e povos civilizados.<sup>210</sup>

Obras ilustradas como *Costumes civils actuels de tous les peuples connus: dessinés d'après nature*, de Sylvain Maréchal de 1788 apresentavam ilustrações de povos de diferentes regiões como da Europa, África, China, Japão, Tibet, entre outras, e mesmo da América. No entanto, a representação estética dos povos americanos estava mais próxima dos modelos europeus, pois tais ilustrações geralmente derivaram das crônicas de viagens.<sup>211</sup>



Fig. 3.8 - Sylvain Maréchal. *Femme Caraibe de Suriname*. Fonte: *Costumes civils actuels de tous les peuples connus: dessinés d'après nature*.

De modo semelhante, o *Port-Feuille Geographique et Ethographique* de G. Engelmann e G. Berger, Paris, 1820, além de apresentar gravuras de acontecimentos geográficos como a *Eruption du Vesuve en 1810*, ilustrava a etnografia de vários povos como os irlandeses, hindus, russos, poloneses, suíços,

---

<sup>210</sup> K. Kodama. *Os índios no Império do Brasil – a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. p.84, 85.

<sup>211</sup> MARÉCHAL, Sylvain *Costumes civils actuels de tous les peuples connus : dessinés d'après nature, gravés et coloriés*, Paris, 1788.

touradas na Espanha, Italianos dançando ao lado do Coliseu, os persas, os habitantes de Quito na América etc.<sup>212</sup>



Fig. 3.9 - *Habitans de Quito*. Fonte: G. Engelmann et G. Berger. *Port-Feuille Géographique et Ethnographique par*.

Também o *La Géographia en Estampes ou Moeurs et Costumes des différens peuples de la terre* de 1815, apresentava também hábitos de suíços, espanhóis, egípcios, escoceses, holandeses, turcos, árabes, chineses, japoneses, poloneses, russos, filipinos, negros do Senegal, guiné, congo, italianos, napolitanos, brasileiros, etc. Nestes estudos geográficos comumente eram feitas descrições do clima, dos habitantes e da organização política. No trecho abaixo, o autor refere-se às constantes guerras contra os autóctones do interior do Brasil para retirá-los de suas terras em buscas de pedras preciosas:

<sup>212</sup> ENGELMANN, G. & BERGER, G. *Porte-feuille géographique et ethnographique contenant: des planches pour la géographie mathématique; des dessins représentant les principales curiosités de la nature, ainsi que les costumes, moeurs et usages des peuples*. Paris, Chez G., 1820.



Fig.3.10 - *Brasiliens*. Gravura. Fonte: Galeria Montesquieu. *La Géographie en Estampes...*

Eis um fragmento:

“Le Brésil a été divisé, par les Portugais, en quatorze capitaineries, [...] C’est un pays délicieux. Le climat y est très-chaud, mais sain. On y trouve en abondance du sucre, du coton, du tabac. Le mine d’or, d’argent, de diamans, de rubis, de topazes, y sont aussi très-multipliées et très-productives. [...] Les Portugais ont eu de fréquentes guerres avec les naturels retirés dans l’intérieur des terres. Les plus connus sont les Tapuyes et les Tupiques. Ils sont bien proportionnés de corps et robuste. Leur nudité est absolue, excepté les jours de fêtes et de réjouissances, qu’ils se couvrent d’une toile de la ceinture en bas.”<sup>213</sup>

A obra de Armand Gustave Houbigant, *Moeurs et costumes des russes, représentés en 50 planches coloriées, exécutées en lithographie*, de 1821, apresentava litografias com costumes dos Russos em cenas de lazer como *Balançoire des Russes, Bains des Russes, Danse Russe*, etc. As ilustrações eram seguidas de explicações e para *Danse Russe* o autor descreve os gestos e os instrumentos utilizados como uma guitarra de duas cordas, o tema aparece na aquarela *Samba* [Fig. 84] de Reis Carvalho realizada no Ceará.<sup>214</sup>

<sup>213</sup> Galeria Montesquieu. *La Géographie en Estampes ou Moeurs et costumes des différens Peuples de la Terre*. p. 183.

<sup>214</sup> A. G. Houbigant. *Moeurs et costumes des russes*, No. 35.



Fig. 3.11 - *Danse Russe*. Fonte: Houbigant, A. G. *Moeurs et costumes des russes*. Litografia.

Em 1798, foi publicado em Paris o *Choix de costumes civils et militaires des peuples de l'antiquité: leur instrumens de musique, leurs meubles, et les décorations intérieures de leurs maisons, d'après les monumens antiques, avec un texte tiré des anciens auteurs* de Nicolas-Xavier Willemin, esta obra trazia representações dos costumes dos povos antigos com tipos de vestimentas dos gregos, diversos instrumentos musicais que incluíam harpas, carros puxados por cavalos, práticas de banhos coletivos, arcos, flechas, facas e machados, colares, brincos e braceletes, diferentes túnicas femininas e masculinas, sandálias decoradas, canetas tinteiros e pergaminhos, diferentes formas de vasos decorados, luminárias, armários, balanças, mesas de mármore, colunas e pedestais, etc.<sup>215</sup> Esta obra atendia ao interesse pela cultura clássica expresso na obra de J. J. Winckelmann, *Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura antiga (Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst)* de 1755, para o qual o estudo das formas gregas era o caminho mais curto para o conhecimento do belo.<sup>216</sup>

---

<sup>215</sup> N.- X. Willemin., *Choix de costumes civils et militaires des peuples de l'antiquité: leur instrumens de musique, leurs meubles, et les décorations intérieures de leurs maisons, d'après les monumens antiques, avec un texte tiré des anciens auteurs*. 1798.

<sup>216</sup> J. J. Winckelmann. *Reflexões sobre a arte antiga*. p. 47.

### 3.3.1.2 - As ilustrações de costumes na América Latina

Para situar, a representação de costumes realizados pela Comissão Científica seguiu a uma tradição sugerida pelos demais naturalistas viajantes como Humboldt, como já foi dito, e, após ele, verifica-se que novos viajantes sedentos por vistas, costumes e determinados aspectos específicos às diferentes localidades percorreram a América e revisitaram localidades como a Venezuela, o Peru, o Chile, a Argentina, o México e o Brasil.

Segundo S. L. Catlin, os registros de vistas e costumes coletados pelos viajantes que se seguiram aos trabalhos de Humboldt iriam compor os álbuns ilustrados como o *Travel in the Interior of México 1823-1828* de R.W. H. Hardy, (Londres, 1892) composto de cenas de costumes realizadas por Claudio Linati, o artista italiano que introduziu a litografia no México.<sup>217</sup>

Na Argentina, os artistas-cronistas viajantes durante a ditadura de Rosas (1833-1852) reproduziram o rude gaúcho, carretas de rodas altas, tipos de soldados, a vida social nos teatros e festas, os piqueniques campestres, corridas de cavalos, caçadas de ema, rodeios de gado, matadouros a céu aberto, retratos com destaque para Morel e García Del Molino, ambos ex-alunos do pintor suíço Josef Guth, criador da academia de desenho de Buenos Aires. Do mesmo modo, os artistas *costumbristas* europeus realizariam também as primeiras fotografias na América Latina inspiradas em tipos, poses e roupagens popularizados pelos viajantes, como *Cartes de visite* de José Christiano Junior de 1860 no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Naquele momento, a fotografia achava-se

---

<sup>217</sup> Linati publicou também *Costumes civils, militaires et réligieux du Mexique*, saída em Bruxelas em 1828. Destacam-se ainda: Joseph Skinner publicou *The presente State of Peru*, em 1805, onde se encontravam gravuras de índios. Daniel Thomas Egerton de *Egerton's Views of Mexico*, em 1840. Emeric Essex Vidal fez uma série de desenhos e aquarelas para a obra *Picturesque Illustrations of Buenos Ayres and Mondivideo*, de 1820. Ramón de La Sagra, publicou um *Atlas physique, politique et naturelle de Cuba e Histoire physique de l'île de Cuba* em doze volumes. Claudio Gay publicou 24 volumes da *Historia Física y Política de Chile*, acompanhados de um atlas de litografias (1854) em dois volumes com o título geral de *Historia de Chile composto por paisagens e costumes*. Veja S. L. Catlin. "Natureza, Ciência e Pitoresco". In: D. Ades. *Arte na América Latina*. p. 68-74.

aberta à realidade e captava o que não era propósito das belas artes como as expressões do sofrimento de índios aprisionados.<sup>218</sup>

Na pintura, o gosto por cenas de costumes do Peru iria aparecer nos trabalhos de Pancho Fierro com cenas de vendedores de bilhetes de loteria e homens com fogos de artifícios. Víctor Patricio Landaluze, em Cuba cuidara das cenas de rua e dias de festas. José Augustin Arrieta e Edouard Pingret, no México, cuidaram, em 1850, de documentar os acontecimentos da vida popular pertencentes ao Museu Nacional de História da Cidade do México. No Brasil, destacar-se-ia Miguelzinho Dutra que, além de estudo sobre arquitetura, deixou retratos e pinturas figurando tipos populares presentes no Museu Paulista da Universidade de São Paulo e no Museu Republicano.<sup>219</sup>

Segundo Catlin, nas paisagens americanas os pintores como Ferdinand Bellermann, Karl Mortiz, Fritz Georg Melbye e Camille Pissaro encontrariam-se livres das limitações impostas pelas regras neoclássicas e, na primeira metade do século XIX, passariam desenhando e pintando paisagens da costa e do interior venezuelano e fariam surgir os primeiros esboços amadorísticos de antigas estátuas nas selvas da Guatemala e de Honduras, as bem detalhadas litografias da escultura e arquitetura maia de Frederick Catherwood e as minuciosas fotografias de Desiré Charnay, no Yucatán.<sup>220</sup>

Estas imagens produzidas pelos viajantes acabaram servindo mais para resguardar a cultura de pequenos grupos do que ao gosto da elite como ideologia dominante nos estados imperialistas. Isso porque, como foi mencionado, os viajantes estiveram mais ligados à etnografia dos costumes populares como um campo da história natural e da geografia humana ainda que vinculados às instituições imperiais como os Museus Nacionais e, no caso do Brasil, também ao IHGB.

---

<sup>218</sup> S. L. Catlin. "Natureza, Ciência e Pitoresco". In: D. Ades. *Arte na América Latina*. pp. 53-56, 60, 97.

<sup>219</sup> S. L. Catlin. "Natureza, Ciência e Pitoresco". In: D. Ades. *Arte na América Latina*. pp.53-60, 85- 97.

<sup>220</sup> S. L. Catlin. "Natureza, Ciência e Pitoresco". In: D. Ades. *Arte na América Latina*. pp.53-60, 85- 97.

### 3.3.2 - As ilustrações de costumes na Comissão Científica de Exploração

Analisar as aquarelas da Comissão Científica envolve compreender os motivos que levaram o pintor José dos Reis Carvalho a registrar os usos e costumes populares das culturas visitadas e perceber qual a importância em documentá-las.

As representações dos costumes cearenses não advêm de um desejo explícito presente nas suas *Instruções* com a intenção de preservar as pequenas manifestações populares da cultura dominante, nem mesmo como meio de garantir a liberdade diante de abusos déspotas, como apontou C. Lévi-Strauss.<sup>221</sup> O interesse em representar os costumes populares na Comissão Científica esteve mais vinculado a um desejo de reunir saberes para o desenvolvimento econômico e reunir braços para a escassa mão-de-obra. Esta escassez era decorrente das dificuldades geradas pela diminuição da importação dos escravos imposta pela Inglaterra com o *Bill Aberdeen* de 1845, pelo qual a Inglaterra arrogava-se o direito de apresar navios negreiros e culminou com a lei restritiva ao tráfico negreiro, a Lei Eusébio de Queirós de 1850, promulgada pelo Parlamento brasileiro, segundo apontou Francisco Iglesias.<sup>222</sup>

Mesmo assim, as ilustrações dos costumes da Comissão Científica incluíam-se no desejo de atender ao interesse da etnografia em documentar as diferenças entre os povos, algo que impulsionava os viajantes estrangeiros a coletarem informações sobre os povos visitados. Os novos registros visuais serviam assim para compor as publicações ilustradas e atendiam ao público europeu sedento por informações sobre a natureza e a cultura do novo mundo.

José dos Reis Carvalho e J. B. Debret, uma vez inseridos na cultura de representação dos viajantes, acabaram criando uma documentação iconográfica que valorizou a cultura popular através das quitandeiras, carregadores de água,

---

<sup>221</sup> C. LÉVI-STRAUSS (1908-2009). *O olhar distanciado*. pp. 403-406.

<sup>222</sup> F. Iglesias. "O encaminhamento político do problema da escravidão no Império". In: S.B. Holanda (org.). *O Brasil Monárquico*. pp. 196, 202, 203.

entrudos, índios caçadores, vaquejadas, rodas de samba e pescadores, como uma iconografia que resistentia à ideologia das representações dominantes que eram seguidas pelos retratos oficiais e os acontecimentos em torno de aclamações, batalhas etc.

É na tradição dos viajantes, principalmente de seu mestre Debret, que José dos Reis Carvalho obteve suas principais referenciais visuais, mas também estava diretamente influenciado pela bibliografia adquirida pela Comissão Científica que compreendia uma série de ilustrações sobre os costumes populares da América e do mundo. Assim, as transferências dos modelos artísticos ligados à iconografia de costumes vinculadas aos viajantes possivelmente chegaram ao Brasil e, portanto, ao conhecimento dos membros da expedição ao Ceará, principalmente através das obras ilustradas já existentes no IHGB ou na Biblioteca Nacional, somada às obras que foram adquiridas pela Comissão Científica.

Entre as novas aquisições para a Comissão Científica estão o *Voyage autour du monde* de M. Vaillant<sup>223</sup> e o *Voyage autour du monde par les mers de l'Inde et de Chine* de M. Laplace & Cyrille Pierre Théodore, (1793-1875).<sup>224</sup> Estas obras ilustradas traziam vistas com costumes populares que incluíam vendedores de rua, cenas de danças dos povos autóctones, trajes específicos de cada região, pescadores com seus utensílios e manifestações religiosas. Trazim também paisagens urbanas ornadas pelas construções arquitetônicas, ou paisagens exóticas, em certa medida, desprovidas de intervenções humanas, como pode ser verificado nas reproduções a seguir.

---

<sup>223</sup> M. Vaillant. *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite*. Paris : A. Bertrand, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas. Classificação Museu Nacional de História Natural: OR 910.41 V975v + **IN FOLIO 286 OR atlas**.

<sup>224</sup> M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde par les mers de l'Inde et de Chine exécuté sur la Corvette de l'état la Favorite pendant les années 1830, 1831 et 1832*. Álbum historique. Paris : Imprimerie Royale, A. Bertrand Éditeur, Libraire de la Société de Géographie, 1835. Classificação Museu Nacional de História Natural OR 910.41 L314 + **IN FOLIO 73 OR atlas**.



Fig. 3.12 - *Vue de une Rue du Rio de Janeiro.*  
Fonte: M. Vaillant. *Voyage autour du monde.*



Fig. 3.13 - *Convente de San Francisco a Lima.*  
Fonte: M. Vaillant. *Voyage autour du monde.*



Fig. 3.14 - *Scene de Danse, aux iles Sandwich.* Fonte:  
M. Vaillant. *Voyage autour du monde.*



Fig.3.15 - *[Cena de Dança].* Fonte: M. Laplace & C. P.  
Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde.*



Fig. 3.16 - *Pêcheurs*. Fonte: M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde*.



Fig.3.17 - *Barbier Chinois*. Fonte: M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde*.

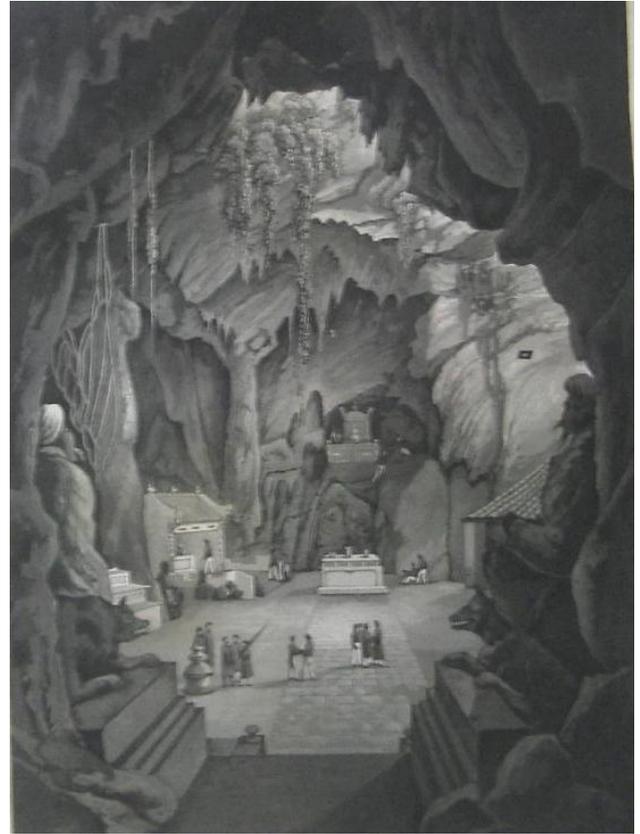


Fig. 3.18 - [*Cena religiosa*]. Fonte: M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde*.

Esta é parte da bibliografia ilustrada pertencente à Comissão Científica de Exploração que foi possível acessar no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. É a principal referência iconográfica que permite contextualizar e aprofundar a compreensão das imagens produzidas por Reis Carvalho e onde ele possivelmente buscou inspiração para documentar os usos e costumes dos habitantes do Ceará entre os anos de 1859 e 1861.

Além disso, Reis Carvalho possuía um caráter essencial para um pintor interessado em costumes populares caracterizado por seu comportamento festivo e próximo público. No Ceará, procurava vivenciar as culturas visitadas e adquirir conhecimentos tácitos para em seguida transportá-los às suas telas. Frequentemente Freire Alemão, em seu *Diário*, descreve-o acompanhando festas de rua e acontecimentos militares ou religiosos. No trecho abaixo diz:

“O Lagos [Manoel Ferreira Lagos] e o Reis também se divertiam com as meninas tocando uma cornetinha de capa quando as viam sem compreenderem, e elas davam muxoxos e arrenegavam.”<sup>225</sup>

Em outra ocasião, em Lavras, 2 de dezembro de 1859, Freire Alemão descreve um evento em torno da bandeira Imperial com a presença de Reis Carvalho:

“Eu saí [...] para assistir às festas. Com efeito, juntamo-nos em roda do mastro. [...] o Reis com sobrecasaca militar e suas fitas, três oficiais – coronel, capitão etc. -, muito bem fardados, músicos e povo.”<sup>226</sup>

Em Iço a 7 de novembro de 1859, descreve:

“Às dez horas fomos eu, Lagos e Reis à missa de defuntos cantada, que aqui chamam festa das Almas. [...] vimos músicas, salmearias e cantaram lições [...] Houve bastante gente [...] vestido de seda preta, com véus e adereços de

---

<sup>225</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859. P. 95.*

<sup>226</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859. P.215.*

ouro, com cordões, pulseiras, broches etc. e estavam bem penteadas.”<sup>227</sup>

De sua convivência com o povo cearense, Reis Carvalho realizou suas aquarelas ligadas às representações dos costumes populares com vaqueiros, vaquejadas, sambas, jangadas, penitentes, além de registrar objetos relacionados aos usos indígenas como a cabaça e a rede de dormir.

### 3.3.2.1 – Os Vaqueiros

Reis Carvalho apresenta o sertanejo como vaqueiro em três aquarelas: *Costumes Populares* (Fig. 85, Anexo II), *Vaqueiro* (Fig. 86) e *Vaquejadas* (Fig. 87). Estas aquarelas apresentam o traço essencial da cultura no Ceará que justifica o jargão de que “todo sertanejo é um vaqueiro”. A presença do gado impulsionou o aparecimento da cultura do couro e o desenvolvimento da pecuária no sertão. A pecuária foi um dos principais fatores de interiorização do nordeste do país de onde surgira uma gama considerável de transformações socioculturais da região.

Um importante personagem da cultura cearense foi exposto na Exposição Nacional de 1861 através de uma litografia intitulada *Um Vaqueiro* de Carl Linde. Ela apresenta o sertanejo numa paisagem composta de palmeiras ao fundo, segurando um cajado, montado em um cavalo e usando chapéu de couro.

---

<sup>227</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859.* P. 161.



Fig. 3.19 - *Um vaqueiro*. Fonte: RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. Exposto pelo Dr. Manoel Ferreira Lagos.



Fig. 3.20 - José dos Reis Carvalho, *Vaqueiro*, Aquarela/Lápis de cor/ Papel – 18—, 15,2 x 14,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

O *Vaqueiro* de José dos Reis (Fig. 86) Carvalho reforça o mito do vaqueiro como um herói. A rigidez de seu casaco de couro marrom é quebrada pela forma do chapéu que acompanha o movimento do torso do vaqueiro. Seu traje típico é o gibão, cujo brilho sob o sol escaldante é fosco. Montado no cavalo, olhando para o lado, o modelo permite uma perfeita visualização de suas vestimentas pelo expectador, pois ela é o que melhor caracteriza sua figuração. O animal muito bem selado tem o olhar atento ao do vaqueiro, suas patas levemente flexionadas sobre o solo indicam a proximidade do movimento e garantem a prontidão para atender aos comandos do vaqueiro. O *Vaqueiro* era um trabalhador importante no sertão seja para que o gado não se perdesse e se tornasse selvagem, seja para passá-los das regiões produtoras aos centros comerciais. Assumia uma posição heroica e eram personagens principais nas festas de vaquejadas (Fig. 87).

Pedro Puntoni descreveu o vaqueiro como herói sertanejo trajado de couro que surgiu após a expulsão dos holandeses do nordeste em 1654. Foi um momento marcado por epidemias e secas durante a crise açucareira que foi seguida de falta de mão-de-obra, basicamente, devido à inflação no preço dos escravos e a destruição dos índios da costa. Estes são os principais fatores que impulsionaram a interiorização do país principalmente através da expansão da pecuária junto com a mineração e foram os fatores relacionados ao povoamento do sertão principalmente das regiões próximas aos rios como o Rio São Francisco e Parnaíba, locais de fornecimento de água para a aridez do sertão. Ali, a criação de bovinos era favorecida pela forragem da caatinga e a vastidão dos chapadões. O solo era árido, mas a paisagem de vegetação rala propiciava a criação e a passagens dos sertanejos, sem a necessidade de grandes manejos da vegetação.

228

O gado fornecia a tração animal para mover as máquinas dos trapiches, a moenda, para o transporte de mercadorias e foi muito recorrente nas obras ilustradas sobre costumes populares tanto em Portugal com L'Eveque, *Costume*

---

<sup>228</sup> P. Puntoni, *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. Pp.25-40.*

*of Portugal, 1814*<sup>229</sup> quanto nos viajantes como Alexandre Rodrigues Ferreira, Rugendas e Thomas Ender. O próprio Reis Carvalho também registrou sua importância como meio de transporte na aquarela *Estação de Carros no Sertão* (Fig. 34) e na aquarela com um carro de boi estacionado, (Fig. 64).

---

<sup>229</sup> L'Évecque. *Costume of Portugal*. F. Colnaghi & Co., London, 1814.



Fig. 3.21 - L'Eveque. "The prisoner's soup". *Costume of Portugal*



Fig. 3.24 - L'Eveque. "A Paisant Girl lending a wagon". *Costume of Portugal*



Fig. 3.22 - L'Eveque. "The Mud Cart". *Costume of Portugal*



Fig. 3.25 - L'Eveque. "Waggons, made use of at Lisbon". *Costume of Portugal*.



Fig. 3.23 -L'Eveque. " A Peasant from the neighbourhood of ovar, driving his wagon". *Costume of Portugal*.

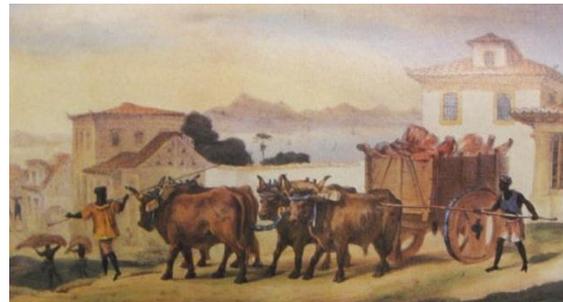


Fig. 3.26 - J.B. Debret. [Carros de bois]. *Viagem Pitoresca*.



Fig. 3.27 - J.M. Rugendas. [Carro de bois]. *Viagem Pitoresca através do Brasil.*

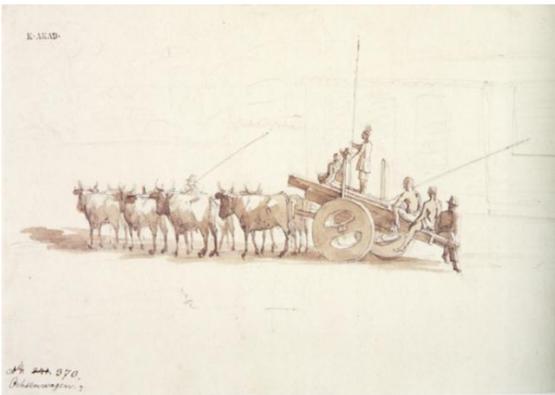


Fig. 3.28 - T. Ender. *Carro de bois. Viagem ao Brasil.* Lápis, com pinceladas de castanho, 195 x 277mm.<sup>230</sup>



Fig. 3.29 - T. Ender. *Pesado Carro de bois. Viagem ao Brasil.* Lápis, 173 x 277mm.

<sup>230</sup> As duas figuras de T. Ender são de R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender.*

O gado servia também de alimento para os habitantes dos canaviais e das cidades do litoral durante os dias não proibidos. Fornecia o couro utilizado para embalar os rolos de tabaco ou exportado como matéria-prima para Portugal.<sup>231</sup>

Neste contexto, a figura do vaqueiro surge mesmo como um herói, como afirma Câmara Cascudo: “Ser vaqueiro é ser destemido, corajoso; e ser perseverante, ter paciência e sabedoria. É sua função buscar o gado e encaminhá-lo ao seu destino. O vaqueiro dá nome ao boi, sabe como tratá-lo [...]”

<sup>232</sup>

Viviam montados em cavalos, ainda que, estes animais eram restritos aos senhores, pois o uso de cavalos nem sempre era possível. Os vaqueiros percorriam grandes distâncias dos centros produtores até os mercados consumidores muitas vezes a pé, dia e noite. A vegetação espinhosa forçou o aparecimento da cultura do couro manifesta em chapéus, calçados e casacos.<sup>233</sup>

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha define o vaqueiro como homem de raça forte e antiga, homem destemido. Como um acrobata, nunca é impedido por pedras, vegetação espinhosa ou barrancos para laçar o garrote desgarrado, “por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo”. O vaqueiro do Norte, antítese do vaqueiro do sul que era adaptado aos planos sem fim, conhecia os horrores da seca, a devastação e a miséria do solo calcinado. Sobre sua cabeça tinha a ameaça perene do sol. Era como um guerreiro antigo que atravessava a mocidade numa intercadência de catástrofes, quase sem ter sido criança.<sup>234</sup>

A roupa de couro era sua armadura flexível de um vermelho pardo, como se fosse um bronze flexível que não rebrilhava ferida pelo sol, era fosca. A sela de montaria era feita por ele mesmo com pele de bode, um couro resistente que cobre as ancas do animal, peitorais que lhe resguardavam o peito. Vestidos doutro

---

<sup>231</sup> P. Puntoni, *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. pp.21-24.

<sup>232</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001. p. 179.

<sup>233</sup> P. Puntoni, *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. pp.38-40.

<sup>234</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. p. 116, 129, 130, 131.

modo, homem e cavalo, não romperiam, incólume, as caatingas e os pedregais cortantes, nas mesmas palavras de Euclides da Cunha:

“Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.”<sup>235</sup>

Era o couro que protegia o vaqueiro do sol e da vegetação espinhosa que também foi descrita por Rachel de Queiroz: “E o chão, [...], era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos”.<sup>236</sup>

O vaqueiro passava cuidando na maior parte do tempo do rebanho que não lhe pertencia. Era meeiro submisso que recebia parte do cultivo em terras arrendadas. O sertanejo, quando não estava na lide da agricultura rudimentar às margens dos rios, era vaqueiro. Vivia em choupanas de pau-a-pique à borda das cacimbas. Dos símbolos gráficos conhecia primeiro o *a*, *b*, *c*, e os “ferros” com desenhos, letras, siglas tatuados no couro dos animais, não só de suas fazendas, mas das vizinhas para de pronto restituir ao verdadeiro dono o animal desgarrado nunca apresentado em feiras ou submetido ao trabalho duro, morria de velho. Quando era fêmea e gerava filhotes, separava uma parte para si (1/4 da cria), ferrava os demais com o mesmo símbolo da mãe, às vezes, quando o dono aparecia levava consigo a vaca e os novos bezerros, como conta Euclides da Cunha.<sup>237</sup>

---

<sup>235</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. p. 132.

<sup>236</sup> Queiroz, R. de. *O quinze*. p. 19.

<sup>237</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. pp. 134-136.

O autor de *Os Sertões* relata duas festividades que ocupavam o vaqueiro: as vaquejadas e as “rodas” de samba, ambas pintadas por José dos Reis Carvalho.

Nem sempre o vaqueiro era visto como um herói, Gonçalves de Magalhães, ao visitar o Maranhão entre 1839 e 1840 como secretário do governo imperial para compor sua “Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão”, descreveu os criadores de gado, que se ocupavam da salga das carnes e dos couros, como homens que viviam sem ordem, sem lei e sem religião:

“[...] sem domicílio certo, pela maior parte de má raça cruzada de índios, brancos e negros, a que chamam cafuzos, os quais são muito amantes dessa vida meio errante, pouco dados a outros misteres e muito à rapina e à caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso de nossa linguagem. São estes homens de cruel índole pelo hábito de pastorar e matar o gado, consumindo o resto da vida em ócio ou em rixas. Desta gente bruta há grande manadas nesta província, e assim nas do Piauí e Ceará, análogas a estes pelos usos e costumes”.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> G. Magalhães. “Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão” Publicado na *Revista do IHGB* em 1848 e republicado como “Memórias da Balaiada”. *Introdução Luís Felipe Alencastro. Novos Estudos Cebrap, 23: 7-66, 1989. Apud K. Kodama. Os índios no Império do Brasi ... p. 247.*

### 3.3.2.2 – As Vaquejadas

Segundo L. C. Cascudo não havia registro das vaquejadas antes de 1870, nenhum viajante a citara, nem mesmo Henry Koster em *Viagem ao nordeste do Brasil* (Brasília, São Paulo, 1942) que atravessou do Recife a Fortaleza, em 1810.<sup>239</sup> Na verdade, elas apareceram primeiramente como registro iconográfico em *Viagem Pitoresca através do Brasil* de J. M. Rugendas quando ele registrou um “Habitante de Goiás”.<sup>240</sup>



Fig. 3.30 - J.M. Rugendas. “Habitan de Goyaz”. Fonte: *Viagem Pitoresca Através do Brasil*.

As vaquejadas ocorriam nos fins do inverno, para fins de beneficiamento, castração, ferra e tratamento das feridas do gado, mas também era um período

<sup>239</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001. p. 179.

<sup>240</sup> J. M. Rugendas. *Viagem Pitoresca através do Brasil*.

festivo no qual o vaqueiro demonstrava suas habilidades com o cavalo e com o manejo do rebanho. Para vaquejada propriamente dita, derrubava-se o animal, puxando-o bruscamente pela cauda, indo o vaqueiro a cavalo: “[...] o vaqueiro segura a cauda do animal dando um forte puxão e, no mesmo instante, afastando o cavalo”.<sup>241</sup> Esta descrição ilustra perfeitamente o que registrou Reis Carvalho na aquarela *Vaquejada* (Fig. 87, Anexo II).

Era a *mucica* [Tupi: *mô-cyca*: puxada, arrasto, o puxão no rabo do bicho para derrubá-lo.] ou *saiada* [puxão pela saia]. A vaquejada, queda-de-rabo, parece ter origem espanhola, atestada pelos tratadistas D. José Maria Cossio e D. José Daza, e na América iniciou-se no século XIX como uma necessidade para manejar o gado, era popular no México.<sup>242</sup>

Uma das descrições mais precisas das vaquejadas vem também de Euclides da Cunha: elas consistiam em reunir, e discriminar depois, o gado da vizinhança que viviam juntos sem cercas e sem cavalos, soltos, eram irradiados para a caatinga. Os sertanejos desapareciam em instantes. Passados alguns instantes, ouviam-se os cascos sobre pedras, o estrépido de galhos estalando, um estalar de chifres embatendo, uma nuvem de pó. Com o cavalo trazia apenas uma parte do rebanho e entregava aos companheiros em “esteira”, em seguida, voltava à pesquisa:

“Enquanto outros repontam além, mais outros, sucessivamente, por toda a banda, por todo o âmbito do rodeio, que se anima, e tumultua em disparos: bois às marradas ou escarvando o chão, cavalos curveteando, confundidos e embaralhados sobre plainos vibrantes num prolongado rumor de terremoto. [...]”

---

<sup>241</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001. p. 179.

<sup>242</sup> L. C. Cascudo. *A vaquejada nordestina e sua origem*. p. 27-28, 37.

“O touro largado ou o garrote vadio em geral foge à revista. Afunda na caatinga. Segue-o o vaqueiro. [...] Não o larga; até que surja o ensejo para um ato decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo, de arranco; cair logo para o lado da sela, suspenso num estribo e uma das mãos presa às crinas do cavalo; agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um rapelão fortíssimo, de banda, derribá-lo pesadamente em terra... Põe-lhe depois a peia o a máscara de couro, levando-o jugulado ou vendado para o rodeador.”

“Depois, ao findar do dia, a última tarefa: contam as cabeças reunidas. Apartam-nas. Separam-se, seguindo cada um para sua fazenda tangendo por diante as reses respectivas.”<sup>243</sup>

Freire Alemão também descreveu no seu *Diário* o vaqueiro e a vaquejada vistos por ele em 22 de outubro de 1859:

“[...] eu vim até Iço. [...] Quando chegamos do Pereiro achamos já na povoação muitos vaqueiros com suas vestimentas de couro e seus quataus, amestrados no exercício de vaqueiro e prontos para derrubar o gado [...]. O sol era ardentíssimo, como já disse, mas eles quiseram mesmo àquela hora (era mais de meio-dia) dar-nos o espetáculo do derrubamento de bois. [...] O Reis, trepado na cerca do curral com o seu álbum, desenhara a serra”.<sup>244</sup>

Ele prossegue a descrição dando os detalhes da vaquejada e do perfil heroico do vaqueiro:

“Abria-se o curral, partiu um boi e atrás dele um ou dois cavaleiros [...] deitando-se de lado o boi; pegava-lhe a cauda enrolada na mão e imediatamente o cavalo *abria*, isto é,

---

<sup>243</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. pp. 138-9.

<sup>244</sup> F. F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão*. Fortaleza-Crato. 1859, P. 146.

afastava-se do boi e o cavaleiro puxando-o pela cauda dava com o boi no chão. [...] O que se conta destes homens, correndo atrás de bois por meio de catingas ou matas cerradas, por lugares pedregosos e cheios de precipícios, é próprio a formar um romance. São homens destemidos, ágeis e vigorosos e cheios de entusiasmo pela vida.”<sup>245</sup>

A *Vaquejada* (Fig. 87) era quase um ritual, Reis Carvalho apresentou-a pois ela era tão importante para o sertanejo como uma festividade que reunia homens do povoado e o gado de diversos proprietários. Era, portanto, um registro iconográfico de um costume popular bem característico da Província do Ceará marcada pela presença do vaqueiro, tais representações não poderiam passar despercebidas aos olhos da Comissão Científica, uma vez interessada nos meios de vida e sobrevivência das povoações visitadas.

### **3.3.2.3 - Sambas, Batuques, Lundus e Carnavais.**

Uma breve descrição do roteiro da viagem por Freire Alemão demonstra uma festividade onde apareciam negros e brancos envolvidos em danças acompanhadas por ritmos que lembravam os costumes dos africanos e suas “rodas de samba”.

De acordo com o *Diário* era domingo, 20 de agosto de 1859, a Comissão Científica, ali composta pelas Seção Botânica e pela Seção Zoológica, partia da vila de N. S. do Ó, onde Reis Carvalho havia tirado vistas da Matriz e da Capela. Como fizera na Vila de Aquiraz, cujo desenho da vista possivelmente resultara na aquarela *Igreja Matriz na Vila de Aquiras* (Fig.42).

Após chegarem num pouso chamado Alto das Cajazeiras, os membros da Comissão Científica ficaram numa palhoça de grande telheiro aberto, alimentaram os cavalos com jerimums e cearam presunto com beijus que lhes ofereceram as

---

<sup>245</sup> F. F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859, P. 147.*

farinheiras, pois era uma casa de fabricação de farinhas. Ali se juntaram mais homens da redondeza, curiosos e contadores de histórias. Freire Alemão diz que a noite terminou em festa:

“Ficamos em nossas **redes** e a turba, assim como alguns dos nossos, foi para a casa da vizinha, e ao som duma rabeça e de uma **viola** dançou o **samba** até muito tarde.”<sup>246</sup>

Esta descrição permite interpretar a aquarela *Samba* (Fig.84) de Reis Carvalho e compreender a dança que executam os personagens desta aquarela que, embora, não contenha inscrições sobre a localidade, alguns elementos indicam que esta aquarela está relacionada à Comissão Científica de Exploração. A presença da figura de um homem com roupa e chapéu de couro, tal qual a figura de um sertanejo da aquarela *Costumes Populares* (Fig. 85), indica que a aquarela fora realizada no Ceará para registrar um roda de samba acompanhada por viola.

Outra referência importante sobre as danças dos escravos vem de J. M. Rugendas que, em *Viagem Pitoresca através do Brasil*, relata no capítulo “Usos e Costumes dos Negros” as noites de canto e dança nas quais quase sempre ficavam os escravos reunidos após os mais duros trabalhos dos dias.

Suas gravuras *Lundu*, *Batuque* e *Capoeira* registram as palmas que provocavam as danças, seguidas por vozes que repetiam o refrão do dançarino enquanto ele movimentava seus quadris e estalava seus dedos. “Todo seu demasiado expressivo corpo compunha o *batuque*, dança habitual do negro, como o *lundu*, feitos aos pares, ao som do violão, por vezes, junto com os portugueses”.<sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato*, 1859. pp. 54-56. (Grifos adicionados).

<sup>247</sup> J. M. RUGENDAS. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. pp. 196-7.

Robert W. Slevés também identificou nestas danças de origens africanas a presença da viola e a comum a presença dos brancos, também confirmada pelas vestimentas dos participantes. Para a aquarela “Lundu” de J.M. Rugendas, diz:

“[...] O casal dançante também é branco e o homem é representado com pequenos objetos nas mãos, que parecem castanholas. A música que os inspira é tocada por um violonista vestido elegantemente. O que Rugendas parece indicar é que esta dança não pertence exclusivamente aos escravos; representa uma fusão de elementos culturais de diversas origens”.<sup>248</sup>

*Samba* (Fig.84) está relacionada aos momentos em que aconteciam as rodas de danças no Ceará, provavelmente ligadas aos *lundus* e aos *batuques*. Estes estilos eram comuns entre todos, incluindo-se a população branca, aprendidos com os negros africanos.

Estas danças foram registradas por outros viajantes que estiveram no Brasil como Charles de Ribeyrolles (1812-1861), um crítico do trabalho forçado, da falta de direitos civis e da escravidão. Sua obra *Brasil Pitoresco, Histórias. Descrições, Viagens, Instituições, Colonização*, acompanhada de um Álbum de vistas, fora doado ao IHGB em 1859 por Victor Frond.<sup>249</sup> O Instituto então era conhecedor de suas ilustrações referentes às várias atividades dos negros escravos em suas vestimentas, modos de trabalho e no cotidiano da lavoura, como verificou Maria Antonia Couto.<sup>250</sup>

Como relatou Ribeyrolles, a falta de liberdade dos escravos só era amenizada nos momentos em que se entregavam às danças, dentre a *capoeira*, *batuques* e *lundus*, como relatou:

---

<sup>248</sup> R. W. Slenes. “As provações de um Abrão africano: a nascente nação brasileira na *Viagem Alegórica* de Johann Moritz Rugendas”. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. p. 275.

<sup>249</sup> IHGB. “Obras, Impressos, Manuscritos, oferecidos ao Instituto Histórico no Anno de 1859”. In: *RIHGB Tomo 22*, 1859. p.750.

<sup>250</sup> Veja: M.A.Couto da Silva. *Um monumento ao Brasil: considerações acerca da recepção do livro Brasil Pitoresco, de Victor Frond e Charles Ribeyrolles (1859-1861)*, pp. 49-54.

“No sábado, à noite, finda a última tarefa da semana, e nos dias santificados, em que trazem folga e repouso, concedem-se aos escravos uma ou duas horas para a dança. Reúnem-se no terreiro, chamam-se, agrupam-se, incitam-se e a festa principia. Aqui é a *capoeira*, espécie de dança pírrica, de evoluções atrevidas e combativas, ao som do tambor do Congo. Ali é o *batuque*, com suas atitudes frias ou lascivas, que o *urucungo* acelera ou retarda. Mais além é uma dança louca, com a provocação dos olhos, dos seios e das ancas. Espécie de convulsão inebriante a que chamam de *lundu*”.<sup>251</sup>

Freire Alemão também relatava em seu *Diário* que os escravos, de vida dura, vinham pedir-lhe ajuda para serem alforriados, por exemplo, quando estava em Lavras, diz: “Algumas raparigas nos têm vindo pedir alforria; mas a isso nós temos esquivado.” Em outro momento relatou:

“Içó, 7 de novembro [1859]. A preta que nos traz o jantar (que é feito em casa de família) tem uma filhinha, parda, por nome Martinha e que nos lembramos aqui de forrar por subscrição, e hoje apresentou a filha, com licença do senhor para se forrar pelo preço de 600\$. [...] Combinamos em propor a alforria da criança por 400\$ [...].”<sup>252</sup>

As festividades dos negros na corte atraíam as atenções de viajantes como Debret que descreveu, na gravura *Cena de Carnaval*, os embalos das festas que aconteciam nas ruas do Rio de Janeiro e uma cena típica de *entrudos*, onde se arremessavam limões-de-cheiro e seringas de flandres.<sup>253</sup>

---

<sup>251</sup> C. de Ribeyrolles (1812-1869?). *Brasil pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições*. V.2, pg. 51.

<sup>252</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato*, 1859. pp. 213, 167.

<sup>253</sup> J. B. DEBRET. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. 1978, p.303.

Mello Moraes filho em seu livro *Festas e Tradições populares no Brasil* descreve o processo de fabricação desses famosos projéteis que aparecem na aquarela *Carnaval* de J. B. Debret, *Viagem Pitoresca*.

“Em volta de um fogareiro [...] num caburé [panela de barro] meio d’água, espessa camada de cera fundida. As fabricantes de laranjinhas espetavam, em ponteiros, limões naturais [...] metiam no lastro oleoso e colorido os limões untados de sabão [...] Sobre uma cadeira havia uma tigela com cera morna, que servia para soldar as bandas separadas [com canivete] e embutir o orifício deixado pelo cabo por onde o seguravam.

Findo este processo, enchiam [com funil] as delicadas cápsulas com águas aromatizadas de essências de canela, rosas, cravo, etc.”<sup>254</sup>

Nesta atmosfera de liberdade festiva grupos de escravos exibiam-se em cortejos com danças e músicas, chamados Congos ou Cucumbis.<sup>255</sup> No entanto, a elite, como em todo mundo, buscava apropriar-se do espaço urbano de forma física e simbólica, seus passeios carnavalescos ocupavam o espaço central do Rio de Janeiro. O entrudo teria de ser extinto e em 17 de fevereiro 1841, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou o código completo de proibições onde coibia vozerias, gritos e alaridos. Os jogos de entrudo podiam levar o escravo a cem açoites. Em 1854, as ruas do Rio de Janeiro receberam a nova iluminação a gás, pouco a pouco, os bailes de máscara saiam às ruas. Escravos, pobres, prostitutas começavam a “perder” seus espaços para o lazer com regras e normas,

---

<sup>254</sup> M. Moraes *apud* F. Felipe. *O livro de ouro do Carnaval Brasileiro*. p. 82

<sup>255</sup> F. Felipe. *O livro de ouro do Carnaval Brasileiro* pp. 89-93.

restringiam os movimentos.<sup>256</sup> O Grande Baile Máscara do Teatro Provisório, de 1854, apresentou quadrilhas como a *Lê Dimanche du Sonner*, valsas como *Taglionmi* e *schottisches* como *La Calabrais*<sup>257</sup>. (*Jornal do Comércio*, 5 de janeiro de 1854). O *Correio Mercantil* de 20 de fevereiro de 1855 comemorou o fim da seringa, do limão de cheiro e da gamela d'água.<sup>258</sup>

As manifestações culturais dos negros na corte parecem sim ter chegado às províncias do norte, como registrou José dos Reis Carvalho na aquarela *Samba* (Fig.84). Embora não apresente uma datação exata, como ele fez em outras aquarelas, esta ilustração parece estar relacionada ao Ceará, marcada principalmente pela presença do vaqueiro, da viola e das garrafas de aguardente sobre a mesa. Como narrou Euclides da Cunha, nas horas de folga, o vaqueiro perdia-se em sapateados ao som dos pandeiros e do tilintar das esporas sobre o chão que acompanhavam as cadências das violas:

“Encourados de novo, seguem para os **sambas** [...] vibram no “choradinho” ou “baião””. Por falta de espaço nas choupanas, os convidados eram recebidos no terreiro varrido mobiliado de troncos e **tamborettes**, à noite, o salão de baile ficava alumado pelo luar e pelas estrelas. “Despontam o dia” ébrios pelos traços da **aguardente**, “a teimosa”.<sup>259</sup>

A forma como se dispõem os dançarinos pelos movimentos acentuados dos braços e quadris permitem a interpretação desta aquarela como um tipo de dança documentada por Reis Carvalho relacionada às *umbigadas*, um termo que aparece nas descrições sobre danças de negros africanos. O termo *umbigadas* remetiam aos *batuques* e *lundus*, também registrados pelas conhecidas

---

<sup>256</sup> F. Ferreira, *Inventando Carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. p. 32, 58.

<sup>257</sup> F. Felipe. *O livro de ouro do Carnaval Brasileiro*. p. 123.

<sup>258</sup> F. Ferreira, *Inventando Carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. p 27.

<sup>259</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. pp. 133, 142-3. Os grifos foram adicionados. Veja na aquarela *Samba* [Fig. 84] um tamborete onde está sentado o violeiro.

ilustrações de J.M. Rugendas em *Viagem Pitoresca através do Brasil*, como foi mencionado anteriormente.

Para Luís Câmara Cascudo, em *Dicionário do Folclore Brasileiro*, *Umbigada* era uma batida com o umbigo nos batuques em fila ou em danças de roda como no Fandango, no Lundu ou nos Cocos de roda como uma *invitation à la danse*. O *Lundum* ou *Lundu* fora dançado no Brasil com umbigadas como informa Lopes Gama em *O Carapuceiro*, no. 65, Recife, 12 de novembro de 1842.<sup>260</sup>

Câmara Cascudo, utilizando os registros de Alfredo Sarmiento afirma que, formado o círculo, saltavam para o meio da arena dois ou três pares de homens e mulheres dançadores e ao redor ficavam os assistentes, bem próximo do que registrou Reis Carvalho. A dança consistia num bambolear sereno do corpo, marcado por um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços. Quando os primeiros pares do centro da roda sentiam-se extenuados iam ocupar os respectivos lugares no círculo, e eram substituídos por outros pares, que executavam os mesmos passos. Essa dança era a diversão predileta dos habitantes do sertão africano (Congo). A umbigada veio para o Brasil com os escravos bantos. Além de Alfredo de Sarmiento, sobre este tema Cascudo cita ainda Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e dá outras referências para a palavra “Samba” ao encontrar uma relação com os verbos “agradar” e “galantear”, atitudes relacionadas aos convites à dança das *umbigadas*:

No *Dicionário Etimológico Bundo-Português*, do padre Albino Alves (Lisboa, 1951), registra-se “*Semba*, dança”. Não *Samba*. No *Dicionário Kimbundo-Português*, de A. de Assis Júnior (Luanda, Argente, Santos e outros), lê-se: *Masemba*, umbigada (na dança). *Kusemba*, verbo transitivo e intransitivo. Agradar, galantear, desvanecer.

---

<sup>260</sup>L. C. CASCUDO. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. p. 709.

Oscar Ribas (*Missosso*, III, Luanda, 1964) afirma: “*Samba* é deformação de *Semba*, pois qualquer dos bailados é constituído de umbigada”.<sup>261</sup>

Câmara Cascudo define *Samba* como uma dança de roda, inicialmente o mesmo batuque, dançado, como elemento citadino, com par enlaçado, umbigadas que vieram para a América Latina com outros nomes: lundu, batuque. Diz que *Samba* é nome angolano, que teve sua ampliação e vulgarização no Brasil, consagrando-se na primeira década do século XIX. Define ainda *Samba de caboclo* proveniente dos terreiros de Angola-Congo e Moxicongo, cujas interpretações baseiam-se em lendas, estórias de valentia e da presença de santos católicos nos acontecimentos de vida cotidiana. Durante a festa de caboclo é costume fumar cachimbo e cigarro de palha com fumo de corda. Agogô, cabaça, caxixi, chocalho, taco, pandeiro assim como a viola foram os instrumentos incorporados ao conjunto que aumentaram os recursos melódicos do samba de caboclo.<sup>262</sup>

A aquarela *Samba* de Reis Carvalho refere-se a uma *Umbigada*. Os estudos de Edison Carneiro também demonstram a relação entre os sambas e as umbigadas: Portugal ao tentar conhecer seus domínios no sudoeste africano enviou expedições para suas colônias de Angola e Congo e, assim, foram publicados os livros *Os Sertões d'África*, com os apontamentos de viagem de Alfredo Sarmiento. Desta expedição resultaram outras obras como *De Benguela às terras de Iaca* de Hermegildo Capelo e Roberto Ivens que resultou de uma expedição de interesse geográfico, realizada entre 1877 e 1880, e também, do Major Dias de Carvalho a *Etnografia e história tradicional dos povos de Lunda*, durante sua missão às terras do Muatimvua. Para Alfredo de Sarmiento, *semba*, seria o nome com que os angolenses designavam a *umbigada* e nada indicava relação com umbigo embora a *umbigada* “efetiva” era a regra, no entanto, ao

---

<sup>261</sup> L. C. CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*. p. 709-10. .

<sup>262</sup> L. C. Cascudo, *op. Cit.*, pp. 614-5.

passar a outros grupos foi sendo substituída por gestos equivalentes, como acenar do lenço, o convite mímico, o simples toque de perna ou de pé.<sup>263</sup> Alfredo de Sarmiento em *Os Sertões D'África*, Lisboa, 1880, relata a *umbigada* na região de Luanda:

“o batuque que consiste [...] num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um prêto ou preta que, depois de executar vários passos, vai dar uma umbigada, a quem chamam *semba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo, substituí-lo”<sup>264</sup>

Edison Carneiro em sua obra *Samba de Umbigada* traça uma série de autores de diferentes partes do Brasil como Rossini Tavares de Lima, para elucidar aspectos históricos da dança popular como o *batuque*. Segundo ele o *batuque* realiza-se, habitualmente, em terreno levemente inclinado, as mulheres, da parte de cima, descem e os homens, da parte de baixo, sobem para um encontro de umbigada. Antes da umbigada davam-se passos arrastados para direita e parra esquerda, ou vice-versa. A aproximação dos ventres dos dançadores, também chamados batuqueiros ou batuqueiras, se dava, muitas vezes, de forma violenta, a batida certa exigia inclinação do tronco para trás. No momento da umbigada os braços eram levantados e batiam-se palmas acima da cabeça. A regra era três umbigadas por encontro. Ao final, executava-se o *leva e traz*, as batuqueiras, de braços dados, descem e sobem, sem parar, dando umbigadas.<sup>265</sup>

Os batuques já estavam proibidos desde a Independência, dos 170.200 escravos que chegaram na Bahia entre 1820 e 1850 muitos se reuniam nas festas que permitiam ao negro a realização dos batuques. Muitos deles eram

---

<sup>263</sup> E. Carneiro, *Samba de Umbigada*, p. 9, 45.

<sup>264</sup> A. Sarmiento *apud* E. Carneiro, *Samba de Umbigada*, p. 10.

<sup>265</sup> E. Carneiro. *Samba de Umbigada*. p. 29.

considerados aquilombados e sempre existia o medo de levantes. Nas praças, até altas horas da noite, os batuques com sua dança e música, indicavam a vitória simbólica dos africanos que não se deixariam escravizar mentalmente na guerra de ocupação dos espaços das festas. Os jornais noticiavam que os habitantes ficavam horrorizados com os batuques, o *Correio Mercantil* de 04 de julho de 1838 um batuque nos arredores de Salvador que teria levado “o susto e o terror a imensas famílias daquelas vizinhanças”. Os próprios corpos, aliás, se libertavam no espaço de suas festas como na coroação de 1841. Em 1855, a Assembléia reuniu-se para discutir o batuque, o mais eloquente deputado, era o jornalista liberal João José Barbosa de Oliveira, pai de Rui Barbosa, para ele, o batuque era uma dança impossível de ser proibida nas residências dos praticantes porque não se podia penetrar no coração humano.<sup>266</sup>

Em *Samba* (Fig.84) de Reis Carvalho está marcado um traço característico do *lundu*: as *umbigadas* muito frequentes no Campo de Sant’Ana. Mário de Andrade, que produziu a obra *Danças Dramáticas do Brasil*, reafirma ser o batuque precursor do *lundu*, cuja raiz estava nos batuques angolanos e, transformados no Brasil, passaram a ser acompanhados por instrumentos de corda, como verificou Martha Abreu, e daí a presença da viola na aquarela de Reis Carvalho.<sup>267</sup>

Estas festividades descritas confirmam as observações de Maria Sylvia Porto-Alegre para quem as dificuldades do sertão, como o calor intenso do tempo seco e a saudade dos acontecimentos culturais da corte, eram amenizadas pelos membros da Comissão Científica quando subiam às serras de matas exuberantes e de temperaturas amenas e pelo convívio social do contato com os moradores. Entreteciam-se com jantares acompanhados por “samba de negros” e rodas que

---

<sup>266</sup> J. J. dos Reis. “Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista”. p. 345-355.

<sup>267</sup> M. Abreu. “Nos requebros do Divino”: *Lundus e Festas populares no Rio de Janeiro do século XIX*. pp. 264-7.

aconteciam nos quintais das casas dos proprietários tal qual nas palhoças onde habitavam os escravos.<sup>268</sup>

### 3.3.2.4 - Penitentes

Nas aquarelas em que Reis Carvalho representou os penitentes, *Penitentes – Venda Grande* [Fig. 80], *Penitentes em Sobral* (Fig.81) e *Penitente* (Fig. 82), registrou um costume religioso que acontecia no sertão onde os fiéis carregavam pedras, batiam as costas com chicotes ou flagelavam-se com outros apetrechos. Uma descrição de Euclides da Cunha sobre tais atividades religiosas elucida os desenhos com penitentes de Reis Carvalho. Eram as atividades dos “Serenos” que segundo ele ocorriam pelos anos de 1850.

“Em 1850 os sertões de Cariri foram alvoroçados pelas depredações dos Serenos, exercitando o roubo em larga escala.

Aquela denominação indicava “companhias de penitentes” que à noite, nas encruzilhadas ermas, em torno das cruzes misteriosas, se agrupavam, adoidadamente, numa agitação macabra de flagelantes, impondo-se o cilício dos espinhos, das urtigas e outros duros tratos de penitência. Ora, aqueles agitados saíram certo dia, repentinamente, da matriz do Crato, dispersos, em desalinho – mulheres em prantos, homens apreensivos, crianças trementes – em procura dos flagícios duramente impostos. Dentro da igreja, missionários recém-vindos haviam profetizado próximo fim do mundo. Deus o dissera – em mau português, em mau italiano em mau latim – estava farto dos desmandos da Terra...

---

<sup>268</sup> M. Sylvia Porto Alegre. “150 anos depois: Na ronda do tempo”. In: L. Kury (org.). *op. cit*, 2009. pp. 10-15.

E os derivados foram pelos sertões em fora , esmolando, chorando, rezando, numa mandria deprimente , e como a caridade pública não os podia satisfazer a todos, acabaram – roubando.”<sup>269</sup>

Os penitentes, que também foram descritos por Freire Alemão em seu *Diário*, foram registrados por Reis Carvalho ao demonstrar sua habilidade para o desenho da figura humana proveniente muito provavelmente do contato que tivera com as obras traduzidas por F.-É. Taunay em 1837: *Epítome de Anatomia - De Hum compendio de Physiologia das paixões, e de algumas considerações gerais sobre as proporções com as divisões do corpo humano*, um conjunto de três obras: *Epítome de Osteologia e Myologia de Torteбат*, *Physiologia das paixões* de Carlos Lebrun e *Considerações Geraes sobre as proporções*, por Millim; com as divisões do corpo de Gerard Audran.<sup>270</sup>

Por estas aquarelas Reis Carvalho demonstrou seu empenho em expressar a relação existente entre sentimentos do homem e movimentos dos ossos e músculos. A representação das diferentes partes do corpo devia obedecer uma proporção harmônica das partes em relação a seu todo.

Nestas três aquarelas citadas Reis Carvalho buscou protagonizar o homem, cujos sentimentos deveriam ser estudados e exteriorizados plasticamente à semelhança de um ato teatral. As diferentes paixões da natureza humana deveriam ser congeladas, como indicou Lebrun após dedicar-se a ler o *Traité des Passions* de Descartes (1596-1650), escrito em 1649 e publicado, em 1678. Lebrun publicou também o *Tratado sobre a fisionomia do homem comparada à dos animais*, onde buscou conhecer o caráter humano através dos traços fisionômicos.<sup>271</sup> A face do homem carregando pedras é reflexo de seu estado de sofrimento

---

<sup>269</sup> E. Da Cunha. *Os Sertões*. pp. 158.

<sup>270</sup> LEBRUN, C., Torteбат, Millini & G. Audran. *Epítome de Anatomia - De Hum compendio de Physiologia das paixões, e de algumas considerações gerais sobre as proporções com as divisões do corpo humano*; Trad. F. E. Taunay, Typografia Imperial e Constitucional de V Villeneuve e Com., Rio de Janeiro, 1837.

<sup>271</sup> I. C. Sá, *Academias de Modelo Vivo e Bastidores da Pintura Acadêmica Brasileira*, p. 230.

como Lebrun descreveu em *Physiologia das Paixões*: "Quando a alma está num sossego perfeito, as feições do semblante ficam no seu estado natural". As diferentes paixões tinham uma influência marcada pelos músculos da face e modificavam segundo a violência das paixões. A cólera e o desespero desfiguram todas as feições do semblante, e a compaixão e os júbilos modificam-no levemente.<sup>272</sup> Certamente seguiu os ensinamentos do texto de Leon Batista Alberti (1404-1472), o *Da Pintura*:

"Os melancólicos têm testa franzida, a cabeça lânguida; todos os membros caem como se estivessem cansados e descuidados. Nos irados, porém, a ira, incitando a alma, intumesce de cólera os olhos e a face e os incendeia de cor; todos os membros quanto maior a fúria, mais se atiram em ousadia. Nos homens alegres e felizes os movimentos são livres e com certas inflexões agradáveis."<sup>273</sup>

Por estas aquarelas nota-se também o cuidado de Reis Carvalho em representar a estrutura anatômica dos corpos dos penitentes, o que demonstra familiaridade com a obra de Torteбат, *O Epítome de Osteologia e Myologia*, onde afirma que o pintor deveria conhecer perfeitamente os ossos antes de passar para os músculos dos quais dependiam a qualidade da ação.<sup>274</sup>

As cerimônias de penitências estendiam-se também aos costumes indígenas que as incorporaram nos processos de catequização e foram observadas pela *Revista do IHGB* em 1842 pelo capitão Machado de Oliveira no artigo "A celebração da Paixão de Jesus Christo entre os Guarany's". O relato é decorrente de sua viagem de combate pela região de São Paulo, em 1816, na ocasião intentava-se a anexação da Banda Oriental do Rio da Prata. Na povoação de Alegrete, nas margens do rio Ibirapuiã, o autor descreve as cerimônias da

---

<sup>272</sup> C. Lebrun, "Physiologia das Paixões", in: Lebrun, Torteбат, Audran. *Epítome de Anatomia...*p. 33.

<sup>273</sup> L. B. Alberti, *Da pintura*, p. 122.

<sup>274</sup> Torteбат. "Epítome de Osteologia e Myologia", in: Lebrun, Torteбат, Audran. *Epítome de Anatomia...* p. 1.

Paixão de Cristo entre os Guaranis. Os penitentes reuniam-se numa cabana para os rituais de flagelação, aquele que mais resistisse aos jejuns e às chibatadas com látego era escolhido para representar o Cristo.<sup>275</sup>

---

<sup>275</sup> K. Kodama. *Os índios no Império do Brasil – a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. pp. 226-229. Veja Machado de Oliveira, José Joaquim. “A celebração da Paixão de Jesus Christo entre os Guaranys”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo IV, 1842. pp.331-349.

### 3.3.2.5 – Vendedores

Como em L´Eveque, *Costumes of Portugal*, os registros de costumes incluíam as relações de trabalho e além das atividades de pesca, Reis Carvalho representou *Vendedor de Caju e vendedor de peixes* (Fig. 73), *Venda de garapa* (Fig. 74), *Azeite de Carrapato* (Fig. 75), *Vendedor de sapatos* (ig.76), mas também representou os trabalhadores dos correios em *Correio do Ceará*(Fig.77).



Fig. 3.31 - L'Eveque. "La Marchande de pain à la Place S. Paul". *Costume of Portugal*.



Fig. 3.33 - L'Eveque. "Le Marchand de Balais et de Paillafsons". *Costume of Portugal*



Fig. 3.32 - L'Eveque. "La Marchande de Poissons". *Costume of Portugal*.

### 3.3.2.6 – A pesca e as jangadas

Os registros das atividades de pesca aparecem em *Pesca de piranhas com jiqui* (Fig. 68), *Pesca de piranhas em Russas* (Fig. 69) e *Pescador de Tarrafa* (Fig. 72) e os meios de navegação para estas atividades foram registradas por Reis Carvalho em duas aquarelas *Farol de Mucuripe* (Fig.70) e *Farol de Mucuripe-jangada* (Fig. 71). Uma jangada, utilizadas pelos pescadores que partiam do Farol do Mucuripe, foi exposta no Museu do Ceará.<sup>276</sup>



Fig.3.34 - Jangada. Fotografia. Museu do Ceará. Fortaleza – Ceará. 2009

Fotografia: Cláudio Alves

---

<sup>276</sup> Ficha técnica apresentada pelo Museu do Ceará: "Jangada do tipo "bote", a menor entre os tipos existentes. Feitos com rolos de madeiras leves como a piúba e a timbaúba, dispõe de vela triangular, banco do mastro, remo e equipamento de pesca como samburá, a fateixa, a araçanga, o arancabu e a pinambaba. Doação de Boris Frére & Cia".

Segundo Luís Câmara Cascudo, Pero Vaz de Caminha, em 1 de maio de 1500 escreveu: "... alguns delles (indígenas) se meteram em allmaadias duas ou três hy tijnam as quaes non sam feitasd como as que já vy, somente tres traves atadas juntas...". A almadia era uma canoa feita com uma só árvore de uso indígena e europeu, o cavalete para vela e mais aparatos surgiram depois, no decorrer dos séculos XVI-XVII. A jangada mais popular no nordeste é a de seis paus, a mesma representada por Reis Carvalho em *Farol do Mucuripe* (Fig.70), 1859.<sup>277</sup>

A jangada, usada pelos índios para transporte e pesca, foi também descrita por Pero Magalhães Gândavo:

"Vão pescar pela costa em jangadas, que são uns três ou quatro pau pegados nos outros e juntos de modo que ficam à maneira dos dedos de mão estendida, sobre as quais podem ir duas ou três pessoas ou mais se forem os paus, porque são mui leves e sofrem muito peso em d'água. Têm quatorze ou quinze palmos de comprimento e de grossura ao redor, ocuparam dois pouco mais ou menos"<sup>278</sup>

A jangada foi identificada pela literatura de José de Alencar:

"Aonde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela? Aonde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?"<sup>279</sup>

Para Nearco Barroso, os trabalhos de maior clareza e profundidade sobre as jangadas vêm de Câmara Cascudo e o desenho mais antigo é o de Marcgrav, na sua *Brasiliae Geographica & Hydrographica Tabularnova*, impressa em 1643. A

---

<sup>277</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001. p. 290.

<sup>278</sup> P. M. Gândavo. *História da Província de Santa Cruz*. (Cap. X, edição de 1576). *Apud* N. B. G. Araújo. *Jangadas*. p. 5.

<sup>279</sup> J. de Alencar. *Iracema*. Cap. I *apud* N. B. G. Araújo. *Jangadas*. p. 5.

jangada foi registrada com um só remador, tendo uma vela quadrada que foi substituída pela latina, triangular; os indígenas batizaram-na de CU-TINGA, língua branca, pela sugestão da forma. “De início possuía apenas uma vara ou remo primitivo (palheta) para navegar em rios, riachos, lagoas ou rasos de praia. A jangada do Nordeste, como alguns tipos de balsa de ocorrência no pacífico, é uma das raríssimas embarcações manobráveis a vela e bolina, possuindo, por isso as qualidades de navegabilidade de qualquer veleiro.”<sup>280</sup>

O primeiro registro visual do século XIX foi feito por Henry Foster olhando as costas de Pernambuco, rumo ao Recife, datado de 9 de dezembro de 1809:

“Nada do que vimos nesse dia excitou maior espanto que as jangadas vogando em todas as direções. São simples balsas, formadas de seis peças, duma espécie particular de madeira leve, ligadas ou encavilhadas juntamente, com uma grande vela latina, um pagaio que serve de leme, uma quilha que se faz passar entre as duas peças de pau, no centro, uma cadeira para o timoneiro e um longo bastão bifurcado no qual suspendem o vaso que contem agua e provisões.”<sup>281</sup>

A jangada, capaz de colher de 4.000 a 5.000 peixes por dia, espalhando-se tripa de peixe ou óleo de cação ou tartaruga como iscas na água do mar, após 1809 estava completa e evoluída. Maximiliano de Wied-Neuwied viu uma jangada na costa de Pernambuco na manhã de 27 de junho de 1815: “Cruzamos, enfim, com uma embarcação de pescadores, [...] jangadas; são feitas de cinco a seis paus de uma madeira leve”.<sup>282</sup> Já havia incorporado a vela e a bolina que dava equilíbrio e modera o balanço da jangada: “A bolina da jangada é aquela peça de madeira introduzida verticalmente, como uma grande faca, medita entro os dois meios, mergulhando n’água uns oitenta centímetros”, assim descreve Cascudo ao

---

<sup>280</sup> N. B. G. Araújo. *Jangadas*. p. 7.

<sup>281</sup> H. Koster. *Viagens ao Nordeste do Brasil – Travels in Brazil*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1942. p. 31

<sup>282</sup> M. Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil*. Apud. L. C. Cascudo. *Jangada – uma pesquisa etnográfica*. p. 80.

afirmar que ela fora referida por Jorge Juan e Antônio de Ulloa em uma obra intitulada *Relación Histórica del Viaje a la América del Sud* de 1736.<sup>283</sup>

As representações dos costumes populares dos sertanejos por José dos Reis Carvalho, além de atender aos propósitos econômicos da Comissão Científica em conhecer os meios de aproveitamento dos recursos naturais, resultou também numa valorização os costumes e as tradições dos grupos de pescadores. Suas aquarelas com jangadas reafirmam as tradições dos pescadores e sua importância para o desenvolvimento econômico da nação, mesmo assim havia no sertanejo o receio de que a Comissão Científica era um projeto ambicioso do poder Imperial para subjugar as províncias visitadas, como descreveu Freire Alemão: “Entre Muitos preconceitos, como é o consideramos estrangeiros, e que viemos tomar suas terras, seus mitos, seus tesouros, e escravizá-los etc., etc, [...]”<sup>284</sup>

---

<sup>283</sup> L. C. Cascudo. *Jangada – uma pesquisa etnográfica*. pp. 10, 93, 100.

<sup>284</sup> F. F. Alemão. “Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão”. In: D. Damasceno & W. Cunha. *Os manuscritos do Botânico Freire Alemão*. p. 313.

## 3.4 – Registros das Edificações

### 3.4.1 - Igrejas

J.B. Debret descreveu as adequações das construções locais com paredes grossas e alpendres para amenizar os efeitos do calor tropical nos ambientes.<sup>285</sup> José dos Reis Carvalho expressou seu interesse pelas edificações em algumas de suas ilustrações que incluem casas populares com edificações realizadas sem a sofisticação acadêmica do desenho arquitetônico, tal qual a aquarela *Redemoinho em Iço e Aracati* (Fig. 56, Anexo II).

Ademais, Reis Carvalho seguiu também desenhando as fachadas de casas e Igrejas como registros documentais das edificações cearenses. Entre as localidades do Aracati e o Iço, Freire Alemão relata que ao chegar à Povoação de Jiqui “*Reis estava desenhando a Igreja*”.<sup>286</sup>

Dos templos desenhados encontramos quase todos preservados no Ceará dos tempos atuais como a *Igreja da N. Sra. da Conceição do Outeiro da Praia em Fortaleza*, 1859 (Fig. 43), a *Igreja Matriz na Vila de Aquiras – 1859* (Fig.42), a *Igreja Matriz na Cidade de Aracati*, (Fig. 44) e a *Igreja N. Sra. da Conceição do Monte*, (Fig. 47).<sup>287</sup>

Demolidas foram as *Igrejas N.S. Ó na Vila de Cascavel* (Fig 49) e a *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará* (Fig.40), esta última em 1938 com a realização da última missa relatada pelo jornal *O povo* (19 de Outubro de 1977).

---

<sup>285</sup> C. A. Cerqueira Lemos. “Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX”. In: *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*. Universidade de São Paulo. No. 1, 1993. p. 98.

<sup>286</sup> ALEMÃO, F. F. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato, 1859*, pp. 107.

<sup>287</sup> Uma fotografia intitulada *Igreja N. S. do Rosário na Cidade de Aracati* foi apresentada por Francisco de Andrade Barroso. *Igrejas do Ceará Crônicas histórico-descritivas*, p. 71. A fachada apresentada pelo autor é semelhante à fachada da *Igreja Matriz da Cidade de Aracati* de Reis Carvalho. Infelizmente não pude ir até Aracati para conferir pessoalmente a semelhança, nem mesmo para a *Igreja N. Sra. da Conceição do Monte*. Reis Carvalho possui outra aquarela intitulada *Na. Sra. do Rosário, na cidade do Aracati (4 de setembro de 1859)*, MHN, como o pintor não representou a fachada dianteira desta igreja, não foi possível identificar se as duas aquarelas de Aracati estão relacionadas a um mesmo templo.

Outra construção que merece atenção refere-se a aquarela de Reis Carvalho *Na. Sra. da Conceição do Outeiro da praia na Capital do Ceará* do Museu Histórico Nacional (Fig. 43), a “Igreja da Prainha”, descrita pelo historiador Antonio Bezerra de Menezes.<sup>288</sup> A igreja do arquiteto e engenheiro austríaco José Antonio Seiffer sofreu sucessivas construções com desapropriações dos terrenos e das choupanas adjacentes as quais deram lugar ao atual *Seminário da Prainha* onde estudou o Padre Cícero Romão Batista. No plano de fundo desta aquarela Reis Carvalho representou as duas torres de uma igreja, de localização próxima, lembram as cúpulas da Velha Catedral de Fortaleza.

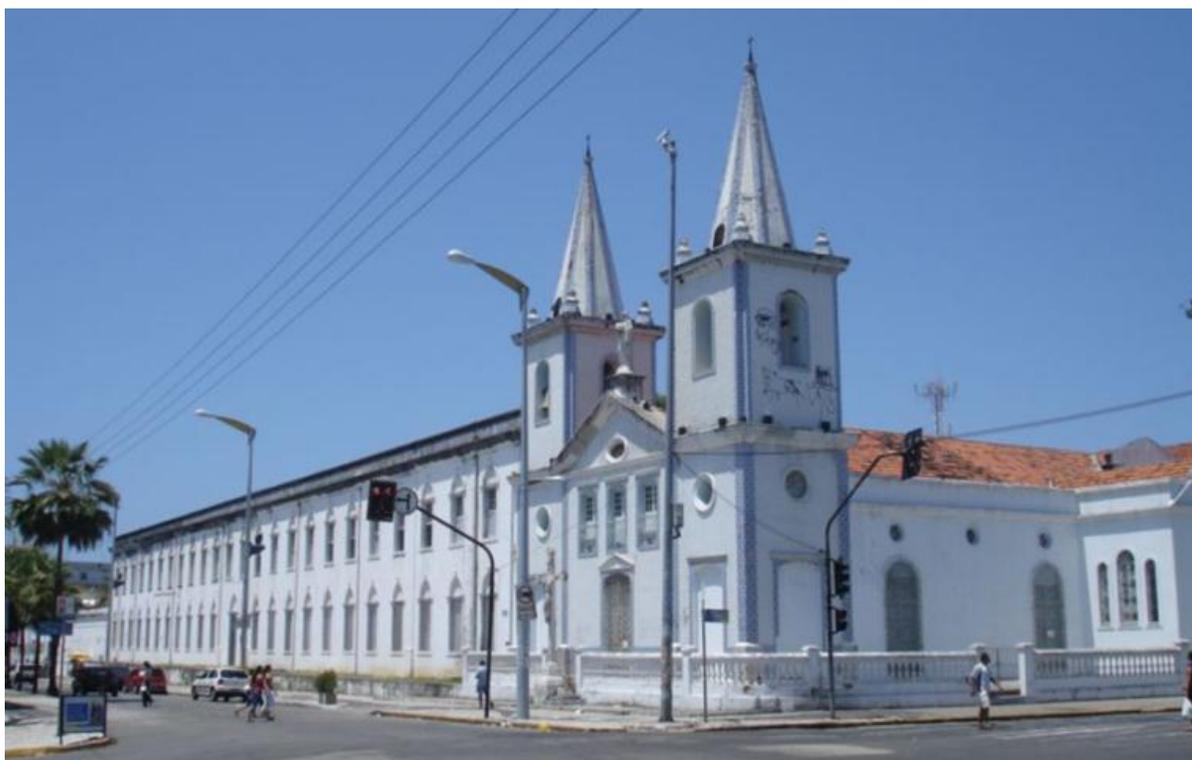


Fig.3.35(a) - Igreja Nossa Senhora da Conceição do Outeiro. Igreja da Prainha. Fortaleza. Ceará.

---

<sup>288</sup> MENEZES, B. “Descrição da Cidade de Fortaleza”, *Revista do Instituto do Ceará*, tomo IX, ano de 1895 citado por Fontes, E. “Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha (I)”, *O Povo*, Fortaleza, Sábado, 12 de dezembro de 1981.



Fig.3.35(b) - Igreja Nossa Senhora da Conceição do Outeiro. Igreja da Prainha. Fortaleza. Ceará. Créditos: Alex Uchôa.

### 3.4.1.1 - A Velha Catedral

Três fotografias da Antiga Sé (Figs 3.37 a 39), pertencentes ao acervo do Museu da Imagem e do Som do Ceará, indicam que José dos Reis Carvalho representou na aquarela *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro* (Fig. 40, Anexo II) a igreja que é conhecida como A Velha Catedral do Ceará e o seu Santo Cruzeiro.<sup>289</sup> A construção da atual Catedral de Fortaleza deu-se em meio a polêmicas relacionadas à demolição da Antiga Sé, o Santo Cruzeiro foi removido e à frente da Catedral ficou uma estátua em homenagem a D. Pedro II, criação do escultor francês Augusto Maillard (Fig. 3.38)

<sup>289</sup> Veja a imagem disponível em <http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=3302>.



Fig. 3.36 - Crédito Desconhecido, Antiga Igreja da Sé, 1914, Museu da Imagem e do Som – Ceará, Acervo Thomaz Pompeu.



Fig.3.37 - Crédito Desconhecido, Antiga Catedral de Fortaleza, em frente à Pça. Caio Prado – 1938, Fotografia, Museu da Imagem e do Som – Ceará, Acervo Thomaz Pompeu.



Fig.3.38 - Crédito Desconhecido, Missa na antiga catedral, 1938, Fotografia, Museu da Imagem e do Som – Ceará, Acervo Thomaz Pompeu.

A história da Antiga Catedral de Fortaleza, de estilo neoclássico, desenhada por Reis Carvalho em *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará* do Museu d. João VI (Fig.40), demonstra que dentre os primeiros fiéis que contribuíram para a construção deste templo estavam os índios.

A edificação deste templo só foi concluída em 1854, cinco anos depois, em 1859, Reis Carvalho pintou a aquarela para documentar o local onde a vida social do povo de fortaleza fervilhava com festas e batismos. A análise dos acontecimentos nos primórdios da construção da Velha Catedral, quando os índios utilizavam-na para as celebrações à N. Sa. da Assunção, permitem compreender como a história do patrimônio documentado por José dos Reis Carvalho teve a participação da comunidade local, o que incluía o elemento indígena.

A escolha de José dos Reis Carvalho em documentar através da aquarela da *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará* (Fig.40) justifica-se pelo difícil e longo percurso deste templo que seguiu a história da cidade de Fortaleza, frequentemente contada a partir de suas fortificações levantadas.

Em 1660, por exemplo, D. Pedro de Mello, Governador do Maranhão, província a que pertencia o Ceará, mandou construir o *Forte de N. S. d'Assunção*. Os índios das proximidades do rio Ceará que estavam em Vila Velha, povoado que estava à margem da Fortaleza de Lusitana de S. Thiago, primeira fortificação levantada, tendo já sofrido com a invasão holandesa, reconheceram que o local não era sadio e partiram de Vila Velha para o *Forte de N. S. d'Assunção*.<sup>290</sup> No centro do quartel e no alto estava situada a Capela em homenagem a santa. Como já estava rodeado por muros que dificultavam a passagem de seus frequentadores, o Padre José Rodrigues doou o terreno ao governo entre 1765 e 1781 na administração do coronel Borges da Fonseca.<sup>291</sup>

Por conta disso, os moradores procuraram outro templo, o de Nossa Senhora do Rosário que serviu de Matriz da Freguesia<sup>292</sup> e os índios formaram

---

<sup>290</sup> Paulino Nogueira. "Fortaleza do Ceará". *Revista do Instituto do Ceará, Tomo II, 1888, pp. 121, 122.*

<sup>291</sup> C.f. Antonio Bezerra de Menezes em "Descrição da Cidade de Fortaleza", *Rev. Inst. Ceará, 1895, p. 172.*

<sup>292</sup> F. Lima. "Da Matriz a Catedral de São José – I, Os antecedentes da Catedral". *O Povo, 22 de dezembro de 1978.*

uma povoação conhecida como Aldeota e construíram um templo nas imediações do Rio Pajeú, e é neste local que a Matriz desenhada por Reis Carvalho seria erigida.<sup>293</sup>

Ali também mais tarde portugueses e mestiços começaram a edificar pequenas casas de barro cobertas com telhas e choupanas de carnaúbas próximas às margens do ribeiro Ipojuca. O velho templo dos índios recebeu imagens de uma capela de Vila Velha, Barra do Ceará ou Matias Pacheco,<sup>294</sup> era uma capela, voltada de frente, talvez, para o rio Pajeú ou para o mar.<sup>295</sup> Em 12 de Janeiro de 1795 foi lavrada a escritura para construção da Capela Mor.<sup>296</sup> O teto que era forrado com tabuado de louro estava comido de cupim, era necessário novo forro de tábuas de cedro e pedras de mármore polidas para o dito arco da capela-mor, para as duas portas do lado, para os dois degraus que sobem para o altar-mor e para ser lageado o pavimento da dita capela-mor”.<sup>297</sup>

Com o desabamento iminente, em 1821, as imagens foram removidas para a capela do Rosário, até que se construísse a matriz nova.<sup>298</sup> O “velho templo dos índios” foi, então, demolido em 1825 quando foram retiradas madeiras usadas na construção de um pontilhão e o restante para a Igreja do Rosário.<sup>299</sup>

Um novo templo seria levantado segundo a planta do engenheiro austríaco José Antonio Seifert que há muito tempo estava radicado no Ceará, e este seria o

---

<sup>293</sup> A participação dos índios pacificados na construção da igreja com os padres foi lembrada por Dr. Pedro Theberge em seu *Esboço Histórico da Província do Ceará*. Citado por F. Lima. “Da Matriz a Catedral de São José – I, Os antecedentes da Catedral”. *O Povo*, 22 de dezembro de 1978.

<sup>294</sup> J. Brígido. “A Fortaleza em 1810”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1912. p. 87.

<sup>295</sup> Sobre a posse do terreno veja: *O Nordeste*, 08 de Janeiro de 1952. *Apud* F. Lima. “Da Matriz a Catedral de São José – I, Os antecedentes da Catedral”. *O Povo*, 22 de dezembro de 1978.

<sup>296</sup> B. Studart. “Escritura de Contrato da obra da Capella mor de Fortaleza”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1898. pp. 214-216.

<sup>297</sup> C.f. Antonio Bezerra de Menezes, “Descrição da cidade de Fortaleza”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1895 *Apud* F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

<sup>298</sup> F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

<sup>299</sup> J. Brígido. “A Fortaleza em 1810”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1912. p. 87.

edifício que foi pintado por José dos Reis Carvalho.<sup>300</sup> A construção iniciou-se pela Capela mor, as duas portas laterais eram de madeira com duas polegadas de grossura, as paredes tinham um branco brunido e se via no interior um painel de Jesus, Maria, José pintado a óleo, em tábua de cedro. Para dar à construção da Matriz uma unidade de orientação, o presidente José de Alencar nomeou, em sete de novembro de 1838 uma Comissão das Obras e adquiriu boa parte do material de alvenaria.<sup>301</sup>

Em 1848, o saldo parcial apresentado não era suficiente para o acabamento da obra, embora já fossem incluídos nas despesas a capela-mor, seis escadas de torres, corredores e consistórios. Em 1841, o imperador criou na Corte Loterias para serem recursos durante quatro anos para as obras da igreja. O presidente da província, ainda em 1843, reclamava que nem havia sido a igreja inaugurada e suas paredes já sofriam a ação devastadora do tempo. Nos anos seguintes, os *Relatórios de presidente de província*, informavam que o presidente alegrava-se com o estado da obra, pois uma das torres já estava erguida e a segunda, em processo de construção. Embora a Matriz continuasse inconclusa, em 1847, o frei Serafim da Catânia com a participação dos fiéis erguera na frente da futura Matriz um majestoso cruzeiro.<sup>302</sup>

O Santo Cruzeiro era o ponto de referência da cidade. Nele havia uma inscrição onde o Imperador d. Pedro II mandava o missionário apostólico da Ordem dos Capuchinhos Menores de São Francisco, frei Serafim da Catânia, siciliano, levantar, ornar e rodear de grades de ferro este monumento. O periódico *Iris Cearense*, no. 16, 1847, transcrito na *Revista do Instituto do Ceará*, descreve a

---

<sup>300</sup> F. Lima, “Da Matriz à Catedral de São José – IV / Os sinais arquitetônicos”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil, 22 de dezembro de 1978.

<sup>301</sup> F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978. Conforme este jornal de Francisco de Oliveira Borges comprou-se 185 barricas de cal de Lisboa e de Alfredo Hervey (inglês) 200 milheiros de tijolos de alvenaria com 11 polegadas de comprimento, 5 de largura e 2,5 de altura, a 7:000 reis por milheiro.

<sup>302</sup> A. O. Vieira Jr. *Entre o futuro e o passado – Aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. Pg. 79-83. Veja também F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

sequencia de festividades no dia da bênção do Cruzeiro a quatro de maio de 1847: “A Igreja se alegra [...] Às duas horas da madrugada os sinos vozeavam alegres, os foguetes estalarão no ar [...] a Matriz tinha as janelas adornadas de bandeiras.”<sup>303</sup> Naquele mesmo ano, Frei Serafim foi sepultado numa das paredes da velha Sé.<sup>304</sup>



Fig.3.39 - Crédito Desconhecido, Praça Caio Prado, 1910. Detalhe do Cruzeiro da Catedral de Fortaleza, Fotografia, Museu da Imagem e do Som, Acervo Anto. Carlos Fernandes.

Em frente à Matriz estava o do Santo Cruzeiro, uma referência cultural da cidade onde, ao redor dele, os namorados encontravam-se em meios às rezas das terças-feiras. Era composto de alta e forte cruz de madeira de lei plantada solidamente sobre um pequeno edifício octogonal com colunas coríntias aos cantos. O jornal *Cearense*, no. 100, de 11 de Novembro de 1847, publicou uma descrição detalhada de todos os símbolos representados no Cruzeiro da Sé:

“Em cima do terceiro degráo ergue-se em cada ângulo do octógono huma columna de 14 palmos, compreendendo sua base e capitel. [...] No vértice da cruz, por baixo do florão,

<sup>303</sup> *Revista do Instituto do Ceará*. “Benção do Cruzeiro da Matriz de Fortaleza”, 1898. pp. 220 a 223.

<sup>304</sup> Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII. pp. 178-184.

está posto hum parallelogramo de 3 palmos de comprido, e 2 de altura, de chumbo vasado, pesando huma arroba e 26 libras, [...] Dos braços da cruz pende huma toalha de folha de cobre pintada de branco de 46 palmos de comprimento [...]"

305

A construção da igreja representada na aquarela *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital – Ceará* (Fig.40) iniciou-se em 1838 sobre os alicerces da Antiga Sé. Reis Carvalho desenhou esta igreja em 1859, cinco anos após a inauguração da Matriz quando, no dia 2 de abril de 1854, as obras foram declaradas terminadas e às 9 horas o povo em cortejo penetrou no templo com uma procissão que trazia as imagens que estavam na Igreja do Rosário. No entanto, por espera de recursos e doações, até 31 de junho de 1854, faltavam as pinturas douradas, sanefas nas portas laterais e forro dos corredores; faltou igualmente a calçada em redor, concluída por volta de setembro de 1856. O relógio fora doativo de João da Costa e Silva, agricultor em Pacatuba, que fez presente de um conto de réis para dito fim à Irmandade de São José. Era o coração da vila, o *Big-Beng*. No altar-mor via-se o quadro com N. S. da Assunção levada pelos serafins ao céu. A imagem do “Senhor dos Passos”, presente do negociante luso Martim Borges, era venerada numa das capelas interiores da Sé e saía em procissão todos os anos.<sup>306</sup>

Em 1861 a igreja da Matriz de Fortaleza foi elevada a Catedral, formava um belo conjunto arquitetônico com o Palácio do Bispo, ao fundo, e Santo Cruzeiro. O edifício da Velha Catedral já era considerado pequeno para a multidão que a frequentava e já em 1870 e o teto ameaçava desabar.<sup>307</sup> Após uma rachadura houve discussões ainda incipientes sobre sua demolição baseada em valores

---

<sup>305</sup> João Nogueira. “O Terço do Cruzeiro”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1938. pp. 35 a 39. Esta descrição acha-se transcrita também na *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo 12, 1898. pg. 224. .

<sup>306</sup> A *Revista do Instituto do Ceará* publicou uma reportagem do acontecimento. Veja: Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1954, Tomo LXVIII. pp. 181-2.

<sup>307</sup> C.f. A. B. de Menezes, “Descrição de Fortaleza”: “fez-lhe sentir que a mais urgente necessidade da Diocese era a de amparar-se a Catedral, cujo teto ameaçava desabar se não fossem reconstruídas as paredes da nave, que se achavam desaprumadas”. *Apud* F. Lima. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

históricos.<sup>308</sup> A Velha Catedral já era considerada um entrave para os novos desdobramentos sociais de uma Fortaleza que almejava o progresso.<sup>309</sup>

Uma longa discussão sobre o destino da igreja fora posto entre a remodelação e demolição do templo. Em 1938, decidiu-se pela demolição a contra gosto de uma parte da população, parte dos clérigos e dos intelectuais cearenses, pois a Velha Catedral era de estimado valor histórico para a memória e identidade do povo cearense. Os representantes do clero, ansiosos pelo progresso e permeados por valores de novidade e contemporaneidade,<sup>310</sup> decidiram pela demolição do antigo templo que ocorreu em 1938.

No dia 11 de setembro de 1938, dia em que foi demolida,<sup>311</sup> houve missa e o evento foi registrado numa fotografia do Museu e Imagem do som do Ceará e pelo jornal *O Povo* (Fig. 3.39).<sup>312</sup> O local onde estava a Velha Catedral serviria de alicerce para a nova planta de um templo inserido numa Fortaleza que se modernizava.<sup>313</sup> Quando foi lançada a pedra fundamental da Nova Catedral, em 1939, ocorreu a mudança dos pertences da Velha Catedral para a antiga Casa Paroquial onde funcionava o Cine Paroquial, menos o harmônio, instrumento

---

<sup>308</sup>A. Riegl. *O Culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Ed. UCG, 2006

<sup>309</sup> Veja sobre esta questão Le Corbusier, *Plan Voisin*, citado por F. Choay. *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. p. 194.

<sup>310</sup>Alöis Riegl. *O culto modernos aos monumentos*.

<sup>311</sup> A demolição da Velha Catedral ocorreu um ano após a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Brasil foi criado pela *Lei No. 378* de 13 de Janeiro e pelo *Decreto-lei No. 25* de 30 de novembro ambos de 1937. Sobre isto ver C.E.S.M. Malhano. *Da materialização à legitimação do passado: a modernidade como metáfora do Estado (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Lucerna: Faperj, 2002.

<sup>312</sup> *O Povo*, 11 de setembro de 1938: “[...] À tarde, realizou-se imponente concentração de fiéis na Praça da Sé, seguida da transferência da imagem de São José, Padroeiro da Paróquia, para a igreja do Rosário. Um número incalculável de pessoas se comprimia, às 16 horas, defronte do antigo templo”. *Apud O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-II “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

<sup>313</sup> Em 1º de maio de 1939, Dom Manoel deu ciência de que a planta do novo templo estava pronta e fora realizada pelo francês George Le Mounier, juntamente com o calculista pernambucano engenheiro Areia Leão. Dom Antonio de Almeida Lustosa desenhou os vitrais da Nova Catedral para a empresa Conrado Sorgenith de São Paulo. *O Povo*. “Da Matriz à Catedral de São José – VI”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta – feira, 22 de dezembro de 1978.

requintado que foi desmontado e transferido para o Palácio do Bispo.<sup>314</sup> A imagem de N. Sa. D'Assunção ficou provisoriamente na Igreja do Rosário, mas hoje se encontra desaparecida em mãos de particulares.<sup>315</sup>

#### **3.4.1.2 - A Igreja Matriz de Aquiraz**

Outros templos desenhados por Reis Carvalho permanecem nas cidades cearenses visitadas pela Comissão Científica de Exploração. Mantiveram suas construções do século XIX e tornaram-se, portanto, cidades-museus a céu aberto e centros vivos de cultura visual. Uma delas foi a vila de Aquiraz que, por algum tempo, partilhou com Fortaleza ser uma das capitais administrativas do Ceará, nela ainda hoje encontramos a *Igreja Matriz na Vila de Aquiras* (Fig.42, Anexo II), ilustrada por Reis Carvalho.

---

<sup>314</sup> *O povo*. "Subsídios para a história da Catedral-II "A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha". Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977. Como o dinheiro, muitas vezes, era escasso para a construção da Nova Catedral, paravam-se as obras, numa dessas ocasiões a prefeitura de Fortaleza disponibilizou recursos com a aquisição da antiga Casa do Bispo de acordo com *O Povo*, "Subsídios para a História da Catedral – III", Fortaleza, Ceará, Brasil – Sábado, 22 de outubro de 1977.

<sup>315</sup> *O POVO*. *Destino da Padroeira pode ser desvendado*. Fortaleza, Terça-feira, 19 de outubro de 1982. Este jornal afirma que os objetos da Velha Matriz foram transferidos para uma rádio local. Veja também: *O POVO*. *Mons. Camurça: Igreja não luta pela imagem da Padroeira*, Fortaleza, Terça-Feira, 19 de outubro de 1982.



Fig.3.40 (a) - Igreja Matriz de Aquiraz. Créditos: Cláudio Alves



Fig.3.40 (b) - Vista Lateral da Igreja Matriz de Aquiraz. Crédito: Cláudio Alves

### 3.4.2 – O Farol do Mucuripe.



Fig. 3.41 (a) - Crédito desconhecido

O velho farol do Mucuripe, 1970

Museu da Imagem e do Som - Ceará

Acervo Thomaz Pompeu



Fig. 3.41(b) - Crédito desconhecido, Praia do Mucuripe, ao fundo Farol, 1935, Neste local é hoje, o Porto, Docas, Moinho de Trigo, 1935, etc , Museu da Imagem e do Som – Ceará, Acervo Thomaz Pompeu.

A paisagem atual, composta por residências e aerogeradores que giram ininterruptamente, contrasta com a velha visão entorno do farol documentado por José dos Reis Carvalho, num tempo em que ele era utilizado como porto para as navegações que chegavam à Fortaleza, por volta de 1860.

Pedro Théberge, em *Esboço Histórico - A província do Ceará*, deixou uma pequena descrição física desta edificação, quando ela era um importante instrumento para os navegadores:

“Nas extremidades do promontório se eleva uma pequena colina de areia e sobre ela está uma torre octogonal e acachapada, que serve de morada ao guarda e sua numerosa família. Por cima da torre ergue-se o farol fixo e iluminado com azeite de carrapato.”<sup>316</sup>

Permanece como bem de valor histórico o edifício do *Farol do Mucuripe* (Fig.50) desenhado por Reis Carvalho e presente no acervo do Museu D. João VI. Em 1982, o Farol do Mucuripe foi tombado pelo IPHAN para ser um Museu Histórico.<sup>317</sup>

Como J. Debret, ao viajar ao sul do Brasil registrou a Antiga Sé<sup>318</sup> de São Paulo, as aquarelas *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital, Igreja Matriz da Vila de Aquiraz, Na. Sra. da Conceição do Outeiro da praia na Capital do Ceará* e o *Farol do Mucuripe* são registros iconográfico da História das cidades visitadas pela Comissão Científica de Exploração. Debret também deixou no *Voyage Pittoresque* o estilo neoclássico da Velha Catedral no desenho do portal

---

<sup>316</sup> P. Théberge. *Esboço Histórico. Esboço Histórico sobre a província do Ceará. Apud* Porto Alegre, M. S. *Os ziguezagues Dr. Capanema.* 134.

<sup>317</sup> Em 1982, o Farol do Mucuripe foi tombado pelo IPHAN para ser um Museu Histórico. O tombamento *Mucuripe* recorda os esforços de Mário de Andrade e seu projeto *Cartas de Trabalho* que buscava proteger a arte, as manifestações eruditas e populares. Veja: M.L.C. Fonseca. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.* Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997. p. 117 e 291.

<sup>318</sup>Veja Julio Bandeira. *Debret e o Brasil. Obra completa, 1816-1831.* Ed. Capivara.

do antigo edifício da AIBA desenhado por Grandjean de Montigny.<sup>319</sup> O portal foi guardado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro por Rodrigo de Melo Franco e constitui uma peça de considerável valor histórico.<sup>320</sup>



Fig.3.42 - *Portal da Academia Imperial de Belas Artes* Jardim Botânico do Rio de Janeiro.  
Crédito: Cláudio Alves.

Estas ilustrações representam uma arte figurativa capaz de oferecer uma gama significativa de interpretações e análises, além de serem elementos que preservam a memória histórica das cidades. São subsídios para um pensamento visual capaz de resgatar à memória as atividades das culturas visitadas, elucidam fragmentos históricos da vida de uma comunidade permeada por questões políticas e sociais específicas que expressaram um determinado gosto estético.

Viollet-le-Duc em *Entretiens sur l'architecture (1863-1872)* expressou o desejo de preservar uma arte que é capaz de trazer consigo resquícios, indícios ou vestígios de memórias dignos de serem resguardados. Diz:

---

<sup>319</sup> Debret, Jean Baptiste, 1768-1848. "Académie Impériale des Beaux Arts de Rio de Janeiro: ouverte à l'étude le 15 Novembre 1826". In: *Voyage pittoresque et historique au Brésil [...] (Volume 3)*, Paris: Firmin Didot Frères, 1839. Plancha 41.

<sup>320</sup> Nos primórdios da criação do SPHAN, à causa para preservar a memória nacional alia-se a de Rodrigo de Melo Franco que, consciente da necessidade de conservar e salvaguardar o valor histórico do estilo neoclássico no Brasil, transportou o portal do antigo edifício da Academia Imperial de Belas Artes, onde até 1908 funcionou a Antiga Escola Nacional de Belas Artes, para o Jardim Botânico. Veja: A. Galvão. "Obras do Antigo Edifício da Academia Imperial de Belas Artes". *Rev. IPHAN*, No. 15, 1961. Pp. 139-201.

“A todos aqueles que nos dizem ‘Tomem uma arte nova que seja de nosso tempo’, nós respondemos: ‘Façam que possamos esquecer tudo o que foi feito antes de nós. Teremos, então, uma arte nova e faremos o que jamais se viu; porque se para o homem é difícil aprender, é muito mais difícil esquecer’ “<sup>321</sup>

A aquarela *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro na Capital* de José dos Reis Carvalho que está no Museu D. João VI possui um valor histórico por ser um documento iconográfico ligado à memória e às transformações estéticas da cidade de Fortaleza. Compõe a identidade nacional tão almejada pelo IHGB, juntamente com outras aquarelas onde José dos Reis Carvalho registrou a presença de edifícios religiosos ou mesmo as habitações populares. Do mesmo modo, estas aquarelas representam monumentos marcos de memória e remetem à construção da identidade da cidade de Fortaleza no contexto no qual esteve envolvido a Comissão Científica de Exploração. Ela preserva em si as lembranças sobre a atuação de uma comunidade envolvida na construção da cidade além de conservar o registro dos saberes dos povos indígenas e as linhas neoclássicas que estiveram presentes nas edificações do século XIX.<sup>322</sup>

### **3.4.3 - Edificações populares e a cultura indígena: *Interior de um Rancho***

Francisco Freire Alemão registrou em seu *Diário* uma passagem na qual José dos Reis Carvalho esteve a tomar vista de uma localidade que os membros da expedição visitaram quando viajavam do Aracati ao Iço, entre os dias 15 de setembro e 6 de outubro de 1859. Era uma cidade no vale do Rio Jaguaribe denominada Russas, onde havia inscrições indígenas pintadas em pedras que atraíram os olhares de Reis Carvalho e dos outros membros da Comissão Científica.

---

<sup>321</sup> Viollet-le-Duc em *Entretiens sur l'architecture (1863-1872)* apud F. Choay, *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. p. 186.

<sup>322</sup> O estilo neoclássico foi escolhido por Luiz Anhaia Melo para o edifício da *Igreja de São Luís Gonzaga* que foi construído em 1932 em São Paulo.

O local era plano, rodeado de matas e formava um horizonte longínquo como num oceano. Ali havia uma povoação com casas na maioria térreas e bonitos sobrados que ficavam dispostos em duas fileiras além de uma igreja que ficava no centro de um quadrilátero. Havia alguns peixes no rio que serviam para alimentação e laranjas, mas eram raros as hortaliças, frutas e mesmo o capim para os cavalos da expedição. Mesmo assim, plantavam melões, melancias, jerimuns, feijão, batatas, milho e cana nas proximidades das margens do rio Jaguaripe. Freire Alemão relata que a população era “boa, pacífica e conversável”, eram de cor morena, alguns eram negros e poucos eram os índios, os da “raça americana”.<sup>323</sup> Diz:

“[Aracati, 12 de setembro de 1859]. Já tive ocasião de falar da gente, mas hoje posso acrescentar mais alguma coisa. Poucos índios, muitos pretos e mestiços ou pardos dão ao povo um caráter especial, ou diverso, do que tenho observado em outros lugares.”<sup>324</sup>

Estas observações aproximam os membros da Comissão Científica dos propósitos da Seção Etnográfica, interessada nos costumes, nas tradições, na língua e na cultura principalmente dos povos indígenas.

Algumas representações de costumes realizadas por José dos Reis Carvalho lembram a presença dos índios no Ceará e no Amazonas, como o jiqui utilizado na pesca (Figs. 68 e 69). Na aquarela *Interior de Um Rancho* (Fig. 55, Anexo II) aparecem também alguns objetos da cultura indígena que representam o modo de trançar as fibras para fabricação de redes e cestarias e o uso da cabaça como recipiente de água. A própria edificação demonstra esta influência sobre o homem sertanejo. *Interior de um Rancho* (Fig. 55, Anexo II) é casa feita de barro, coberta de palha vegetal, uma influência da cultura indígena.<sup>325</sup>

---

<sup>323</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato, 1859*, pp. 110-112.

<sup>324</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato. 1859*. P. 91.

<sup>325</sup> Veja a imagem disponível em <http://www.mare.art.br/detalhe.asp?idobra=3406>.

*Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite commandée de M. Vaillant* é uma obra que compõe a lista de bibliografia adquirida pela Comissão Científica de Exploração, presente no acervo da Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro com o ex-libris da Comissão (Anexo I).<sup>326</sup> Esta obra traz uma ilustração semelhante a *Interior de Um Rancho* (Fig. 55) que representa o interior de habitação dos povos da América Meridional com objetos que representam os usos e costumes locais. São cestarias, vasos de barro, roupas estendidas, recipientes para armazenar bebidas e rede de dormir.



Fig. 3.43 - *Interior d'une case a Payta*. Gravura. Fonte: *Voyage autour du monde de M. Vaillant*<sup>327</sup>

A iconografia de outras viagens ao redor do mundo, com *ex-libris* da Comissão Científica no acervo do Museu Nacional (Anexo I), também apresentam construções indígenas como a obra de M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875), *Voyage autour du monde* e L. I. Duperrey, *Voyage autour du monde*.<sup>328</sup>

<sup>326</sup> M. Vaillant. *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite*. Paris: A. Bertrand, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas. Classificação Museu Nacional de História Natural: OR 910.41 V975v + **IN FOLIO 286 OR atlas**.

<sup>327</sup> M. Vaillant. *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite*. Paris: A. Bertrand, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas. Classificação Museu Nacional de História Natural: OR 910.41 V975v + **IN FOLIO 286 OR atlas**.

<sup>328</sup> L. I. Duperrey (1786-1865). *Voyage autour du monde*.



Fig. 3.44 - *Village de Bel-Air – Afrique*. Fonte: M. Laplace & C. P. Théodore (1793-1875). *Voyage autour du monde*.

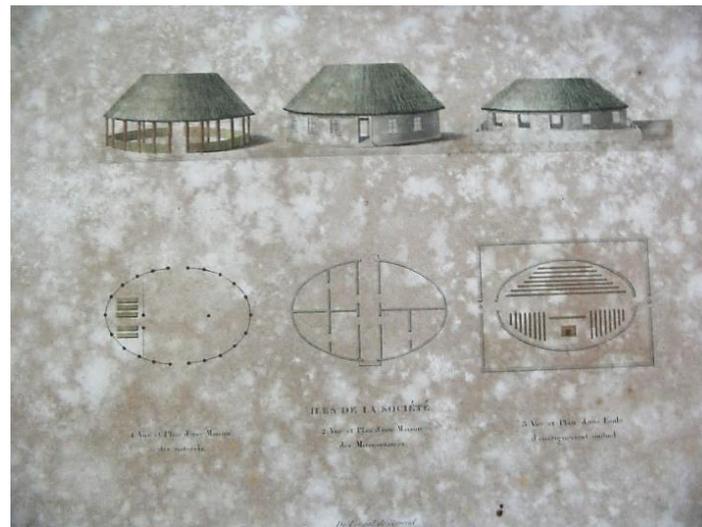


Fig. 3.45 - *Iles de la Société (1)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.<sup>329</sup>

A tradição em documentar a cultura indígena expressa nas habitações também aparece também na *Viagem Pitoresca* de J. B. Debret (1768-1848). Debret ressaltou aspectos da cultura indígena ao descrever as construções dos

<sup>329</sup> L. I. Duperrey (1786-1865). *Voyage autour du monde*.

índios Puris, Patachos, Mundrucus, Coroados, Guainazes, etc. Todas elas remetem aos usos e costumes inerentes ao saber dos índios e são construções realizadas com folhas de palmeiras para cobrir tetos e paredes sustentados por paus entrelaçados, às vezes preenchidas com barro. Nesta descrição para *Formas de Habitação de Índios*, diz:

“Esta cabana, construída solidamente de um modo razoável, tem na sua estrutura o modelo de todas as pequenas casas feitas para abrigar os escravos dos cultivadores brasileiros em geral; para que seja perfeita a semelhança, só falta encher os muros de barro. Este tipo de cabana é comum aos Puris, Camacãs, Coroados, etc [...].”<sup>330</sup>



Fig. 3.46 - J. B. Debret (1768-1848). *Formas de Habitação dos Índios*, No. 6. Litografia. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.<sup>331</sup>

Este modelo de habitação foi também representado por Debret para ilustrar a *Família Pobre em Casa*.<sup>332</sup> Rugendas representou esta edificação em

<sup>330</sup> J. B. Debret (1768-1848). *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 105.

<sup>331</sup> Fonte: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 105.

*Preparación de La Racine de mandioca*<sup>333</sup> e em *Negros Novos*. Thomas Ender representou-a em *Cascatinha da Tijuca próxima a casa do Sr. Taunay*.<sup>334</sup> Von Martius representou-a no *Genera et species Palmarum*:



Fig. 3.47 - C.F.P. Von. Martius. *Elæis Guineensis*, *Acrocomia sclerocarpa* . Fonte: *Genera et species Palmarum*<sup>335</sup>

<sup>332</sup> J. B. Debret (1768-1848). *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. E. 81. p. 34.

<sup>333</sup> J. M. Rugendas. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. Coleção Reconquista do Brasil. Editora Itatiaia Limitada, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

<sup>334</sup> R. Wagner. & J. Bandeira. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender – 1817-1818*. Petrópolis, Kapa Editorial, 2000.

José dos Reis Carvalho representou-a em diversas composições seguindo a tradição iconográfica dos viajantes em *Correio do Ceará* (Fig. 77), em *Aula de Primeiras Letras no Certão* (Fig. 78), em [*Casa de Pau-a-pique*] (Fig. 60), em *Na. Sra. da Conceição do Outeiro da praia na Capital do Ceará* (Fig. 43), em *Mulheres sentadas e homem deitado na rede* (Fig. 62), em *Casa e vegetação* (Fig.67) e em *Casa com telhado de sapé* (Fig.65).

Este tipo de edificação fora relatada no IHGB por um artigo, de 1856, intitulado "Alguns Esclarecimentos sobre as missões da província do Amazonas" onde o autor noticia que nos aldeamentos, que chegavam a reunir oitocentos índios de diversas tribos, "Todas as casas e igrejas d'estas aldeias são de paredes de barro e cobertas de palha".<sup>336</sup>

Em *Interior de um rancho* (Fig.55) a descrição visual deste modelo de edificação atende a um dos propósitos da expedição de conhecer a cultura indígena no norte do país e sua incorporação pela cultura popular. Ele apresenta uma cor marrom quente e viva que lembra os tons do solo cearense em dias ensolarados, o artista irradia a mesma cor nos utensílios nela representados: a rede, a cuia, o pote de barro na prateleira, na cela e no banco para sentar e repousar.

Da janela vem um contraste de cor verde decorrente da luz refletida pela vegetação que envolve a construção. Lembra estar situada num local de mata exuberante, pois, no Ceará, há serras como Serra Grande, Baturité e suas adjacentes, Uruburetama e Meruoca, muitas vezes cobertas de matas fechadas que proporcionam temperaturas amenas durante o ano todo. A Serra Grande, por toda sua extensão, recebia outras denominações como Ibiapaba, dos Côcos, do Crateus e do Araripe. Mas as matas também apareciam nas planícies entre as

---

<sup>335</sup> C.F.P.Martius. *Genera et species Palmarum quas in itinere per Brasiliam Tupis Lentlerianis*, (Disponível no acervo do IB/USP). A obra também conhecida por *Historia Naturalis Palmarum* foi produzida entre 1823 e 1853.

<sup>336</sup> J. Wilkens de Mattos. "Alguns Esclarecimentos sobre as missões da província do Amazonas". *Revista do Instituto Historico e geographico do Brazil*. Tomo XIX. no. 21. 1856. p. 127.

serras e às margens dos rios, eram cobertas de carnaúbas ou outros tipos de vegetação entre as quais havia muitas lagoas de água doce.<sup>337</sup>

Dos objetos que estão em *Interior de Um Rancho*, dois objetos chamam a atenção: a cuia, ou cabaça, e a rede de dormir. Um e outro, cabaça e rede, são constituídos de valores arqueológicos e etnológicos, respectivamente.

### **3.4.3.1 - Dois objetos de *Interior de um rancho*: cabaça e rede**

#### **3.4.3.1.1 - A cabaça**

Os trabalhos arqueológicos no IHGB e, portanto, na Comissão Científica ainda eram incipientes. A arqueologia era um assunto que nascia no IHGB desde os anos de 1830, mas sua consolidação ocorreria a partir de 1870 com a próxima comissão científica que seria fomentada por D. Pedro II, a expedição de Frederic Hartt, discípulo de Jean Louis Adolphe Agassiz (1807-1873).

Segundo Denise Gomes foi a partir de 1870 com Agassiz, que se iniciaram as primeiras escavações na área do rio Tapajós e a serra de Taperinha na região amazônica e posteriormente tais trabalhos de campo foram também desenvolvidos pelo botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909) em 1872 e por Emilio Augusto Goeldi (1859-1917)<sup>338</sup> em 1895. A autora estudou o desenvolvimento tecnológico em torno da cerâmica e de seus aspectos decorativos na região, baseada em autores como Donald Lathrap (1977) e Robert

---

<sup>337</sup> Feijó, João da Silva. “Memória escrita sobre a Capitania do Ceará (1814)”. In: *Revista do Instituto do Ceará, 1889*.

<sup>338</sup> Emilio A. Goeldi, cientista suíço, ativo no Museu Nacional do Rio de Janeiro a partir de 1884. *Excavações archeologicas em 1895: executadas no littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas: 1ª. Parte – As cavernas funerais artificiais de índios hoje extintos no Rio Cumary (Goanany) e sua cerâmica*. Reimpressão da edição original de 1900. Pará: Estabelecimento Graphico C. Wiegandt, 1905. Apresenta três estampas cromolitográficas de cerâmica indígena, executadas segundo fotografias do autor pelo litógrafo E. Lohse: E.J.S.Stickel, *op. cit.*, pp. 256-7.

Lowie (1963), bem como a difusão das artes, dos costumes e das novas tecnologias entre grupos distintos através dos grupos canoeiros.<sup>339</sup>

Segundo ela, a cabaça (*Lagenaria siceraria*) foi uma planta cultivada de origem africana que fora introduzida na América do Sul pelo nordeste brasileiro por volta de 16.000 anos antes do presente. Foi neste momento que se desenvolveu um complexo sistema de cultivo experimental ao redor de casas envolvendo o manejo de espécies da floresta destinadas à alimentação, além das plantas medicinais, condimentos e drogas usadas em contextos cerimoniais e de outras plantas como o algodão, destinado à fabricação de redes de pescar, e certas leguminosas, utilizadas como venenos para captura de peixes.<sup>340</sup>

Possivelmente ainda não era reconhecido o valor arqueológico da cabaça pela Comissão Científica e da relevância deste objeto para a compreensão dos processos de transmigração que ocorreram entre o continentes americano e africano, anterior às colonizações portuguesa e espanhola. No entanto, sua representação foi tomada como um importante elemento da formação da cultura indígena e sertaneja, tema que seria retomado por Gonçalves Dias, chefe da Seção Etnográfica.

#### **3.4.3.1.2 - A rede de dormir**

A rede de dormir de *Interior de um Rancho* (Fig.55) é outro objeto que aparece com frequência nas descrições do novo mundo, nas lendas e nos relatos dos viajantes do século XIX. Já em 27 de abril de 1500, Pero Vaz de Caminha descreveu a casa indígena:

---

<sup>339</sup> D. M. C. Gomes. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia – Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE – USP*. pp. 22-26; 56-58. Foram citados pela autora: Lowie, Robert. "The tropical Forest Tribes: An Introduction". IN: *Handbook of South American Indians*, vol. 3, New York, Cooper Square Publishers Inc., pp. 1-56. 1963; Lathrap, Donald. "[...] Unitary Model for the Emergence of Agriculture in the New World". In: Reed, C. (ed.). *Origins of Agriculture*. The Hague, Mouton, pp. 713-751, 1977.

<sup>340</sup> D. M. C. Gomes. *Ibid.* pp. 22-26; 56-58.

“[...] todas numa só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma **rede** atada pelos cabos, alta, em que dormiam”.<sup>341</sup>

Esta é a citação feita por Luís Câmara Cascudo (1898-1986) em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* onde também o autor refere-se a uma lenda, registrada por Mário Ypiranga Monteiro, onde se conta que Tamaquaré ao casar com a anta não quis dormir no chão, com medo que outros bichos a machucassem. Com a ajuda do tucano amarrou cipó-imbé, fez um trançado e colocou-o no alto, estava feita a primeira rede de dormir. Numa festa o tucano embriagou-se e contou a todos o feito, como castigo Tamaquaré alongou-lhe o bico.<sup>342</sup>

Pelo trabalho de Câmara Cascudo, *Rede de dormir*, sabe-se que o velho nome para rede era *INI* como registrou Hans Staden, André Thevet, Claude de Abbeville e Jean de Lery. Entre março de 1557 e janeiro de 1558, Lery viu um tear de madeira utilizado pelas indígenas, era perpendicular com 1,60 metros, o fio de algodão era fiado de baixo para cima, pertencia e era divulgada pelos índios Aruaques. “Entramos numa casa da aldeia onde de acordo com o costume da terra, nos sentamos cada qual na em sua rede” era frase habitual de Jean de Lery. Nas casas “A maior parte das camas do Brasil são rede. [...] Este costume tomaram dos índios da terra” foi observado por Pero de Magalhães Gândavo, no *Tratado da Terra do Brasil*.<sup>343</sup>

Jorge Marcgrav dizia que, quando mudam no nordeste brasileiro, dos utensílios caseiros o mais importante era a rede e os Tapuias Cariris faziam compridas e largas onde se podiam deitar quatro homens. Em 1820, Von Martius deparara no rio Japurá uma intensa fábrica de redes de dormir que eram vendidas para todo o Rio Negro e até o Pará, parte era remetida para as Índias Ocidentais. O naturalista descreve o processo realizado pelas índias “... dois paus fixados

---

<sup>341</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001, pp. 576-7. [Grifo Adicionado].

<sup>342</sup> L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2001, pp. 576-7.

<sup>343</sup> L.C. Cascudo. *A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. pp. 24-25.

numa estaca [...] as índias tecem, então, por meio de um pauzinho alizado, que faz às vezes de lançadeira [...] os índios bem sabem embeber os fios em resistentes tintas vegetais”. Eram comuns no nordeste, Henry Koster registrava-as e desenhava-as quando, eram utilizada para transportar uma senhora de uma fazendeiro que ia para a cidade: “A rede é geralmente feita de algodão, com várias dimensões em cores e arranjos”.<sup>344</sup>

A rede no sertão nordestino servia de cadeira, nela dormia-se, faziam-se planos, discutia-se e carregavam-se os vivos e os mortos por longas distâncias. Além de aparecer na poesia de Casimiro de Abreu de 1859: “A virgem na rede corando e sorrindo... Beijou-me – a sonhar!”.<sup>345</sup> Aparece, por vezes, nos primeiros registros iconográficos sobre o Brasil desde o século XVI, como em “Une fête brésilienne” de Ferdinand Denis de 1551. Nos séculos seguintes, aparece em Carlos Julião, Zacharias Wagener, na tapeçaria da Manufatura Gobelins (*Dois Touros*, Museu de Arte de São Paulo)<sup>346</sup> e, finalmente, no século XIX em J.B. Debret.

---

<sup>344</sup> L.C. Cascudo. *A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. pp. 20-26; 39-140.

<sup>345</sup> Casimiro de Abreu (1839-1860). *Junho – 1858*. “As primaveras”. Rio de Janeiro. 1859. *Apud* L. C. Cascudo. *A rede de dormir...* p. 218.

<sup>346</sup> V. P. G. da Silva. *Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português*. pp. 23,44.



Fig. 3.48 - Carlos Julião (1740-1811). *Transporte em rede realizado por dois nativos aculturado*. Aquarela sobre papel.s.d. Biblioteca Nacional.

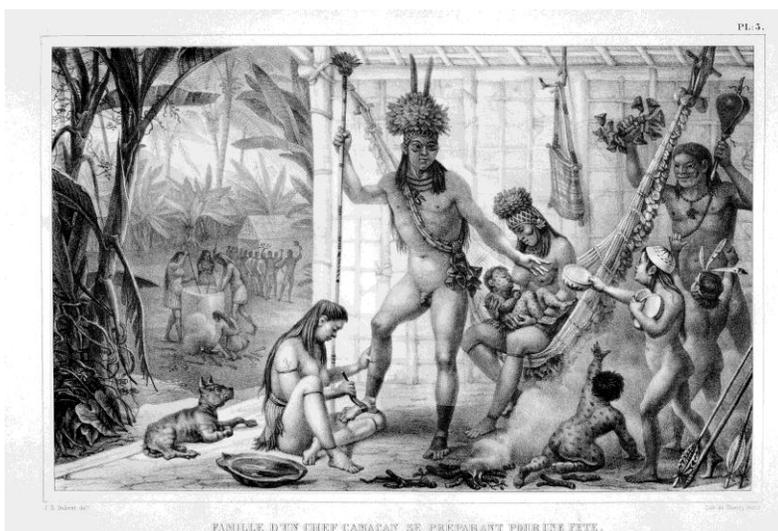


Fig. 3.49 - J. B. Debret. "Famille d'un chef camacan se préparant pour une fête". Litografia. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, 1834.

Segundo C. Cascudo, embora não se possa dizer que família ameríndia teceu e divulgou primeiro a rede de dormir, há quem possa dizer decidindo-se pelos Caraíbas, pelos Aruaques ou pelos Tupis. A difusão da rede no sertão parece vir, especificamente, pelos Tupis-Guaranis, especialmente porque estes empregavam preferencialmente o algodão, ao invés de fibras de palmeiras. Como esta era quase uma característica dos Tupis, e como eles e os Cariris foram os grandes povoadores do interior nordestino, deles viera a preparação inicial para o uso da rede de algodão entre as populações sertanejas que nasceram ou depois foram fixadas naquelas regiões. Cumpre destacar, no Xingu, uma área de mistura, onde as redes de fibras de palmeiras têm forros de fios de algodão.<sup>347</sup>

Alfred R. Wallace, naturalista evolucionista inglês que chegara ao Brasil em 1848, reservou parte de suas observações à etnologia indígena e descreveu as plantas utilizadas pelos índios do Vale do Amazonas para fabricação de redes:

“[...] trançam as fibras das folhas da palmeira *tucúm* (*Astrocaryum vulgare*), para tecerem as suas redes, enquanto os índios *uaupés* e *içanas* usam sempre, para esse mesmo propósito, a folha da palmeira *miriti* (*Mauritia flexuosa*)”.<sup>348</sup>

A rede, um legado da cultura indígena, era um dos utensílios mais importantes na casa do sertanejo, meio de expressar sua hospitalidade aos viajantes e ao vaqueiro em seus longos percursos pela vastidão de terras da caatinga ou das matas fechadas e, à noite, quando a temperatura caía, servia-lhes de coberta. O viajante carregava a rede como uma provisão tão importante quanto seu alimento, seu cavalo e suas armas, foi registrada na aquarela *Acampamento de Missão Científica* (Fig. 19) pelo pintor da expedição.

---

<sup>347</sup> L.C. Cascudo. *A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. pp. 50, 108, 113.

<sup>348</sup> R. Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. p. 654.

Como afirmou Câmara Cascudo, o artesanato das redes competia, como a técnica oleira, às mulheres indígenas.<sup>349</sup> José dos Reis Carvalho registrou o trabalho feminino em *Laberinto* (Fig.79, Anexo II) em que uma jovem índia belamente trajada, sentada num tronco de árvore, realiza trabalhos manuais de entrelaçar fibras vegetais, enquanto dois índios nus entretêm-se com a manipulação de um artefato.



Fig. 3.50 - José dos Reis Carvalho, *Trabalhos de Laberinto*, Aquarela/Lápis de Cor / Papel – 18—, 15,3 x 11,6, Museu D. João VI, UFRJ.

Ao representar uma índia realizando uma tarefa, seguindo-se à tradição Tupi onde as mulheres índias fiavam o algodão, teciam as redes e trançavam os cestos, Reis Carvalho cria um documento visual de valor etnográfico que permite uma compreensão dos objetos reunidos por Gonçalves Dias sob o ponto de vista da organização social dos grupos indígenas.

<sup>349</sup> L.C. Cascudo. *A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. pp. 24-25.

Utilizando-se das crônicas de viagens como de Hans Staden e Thevet, Florestan Fernandes afirma que elas suportavam uma carga extremamente pesada no sistema de ocupações baseadas no sexo e na idade. Além das atividades que envolviam a criação de formas cerâmicas na fatura de panelas, alguidares, potes de cauim e da ornamentação e cocção das peças. Dedicavam-se aos trabalhos agrícolas, desde o plantio e a sementeira até a conservação, colheita e com as atividades de coleta. Colaboravam nas pescarias, indo buscar os peixes flechados pelos homens, transportavam produtos das caçadas, aprisionavam as formigas voadoras, fabricavam as farinhas, preparavam as raízes e o milho para a produção do cauim, incumbindo-se da salvação do milho e fabricavam o azeite de côco.<sup>350</sup>

Cuidavam, ainda, dos animais domésticos, realizavam todos os serviços domésticos, relacionados com a manutenção da casa ou com a alimentação, e dedicavam-se a outras tarefas, como a depilação e tatuagem dos homens pertencentes a seu lar, a preparação do corpo das vítimas humanas para a cerimônia de execução e para o repasto coletivo. Os homens ocupavam-se com a derrubada e preparação da terra para a horticultura, entregando-as prontas para o plantio às mulheres, praticavam a caça e a pesca, fabricavam as canoas, os arcos, as flechas, os tacapes e os adornos, obtinham o fogo por processo rudimentar, construíam as malocas, cortavam lenha, fabricavam redes lavradas e, como manifestação de carinho, podiam tatuar a mulher, auxiliá-las no parto, etc.<sup>351</sup>

---

<sup>350</sup> F. Fernandes. "Organização social das tribos tupis". In: S.B.de Holanda. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. p. 75.

<sup>351</sup> F. Fernandes. "Organização social das tribos tupis". In: S.B.de Holanda. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. p. 75.



## Capítulo 04

### **Gonçalves Dias e a etnografia indígena**

Entre a representação de costumes populares e indígenas, a Comissão Científica envolveu-se com um *corpus* conceitual ligado a etnografia estruturado em pensadores como Von Martius, Abigny, Rafn, Campber, Vargnhagen. Estes autores dedicaram-se a traçar elementos culturais específicos à diferenciação entre os diferentes povos do mundo, em estágios de desenvolvimentos oscilantes entre o “primitivo” e o “civilizado”. Eles foram os principais teóricos sobre os estudos etnográficos frequentemente citados nos artigos da *Revista do IHGB*, cujas ideias apareciam implícitas nas instruções da Seção Etnográfica que foi presidida pelo poeta Gonçalves Dias.

Ainda que mereça uma reflexão mais aprofundada, são importantes também os trabalhos de Florestan Fernandes sobre a organização social das tribos Tupi e por ele se percebe o conceito de “decadência e degeneração” que mesmo fora incorporada por Gonçalves Dias e expresso em *Brasil e Ocenia* e também no seu *Diário de Viagem ao Rio Negro*.

Os trabalhos de Florestan Fernandes, Aziz Nacib Ab’Saber, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro também são autores essenciais sobre a importância dos objectos recolhidos por Gonçalves Dias para informarem sobre o desenvolvimento político, tecnológico e estético das diferentes tribos que habitavam o Brasil por ocasião da Comissão Científica de Exploração.

Este capítulo busca compreender quais foram as motivações que impulsionaram este poeta, como historiador, a pesquisar a cultura material ligada aos antepassados dos povos indígenas no século XIX. Neste momento a vocação literária do poeta harmonizava-se com uma vocação científica, semelhante ao que havia em Goethe, como afirmou Josué Montello.<sup>352</sup>

---

<sup>352</sup> J. Montello. “Introdução”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Introdução de Josué Montello. p. xiii.

#### 4.1 – A Seção Etnográfica e Arqueológica no IHGB

Ao assinalar a contribuição do poeta às coleções do Museu Nacional, Roquette-Pinto afirmou que “[...] a não ser Rondon, ninguém enriqueceu mais as nossas coleções etnográficas do que Gonçalves Dias”. Em 1910, as estampas litográficas começaram a ser identificadas por Raimundo Lopes à luz de documentos encontrados na Biblioteca Nacional, no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e no arquivo Nogueira da Silva. Gonçalves Dias, como um poeta historiador e amigo exaltado dos índios, pretendia publicar um álbum etnográfico relacionado ao “clima” do movimento indianista de 1840 a 1850, e que, desde o início do século XIX, era um dos sinais objetivos do movimento que levou à Independência.<sup>353</sup>

Quando a Comissão estava sendo formada no IHGB, no ano de 1856, a produção dos literatos brasileiros voltava-se para a figura do índio como um elemento característico do nacionalismo romântico brasileiro. Gonçalves de Magalhães publicara o sua *Confederação dos Tamoios*, obra que inspirou Rodolpho Amoedo em 1884 para o quadro o *Último Tamoio*, como observou Alexander Miyoshi.<sup>354</sup>

Naquele mesmo ano José de Alencar publicara *O guarani*. Porto-Alegre já publicara, em 1845, sua *Destruição das Florestas* e Gonçalves Dias, em 1851, seus *Últimos Cantos*.<sup>355</sup>

Os diversos autores que publicaram na *Revista do IHGB*, por suas inquirições sobre a referida questão, permitem a apreensão de um suporte conceitual que sintetiza o entendimento inicial sobre os esforços de Gonçalves Dias no Amazonas, onde deu continuidade aos trabalhos da Comissão Científica.

---

<sup>353</sup> E. Roquette-Pinto. “Gonçalves Dias e os Índios”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias - conferências realizadas na Academia Brasileira*. p. 89-91.

<sup>354</sup> Sobre a obra ver L. Migliaccio. “Rodolpho Amoedo. O mestre, deveríamos acrescentar”. 19 & 20. Rio de Janeiro. Vol. II, No. 2. Citado por A. G. Miyoshi. *Moema é morta*. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, 2010. pp. 154.

<sup>355</sup> S. Romero. *Op. cit.* pp. 798,814, 925.

Lá recolheu os artefactos indígenas para neles encontrar elementos primordiais que caracterizavam as primeiras tribos brasileiras e obter subsídios que serviriam para recompor a identidade nacional a partir de um Brasil primitivo, genuíno e rústico, como afirmou Pedro Calmon:

“cor de cobre, as plumas do cocar [...] na corda do grande arco e flexa certa, olhos flamejantes da onça fusca reluzindo na penumbra do mato... Anterior à mestiçagem, limpo de influências impuras, irmão do tigre, filho da selva [...]”.<sup>356</sup>

Neste trecho, Pedro Calmon transferiu para a imagem do Brasil a própria figura do índio.

A descoberta científica de tais características fundamentais, ou diga-se primitivas, são estruturantes da tão almejada busca pela identidade nacional daquele período em que Gonçalves Dias desejava encontrar, nos descendentes dos índios Tupis e Tapuias, os resquícios de uma cultura que permanecia remanescente nas tribos então existentes do território brasileiro.

Sua viagem, ao nordeste e ao Rio Negro, aconteceu mesmo amargando, naquele momento, uma conturbada vida sentimental em torno de seu amor sufocado por Ana Amélia Ferreira Vale, um casamento frustrado e a distância de seu amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, compondo um sentimento que foi apresentado por Lúcia Miguel Pereira na sua obra, *A vida de Gonçalves Dias*. A autora, após dedicar-se a ler as cartas manuscritas de Gonçalves Dias, presentes no IHGB, elaborou uma das referências mais relevantes sobre a vida do poeta.<sup>357</sup>

O interesse de Gonçalves Dias pela etnografia foi expresso em *Brasil e Oceania*, mas a maior parte de seu trabalho sobre este tema, que realizou com os índios da Amazônia, resultou na obra *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e*

---

<sup>356</sup> P. Calmon. “O símbolo indianista de Gonçalves Dias (I)”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias - conferências realizadas na Academia Brasileira*. p. 54.

<sup>357</sup> L. M. PEREIRA, L. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora. 1.943.

*Diários da Viagem ao Rio Negro*. Esta é a fonte impressa que reúne manuscritos transcritos por Lúcia Miguel Pereira, publicados pela Academia brasileira de Letras, como apontou Cybele Fernandes. É também a principal referência para compreensão das litografias realizadas a partir dos objetos que o poeta reuniu.<sup>358</sup>

Cassiano Ricardo, em *O Indianismo de Gonçalves Dias*, afirmou que o indianismo do poeta nascido no Maranhão, filho de uma índia *guajajara* com um português, formado em Direito em Portugal, era autobiográfico: “o índio residia dentro dêle; em seu sentimento, na sua imaginação poética”. Nele havia o “sentido heróico, o culto da lealdade, a beleza moral”, mas o poeta não falava de si mesmo, se realizava no épico desvinculado dos mitos e esteve próximo da realidade humana do índio, daí vincular-se a uma etnografia de carácter científico baseada no estudo da língua e da cultura material. Para isso buscou conhecimento direto dos indígenas com os quais conviveu, acrescido pelos estudos sobre a literatura produzida pelos viajantes.<sup>359</sup>

É numa dicotomia existente entre duas tribos antagônicas, *Tupis* e *Tapuias*, que se encontrarão justificativas para que o poeta buscasse, nas formas e cores dos artefatos indígenas, compondo-se uma iconografia científica, as características etnográficas que marcavam cada uma destas nações presentes nas tribos que ele visitou no Amazonas.

#### **4.1.1 - A Criação da Comissão de Arqueologia e Etnografia Indígena no IHGB**

A preocupação com as tribos indígenas existentes no vasto território brasileiro consolida-se no IHGB com a criação da *Comissão de Arqueologia e Etnografia Indígena* que foi proposta por Manoel de Araújo Porto Alegre, Manoel Ferreira Lagos e Joaquim Noberto de Souza e Silva na 177<sup>a</sup>. Sessão do Instituto, aos 2 de Setembro de 1847, quando fora presidida por Cândido José de Araújo

---

<sup>358</sup> C. V. N. Fernandes. “Expedição das Borboletas: Coleção José dos Reis Carvalho – Museu D. João VI”. In: Heliana Angotti Salgueiro (org.). *Paisagem e arte. A Invenção da Natureza, a evolução do olhar*. pp. 281-286.

<sup>359</sup> C. Ricardo. *O indianismo de Gonçalves Dias*. pp. 20-6.

Vianna. Pelos membros presentes desta Sessão percebe-se um fragmento da rede institucional que ligava o IHGB ao Museu Nacional e à Academia Imperial de Belas Artes, onde atuava principalmente o pintor e poeta Manuel Araújo-Porto Alegre.

Muito provavelmente a criação desta comissão sofrerera também a influência de Alexander Von Humboldt, membro honorário do IHGB, através das *Vues des cordillères et monuments des peuples indigenes de l'Amérique*, publicada em Paris no ano de 1816. A obra aparece no acervo de obras raras da biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro o que pressupõe uma relação direta entre ela e a bibliografia incorporada pela Comissão Científica de Exploração, bem como as demais produções deste autor que eram conhecidas pelos membros do IHGB.

A Sessão 177<sup>a</sup>. Sessão, além de propor a criação de uma comissão voltada à arqueologia e etnologia, também sugeria uma medalha de ouro, por todos os anos, a quem coligisse melhores trabalhos estatísticos sobre as províncias, melhores trabalhos históricos e melhores trabalhos geográficos sobre o Império. Para aquele ano, eram considerados melhores trabalhos a *História da última rebelião do Maranhão (RIHGB, 1848)* de Gonçalves de Magalhães e as *Memórias Históricas sobre os indígenas (RIHGB, 1846)* de José Joaquim Machado de Oliveira.

O texto produzido nesta Sessão fora remetido à Comissão de Redação e Estatutos e incluía a seguinte proposta:

“Reconhecendo os abaixo assinados a urgente necessidade de se ampliarem os estudos históricos e geográficos do Instituto de uma maneira mais vasta e mais conforme a civilização actual: propõem que seja creada uma nova Secção no seio do Instituto, e que esta se applique á **arqueologia e ethnographia americana** [...]. – Manoel de

Araújo Porto-Alegre. – Manoel Ferreira Lagos. – Joaquim Norberto de Sousa Silva.”<sup>360</sup>

A sessão seguinte de número 178<sup>a</sup>., a 16 de Setembro de 1847, na sala onde estava Manoel Araújo Porto-Alegre e Manoel Ferreira Lagos, deliberava que o primeiro seria o vice-presidente e director da já aprovada nova seção de *Archeologia* e seria ele que se encarregaria de redigir as *Instruções* para Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração, onze anos depois, em 1856.

O Instituto orgulhava-se da sua nova Seção de Arqueologia e almejava formar um corpo científico respeitável que fosse um “oráculo” das duas Américas perante a comunidade científica internacional.

A *Comissão de Archeologia e Ethnographia indígena* seria ainda composta por Dr. Francisco Freire Alemão, Dr. José Joaquim Machado de Oliveira e Dr. Joaquim Caetano da Silva.<sup>361</sup> Freire Alemão iria levar também aos estatutos da Sociedade Vellosiana, que se reunia no Museu Nacional, os anseios de se conhecer a nova etnografia brasileira e as línguas indígenas, esta afinidade pelo tema levou a junção desta instituição ao IHGB em 1853.<sup>362</sup>

A 180<sup>a</sup>. Sessão de 14 de outubro daquele ano de 1847, sob a presidência de Araújo Porto-Alegre, informava que Gonçalves Dias fora aprovado como membro correspondente da seção histórica e, além dele, João Antonio de Azevedo e Eduardo Laemmert. Naquela sessão Freire Alemão apresentou uma proposta, logo em seguida aprovada, na qual solicitava aos presidentes de províncias informações sobre as diferentes tribos distribuídas pelo território nacional bem como a situação das matas, segue um trecho:

---

<sup>360</sup> IHGB. “177<sup>a</sup>. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *RIHGB*. Tomo IX. 2<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro. 1869. p. 442. [Grifos adicionados].

<sup>361</sup> IHGB. “178<sup>a</sup>. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *RIHGB*. Tomo IX. 2<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro. 1869. p. 444.

<sup>362</sup> IHGB. “Sessão de 17 de junho de 1853”. In: *RIHGB*. Tomo XVII, 1854. p. 88. Veja também SOCIEDADE VELLOSIANA DO RIO DE JANEIRO. *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*. 1851. Disponível em [www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html](http://www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html). Extraídos do periódico *Guanabara*. Acesso em 10.10.11.

**”Quaes eram as tribos indígenas** que habitavam a respectiva Província no tempo em que o país foi conquistado; que extensão de terreno ocupavam, quaes foram extintos; quaes emigraram e para onde; e emfim quaes existem ainda e em que estado”, e ainda, “Qual a parte da Província que era já n’esses tempos desprovida de matas; quaes são os campos nativos; e **qual o terreno coberto de florestas virgens**; onde estas tem sido destruídas, e onde se conservam; quaes as madeiras preciosas de que mais abundavam, e emfim que qualidade de animais as povoavam. Tudo isso para que se possa traçar uma carta geral do estado primitivo do paiz. Francisco Freire Alemão”.

363

#### **4.1.2 - Revista do IHGB e as publicações sobre a temática indígena**

Atendendo à solicitação de Freire Alemão, foram publicados na *Revista do Instituto* artigos como “Alguns esclarecimentos sobre as missões da província do Amazonas” por João Wilkens de Mattos em 1856, “Mappas dos Indios Cherentes e Chavantes na nova povoação de Theresa Crhistina no rio Tocantins, e dos Indios Charaós da aldêa de Pedro Affonso nas margens do mesmo rio, ao norte da província de Goyaz” por Frei Rafael Tuggia em 1856, dentre outros. A *Revista* já havia publicado uma série de artigos sobre a questão indígena até 1851, ano em que foi oficializada a criação da referida Seção de Arqueologia e Etnologia, e as publicações continuariam atendendo à solicitação de Freire Alemão, direcionada aos presidentes das províncias sobre a situação dos índios e das matas.<sup>364</sup>

---

<sup>363</sup> IHGB. “188ª. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *RIHGB*. Tomo IX. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. 1869. pp. 562-3. [Grifos adicionados].

<sup>364</sup> Segue lista de artigos relacionados à questão indígena no IHGB: IHGB. “Índice geral alphabetico”. In: *RIHGB*. Tomo XIV. Rio de Janeiro. 1851. [p. 497-519].: “Novos indícios da existência da uma antiga

---

povoação abandonada no interior da provincia da Bahia” por Manoel Rodrigues de Oliveira em 1848, “Dissertação Histórica Ethnográfica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia ao tempo em que o Brazil foi conquistado” por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva em 1849, “Plano sobre a civilização dos Indios no Brazil, e principalmente para a capitania da Bahia; com uma breve noticia da missão que entre os mesmos Indios foi feita pelos proscriptos Jesuitas [...]” por Domingos Alves Branco Moniz Barreto em 1856, “Parecer sobre o aldeamento dos índios Uiacurus e Guanans com a descrição de seus usos, religião, estabilidade e costumes” por Ricardo Franco de Almeida Serra em 1845, a “Memoria sobre as aldeas de Indios da provincia de São Paulo, segundo observações feitas no ano de 1798” por José Arouche de Toledo Rendon em 1842, o “Progama – Se a introdução dos escravos africanos no Brasil embarça a civilização de nossos indígenas” por Januário da Cunha Barbosa em 1839, a “História dos Indios Cavalleiros ou nação Guaycurus, escrita no Real presidio de Coimbra” por Francisco Rodrigues do Prado em 1839, a “Noticias do Indios Tupinambas, seus costumes etc, tractada de um manuscripto da Bibliotheca de S. M. o Imperador” em 1839, o “Programa – Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas no Brazil” por José Joaquim Machado de Oliveira em 1842 e do mesmo autor “Programa – Se todos os indígenas no Brazil, conhecidos até hoje, tinham ideia de uma única divindade” em 1844, “Noticia raciocinada sobre as Aldêas dos Indios na Provincia de São Paulo, desde seu começo até a actualidade” em 1846 e a “A Celebração da Paixão de Jesus Christo entre os Guaranis” em 1842, a “Os Orizes conquistados, ou noticia da conversão dos indómitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do sertão do Brazil; na qual se descreve também a aspereza do sitio da sua habitação, a cegueira de sua idolatria e barbaridade de seus ritos” por José Freire de Montenegro Mascarenhas em 1846, “Dita do Dr. Lund, da Lagoa Santa em Minas Gerais, sobre as novas descobertas de ossos e craneos achados em suas escavações” por Doutor Lund em 1844, “Creação da directoria dos Indios na provincia de Mato Grosso” por Ricardo José Gomes Jardim em 1847, “Noticias sobres os *Botocudos*, acompanhado por um vocabulário de seu idioma, acompanhado de algumas observações” por Jamard em 1847, “Memoria sobre usos, costumes, e linguagem dos Apiacás, e descobrimento de novas minas na provincia de Mato Grosso” por Jose da Silva Guimarães em 1844, “Artigo acerca do indígenas da costa do Brazil (Extraído do Panorama)” de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara em 1845, “Memoria sobre as nações gentias que habitam o continente do Maranhão” por Francisco de Paula Ribeiro em 1841, “Programa - Qual seria hoje o systmea de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões” de Conego Januario da Cunha Barboza de 1840, “Se a introdução dos escravos Africanos No Brazil embarça a civilização dos nossos indígenas” por Januario da Cunha Barboza de 1839. Após o ano de 1851 foram ainda publicados: Em 1855, “Apontamentos sobre a vida do Indio Guido Pocrane [...]” de Luiz Pedreira do Coutro Ferraz. Em 1856, “A Emigração dos Cayuaz” por João Henrique Elliot, “Breve reflexões sobre o systema de catechese seguido pelos Jesuitas no Brazil por Joaquim Caetano Fernando Pinheiro. Em 1858, a RIHGB publicou a “Notícia sobre os selvagens do Mucury, em uma carta do Sr. Theophilo Benedicto Ottoni”. Em 1861, “Os Cayapós, sua origem, descobrimento, accometimentos pelos Mamelucos, represalia, meios empregados com violencia, e com arma em punho para subtrahil-os ás mattas, esses meios substituidos pelos de brandura, seus beneficos resultados, aldeamento, conclusão por Machado de Oliveira”. “Continuação do Parecer sobre os índios *Uaicurus*, *Guanas*, etc. [Ricardo Franco de Almeida Serra, RIHGB, 1845]. *Que se começou a publicar no Tomo VII, pg. 204.*” por Tenente Coronel Jardim em 1850. Em 1854, Joaquim Norberto de Souza Silva publicou sua “Memória histórica e documentada das aldeias de Indios da provincia

A criação da *Seção de Arqueologia e Etnografia* no IHGB só seria oficializada em 1851 na 227<sup>a</sup>. Sessão da Assembléia Geral do dia 22 de maio daquele ano. Na ocasião fora realizada uma votação para a formação das diversas comissões do Instituto e naquele mesmo dia ocorrerara a divulgação do resultado pelo qual ficaria a referida comissão composta por Manoel Antonio de Melo, Manoel Araújo Porto-Alegre e Francisco Freire Alemão, aqui se percebe a estreita relação entre o pintor e o botânico que culminaria com a criação da Comissão Científica de Exploração, em 1856.<sup>365</sup>

Tanto Freire Alemão quanto Araújo Porto-Alegre comporiam o grupo de mentores da expedição ao Ceará e, a partir de 1859, primeiro ano da Comissão Científica, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* passou então a chamar-se *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, dada a importância que a Seção de Arqueologia e Etnografia assumira no Instituto.

Além do mapeamento das tribos indígenas existentes no país, alguns artigos relacionados aos estudos sobre as línguas indígenas também foram publicados na *Revista do Instituto* como “Sobre a necessidade do Estudo e ensino das línguas indígenas no Brazil” por Francisco Adolfo de Varnhgem em 1841, dentre outros.<sup>366</sup> Em 1854, Gonçalves Dias publicou na *Revista do Instituto* o artigo “Vocabulário da

---

do Rio de Janeiro”. Em 1857, a RIHGB publicou a “Carta regia de 12 de Maio de 1798 ao capitão-general do Pará acerca da emancipação e civilização dos índios, [...]”.

<sup>365</sup> IHGB. “227<sup>a</sup>. Sessão da Assembléia Geral no dia 22 de maio de 1851”. In: *RIHGB*. Tomo XIV. Rio de Janeiro. 1851. p. 468.

<sup>366</sup> A RIHB publicou sobre o estudos das línguas indígenas: “Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indígenas do Brasil” por Francisco Adolpho de Varnhagen de 1841, “Noticia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu idioma, e de algumas observações” por Jomard M. em 1847, “Carta escrita pelo sócio Sr Francisco Adolpho de Varnhagen versando sobre ethnographia, línguas, emigrações e arqueologia, padrões de mármore dos primeiros descobridores” em 1849. Em 1856, foi publicado “Vocabulário dos Indios Cayuaz” pelo Barão de Antonina. Em 1858, a *RIHGB* publicou “Ethnographia Indigena. Linguas, emigrações, e archeologia. Padrões de marmore dos primeiros descobridores. Carta do Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, Madrid, 1º. De Abril de 1849”.

língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas".<sup>367</sup>

No ano seguinte, em 1855, o poeta também publicou "Amazonas. Memoria escrita em desenvolvimento do programa dado por S. M. I. ao socio effectivo o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias" no qual Gonçalves Dias refuta o mito das Amazonas. Segundo ele, estatisticamente improvável.<sup>368</sup>

Em 1860, a revista publicou "Os indigenas do Brasil perante a Historia. Memoria oferecida ao Instituto Historico e Geographico do Brasil pelo Sr. Dr. J. G. Magalhães" e as publicações de trabalhos sobre esta temática consolidaram-se em 1867 com *Brasil e Oceania* onde Gonçalves Dias, tratou do estado de desenvolvimentos das tribos indígenas, seguindo uma solicitação do próprio Imperador D. Pedro II.

#### 4.1.3 - A arqueologia e a etnografia no IHGB

Do ponto de vista arqueológico, uma das questões que irá ocupar Gonçalves Dias, e que o levou a participar da Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração, era a recomposição da história antiga brasileira que retratou em *Brasil e Oceania*.

Antes disso, uma das primeiras manifestações do interesse do IHGB pela história antiga e pela arqueologia brasileira aparece na *Revista do Instituto* em 1839 com a publicação de um o artigo sobre a existência de uma povoação antiga, já desabitada, que fora encontrada no sertão da Bahia, em 1753. Alí foram encontrados vestígios de edifícios, templos arruinados que conservavam "magníficos" frontispícios, algumas naves de pedras inteiras e nas arruinadas paredes viam-se obras "primorosas", como informa um manuscrito copiado da

---

<sup>367</sup> G. Dias "Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas". In: *RIHGB*. Tomo XVII, 1854, p. 553-577.

<sup>368</sup> G. Dias. "Amazonas. Memoria escrita em desenvolvimento do programa dado por S. M. I. ao socio effectivo o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias". In: *RIHGB*, Tomo XVIII, 1855, pp. 5-71.

Biblioteca Nacional e publicado na *Revista do Instituto*.<sup>369</sup>

Segundo K. Kodama, no Brasil, a atenção voltada às descobertas arqueológicas ganhou impulso maior em fins da década de 1830 quando, em abril de 1837, José Feliciano Fernandes Pinheiro, o visconde de São Leopoldo, enviou do Rio de Janeiro uma carta para Raimundo José da Cunha Matos, então secretário da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

A carta, enviada ao IHGB no ano anterior de sua fundação, relatava uma viagem que o Fernandes Pinheiro realizara até a Barra de Santos. Informava sobre a descoberta de ossos nas margens do rio que vinha de Cubatão e acompanhava algumas amostras de ossos encontrados na dita localidade os quais já haviam sido encontrados por americanos e enviados para a Sociedade Filosófica da Filadélfia. De certo modo, este material iria motivar os trabalhos arqueológicos da Expedição Frederic Hartt que D. Pedro II contraria no ano de 1869 e, do mesmo modo que a outras expedições no Brasil, comporia uma importante produção iconográfica.

Segundo as informações que Fernandes Pinheiro conseguira recolher, a ilha de Pombeba, que se ligava por uma estrada e uma ponte até a ilha do Casqueiro, era o local principal de reunião dos selvagens para pesca, onde “desse tempo imemorial” encontravam-se montes de cascas de ostras, que os indígenas chamavam de *sambaquis*, local em que costumavam sepultar seus mortos.

Com estas informações, na segunda sessão do Instituto Histórico, realizada em 15 de dezembro de 1838, Raimundo José da Cunha Matos apresentou a “Dissertação acerca do sistema de escrever a História Antiga e Moderna do Império do Brasil”, que foi publicada postumamente, em 1863, (RIHGEB, 1863), onde aparecia o uso da palavra *etnografia* associada à arqueologia indígena. Seu

---

<sup>369</sup> IHGB. “Relação histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima, sem moradores, que se descobriu no ano de 1753 nos sertões do Brazil; copiada de um manuscrito da Biblioteca Nacional”. In: *RIHGB*, Tomo I, 1839. 151-6; e também: IHGB. “Memoria sobre a situação da antiga cidade abandonada, que se diz descoberta nos sertões do Brazil por aventureiros em 1753”. In: *RIHGB*, Tomo III, 1841.

pensamento incluía o tema dos “aborígenes ou autóctones”, preconizava em prol da valorização dos estudos sobre as línguas indígenas.

Como um precursor da Comissão Científica de Exploração, Cunha Matos foi um dos primeiros membros do IHGB a defender a realização de expedições investigativas no campo da história natural subsidiadas pelo governo Imperial. Seu projeto envolvia pesquisas de campo voltadas aos assuntos ligados às populações, à demografia, aos “usos e costumes” dos índios selvagens e a civilização e catequese dos mesmos, além dos usos e costumes dos escravos e ciganos.<sup>370</sup>

Ainda segundo K. Kodama, durante a primeira metade do século XIX, a inquirição sobre origem dos indígenas americanos era embasada na descendência dos povos da Antiguidade e as conjecturas de Cunha Matos e de Francisco Rodrigues do Prado, autor da “Historia dos indios Cavalleiros, ou da nação Guaycurú” (*RIHGB*, 1839), traziam uma perspectiva que remontava, séculos atrás, às ascendências judaica, cartaginesa, tártara e de outros povos dos indígenas americanos.

Tal conjunção da história nacional com a pré-história não seria característica específica da construção historiográfica do instituto, Manoel Salgado Guimarães tratou dessa problemática começando pela presença de certa tradição antiquária na concepção de história do IHGB, que a vincularia a outros estabelecimentos europeus, como o *Institut Historique* de Paris e a Sociedade dos Antiquários do Norte, com quem manteve contatos importantes durante a década de 1840.

No decorrer dessa década, no Instituto Histórico, o esforço pela afirmação de um passado antigo americano, anterior ao da descoberta e da colonização por portugueses, refletia-se na reprodução de textos como as *Investigações sobre as povoações primitivas da America*, de Warden publicado em 1834 ou a *Memória sobre o descobrimento da América no seculo decimo*, de Charles Rafn publicado

---

<sup>370</sup> K. Kodama. *Op. Cit.*, (2009). pp.64-67, 74-81.

em 1840,<sup>371</sup> para o qual a América teria sido descoberta por escandinavos vindos ao continente em navegações que teriam saído de paragens da Groenlândia.<sup>372</sup>

Havia no IHGB o interesse de conhecer as especificidades históricas dos diferentes povos e a instituição estivera sob influências de dois métodos: o fisionômico e o linguístico, mas além destes métodos, pretendia-se desenvolver uma etnologia de carácter científico, baseada no estudo da cultura material dos grupos indígenas, representada por artefatos de guerra, adornos ou instrumentos musicais.

O método fisionômico vem, por exemplo, do naturalista Alcide d'Orbigny, de sua obra *L'Homme Américain*, citado por Gonçalves Dias em *Brasil e Oceania*. Do mesmo modo, a elaboração de alguns dos discursos raciais da *Société des Observateurs de l'Homme*, fundada em 1799, a publicação de Saint-Simon, *Mémoire sur la Science d l'Homme em 1813* e também os trabalhos de Peter Camper, realizados no século XVIII, com o estudo dos ângulos faciais, eram fontes para os membros do IHGB interessados pela novas teorias ligadas à etnografia.<sup>373</sup>

Esses trabalhos tiveram grande influência no século XIX sobre os estudos dos diferentes “tipos humanos” e apareceram nas *Instruções* para Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração, redigida por Manoel Araújo Porto-Alegre.

#### 4.1.4 – A Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração

Na *Seção Etnográfica* da Comissão Científica, o estudo do homem físico ocorreria por meio de desenhos fiéis às proporções gerais do corpo a ser estudado segundo um viés antropométrico. Objetivava-se fazer um tratado dos

---

<sup>371</sup> Charles C. Rafn. *America Discovered in the tenth century*. Nova York, Brodway, 1838. Disponível em <http://babel.hathitrust.org>. Acesso em 05.01.2012..

<sup>372</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp.64, 66, 7-4.

<sup>373</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp.86-90, 103, 131-3.

costumes do indivíduo e da família desde os tempos coloniais que incluiria as festas nacionais e estudos sobre os indígenas, algo que já havia sido pensado por Araújo Porto-Alegre para subsidiar os alunos da AIBA e os pintores de Paisagem e História, como observou Leticia Squeff.<sup>374</sup>

Nas *Instruções para a Seção Etnográfica*, Manoel de Araújo Porto-Alegre voltava-se principalmente para o estudo dos índios. Eles deveriam ser apanhados em todos seus passos, nas festas, na caça, na pesca, na guerra, na agricultura, nos seus trabalhos industriais, em seus cantos, na forma de todos os seus artefatos, na maneira de pintarem-se, na forma de seus móveis, nos seus adornos festivos, na planta e na forma de suas habitações particulares e de suas aldeias, na disposição de suas fortificações, no seu sistema de seguridade mútua ou no seu comércio. Deveria ser registrado tudo sobre religião, crenças e superstições. Temia-se que os índios desaparecessem em duzentos anos.

A Seção deveria procurar saber por que trâmites passava o índio que chegava a ser pajé, e se este sacerdócio era adquirido por alguma formalidade ou eventos da vida ou se era transmitido como ciência esotérica ou hereditária. Interessava muito apanhar contos, fábulas e pela a arqueologia conhecer sua origem, ou pelo menos sua história particular. Era considerado de grande utilidade indagar qual a opinião dos homens com a finalidade de estudar os meios de remover obstáculos e chamar à indústria tantos braços perdidos e diminuir o número de inimigos internos.

Além de descrições e desenhos, também faria coleção de todos os adereços, utensílios, instrumentos de música, armas, de tudo, enfim, quanto pudesse servir de prova da indústria, usos e costumes dos indígenas, inclusive suas múmias e sepulturas. Seguem alguns trechos:

### **“Seção ethnographica e narrativa de viagem**

#### **I**

---

<sup>374</sup> L. SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas Letras de um Pintor: Manuel Araújo Porto Alegre (1806 – 1879)*. pp. 217-8

Os principais elementos que servem para distinguir as raças humanas são: **organização physica, o carater intellectual e moral, as linguas e as tradições historicas**. [...] sobretudo relativamente aos indigenas do Brazil, [...] o homem genuino americano pôde ser chamado a compartilhar os bens da **civilisação** [...]

## II

Sendo o ponto mais importante da ethnologia, para o estudo do homem physico, [...] so se podera adquirir noções sufficientes por meio de desenhos fidelíssimos do todo, principalmente da cabeça [...].

## III

Além d'estes estudos parciaes, importa fazer muitos e variados grupos, porque nelles melhor se compararão as formas e suas variedades [...] e as **proporções geraes do corpo**; e para mais segurança haverá o cuidado de medir grande numero de individuos adultos, assim como os seus **angulos faciaes**, procurando por essa occasião verificar, se a maior abertura do angulo attesta maior intelligencia, como affirma Camper [...] IV [...]

## V

[...] deve-se **moldar em gesso muitos individuos**, para mais placidamente estudar a differença que há entre as formas [...] VI, VII, VIII [...]

O estudo da língua é um complemento necessario ao estudo dos caracteres physicos. [...] dos indigenas [...] Passar-se-há após a **indagar a filiação d'essa lingua com outras**,

**estabelecendo tabellas comparativas quanto aos sons de todas as palavras** [...] Muitas de nossas tribus, como por exemplo, a dos Botocudos, tem uma lingua pobre, que contrasta com a riqueza da Guarany, possuidora de locuções para ambos os sexos.

#### IX

[...] vê-los nos **festins**, na caça, na pesca, na guerra, na lavoura, e nos seus **trabalhos industriais**; assim como possuir seus **cantos**, [...] a **fôrma de todos os seus artefactos**; a maneira de [...] pintar-se; o character de seus **debuxos**; a forma de seus moveis, dos **seus ornatos** festivos, e a qualidade dos seus arrebiques.

#### X

[...] acerca de seus conhecimentos estrategicos, de fortificação, de medicina, [...] a **planta e a forma de suas habitações** particulares e dos seus aldeamentos [...] XI, XII [...]

#### XIII

Além das descrições e desenhos, far-se-há collecções de todos **enfeites, utensilios, instrumentos de musica, armas**, de tudo emfim quanto possa servir de prova da industria, usos e costumes dos indigenas, inclusive suas mumias e sepulturas [...] XIV, XV [...]

#### XVI

[...] avaliar superficies dos terrenos cultivados [...] das áreas occupadas ainda por florestas virgens [...] assim como chegar

a uma probabilidade do **numero de selgavens** que habitam essas florestas.

M. A. Porto-Alegre. <sup>375</sup>

Como se observa nos Títulos das Instruções da Seção Etnográfica, a Comissão Científica tinha a intenção de verificar todo o conhecimento sobre a cultura, a língua dos indígenas e as possibilidades de empreender políticas de “civilização”, vinculada à catequequização e ao aproveitamento da mão-de-obra indígena.

Neste período, buscava-se priorizar o trabalho indígena em detrimento do trabalho africano, como sugeriu Januário da Cunha Barbosa em “SE a introdução dos escravos Africanos no Brasil embaraça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros”, para ele a entrada dos escravos africanos enfraqueceu a chama dos índios para civilização através das missões e defendia o trabalho indígena em detrimento do trabalho escravo:

“[...] se fôrem bem tratados cumprindo-se fielmente as convenções, que com eles se fizerem; se fôrem docemente chamados a um commercio vantajoso e a uma comunicação **civilizadora**, teremos, senão nos que hoje existem habituados a sua vida nómade, ao menos em seus filhos e em seus netos, um **classe trabalhadora**, que nos dispense a dos Africanos”. <sup>376</sup>

Os “Apontamentos sobre a vida do índio Guido Pokrane”, publicados na *Revista do Instituto Histórico* em 1855, mostrava um índio botocudo que assumira

---

<sup>375</sup> M. Araújo Porto-Alegre, “Seção Etnográfica e Narrativa de Viagem”. *RIHGB*, <Suplemento, 1856, v. 19. Pp. 68-74. [Grifos Adicionados].

<sup>376</sup> J. da Cunha Barbosa. “SE a introdução dos escravos Africanos no Brasil embaraça a civilização dos nossos indígenas....”, in: *RIHGB*, Tomo I, 1839. p. 128. [Grifos adicionaodos].

função de intérprete e braço direito de Marlière para contatar grupos “selvagens”, tornando-se também diretor da aldeia. Guido conseguiu conciliar índios “Coroados” e Puri, Nakneunuk e Krakmun, era influente, regulamentava castigos e ordenava trabalhos. A Comissão Científica ao Ceará acreditava na regeneração dos índios visando trazer “braços” trabalhadores para o Império.

#### **4.2 - A Importância dos estudos filológicos indígenas**

Além de Gonçalves Dias, outros autores envolveram-se com a questão da língua e produziram artigos sobre este respeito. Entre eles, Joaquim Norberto de Souza e Silva tomava a língua como chave de entendimento para as “subdivisões” entre as tribos de origem tupi e a sua diferenciação com outras não falantes da língua geral como afirmou no seu artigo “Memória histórica e documentada das aldeias de índios da Província do Rio de Janeiro” publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1854. A “Notícia sobre os botocudos” de Jamard, publicado na *RIHGB* de 1847, trazia um pequeno vocabulário retirado dos depoimentos de dois índios Botocudos levados à França em 1843 e “examinados” pelo *Institut de France*. A revista portuguesa *Panorama*, em artigo de 1845 publicado pela *RIHGB*, classificava os grupos indígenas entre os grupos que falavam a língua geral e habitavam o litoral no tempo da conquista e os que falavam línguas diferentes que habitavam os sertões, também via na língua meio de conhecimento das especificidades das nações no Brasil.<sup>377</sup>

Aziz Ab´Saber, ao falar sobre o povoamento do Brasil que correu a partir do oeste pelos povos mongóis, adaptando-se às mais diversas circunstâncias geográficas e ecológicas, trata do aparecimento das tribos tupis. Para ele, uma das mais importantes características destes grupos estava expressa na história visível pelo que ele chamou de “força da toponímia Tupi”, ou seja, não na ‘força’ da língua escrita ou letrada, mas da língua falada ligada a história ou pré-história das Matas Atlânticas.

---

<sup>377</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp. 90, 111-2, 118-9, 120, 125-6.

Enquanto os Portugueses identificavam as localidades por nomes de Santos, as tribos tupis davam nomes segundo suas características físicas como serras, serrinhas, riachos escarpas, tipos de vegetação (*jundus*, *caetés*) além de nomearem as diversas espécies de vegetais. Assim pelos nomes identificavam o espaço: “rio de caranguejos”, “mata seca” (*caatinga*) “água que cai na pedra com estrondo” (*itaipu*), “barreiro”, “lamaçal”, “lugar de madeiras para canoas”, “lugar que foi roça”, etc. <sup>378</sup>

A necessidade do conhecimento da língua falada pelos indígenas aparece no IHGB expressa nos trabalhos de Von Martius, Varnhagen, Gonçalves Dias e também em Araújo Porto-Alegre. No Título VIII das instruções para a Seção Etnográfica da Comissão Científica, Porto-Alegre afirma esta necessidade ainda que disesse que o estudo das línguas era um complemento para os estudos dos caracteres físicos. <sup>379</sup>

Acreditava-se que a linguagem seria a chave para revelar a história da humanidade, a via linguística seria uma entre outras que fundamentariam a etnologia do século XIX e era proveniente dos estudos sobre os povos externos ao mundo greco-romano. Tais estudos avançaram principalmente com o impulso dos estudos filológicos dos textos sagrados em sânscrito, realizados por Friedrich Max Müller, e com a decodificação dos hieróglifos da pedra Rosseta, como observou K. Kodama. <sup>380</sup>

Deste modo, o IHGB, como aponta Francisco Adolpho de Varnhagen em uma carta de 1849 publicada pela *RIHGB* em 1858, desejava criar um método científico de caracterização e distinção entre os indígenas da América, particularizando-os em relação aos outros povos do mundo para a formação da nacionalidade e sustentava que, mediante uma coleta precisa das línguas, seria

---

<sup>378</sup> Aziz Ab'Saber. "O povo da Mata, Os que vieram de Oeste, Toponímia Tupi". In: Paulo Rufino, *Mata Atlântica - Brasil 8 paisagens*, Episódio I, Cenas 8, 9 e 10, Casa de Cinema, Syngenta, Sabesp, 2005. [Produção Vidográfica].

<sup>379</sup> M. Araújo Porto-Alegre, "Seção Etnográfica e Narrativa de Viagem". *RIHGB*, <Suplemento, 1856, v. 19. Pp. 68-74.

<sup>380</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp.86-90, 103, 131-3.

possível esclarecer e distinguir melhor as ‘raças’ indígenas, indicando que o caminho para o estudo da etnografia precisaria iniciar-se pelo estudo filológico e pela língua seria possível avaliar o grau de barbárie dos povos.<sup>381</sup>

Na carta que enviou ao Instituto em 1º. de abril de 1849, portanto, antes que Araújo Porto-Alegre redigisse as *Instruções* para a Seção Etnográfica da Comissão Científica em 1856, além de valorizar o conhecimento das famílias a que pertenciam as línguas de cada uma das raças, ele acrescentava um pedido aos presidentes das províncias para que recolhessem artefatos indígenas. Incentivava também a coleta de restos mortais de cemitérios antigos encobertos nas florestas para estruturar empiricamente os estudos etnológicos e também arqueológicos do Instituto:

“[...] aos presidentes das províncias para que concorram por sua parte para nos museus provinciaes ou estabelecimentos análogos como são os jardins botânicos que possuem varias capitães de províncias, se reunão não só quanto possível os **instrumentos e as armas dos indígenas**, mas principalmente os monumentos sepulcrais como eram os camucis.<sup>382</sup>”

Nesta carta expressa a necessidade de se recolher objetos indígenas e nela também define bem a concepção, que depois será aceita por Gonçalves Dias, sobre os movimentos de migrações das tribos tupis em *Brasil e Oceania*. Nela expressa sua esperança de encontrar ruínas de monumentos semelhantes ao do Lago Titicaca e acreditava que os tupis eram de uma raça conquistadora não autóctona que migrara no sentido Norte Sul, provenientes dos rios tropicais Orenoco e Amazonas utilizando canoas, graças aos fortes braços que possuíam.

---

<sup>381</sup> F. A. Varnhagen. “Ethnographia indígena: línguas, emigrações e arqueologia”. In: *RIHGB*, Tomo XXI, 1858, pp. 389-398.

<sup>382</sup> F. A. Varnhagen. “Ethnographia indígena: línguas, emigrações e arqueologia”. In: *RIHGB*, Tomo XXI, 1858, p. 393. [Grifos adicionados].

Em decorrência da colonização portuguesa, essas tribos voltaram, quase que por instinto, para a região amazônica, e esta idéia também favoreceu a ida de Gonçalves Dias para a região em 1861 em busca dos “índios puros”. Gonçalves Dias esperava encontrar vestígios culturais, presentes na língua ou na manufatura, que comprovassem a existência dos conquistadores *tupys*.<sup>383</sup>

Segue um trecho da carta de Varnhagen tratando dos movimentos migratórios e das línguas:

“[...] a raça tupica que os descobridores europeus encontrarão [...] era ahi uma **raça não autochtona mas conquistadora**, levão-me, dizia, á conjectura de que a mesma raça tupica não invadio do Sul para o Norte [...] cuja língua tão suave nenhuma comparação tinha com todas as outras que nas imediações do Prata se encontravam, [...] A **língua guarani** tão parenta da omágua **nasceu** com esta **nas margens dos grandes rios tropicaes Orenoco e Amazonas** com seus possantes braços, circunstancia que fez de seus habitantes um povo navegador. [...]

**perseguidos pelos novos colonos conquistadores voltado como por instinto a refugiar-se no pátrio ninho em grande parte ainda se conservão** [...] [antes disso] **os Tupis e Guaranis invadirão do Norte para o Sul** aproveitando-se da grande vantagem de suas canoas ou marinha de guerra; [...] E a invasão não só fizeram pelo mar seguindo pelo Maranhão; mas pelos rios Madeira, Tapajoz, etc. baixando depois de novo pelo Paraguay e Paraná. É

---

<sup>383</sup> F. A. Varnhagen. “Ethnographia indígena: línguas, emigrações e arqueologia”. In: *RIHGB*, Tomo XXI, 1858, p. 394.

pois da raça anterior a esta, ou ainda d'alguma mais antiga que eu tenho fé de que se encontrarão vestígios.<sup>384</sup>

Em 1841, Varnhagen havia proposto a criação de uma Seção Etnográfica e Arqueológica no IHGB para mapear as populações e as línguas indígenas em artigo publicado na *RIHGB* intitulado “Sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas”. Neste artigo defendeu o estudo das línguas indígenas principalmente para facilitar as atividades dos missionários no âmbito do processo civilizatório intimamente vinculado à catequese.

Ele solicita que o Instituto imprimisse a segunda parte do *Diccionario Portugues e Brasileiro* que trazia uma parte sobre as línguas indígenas. Segue um trecho tratando da criação Seção de Etnografia no IHGB associada à arqueologia:

“[...] Que o Instituto se crie uma secção de Ethnographia indigena, qual se ocupara dos nomes das nações [...], suas línguas, [...] archeologia, usos e costumes, e os meios de a civilisar [...]”.<sup>385</sup>

Para história do Brasil Imperial era necessário o conhecimento sobre a formação dos povos indígenas, como já havia afirmado Von Martius em sua dissertação “Como se deve escrever a história do Brasil” para o IHGB em 1843, quando já estava em Munique.

Segundo ele, caberia ao historiador brasileiro o papel de imprimir um aspecto equitativo entre o sangue Português e as raças negras e indígenas. O índio já não era o bom selvagem resultado das mãos do criador. Era já “decadente” e “degenerado” em decorrência das mudanças que os brancos ocasionaram na cultura indígena primitiva, mesmo assim, os índios possuíam uma história antiga regida por seus instintos.

---

<sup>384</sup> F. A. Varnhagen. “Ethnographia indígena: línguas, emigrações e arqueologia”. In: *RIHGB*, Tomo XXI, 1858, p. 395.

<sup>385</sup> F. A. de Varnhagen. “Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas do Brasil”. In: *RIHGB*, Tomo III, Rio de Janeiro, 1841. p. 62.

Acompanhar o desenvolvimento do povo indígena só seria possível através de *documentos históricos* que para Martius emergiam da própria língua *Tupi*. Esta fora a língua de um grande povo primitivo que decaíra de seu estado florescente de civilização, mas que ainda era compreendida pelas diferentes tribos. Assim, era o desejo de Martius que:

“o Instituto Histórico Geographico Brasileiro designasse alguns linguistas para a redação de dicionários e observações grammaticaes sobre estas línguas, determinando que estes Srs. fossem ter com os mesmos Índios”.<sup>386</sup>

Do estudo da língua viriam os estudos sobre mitologias, teogonias e geogonias das raças brasileiras; aí se descobririam os vestígios de uma filosofia natural perdida a qual perpassaria as superstições, as virtudes curativas dos curandeiros, feiticeiros e taumaturgos indígenas e chegar-se-ia ao saber dos índios relativos aos fenômenos da natureza além das relações sociais e jurídicas. Assim estaria encerrada a tarefa do historiador filosófico e etnográfico e o que deveria ser saudado pelos literatos.<sup>387</sup> Esta foi uma mola propulsora para toda a obra de Gonçalves Dias que inclui *Brasil e Oceania*, seu *Dicionário Tupi Guarani* e seus poemas indigenistas.

A Comissão Científica expressou nas *Instruções* o interesse por etnografia ligada aos usos e costumes, que desde a primeira metade dos oitocentos baseava-se nos relatos dos viajantes, nos relatórios de presidentes de província, nas crônicas coloniais, nos escritos dos jesuítas. Acrescentavam-se agora os métodos fisionômicos e linguísticos de carácter científico. Ao segundo método, o filológico, Gonçalves Dias parece ter se envolvido com mais afinco antes de partir com a Comissão Científica, tendo já publicado em 1854, o “Vocabulário da língua geral

---

<sup>386</sup> C.F.P. Martius. “Como se deve escrever a História do Brazil”. In: *Revista Trimensal de História e Geographia*, Tomo VI, Rio de Janeiro, 1844. p. 386.

<sup>387</sup> C.F.P. Martius. “Como se deve escrever a História do Brazil”. In: *Revista Trimensal de História e Geographia*, Tomo VI, Rio de Janeiro, 1844. p. 386.

usada hoje em dia no Alto-Amazonas”, (RIHGB, 1854).<sup>388</sup>

Como apontou K. Kodama, posteriormente, em 1858, Gonçalves Dias publicaria o “Vocabulário da língua tupy, chamado de língua geral dos índios brasileiros” publicado com o *Dicionário da Língua Portuguesa para Usos dos Portugueses e Brasileiros (...) seguido do Diccionario de Synonimos com Reflexões Críticas* (Lisboa: Francisco da Silva, 1859) por José Maria d’Almeida e Araújo Correia de Lacerda.<sup>389</sup>

Em *Brasil e Oceania, de 1867*, Gonçalves Dias elogia a língua geral dos Tupis e lamenta sua decadência:

“A língua *tupy*, chamada vulgarmente língua geral, tinha uma grammatica que pelo bom ordenado de cada uma de suas partes merece de ser comparada á grega e á latina: demonstra mais hábito de reflexão do que o que encontramos no povo que a fallava; abunda, com bem nota Martius em expressões que indicam certa familiaridade com as considerações metaphysicas e concepções abstratas, a ponto de bastar para exprimir e explicar as verdades e os mystérios da mais espiritual de todas as religiões do cristianismo; e reina em toda ella tal ordem, tal methodo, que alguém disse já que os *Tupys* não estavam em estado de a ter formado. Se não o estavam, e já o tinham feito, a consequência é que depois d’isso haviam decahido.”<sup>390</sup>

---

<sup>388</sup> Gonçalves Dias. A. “Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas”. In: RIHGB, Tomo XVII, 1854.

<sup>389</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). p. 90.

<sup>390</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania”, pp. 264-5.

### 4.3 - O indianismo de Gonçalves Dias: *Brasil e Oceania*

*Brasil e Oceania*, publicada pela Revista do IHGB em 1867, foi uma obra elaborada por Gonçalves Dias no intuito de comparar os povos indígenas brasileiros com outros povos. De certo modo foi influenciado pelo *Abrégé de Géographie* de Adriano Balbi, realizado a partir de informações coletadas pelos viajantes e naturalistas e de crenças desde o século anterior sobre a divisão dos povos, onde classificava as populações da Terra, de forma decrescente em “os povos civilizados”, “os bárbaros” e “os selvagens”, como observou K. Kodama.<sup>391</sup>

Segundo Antonio Cândido, Gonçalves Dias era apegado à harmonia neoclássica, distinguira-se dos moços românticos pela ausência de pessimismo e pela deliberada resistência à intemperança sentimental; na *Canção do Exílio*, por exemplo, representou bem o seu ideal literário imbuído de beleza e simplicidade. O indianismo, aqui definido, encontrava um modo de ver a natureza em profundidade, o sentido heroico da vida, a superação permanente da frustração, a tristeza digna refinada pela arte. Seu indianismo teve o critério da pesquisa heroica do passado, aproximava o índio aos padrões da cavalaria medieval europeia. Gonçalves Dias procurava comunicar uma visão generalizada do índio que incorporava o orgulho nacional e a própria representação da pátria independente, da magnitude do Amazonas, do grito do Ipiranga ou das cores verde amarela.<sup>392</sup>

Na verdade Cândido referia-se à idealização cultural que Gonçalves Dias transpôs para os remanescentes das tribos *Tupys* em contraposição à barbárie selvagem das tribos *Tapuyas*. Além disso, o indianismo de Gonçalves Dias é caracterizado por um conhecimento etnográfico de carácter científico determinado principalmente pelo estudo da língua, mas também pelas diferenças culturais expressas nos objetos que o poeta recolheu na região amazônica. É possível

---

<sup>391</sup> A. Balbi, *Abrégé de Géographie. Redigé sur un nouveau plan d'après les derniers traités de paix et les découvertes les plus récentes*. 3. Éd. Paris: Jules Renouard et Cie., 1839. Citado por K. Kodama, *op. cit.*, (2009), p.85.

<sup>392</sup> A. Cândido, *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, p.75.

compreender a distinção que Gonçalves Dias fazia entre estas duas tribos genitoras, *Tupys e Tapuyas*, em sua obra *Brasil e Oceania* o que permite explicar o porquê da importância dos elementos da cultura material presentes nos artefatos reunidos pelo poeta.

Tanto as características da língua quanto dos artefatos reunidos tinham a principal função de tipificar cada um dos traços que aproximavam as diferentes nações de ambas as tribos, representados principalmente pelos aspectos presentes no desenvolvimento intelectual da língua falada e confirmada pela nobreza estética dos objetos ligados à guerra, ornamentação, caça e pesca.

No intuito de criar um compêndio que caracterizasse o estado de civilização das tribos indígenas brasileiras, em 1849, a 212<sup>a</sup>. Sessão em 15 de dezembro de 1849 teve a presença do imperador que encarregou Antonio Gonçalves Dias a elaborar uma comparação entre os indígenas da Oceania e os do Brasil.

A fala do Imperador expressava o desejo de civilização dos índios, de entendimento sobre a incorporação de seus costumes pela sociedade brasileira e a preocupação com a formação de uma poesia nacional independente. Segue o trecho:

“S. M. o Imperador ordena a leitura dos programas já aprovados para assumptos de dissertações, e distribue os quatro abaixo transcriptos:

Ao Sr. Antonio Gonçalve Dias:

‘**Comparar o estado physico, intelectual e moral dos indígenas** da quinta parte do mundo com o estado physico, intelectual e moral dos indígenas do Brazil, considerados uns e outros na época da respectiva descoberta, e deduzindo d’esta comparação á empresa da **civilização**.

Ao Sr. Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro:

‘Que **usos, costumes, palavras e frases** dos íncolas do Brazil andam hoje no trato comum da sociedade polida dos Brasileiros.´

Ao Sr. Francisco de Paula Menezes:

‘O estudo e imitação dos poetas românticos promove ou impede o desenvolvimento da **poesia nacional**.’<sup>393</sup>

Para este estudo viajou ao Pará para estudar os indígenas e o trabalho resultante foi intitulado *Brasil e Oceania*, publicado na *Revista do Instituto* de 1867. Nos capítulos iniciais da primeira parte dessa obra, Gonçalves Dias tratou da “Emigração dos indígenas do Brasil”, das “Tribus que habitavam o litoral do Brasil”, das “Tribus que habitavam o sertão”, “Costumes e artes dos Tapuyas”, “Caracteres physicos dos Tupys, etc. Os capítulos finais trazem: “Se os americanos caminhavam para o progresso ou para a decadência”, “O que pensamos dos Tupys” e, na segunda parte, “Malaios”, “Polynesios”, “Melanesios”, “Australios”.<sup>394</sup>

Gonçalves Dias utilizou relatos de viajantes que citou em sua obra como Pero de Magalhães Gândavo e sua *História da Província de Santa-Cruz*, Lery, Thevet, Spix e Martius e principalmente Neuwied, frequentemente citados em *Brasil e Oceania*. Segundo ele, as tribos que possuíam vocábulos tirados da mesma língua estabeleciam uma certa identidade e um incontestável parentesco entre elas, sendo *Tupy* a tribo mãe, formado da palavra *tupá* (tribo mãe). Habitavam principalmente o litoral e as margens dos grandes rios e possuíam uma língua única, com algumas variações mas compreensível entre eles.<sup>395</sup>

---

<sup>393</sup> IHGB. “21ª. Sessão em 15 de dezembro de 1849”. In: *RIHGB, Tomo XII, Rio de Janeiro, 1849. p. 554.* [Grifos adicionados].

<sup>394</sup> A. Gonçalves Dias “Brasil e Oceania - Memoria apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e lida na Augusta presença de Sua Majestade Imperial”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*, Tomo XXX, Parte Segunda, Rio de Janeiro, 1867. Pp. 5-192 e 257-395. Disponível em [www.ihgb.org.br](http://www.ihgb.org.br). Acesso em 05.01.12.

<sup>395</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.14.

Para Gonçalves Dias, o *Oyapock* e o Amazonas eram locais de abundâncias de recursos para sobrevivência e os locais constituíram-se pólos de onde emigravam levadas de índios em direção ao sul, pelo litoral. A tribo *tupy*, também chamada de tribo de “língua geral”, era a última conquistadora, embora não a considerasse autóctone, era raça guerreira, formada por homens robustos e valentes, belicosa, louvada e estimada pela coragem de suportar privações, trabalhar e enfrentar a morte.<sup>396</sup>

Eram ricos de tradições, bons aliados, raça com todas as qualidades e virtudes de um povo primitivo. Com seu espírito de luta avançou a América Meridional e agora avançaria para o interior do Brasil lutando contra tribos de línguas diferentes marcadas por lutas internas que intensificavam cisões, ódios e rancores, ainda que unidas por traços semelhantes na língua falada. Todas as tribos inimigas dos *tupys* foram lançadas para o interior do território e eram chamadas de *tapuyas*.<sup>397</sup>

Para justificar os movimentos migratórios o poeta refuta as ideias de D’Orbigny, *L’Homme Américain*, para o qual o sentido do povoamento era de sul para o norte, quando os índios subiram em canoas até o rio Madeira e o Yapurá, chegaram às Antilhas e onde foram encontrados pelos primeiros europeus. Gonçalves Dias também considerava a migração após a conquista, na qual os índios não foram para o sertão mas para o Amazonas e para as florestas do norte.<sup>398</sup>

Gonçalves Dias assinala as qualidades artísticas dos *Tupys*, amantes da música e dança, trabalhadores e amigos da paz:

---

<sup>396</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. p.9.

<sup>397</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. p.10.

<sup>398</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. pp.17, 18, 29.

“Um facto convem registrar aqui a propositio d’estes indgenas: é a propensão que tinham as tribus da língua geral, [portanto os remanescentes *tupys*], para a **música** e para a **dansa**; circunsntancia tão notável que nunca se esquecem os historiadores portuguezes de a mencionar. Os *Caetés* e *Tabajaras* eram igualmente músicos bailadores: grandes músicos os chamam as chronicas”. [...] Grandes **compositores** de cantigas. [...] Eram raças *tupys* os *Goyanazes*. [...] Os *Carijós*, da Cananéia a Lagôa dos Patos, eram trabalhadores, amigos da paz se não fosse irritada, não antropófagos, receptíveis ao evangelho. [...]”<sup>399</sup>

Já os Tapuyas, descendentes dos mongóis, foram desalojados do litoral, nunca se coligavam, guerreavam-se mutuamente e excitavam novos ódios, eram vingativos e dizimavam populações que cresciam com dificuldades. A palavra *tapuyas* era genérica para referir-se aos inimigos e *Tapuyas caa –póras* referia-se ao “inimigos do interior”.<sup>400</sup>

Cassiano Ricardo lembra a força poética de Gonçalves Dias ao expressar num trecho de “I-Juca Pirama” a indignação de um pai, um remanescente Tupi, a exortar ao filho a lutar contra a crueldade e o pouco valor dos Tapuias *Aimorés*:

“- Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte:  
Pois, choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldito  
de uma tribo de nobres guerreiros

---

<sup>399</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. pp. 34, 37,39. [Grifos adicionados].

<sup>400</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. pp. 10,40.

implorando cruéis forasteiros,  
sêres prêsa de vis Aimorés.”<sup>401</sup>

Nos artefatos litografados pelo Imperial Instituto Artístico, em 1862, estava o anseio de Gonçalves Dias por encontrar traços da superioridade cultural dos *tupys* nas tribos remanescentes. Procurou classificar os grupos existentes entre *tupys* e *tapuias*, entendia a existência de muitas tribos e algumas são citadas neste:

“Temos então que as tribus da língua geral eram primeiramente os *Tabajaras*, que em tempos remotos deveram ter sido precedidos pelos primeiros *Tupys*. Vinham depois d’elles os *Potiguares*, e as suas filiaes *Rerygares* e *Tiguares*; depois os *Caetés*, os *Tupinambás*, os *Tupin-ikins*, os *Tamoyos* e os *Carijós*”.<sup>402</sup>

Os *Tapuyas*, que após serem expulsos de suas terras no litoral e irem para os sertões ou para as montanhas, revidavam e lançavam-se sobre as tribus do litoral: “são os ferozes *Aymorés*, os *Goitakazes* e os *Goyanazes*”. Devido as guerras por territórios entre o litoral e o sertão, nem todas as tribus do litoral eram *Tupys* e nem todas do interior eram *Tapuyas*.<sup>403</sup>

Assim, os primeiros descobridores não conheciam as tribos dos antigos *Tapuyas* que habitavam o sertão, não tendo convivido com eles, contentavam-se com a descrição das tribus do litoral, não as conheciam por observação própria, mas só pelo que ouviam dos seus aliados, ou do contrário quando deparavam com elas como os *Goyanazes* e *Goitakazes*, encravados entre os *Tupys*, ou

---

<sup>401</sup> Gonçalves Dias, A. “I Juca Pirama”. *Apud* C. Ricardo. *O indianismo de Gonçalves Dias*. p. 50.

<sup>402</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. *In: Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.42.

<sup>403</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. *In: Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.43.

quando os *Aymorés* desciam para as praias, derramando a desolação e o susto sobre os aldeamentos dos índios convertidos.<sup>404</sup>

Por suas diferenças intelectuais, morais e culturais, não eram no mesmo grau domesticáveis, e os meios que se empregassem para a civilização e catequese de uns, não seriam talvez igualmente aplicáveis a todos. O *Tapuyas* precisavam ser aldeados e disciplinados (o que implicava em inúmeros conflitos com os brancos, entre eles a retiradas agressivas de crianças das tribos) e aos *Tupys* era necessário tirar-lhes o amor às lutas sanguinolentas que faziam sua glória.<sup>405</sup> Os *Tapuyas* povoaram o país, presos a raça dos *Pampas*, indomesticáveis, nada agrícolas, nômades, sempre caçadores, assim, mais difíceis de civilizar que os *Tupys*.<sup>406</sup>

Em um trecho Gonçalves Dias descreveu a origem dos *Aymorés*. Segundo ele, diziam os cronistas que, vencidos os *Tapuyas*, alguns casais fugiram para serras muito altas, onde por muito anos viveram sem relação nem comunicação com outra nação alguma de selvagens. Neste isolamento perderam a linguagem, formando outra nova que não era entendida por nenhuma nação, eram atrevidos, não tinham aldeias, nem casas, dormiam no chão, e se chovia encostavam-se aos troncos das árvores, alimentavam de frutos silvestres, pois não tinham lavouras, a caça comiam crua, pois geralmente não tinham fogo, viviam de saltos e rapinas, não pelejavam de rosto a rosto, mas à traição, quando vencidos fugiam e atacavam de improviso, não sabiam nadar, o que permitia fugir deles, mas por isso começaram a produzir canoas, não tinham religião, eram antropófagos, assassinavam sem piedade.<sup>407</sup>

---

<sup>404</sup> A. Gonçalves Dias. "Brasil e Oceania [...]". In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.44.

<sup>405</sup> A. Gonçalves Dias. "Brasil e Oceania [...]". In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.43.

<sup>406</sup> A. Gonçalves Dias. "Brasil e Oceania [...]". In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.45.

<sup>407</sup> A. Gonçalves Dias. "Brasil e Oceania [...]". In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.55-7.

Os Tapuyas tinham linguagem diferente, diversíssima, não usavam a língua geral dos *Tupys*, eram errantes, sem casas, nem lavouras; enquanto os outros, os *Tupys*, tinham casas e aldeias, e agricultura. Os *Tupys* habitavam pela maior parte o litoral e as margens dos grandes rios, sujeitos às condições mais favoráveis de existência, haviam perdido muita da rudeza e ferocidade, ainda que disputassem com alguns *Tapuyas* que estavam no sertão.<sup>408</sup>

A partir dos escritos de M. Neuwied, Gonçalves Dias escreve que os *Machacalis*, *Patachós* e *Puris* eram muito semelhantes, eram errantes, falavam dialetos diferentes e os *Goitakazes* eram culturalmente próximos dos *Mucuris*, *Machacalis*, *Puris*, *Patachós* e *Coroados*, daí procurar traçar uma genealogia das mesclas entre os diferentes grupos indígenas. Algumas vezes, a cultura dos inimigos *Tapuyas* fora influenciada e melhorada pela cultura *Tupy*. Os *Goitakazes*, por exemplo, foram os primeiros a combater, e, portanto a misturar-se aos *Tupis*, “tinham muito aprendido com os *Tupys*”, no meio dos quais moravam e iam apresentando alguma indústria. Faziam algumas plantações, enterravam seus mortos do mesmo modo que aqueles e usavam ornatos.<sup>409</sup>

Ainda que Gonçalves Dias considerasse *tupy* raça superior a *tapuya*, para ele também todas as raças indígenas sofriam degeneração e decadência como expressou em *Brasil e Oceania*, daí sua preocupação em preservar e resgatar a cultura das diversas tribos indígenas através da língua e dos objetos etnográficos. Assim como von Martius que via “decadência” e “degeneração” nas tribos indígenas pela interferência dos brancos,<sup>410</sup> para o poeta a decadência estendia-se à religião, à organização política, às manifestações culturais e militares.<sup>411</sup> O índio visto naquele momento era homem degenerado que se distanciou de sua

---

<sup>408</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.58-62.

<sup>409</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania [...]”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico e Ethnografico do Brasil*. p.58-62.

<sup>410</sup> C.F.P. Martius. “Como se deve escrever a História do Brazil”. In: *Revista Trimensal de História e Geographia*, Tomo VI, Rio de Janeiro, 1844. p. 386.

<sup>411</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania”, pp. 259.

condição primitiva principalmente devido às emigrações que corromperam as línguas e degradaram os costumes. Outros fatores de degradação estiveram relacionados às calamidades como secas, inundações que trouxeram a fome, os hábitos antropófagos, o embrutecimento e a falta de nobreza.<sup>412</sup>

A decadência também estava em esquecer seus mitos, seus hábitos guerreiros, na religião transformada em superstição e no seu governo transformado em anarquia: “[...] Morrendo principal [...] A *eleição* mesmo já não era conhecida na maior parte das tribus”.<sup>413</sup> Mesmo assim, via qualidades nos Tupis:

“Concluiremos pois que os *Tupis*, pela invasão, e pelo estado decadente em que foram achados, prestavam-se maravilhosamente a qualquer plano de catechese ou de colonização. Ocupavam o litoral e as margens dos grandes rios, tendo todos os mesmos costumes e uma linguagem comum: de modo que, estudada uma tribo, fácil era pregar o evangelho a todas as outras, e formar com todas acordos de paz e aliança. Eram hospitaleiros e bons aliados, como provaram aos francezes e holandezes, que não os captivaram nunca: e isso eram garantias para o bom êxito dos primeiros estabelecimentos”.<sup>414</sup>

Gonçalves Dias expressa também sua visão sobre a decadência em seu *Diário de Viagem ao Rio Negro*:

“[...] o número de alunos que vão às escolas, decresce, ou pelo menos não acompanha o aumento que tem a população.

Causas: A ocupação constante é a pesca pelas praias e lagos, e a extração dos variados produtos [...] Empregados

---

<sup>412</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania”, p. 260-262.

<sup>413</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania”, p. 266. .

<sup>414</sup> A. Gonçalves Dias. “Brasil e Oceania”, p. 269.

nesta espécie de indústria os habitantes menos abastados da Província vivem vida errante, e quase nômade. Abandonam suas casas e plantações com muita facilidade, e levam em sua companhia os filhos tirando-os das escolas [...]”.<sup>415</sup>

“[...] adquirem maus costumes talvez esse hábito e gosto da vida errante, que é o mal da população indígena do Amazonas, causas enfim que influirão prejudicialmente em todo o resto de sua vida”.<sup>416</sup>

Florestan Fernandes descreveu o processo de degeneração e decadência ocorrido nas tribos *tupys* como um processo lento de imposição dos valores brancos de consumo e apropriação das terras para agricultura. Enquanto havia o escambo por machado, enxada, faca, foice, tecidos, espelhos, colares de vidro e outras quinquilharias em troca de alimentação, alojamento enquanto os brancos coletavam o do pau-brasil. Os índios conseguiam impor suas vontades, ainda que muitas vezes fossem levados a trabalhos forçados pelos materiais que recebiam dos brancos. A partir de 1533, o regime de “donatários” e “governos gerais” criou uma colonização cedente por terras para agricultura e mão-de-obra, o índio passou a ser um entrave, e iniciou-se um período de tensão com conflitos que resultaram em escravidão e destribalização, seguido por alianças com tribos “rivais”. Aos poucos os brancos, ainda que sob o ideal humanitário dos jesuítas, iniciaram a desconstrução do sistema de organização social das tribos e como pretexto criticavam a poligamia e antropofagia para os mais jovens para desarticular a força dos líderes indígenas, os pajés, responsáveis pela transmissão da cultura e dos valores indígenas legados pelos antepassados. A harmonia inicial existente na tribo *tupy*, que estava no saber agir nas diversas atividades relacionadas com a caça, com a pesca, com a horticultura, com a

---

<sup>415</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro*. p. 4.

<sup>416</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro*. p. 17.

repartição de víveres, com o conforto e segurança domésticos, com a guerra e nas situações imprevistos onde tomavam conselhos dos mais velhos, começa a desaparecer. Por fim, o aglomerando os índios nas “aldeias”, agravando os efeitos da escassez de víveres tornaram os aborígenes dependentes dos brancos, às vezes, refugiando-se aonde o branco não podia ir. Em maior número, eficientes em seus sistemas tribais, mas sem alianças supra-tribais, fragmentou-se a luta contra o invasor, e ainda “jogando índio contra índio.”<sup>417</sup>

O seguinte trecho, citado por Florestan Fernandes, atribuído à intervenção de Momboré-uaçu contra a “Aliança” dos Tupinambás com os franceses, situa bem a questão:

“Vi a chegada dos peró [portugueses] em Pernambuco e Potiú; [...] de início, os peró, não faziam senão traficar sem pretenderem fixar residência. [...] dormiam livremente com as raparigas [...] Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem, e edificar cidades para morarem conosco. E assim parecia que desejavam que constituíssemos uma só nação. Depois, começaram a dizer que não podiam tomar raparigas sem mais a aquela, que Deus somente lhe permitia possuí-las por meio do casamento e que eles não podiam casar sem que elas fossem baptizadas. [...] Mandaram vir os *paí*; e estes ergueram cruces e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem eles nem os *paí* podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. E assim, se viram constrangidos os nossos a fornecer-lhos. Mas não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação; e com tal tirania e

---

<sup>417</sup> F. Fernandes. “Organização social das tribos tupis”. In: S.B.de Holanda. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. p. 79-85.

crueldade a trataram, que os que ficaram livres foram, como nós, forçados a deixar a região”.<sup>418</sup>

Diante desta ideia de decadência, degeneração e da necessidade de atrair o índio para o trabalho produtivo os membros do IHGB elaboravam estratégias de civilização com as quais Gonçalves Dias parecia compartilhar. O projeto visava o desenvolvimento da nação, a abertura de estradas pelas matas fechadas, e os índios “bravos”, como apontava Teófilo Otoni, em artigo publicado na RIHGB em 1858, eram considerados entraves.<sup>419</sup>

Como observou K. Kodama, já em 1823, José Bonifácio traçou um plano de civilização expresso em “Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil”, apresentado à Assembléia Geral Constituinte Legislativa, onde frisava a importância da educação e de uma política pedagógica voltada para os índios, isso através dos missionários que deviam também zelar pela saúde dos índios e intermediar as relações com os brancos, deviam aprender as línguas indígenas e impor a língua portuguesa.<sup>420</sup>

Neste sentido, a *Revista do Instituto* publicou uma série de artigos como o “Plano sobre a civilização dos índios do Brasil, [...]” escrito por Domingos Alves Branco Muniz Barreto e reeditado por Gonçalves Dias na *RIHGB* de 1856, onde defendia a civilização dos índios prioritariamente através da educação das crianças. Outros autores como José Arouche de Toledo de Rendon que publicou a “Memória sobre as aldeias de índios da Província de São Paulo [...]” (*RIHGB*, 1842) manifestava o desejo de averiguar a situação das aldeias, indicar seus problemas, abusos e injustiças, revelar uma escravidão enconberta nas aldeias para adaptação dos índios selvagens realizadas tanto por diretores leigos quanto

---

<sup>418</sup> F. Fernandes. “Organização social das tribos tupis”. In: S.B.de Holanda. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. p. 86.

<sup>419</sup> Teófilo Otoni, em “*Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*”, dizia que os selvagens e antropófagos “Botocudos” dificultavam a abertura da estrada pela mata fechada que ia do norte de Minas à Costa. O artigo, originalmente publicado na RIHGB em 1858 foi organizado Regina Horta Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. K. Kodama. *Op.cit* (2009), p. 127.

<sup>420</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp. 199, 204, 213-7.

por religiosos e defendia a mestiçagem com um contado direto com brancos além da educação branda das crianças e a desmonopolização de uma administração das aldeias. Tal qual Gonçalves Dias recolheu objectos e artefatos indígenas quando esteve na região do Pará e dou-os ao IHGB juntamente com documentos e mapas.<sup>421</sup>

Como queria Gonçalves de Magalhães, segundo *Memória* premiada pelo instituto e publicada na *Revista* em 1848, o plano de civilização deveria ser vinculado ao Estado e ser conduzido pela à ação moralizante da religião. Do mesmo modo, o engenheiro militar Henrique de Beurepaire-Rohan na revista *Guanabara*, era favorável ao emprego de integrantes do clero nacional publicou na *Guanabara, Revista Mensal, Artística, Científica e Literária*, de 1853, onde defendia uma mudança gradativa dos índios selvagens ao cristianismo com a introdução de instrumentos domésticos como o tear, ferraria, curtume e roda de fiar, e de outros hábitos, como o do consumo de sal. No entanto, eram constantes os conflitos entre índios e brancos sequestrando-se crianças e reduzindo-se as choças dos índios a cinzas.<sup>422</sup>

#### **4.4 - O estudo dos objetos reunidos por Gonçalves Dias.**

Em 1814, segundo João da Silva Feijó, Fortaleza era composta por uma considerável quantidade de vilas indígenas: “É compreendida esta população em 18 villas, 5 de índios e 13 de não índios, além de algumas povoações, [...] todos subordinados ao governo geral da Capitania, residente na villa de Fortaleza, que é a capital [...]”<sup>423</sup>

Do Ceará, Gonçalves Dias argumentou que já não havia quase índios ‘puros’, a não ser uns poucos Chocó em Milagres, seria necessário seguir viagem mais ao norte, para a Amazônia, onde se depararia com tribos ainda de pouco

---

<sup>421</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp.111-5, 221-5.

<sup>422</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp. 244-8, 251-2, 261, 266.

<sup>423</sup> J. da S. Feijó. “Memória escrita sobre a Capitania do Ceará (1814)”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1889.

contato com os brancos. Lá esperava, certamente, encontrar o que havia chamado de “berço” da última “raça conquistadora”.<sup>424</sup> Assim escreveu no *Jornal do Commercio*:

“Sendo isto exato para o Brasil em geral, é notável que o Ceará, das nossas províncias aquela em que se contam menos escravos e onde se encontram menos indígenas de **raça pura**, seja ao mesmo tempo a que apresenta os tipos mais belos e mais bem caracterizados da mistura das duas raças. (Fortaleza, 18 de maio de 1859. Cópia dactilografada da carta do *Jornal do Commercio*, s.d.)”<sup>425</sup>

Mediante a pouca quantidade de índios no Ceará, o poeta parte para a região do Amazonas em 1861. Entre agosto e outubro daquele ano percorreu, navegando em canoas guiadas por índios, o Rio Negro e relatou esta viagem em seu *Diário*, cujo original manuscrito pertenceu a M. Nogueira da Silva.<sup>426</sup>

Gonçalves Dias encarregou-se de relatar os passos dos trabalhos em “cartas” que escreveu para o *Jornal do Commercio*, entre fevereiro de 1859 e junho de 1860, divulgando resultados parciais da viagem. Registrou documentos de vilas, dados históricos das aldeias, notas de documentos sobre os índios aldeados, cartas régias e pequenos censos sobre a população local em manuscritos que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no IHGB, ainda não publicados.<sup>427</sup> Além disso, no Amazonas, documentou os vocábulos indígenas num plano poético e etnográfico, descreveu ruínas coloniais,

---

<sup>424</sup> K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp. 269, 279, 284-5.

<sup>425</sup> A. Gonçalves Dias. “Fortaleza, 18 de maio de 1859. Cópia dactilografada da carta do *Jornal do Commercio*”. *Apud* K. Kodama. *Op. cit.*, (2009). pp. 286. [Grifo Adicionado].

<sup>426</sup> A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. pp. 134-203.

<sup>427</sup> A. Gonçalves Dias. “Documentos relativos à história nacional na parte concernente a vila do Crato”. In: RIHGB, Tomo XXIII, Rio de Janeiro, 1860, p. 630. [Nota informando sobre manuscritos doados por Gonçalves Dias ao IHGB].

a medicina e a vida religiosa, pequenas histórias e mitos. Foi quando reformulou suas ideias sobre o ensino no país, assunto que formulava desde 1851.<sup>428</sup>

A partida de Gonçalves Dias para Amazônia justifica-se pelo baixo contingente indígena no sertão do Ceará. Segundo os estudos de Pedro Puntoni, a população indígena no sertão do Brasil fora dizimada já no século XVII. Com a expulsão dos holandeses, estava já arruinada a produção açucareira e uma alternativa encontrada pela metrópole portuguesa foi principalmente o desenvolvimento da pecuária nas margens dos rios como o São Francisco e o Jaguaripe.<sup>429</sup> Os tupis encontravam-se mais na região costeira e eram constantes os conflitos com os tapuias que se espalhavam por todo o sertão.

Cartas régias partiam do Ceará, Pernambuco e Piauí para metrópole informando que os moradores sofriam pressão dos considerados gentios bárbaros, que os tapuias causavam problemas à expansão da pecuária, tentavam destruir aldeias avassaladas e faziam “insultos” pelas estradas matando os correios que iam para Pernambuco. Assim, capitães mor como João Tavares, Jorge Correia da Silva, Fernando de Sousa Coutinho, às vezes com a participação dos vigários, saíam com soldados para aprisionarem e matarem os tapuias. Saíam também decididos a destruir nações inteiras para o sossego da capitania. Por volta de 1672, com a concordância do governador de Pernambuco, Fernando de Sousa Coutinho agiu “matando mais de 200 e aprisionando a muitos, com [o] que ficassem nossas aldeias sossegadas”.<sup>430</sup>

Assim, a população indígena no Ceará estava bastante diminuída e Gonçalves Dias decidiu, em 1861, partir para a região da Amazônia. Embora não existissem relatos da existência de objetos arqueológicos remetidos por

---

<sup>428</sup> M. Sílvia Porto Alegre. “150 anos depois: Na ronda do tempo”. In: L. Kury (org.). *op. cit.*, 2009. pp.10-15.

<sup>429</sup> P. Puntoni. *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. pp. 25-29.

<sup>430</sup> P. Puntoni. *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. p. 126. Para este trecho, o autor utilizou documentos do acervo do AHU – Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa: *Carta régia 25/1/1685*. AHU, cód. 246, fl. 54 v e *Provisão de 1676 e certidões anexas*. AHU, Ceará, caixa 1, 30.

Gonçalves Dias, P. Théberge, em seu *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará*, fez uma descrição da localização e dos costumes das comunidades indígenas existentes no Ceará inclusive afirmou que havia potes de barro de épocas remotas nas serras.<sup>431</sup> Freire Alemão também se referiu às figuras rupestres existentes em Russas e no seu *Diário* descreveu:

“[17 de setembro de 1859] O Lagos e Reis saíram primeiro, tendo de ir por diverso caminho para examinar e desenhar certas pedras que estão perto de Russas, notáveis pela sua posição e pelas figuras que têm pintadas, de tinta encarnada e que são provavelmente do tempo dos índios. [...] Chegou depois o nosso comboio e Lagos e Reis, tendo feito os desenhos das pedras.”<sup>432</sup>

José Reis Carvalho, possivelmente motivado por esses vestígios rupestres de povos primitivos nesta localidade, desenhou a aquarela *Pedras Russas* (Fig. 33) na companhia de Manuel Ferreira Lagos, o chefe da Seção de Zoologia.

Os desenhos em rochedos também atraíram o naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913) que esteve na região do rio Negro em 1848. Sua obra, *Viagem pelo Amazonas em Rio Negro*, também apresentou gravuras de artefatos indígenas da Amazônia como *Objetos e utensís domésticos, feitos pelos índios: A.) Ralador de mandioca, b.) forno, c.) tacuruba, d.) cesta e Artefatos e utensi dos índios a.) pente, b.) cigarreira, c.) maracá, d.) assento* além de apresentar desenhos como *Inscrições indígenas em rochedos de granito, no rio Uaupés*.<sup>433</sup>

---

<sup>431</sup> Théberge, P. *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará*. Fortaleza. pp. 9-28.

<sup>432</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato, 1859*, pp. 110-112.

<sup>433</sup> R. Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. pp. 644, 670.

#### 4.4.1 - Os objetos, as obras etnográficas ilustradas e os Museus de História Natural.

Os estudos filológicos de Gonçalves Dias envolveram o poeta até que em 1854 publicasse o “Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas” (RIHGB, 1854) e em 1858 publicasse seu *Vocabulário da língua tupy*. A partir de 1861, quando realizara sua viagem ao Rio negro, já dominando os termos da língua falada pelas diversas tribos indígenas, parece ter-se voltado com mais afinco para a cultura material.

Seguindo com os trabalhos da Comissão Científica, mas não especificamente utilizando os recursos financeiros da expedição, pois já estavam exauridos, recolheu os artefatos e outros materiais, como óleos e essências, relacionados aos saberes indígenas e destinados à formação das coleções etnográficas do Museu Nacional. As remessas foram publicadas pela Academia Brasileira de Letras juntamente com *Diário da Viagem ao Rio Negro*, onde enumerava e comentava os objetos a serem remetidos ao Rio de Janeiro.<sup>434</sup>

Os tipos de objetos que Gonçalves Dias recolhera já apareciam nas Ilustrações etnográficas da Bibliografia adquirida pela Comissão Científica (Anexo I), onde diferentes povos, incluindo a América do Sul, apareciam em obras como de Louis Isidore Duperrey (1786-1865), *Voyage autour du monde execute par ordre du Roi, sur la Corvette de sa majeste, la Coquille*, que possuía 5 volumes acompanhados de 5 Atlas, publicada em Paris entre 1826 e 1830. Entre os Atlas que acompanham esta obra estão o Atlas *Histoire du Voyage* e o *Histoire Naturelle, Zoologia*. O Atlas *Histoire du Voyage* trazia litografias representando os modos de vidas de habitantes de diferentes regiões do mundo. Do Chile apareciam povos trajando capas quadrangulares, de lã grossa, com abertura do meio pela qual se passava a cabeça, eram os típicos ponchos decorados com fios coloridos. Este Atlas também trazia ilustrações de objetos indígenas que compreendiam lanças, machados, bancos, remos, planos mostrando as

---

<sup>434</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatório e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro, 2002.

habitações e organização de aldeias missionárias. Trazia também vilas com habitações construídas próximas aos rios no Taiti, desenhos faciais dos habitantes, arcos e flechas, instrumentos musicais como flautas compostas de três ou mais canículos justapostos, redes, adornos, divindades esculpidas em madeira de Nova Guiné, cetros usados por chefes de tribos, tecidos ornados, etc.<sup>435</sup>

---

<sup>435</sup> L.I. Duperrey (1786-1865). *Voyage autour du monde execute par ordre du Roi, sur la Corvette de sa majeste, la Coquille, pendant les annees 1822, 1823, 1824 et 1825* / Paris : A. Bertrand, 1826-1830.



Fig.4.1 - *Iles de la Societé(2)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.



Fig.4.3 - *Iles de la Societé(4)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.

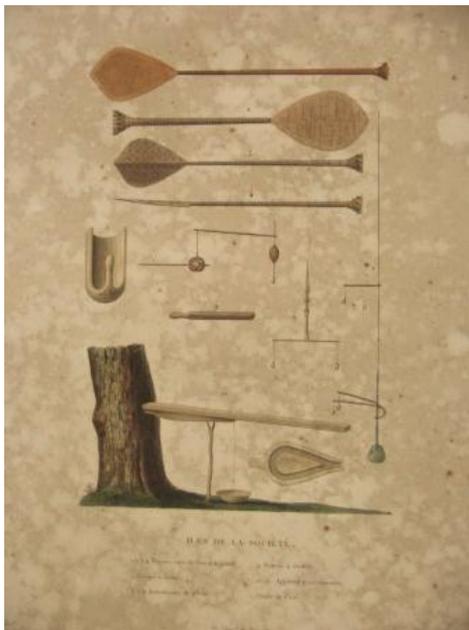


Fig.4.2 - *Iles de la Societé (3)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.



Fig.4.4 - *Iles de la Societé(5)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.

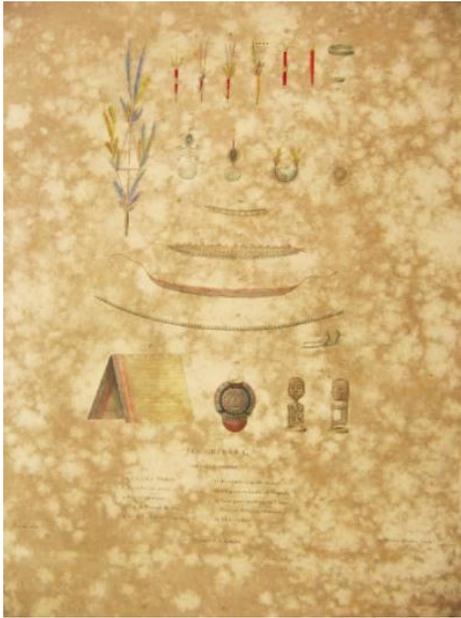


Fig.4.5 - *Iles de la Societé (6)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.

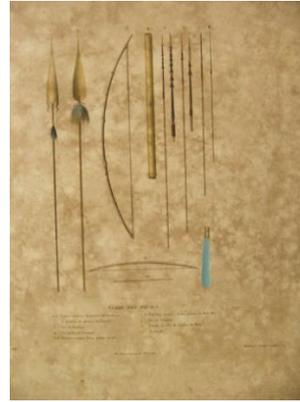


Fig.4.6 - *Iles de la Societé*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.



Fig. 4.7 - *Iles de la Societé (8)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.



Fig. 4.15 - *Iles de la Societé (7)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.

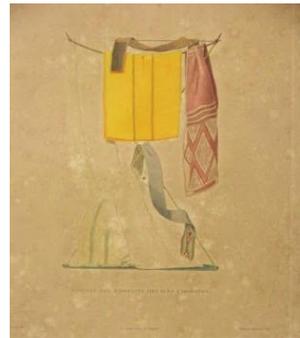


Fig. 4.8 - *Iles de la Societé (9)*. Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde*.

Von Martius em seu artigo “O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil” afirmava que os adornos eram distintivos específicos dentro da tribo e ainda serviam para classificar as tribos entre “amigas” e “inimigas”.

“Em geral concordam todos os membros de uma tribo em usar certos ornamentos ou insígnias que lhes servem de distintivos, escolhendo para isso as diversas espécies de ornatos de pennas na cabeça, discos de madeira, palhas, pedras, cylindros de resina e conchas que trazem nas orelhas, nas narinas e nos beiços e, sobretudo, as tatuagens que com o maior cuidado praticam no rosto e em todo o corpo, desde a infância, de conformidade com o costume dos parentes e sempre com a mesma regularidade. Talvez não seja inexacta a minha opinião já externada de que taes distintivos nacionaes sirvam ao mesmo tempo de signaes permanentes principalmente para reconhecerem-se de longo como amigos ou inimigos.”<sup>436</sup>

Os objetos etnográficos representados nesta obra serviram como referência tanto para que Gonçalves Dias recolhesse os diferentes artefatos durante sua expedição pela região Amazônica, como para a produção das litografias pelo Imperial Instituto Artístico, em 1862, além de servirem para a formação do acervo etnográfico de Museu Nacional na Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro.

Eles atendiam à tradição do colecionismo para formar os antigos “gabinetes de curiosidades” e agora para formar os acervos do Museu de História Nacional brasileiro, compreendendo ferramentas essenciais para o conhecimento dos

---

<sup>436</sup> C.F.P. Von Martius. “O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil”. in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, no. 11, 1906.

povos e nações através da etnografia, nascida na primeira metade do século XIX e baseada na cultura material.

O aparecimento dos Museus e Memoriais relacionados à cultura indígena no norte e nordeste do Brasil só seriam oficializados em meados do século XX. Assim, os objetos reunidos por Gonçalves Dias, que pertenciam ao IHGB, foram remetidos para constituição do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, dadas a uma política cultural centralizada na corte e à inexistência de Museus na Amazônia e no Ceará naquele momento.<sup>437</sup>

Como afirmaram Berta G. Ribeiro e Lucia H. van Velthem, o ato de recolher e colecionar objetos e materiais diversos provenientes das culturas ameríndias, compreendidos por adornos, pedras, vegetais e animais empalhados, representou uma necessidade de classificação do Novo Mundo para compreendê-lo e dominá-lo. Além disso, tornou-se uma arte de viver intimamente associado à memória, à observação e à “salvação da ordem contra a desordem”.<sup>438</sup>

No final do século XVIII até fins do século XIX, o colecionismo recebeu contribuições principalmente dos viajantes e naturalistas que estiveram na América. A Europa tomava conhecimento destes artefatos por meio das crônicas orais e escritas, das gravuras e dos desenhos, e por si próprios. Os naturalistas recolhiam elementos de história natural com os mesmos objetivos classificatórios e taxonômicos. Buscavam também evitar a perda da cultura dos povos indígenas e neles encontrar fatos sobre a origem e a evolução do homem a partir de seus “estágios primitivos”. Essa captura representou, na realidade, “parte do

---

<sup>437</sup> Atualmente três museus indígenas estão em funcionamento no Estado do Ceará: o Memorial Cacique-Perna-de Pau, construído pelos Tapeba, em Caucaia, no ano de 2005; a Oca da Memória, organizada pelos Kalabaça e Tabajara, em Poranga, em meados de 2008; e o Museu dos Kanindé, em Aratuba, organizado pelo Cacique Sotero e aberto ao público em 1995: A. O. Gomes, & J. P. Viera Neto. *Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção*. p. 19.

<sup>438</sup> B. G. RIBEIRO. & L. H. van VELTHEM. “Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia”. In: CUNHA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. pp. 103-4.

colonialismo, exercido primeiramente pelas metrópoles e depois pelos estados nacionais em relação às suas populações”.<sup>439</sup>

Em Portugal, como observou Iara Lis Schiavanatto, a partir de 1795 com a entrada de dom Rodrigo de Sousa Coutinho na Secretaria da Marinha e Ultramar, o governo visava a modernização do Império luso, em particular da América, e buscava a construção de conhecimentos sobre a natureza local, como ela analisou:

“Aos poucos, ia-se erigindo um conhecimento angulado na especificidade da natureza nas localidades, Minas, Pernambuco, Rio, São Paulo, Bahia, Maranhão, partes do Brasil, que também se difundia por meio de textos [...] das estampas, riscos e tantas sementes a serem testadas. [...] criava-se um gabinete ideal e idealizado do naturalista, que reunia toda uma natureza dispersa e díspar num acervo físico e mental, num museu que desejava sintetizá-la e torná-la, simultaneamente, visível e conhecida”.<sup>440</sup>

Eram apreciados mais por seu exotismo do que por suas qualidades estéticas, e integravam os “gabinetes de curiosidades” precursores dos museus, como uma ênfase maior para o Museu dos Médici, de Florença, seguidos pelos museus de Berlim, Paris, Basileia e em Copenhague o Museu de Antiguidades Americanas, fundado pela Sociedade Real dos Antiquários do Norte em 1844 e noticiado na *Revista do IHGB de 1845*.<sup>441</sup>

---

<sup>439</sup> B. G. RIBEIRO. & L. H. van VELTHEM. “Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia”. In: SILVA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. pp. 103-4.

<sup>440</sup> I. L. Schiavanatto. “Imagens do Brasil: entre a natureza e a história”. In: Jancsó, I. (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. Apud K. Kodama, *op. cit.*, (2009), p. 49.

<sup>441</sup> IHGB. “Museu D’Antiguidades Americanas, fundado em Copenhague pela Sociedade Real de Antiquários do Norte, sob proposta de seu Secretário o Sr. C.C. Rafn, Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro”. In: *RIHGB*, Tomo VII, Trad. Manoel Ferreira Lagos. 1845. pp. 94-101.

O Museu de Antiquidades Americanas de Copenhague já possuía objetos relacionados à arqueologia americana com pedras portadoras de inscrições, provavelmente oriundos da comitiva de Maurício de Nassau, e a partir de sua fundação receberia mais “Antiquidades indígenas da América do Sul” como vasos antigos, flechas etc. Contudo, não só os objetos em si eram importantes, mas as descrições que a eles se seguiam. A própria coleção de Spix & Martius possuía uma estreita relação com os dados documentais da expedição austríaca que eram importantes para a etnologia e a história indígena brasileira.<sup>442</sup>

Segundo Ribeiro e Velthen, esses materiais representavam importantes fontes visuais sobre o desenvolvimento tecnológico, estético e sobre o papel político dos grupos que foram capazes de criá-los. No entanto, as informações textuais que descreviam os objetos recolhidos eram essenciais para o conhecimento sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos artefatos para as pesquisas relacionadas à etnobotânica, à etnozoológia e ainda para compreensão das áreas ecológicas em que viviam os grupos indígenas.<sup>443</sup>

Foi neste sentido que Gonçalves Dias criou uma base documental sobre os objetos que recolheu, teve a preocupação de criar uma fonte de caráter textual documentada em seu *Diário da Viagem ao Rio Negro* e no *Relatório (E) – Etnografia*, publicados pela Academia Brasileira de Letras em 2002. Nestes trabalhos o autor associa os artefatos recolhidos aos nomes das tribos produtoras e em alguns procura discorrer sobre as técnicas de fabricação utilizadas. Frequentemente nomeava as plantas que serviam como matéria-prima para a fabricação dos artefatos, descrevia similaridade destes materiais entre as tribos para concluir que a diferenciação estava mesmo nas formas e cores encontradas nos diferentes artefatos.

---

<sup>442</sup> B. G. RIBEIRO. & L. H. van VELTHEM. “Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia”. In: SILVA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. pp. 103-9.

<sup>443</sup> B. G. RIBEIRO. & L. H. van VELTHEM. “Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia”. In: SILVA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. pp. 103-9.

Os artefatos informavam sobre os aspectos morfológicos, funcionais e as adaptações tecnológicas existentes na cultura material onde se inseriam, processadas ao longo do tempo e do espaço. Permitiam a aproximação de categorias artesanais constituídas de matérias-primas similares, dentro de uma área ou entre unidades culturais diferentes sendo importantes tanto para arqueologia como para a etnologia.

A produção de artefatos inovadores, seja para a utilização nos rituais, para a navegação ou para a pesca, representava a manutenção de uma cultura material diferenciada e serviam de marca ao movimento de resistência, como sinal de autonomia conquistada pelos grupos produtores e redefiniam sua própria cultura para resistir, social e politicamente, aos impactos sofridos.<sup>444</sup>

Além disso, as artes iconográficas indígenas presentes nas coleções, em suportes tradicionais como a cerâmica, os trançados, os tecidos, a própria pele com desenhos espontâneos, do ponto de vista estético e simbólico, associados a dados etnográficos de campo, exprimiam os estilos artísticos. O conhecimento dos diferentes estilos permitia identificar uma etnia ou uma comunidade específica. Cada etnia produzia objetos constituídos de elementos decorativos e estruturais portadores de dados culturais, ideologicamente importantes, além de portarem significados específicos atribuídos pelas sociedades que os produziam.<sup>445</sup>

Alguns trechos de *Brasil e Oceania* demonstram a importância que o poeta conferia aos objetos que encontrava durante sua expedição quando passou a

---

<sup>444</sup> B. G. RIBEIRO. & L. H. van VELTHEM. "Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia". In: SILVA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. pp. 107-9. As autoras, no final do artigo, fornecem uma vasta lista bibliográfica relacionada a estudos etnográficos documentados e à etnologia indígena relacionada às peças etnográficas. Berta Ribeiro é autora do *Dicionário do artesanato indígena* (São Paulo Edusp, 1988) e do *Arte indígena, linguagem visual* (São Paulo Edusp, 1989).

<sup>445</sup> A. Gonçalves Dias. "Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. pp. 134-203. GONÇALVES DIAS, A. "Etnografia". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatório e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro, 2002. pp. 81- 131.

relatar a arte e os costumes dos diferentes grupos, sejam *Tupys* ou *Tapuyas*, a seguir uma série de descrições sobre os objetos que recolhia, diz:

“As armas [dos *Patachós*] são quasi as mesmas que as dos outros *Tapuyas*, ainda que os arcos sejam maiores, sendo o seu comprimento ordinário de 9 a 9 ½ polegadas [...]. As **frechas** são bastante curtas [...] A parte inferior **se adorna com pennas** de arára, de mutum, [...] a ponta é feita de taquarussú ou de ubá [...]

Os *Machacalis* têm as mesmas espécies de arcos e frechas que os *Botocudos*; mas o hastil da frecha prolonga-se além das pennas. [...]

Os *Camacans-Mongois* [...] o arco é forte, feito de baraúna; de **côr preta carregada, polido** e melhor trabalhado que os dos outors; é de comprimento maior que um homem, elástico e muito vigoroso. [...] Nas solemnidades os homens d’esta tribu trazem um **diadema** feito de pennas de papagaio [e] da arára. [...]”<sup>446</sup>

“As armas mais terríveis dos selvagens que se conhecessem, escreveu Neuwied, são as dos *Botocudos*. Com uma constituição athletica, [...] [fazem] exercidos desde a juventude [...]. Alguma diferença se nota na construção de suas armas: mas isso provém de circunstancias locais. [...] Em Minas fazem o arco do *airi* espinhoso, Os *Popecrans* e todos os selvagens do norte os fazem do páo d’arco, a que para o sul se dá o nome de *ipé*. O *airi-assu* é madeira fibrosa, compacta, elástica, e em espessura proporcionada, difícil de dobrar. [...]

---

<sup>446</sup> A. Gonçalves Dias “Brasil e Oceania”, pg. 14,26, 59-62.

O **páo d'arco é de côr avermelhada**, enquanto o airi bempolido, é preto retinto”.<sup>447</sup>

“Há três espécies de frechas usadas na guerra, *uagike-comm*, -a harpoada-*uagike-méran*; e a outra para caça dos animaes menores, *uagike-bacamnumok*. A primeira tem ponta alongada ou elíptica, feita de taquara; **tostam-a para ficar mais dura**, e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e aponta fina como agulha.”<sup>448</sup>

**“As mulheres tocam umas flautas feitas de canudo de taquara** com os furos pela parte inferior. Os *Camacans* servem-se também para marcarem o compasso da dansa de um instrumento feito de unhas de tapyr [...] Usam também de um instrumento mais pequeno, cujo nome é *kekliok*, o qual consiste em uma cabaça vasia, com um cabo de páo, cheia de pedrinhas, muito semelhante ao maracá dos *Tupys* [...]

**Fabricavam o vaso para conter as tintas com que se pintavam** de casco de tartaruga [...] Em vez de talhas de barro, que usavam os *Tupys* para fabrico de seus vinhos, escavavam para esse fim o tronco do barrigudo, dando-lhe a apparencia de um cocho [...]

**As mulheres trazem um colar de grãos pretos**, a que chamam *pohuit*, no centro do qual colocam dentes de um macaco e de animaes carnívoros. [...]

O seu ornato são diademas de 12, 15 e mais **plumas fixadas com cêra**, e atadas em um cordão: de orndinario

---

<sup>447</sup> A. Gonçalves Dias “Brasil e Oceania”, pg. 75.

<sup>448</sup> A. Gonçalves Dias “Brasil e Oceania”, p. 76.

entre estas pennas predominam as de côr amarela que forma um constraste agradável com o negro dos cabelos.”<sup>449</sup>

Uma das primeiras preocupações da Comissão Científica foi de preparar as gravuras, desenhar e litografar as relacionadas à Botânica, Zoologia e Etnografia. Em 1863, o Marquês de Olinda referiu-se ao material artístico:

“Sendo dispendiosa a publicação destas estampas, principalmente das que se referem à Zoologia e Etnografia, por serem coloridas com a desejável perfeição, seria conveniente, para que êste trabalho mais se adiantasse, que se aumentasse a verba votada para as despesas da Comissão, a qual é limitada a 20:000\$000, correndo por ela as gratificações que percebem os chefes das seções e os gastos que exige a preparação dos produtos colhidos”.<sup>450</sup>

Em fins de 1866, o relatório ministerial do Império noticiava que estaria concluída a parte iconográfica da ornitologia cearense e seria iniciada a entomológica, o que computaria quinhentas estampas, mas o destino deste material é desconhecido assim como as estampas da seção geológica. Uma parte das estampas etnográficas indígenas litografadas no Instituto Artístico do Rio de Janeiro onde foram coloridas à mão por Henrique Fleiuss, hoje pertencem à Biblioteca Nacional e figuraram na Exposição Antropológica realizada por Ladislau Neto em 1882,<sup>451</sup> pioneiro na realização de catálogos de acervo e de exposições ligadas à coleções etnográficas brasileiras.<sup>452</sup>

---

<sup>449</sup> A. Gonçalves Dias “Brasil e Oceania”, pp. 77-8.

<sup>450</sup> *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa, na Primeira Seção da Décima Segunda Legislatura, pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Marquês de Olinda*, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1863, pp. 15 e 16. *Apud* R. Braga, *op. cit.*, p. 100.

<sup>451</sup> Veja *Guia da Exposição Antropológica Brasileira realizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Tip. De G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1882, p. 66, n. 27. Citado por R. Braga, *op. cit.*, p. 101.

<sup>452</sup> Atualmente os catálogos frequentemente apresentam as peças elencadas por coletor, por etnia ou por área geográfica. No Brasil são conhecidos os catálogos do Museu Emílio Goeldi, do Museu Paulista e do Acervo Plínio Ayrosa, segundo E.G. Ribeiro, *op. cit.*, pg. 109. .

#### 4.4.2 - A descrição dos objetos recolhidos por Gonçalves Dias em seu *Diário*

Quando Gonçalves Dias chegou ao Amazonas ia fazer 38 anos. Lá produziu várias obras literárias e, entre maio e junho de 1861, suas poesias de maior expressão romântica.<sup>453</sup> A partir de outubro de 1861, o poeta iria compor uma comissão designada pela Província do Amazonas na qual seria incumbido de recolher os artefatos indígenas de interesse para a etnografia para exposição organizada pelo Império, tais objetos foram relacionados nos relatórios da comissão e serviram base documental sobre os objetos recolhidos.

Nos *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas*, Gonçalves Dias publicou o resultado de sua pesquisa sobre a situação educacional da população que residia a região amazônica e a relação dos objetos que recolheu no Amazonas.<sup>454</sup>

Descreve sua visão sobre as tribos indígenas em decadência e longes da civilização: “A população está disseminada por um território extensíssimo sem apreciar devidamente a vida civilizada”. Os povos descritos viviam ocupados com a caça, a pesca, a extração dos recursos naturais de forma nômade abandonando

---

<sup>453</sup> Na *Bibliografia de Gonçalves Dias*, de M. Nogueira da Silva, publicada pelo Instituto Nacional do Livro em 1942, os trabalhos do poeta na região amazônica são: *Relatório: Visita às escolas públicas de primeiras letras da freguesia do Solimões*, Manaus, Tipografia de Francisco José da Silva Ramos, 1861; *Viagem pelo rio Amazonas: cartas do Mundus Alter*, em *Progresso*, diário político e noticioso, Maranhão, Tipografia de J. M. Correia de Frias, 1861; *Cultura do algodão e do tabaco*, no bissemanário *Estrelo do Amazonas*, Manaus, Tipografia de Francisco José da Silva Ramos, 1861; *Relatório*, como membro da Comissão de Exploração nomeada pelo Presidente da Província, nos números de 18 e 25 de janeiro de 1º. De fevereiro do mesmo periódico; outro *Relatório*, como Presidente da Comissão integrada pelos doutores Moreira e Coutinho, nos números 6,8, 12, 22, e 26 de fevereiro do citado bissemanário: *Relatório sobre os trabalhos da Comissão encarregada de angariar objetos para a Exposição da Indústria, Pará*, Tipografia de Frederico Carlos Rhossard, 1862; *Relatório da visita às escolas dos rios Negro, Amazonas e Madeira*, Manaus, 1862: J. Montello, *op. cit.*, pp. XIV e XV.

<sup>454</sup> A. Gonçalves Dias. *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas desde sua criação até a proclamação da República*. Vol. II – 1858-1862. Rio de Janeiro, Tip. Do “Jornal do Commercio”, 1906 – p. 515 e segs. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro*. pp. 1-25.

facilmente suas plantações e casas ou palhoças, distantes umas das outras e dispersas em ilhas e igarapés cheias de meninos.<sup>455</sup>

A vida errante impedia a frequência regular às escolas, que além do mais, eram precárias pela falta de mestres, bancos, mesas, materiais didáticos, como compêndios de aritmética com sistema decimal único, e agentes públicos fiscalizadores.<sup>456</sup>

A canoa sim era a propriedade mais durável e Gonçalves Dias enviou remos que foram litografados pelo Imperial Instituto Artístico, *Artefatos Indígenas – Remos*, (Fig. 212). Como descreve:

“A canoa sim, essa é a sua verdadeira propriedade móvel, como ela, o índio continua o seu viver instável, errante, improvidente; acomoda-se dentro dela com mulher e filhos, vão às praias e assim vivem muitos meses no ano, dando aos filhos a educação que tiveram, e não compreendendo que careçam de mais nada. [...] hábitos que antes conviria extirpar deles”.<sup>457</sup>

Em julho de 1861, o Governo Imperial deliberava sobre a realização de exposições de produtos naturais e industriais em diversas Províncias do Império, e a Província do Amazonas, em 11 de outubro, resolve nomear uma comissão presidida por Gonçalves Dias e composta por diversas subcomissões com responsáveis pela coleta de materiais que foram relacionados no *Documentos*

---

<sup>455</sup>A. Gonçalves Dias. *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas [...] In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia [...].* p. 4.

<sup>456</sup>A. Gonçalves Dias. *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas [...] In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia [...].* p. 17, 21,23.

<sup>457</sup>A. Gonçalves Dias. *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas [...] In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia [...].* p. 22.

realizado por Manoel Clementino Carneiro e apresentado na Assembleia Legislativa da Província do Amazonas em maio de 1862.<sup>458</sup>

Os nomeados para a comissão, segundo o *Ofício de Gonçalves Dias*, de 23 de outubro, daquele mesmo ano, por uma *Nota* anexa, deveriam produzir relatórios nomeados de A até F, descrevendo amostras mineralógicas, madeiras, óleos, leites, resinas, matérias médicas, de comércio e indústria. O Relatório E era de responsabilidade de Gonçalves Dias e seria sobre os objetos etnográficos que incluíam armas, ornatos, artefatos indígenas e curiosidades naturais e que seriam remetidos ao IHGB.<sup>459</sup>

O relatório de Mineralogia da comissão informa que os indígenas já usavam a bateias, como uma possível influência de brancos e que trocavam ouro por ferramentas e tecidos. Os relatórios também informavam sobre os produtos naturais coletados como óleos para iluminação e pintura, betumes para construção naval, materiais para fabricação de cordas e tintas, resinas que os indígenas usavam. Dentre eles estavam o Jatobá de onde se extraía um tipo de verniz utilizado em louças de barro e a casca da árvore Tururi que os indígenas usavam para produção de estopa ou vestimentas.<sup>460</sup>

Descreve também os utensílios indígenas utilizados para pesca como redes ou tarrafas que foram representados na litografia (Fig. 211) *Artefatos Indígenas – Pesca 2*, além do uso de outros meios de captura dos peixes, como o Timbó:

“A pesca nesta Província é feita de muitos modos e empregando-se ora a rede ou tarrafa, ora anzóis fixos em caniços ora em linhas apropriadas, ora arpões e frechas de

---

<sup>458</sup> AMAZONAS. *Documentos a que se refere o relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1862. O Exmo. Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha. Presidente da mesma Província.* Manaus, Typographia de Francisco José da Silva Ramos. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia*. p. 29-131. .

<sup>459</sup> A. Gonçalves Dias. *Ofício de Gonçalves Dias, presidente da Comissão, Manaus 23 de Outubro de 1861.* In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia*. p. 29-35.

<sup>460</sup> AMAZONAS. *Documentos a que se refere o relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas [...].* In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...].* pp. 42,52, 59-79.

diversas formas (segundo a espécie de peixe ou crustáceo), ora tapando as bocas dos lagos e dos igarapés, ora finalmente embebedando-os com o sumo do Timbó e Cunambi (vegetais venenosos).<sup>461</sup>

Descreve também os costumes indígenas ligados a extração de óleos como o óleo de Macuru para produção de tintas para cuias:

“Em lugar de prensa ainda usam hoje os indígenas do tipiti, pequeno tubo de palhas de bacaba, aberta nas extremidades, que terminam por forma de alças; neste tubo introduzem eles a pasta; já preparada para ser expressa; colocam-no depois perpendicularmente preso pela alça superior, e na inferior atravessam um pau, em cujos extremos empregam dois ou mais indivíduos força bastante para que o resultado se consiga, distendendo o tipiti, que colocado entre duas forças em sentido diametralmente opostas, é obrigado a distender-se, porque a isso se presta não só a sua estrutura, com a qualidade da matéria de que é feito, comprimindo a pasta em todos os sentidos, cujo óleo se extravasa pelos poros, e pelas juntas do tecido das palhas.”<sup>462</sup>

Ao mesmo tempo em que intentava trazer os índios à “civilização” deseja também reconhecer suas tradições. O “Relatório E - Etnografia” realizado por Gonçalves Dias é o que traz a relação dos objetos indígenas coletados nos diferentes grupos indígenas.

Nas proximidades do Rio Tapajós, Gonçalves Dias descreve os índios Mundurucus cuidadosos na escolha das plumas, na combinação de cores, na

---

<sup>461</sup> AMAZONAS. *Documentos a que se refere o relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas [...] In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia [...].* p. 59.

<sup>462</sup> AMAZONAS. *Documentos a que se refere o relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas [...] In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia [...].* p.71-2.

elegância das formas e ainda mesmo na perfeição dos tecidos, embora, às vezes, compravam a preços altos dos brancos o que exigiam que aceitassem duros trabalhos.<sup>463</sup>

Mesmo assim, o clima fazia com que eles abandonassem os tecidos dos brancos e voltassem aos seus ornatos e costumes como também acontecia com os índios Araras do Madeira. O poeta recolheu artefatos destes índios, que considerava mais rebeldes e intratáveis, semelhante ao acangatar litografado na Fig. 207 – *Artefatos Indígenas – Adorno*, constituídos de um arco de origem vegetal no qual eram fixadas as plumas:

“[...] acangatar No. 63 é o enfeite de um chefe dos Araras, morto em combate, ainda este ano, nas imediações da ilha de igual nome, no rio Madeira. [...] Os do rio Negro trazem um acangatar, que se compõe de três fios de plumas, metidos em um arco ou círculo de tucum ou de palhas, conforme a curiosidade, ou posição do indivíduo que deles usa. Ver no. 64. [...]”<sup>464</sup>

De sua viagem ao Rio Negro na qual chegou a visitar regiões da Venezuela, o poeta descreve, num trecho do “Relatório E - Etnografia”, a tribo dos Jauás. Os índios desta tribo falavam uma língua específica diferente tanto do Quíchua quanto do Tupi, habitavam as fronteiras com o Peru e o Brasil. Ali os índios de ambos os países frequentemente descolavam-se de um lado para o outro, o que constituía um local de trocas culturais. Seus utensílios incluíam acangatar, uma espécie de diadema de penas usado em dias de festas com espelhos pendente pelas costas como aparece na Fig. 208 – *Artefatos Indígenas – Adorno 5*. Assim descreve os dias de festas e as armas:

---

<sup>463</sup>A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p.81.

<sup>464</sup>A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p.82.

“Usam o acangatar com bicos de tucano e espelho que ajeitam a seu modo, pendentos pelas costas. Nos punhos e nos artelhos uns amarrilhos de embira, muito arrochados que trazem desde a infância toda a vida para terem as pernas e braços finos. [...] Uma tanga de embira, de que já falamos (no. 99) e, em dias de festa, um fraldão de penas, e o corpo todo pintado com uma tinta encarnada vivíssima, que preparam com urucu e melhor com o carajuru, completam o seu traje. [...]

Nas armas há grande variedade. Como insígnias de mando são belos os murucus-maracás, ou grandes lanças usadas pelos chefes: curiosas pelo comprimento da haste, pela perfeição do trabalho e por uma pedra ou esfera que, mal se sabe como, forçam a entrar por uma fenda longa e estreita, que se vê na parte superior de base: no. I.<sup>465</sup>

Descreve também os cetros, uma haste plumada, usados pelos guerreiros Tuxauas do Uaupés que nas batalhas seguiam a dianteira do grupo, semelhante à litografia Fig. 202 – *Artefatos Indígenas – Armas 4, 1862*:

“O cetro de plumas (no. 65) é curioso pela perfeição da obra e mais digno de nota pelas reflexões que sugere: foram precisos três séculos para que a lança colossal dos velhos antigos Tuxauas se convertesse em uma haste emplumada e sem préstimo. O chefe, que, segundo dizia energicamente um deles a Montaigne, era o que tinha o direito de caminhar dianteiro na guerra, hoje é o corifeu das damas selvagens, e marca a cadência do passo com o bastão, que outrora

---

<sup>465</sup> A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p.82.

representava a sua valentia como guerreiro, sua autoridade como chefe”.<sup>466</sup>

Além de tecidos, vestes, tintas, remos, colares, pulseiras, flautas, Gonçalves Dias atentou para a descrição dos objetos utilizados pelas tribos para caças e para as batalhas entre tribos guerreiras como um legado cultural das tribos conquistadoras Tupi.

Descrevia estes artefatos relacionando-os aos nomes dos respectivos grupos indígenas com especificações ligadas aos materiais utilizados e a forma de arcos e flechas venenosas, ou “ervadas”. Segundo ele, as armas eram objetos de caráter etnográficos marcados principalmente pelas formas que diferenciavam as tribos indígenas. Abaixo vários trechos do relatório “E -Etnografia”:

“Ainda usam de **espadas** nos Purus e no Madeira, e nos rios da Província menos conhecidos [...] As Zarabatans nos. 2-5 é uma arma terrível e certa, de que ainda hoje fazem uso frequente. Uma delas no maço No. 3 vai apenas principiada para que se veja como são feitas.

Dentro de tubo interior, introduzem uma **seta de paxiúba ervada**, e na extremidade superior da seta enrolam um pouco de sumaúma de forma que tape hermeticamente o orifício do cilindro e ofereça a tal qual resistência ao ar para ser expelida com mais violência.

Pode ser de muita utilidade aos naturalistas preparadores, porque nem só se não espanta a caça, acontecendo-se errar o tiro; nem, a acertando, se estraga a pelo; como por que, com o emprego oportuno do **antídoto**, podem apanhar os indivíduos – aves ou feras que careçam possuir vivas.

---

<sup>466</sup>A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p. 83.

Fora destas armas ervam geralmente os curabis ou **dardos de arremesso**, que usam sem enfeites, por ser preciso que a haste escorregue livremente pela mão no ato do arremesso (maços no. 8). As frechas ervadas para o arco são muito raras, bem que se encontrem algumas frechas curabis em mãos de particulares e de índios meio civilizados.

Nas frechas porém e nos arcos é onde dão mais largas à imaginação.

Há os **arcos esquinados** (no. 18) de Silves.

Os **arcos de meia cana** (no. 17) rio Negro.

Os chatos e largos e enleitados no . 16 são dos índios do Japurá.

Enfim os que têm as pontas ligeiramente recurvadas como os de No. 20, que são do rio Madeira.

Fora outros muitos, de que não tratamos porque deles não podemos oferecer exemplares. Acrescentaremos que o que no emprego destas **armas parece diferenciar as tribos indígenas entre si, é mais a forma** do que a qualidade da madeira empregada.

As **frechas são também diversíssimas, tanto nos ornatos como nas ponteiros**, quer se atenda a matéria quer a execução.

As taquaras são empregadas na guerra e para caça volumosa (no. 10).

As de I arpão (no. 11) é para pesca: frecham o peixe com singular destreza.

Às de tartaruga chamam na língua geral sararacas, quer dizer coisa que se desmancha. A **sararaca é composta de duas partes, - do hastil que é feito de canarana, e da ponteira, feita de madeira**, onde engastam o arpão: estas duas partes prendem-se uma a outra por uma linha de curauá, que é muito forte. Atira-se somente por elevação no lugar em que a tartaruga faz redemoinhar a água.

O animal ou foge, ou mergulha, levando o arpão enterrado no casco: em todo o caso a frecha decompõe-se (sararaca), o fio de curauá se desenrola e o hastil da frecha sobrenada, servindo de bóia para indicar a carreira que a presa leva, ou o lugar em que se acha. [...] A **coleção de frechas de índios do Japurá oferecida ao I.H. [Instituto Histórico]** pelo Sr. Comandante Nuno (nos. 12 e 13) é **riquíssima pela variedade de matéria, das dimensões e da forma**, assim como pela perfeição do trabalho”.<sup>467</sup>

Gonçalves Dias prossegue o relatório com uma relação de 104 utensílios com nomes e tribos provenientes, exemplos:

“1. [...]

6. **Espada** pequena do Madeira. I.H.G. [Pertencente ao IHGB] [...]

9. **Frechas**. Maço no. Contendo frechas em diferentes estados – 2 canas simples – 2 com sub-haste – 1 sem arpão – 2 já prontas e 1 sararaca do rio Negro, I.H.G. [...]

---

<sup>467</sup> A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p. 84-85. [Grifos adicionados].

13. Três maços – contendo uma coleção variada de frechas dos índios do Japurá, oferecidas pelo comandante Nuno. I.H.G.[...]

19. I **flauta** pequena usada nas festas do Jurupari – Rio Negro. I.H.G. [...]

27. **Colar** dos Jáuas. I.H.G. [...]

35. Uma **pulseira de osso**. I.H.G.

36. Um palito Baré, ornado de plumas. I.H.G. [...]

38. Nós estatísticos da população de uma das aldeias dos Bafuanás, apresentados por um dos seus chefes. I.H.G.

A grossura dos pés indica a idade, como os nós indicam o número. Nos dois fios mais grossos há também a divisão dos sexos, donde se vê que havia naquela aldeia mais homens do que mulheres.

39. Duas **vestes** dos índios Bahures. I.H.G. [...]

42. Urari ou veneno do rio Negro. I.H.G.

[...] O **veneno de frechas** [...] Este **antídoto** é o cloreto de sódio ou sal comum.

O animal sentindo-se ferido por uma dessas pequenas setas que vêm nos maços ns. 23, ficam como atônito e surpreso, imediatamente depois sobrevêm-lhe vertigens, torpor, vômitos, se são susceptíveis disso, o coma e a morte.

No estado de torpor, ou vertigem que precede o coma, pode ser sem resistência posto em gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe na boca uma pedra ou melhor uma solução de sal de cozinha. Quando o animal volta a si acha-se preso, mas em

um estado de prostração que lhe não permite nas primeiras horas nem um ato de cólera ou desespero. [...]

50. **Escudo** do Uaupés. I.H.G. [...]

58. Um colar de sementes. [...]

64. I caixa de papelão contendo: 4 **pássaros cheios**, I penacho dos Uaupés, 2 **acangataras** do rio Negro. I.H.G. [...]

66. Um **leque de plumas** dos índios na nação Cucamas. I.H.G.

67. Um estojo com **plumas** de acangatar, rio Negro. I.H.G. [...]

71. Um **saco fiado e tecido** pelos indígenas. I.H.G.[...]

74. Crajurú – **tinta** com que se pintam os índios do Solimões e afluentes. I.H.G.

75. Fôrma para pintar cuia (rio Negro), notável pela perfeição do entalhe. I.H.G.

76. Três passadores feitos de ossos de macaco, com que tecem obras de palhas. Um deles pertence ao I.H.G.[...]

78. Um **remo** vulgar.

79. Dois ditos pintados.

80. Casca de tururi. Fazem vestidos desta casca os índios da Província e ainda os dos países limítrofes. [...].

97. Um **tamborinho** do Sairé. I.H.G. [...]

101. **Remo de pau-rainha**.

Manaus, 23 de outubro de 1861.

Antonio Gonçalves Dias.”<sup>468</sup>

Outros membros da comissão do Amazonas enviaram objetos indígenas como cabaças, machados, sacos tecidos por determinadas tribos, amostra de madeiras, óleos, tamborim feitos pelos Tuxaua, etc. Gonçalves Dias lembra que todos os objetos seriam enviados para o Rio de Janeiro e faz a *Relação dos objetos remetidos pela Província do Amazonas para a Exposição da Corte*. Lembra que todos os objetos que ele oferecera pertenciam ao IHGB, bem como os demais oferecidos pelos demais membros da comissão encarregada da coleta como o Sr. Capitão Tenente da Marinha, Nuno Alves Pereira de Melo Cardoso e Dr. João Martins da Silva Coutinho, incluída a relação mineralógica.<sup>469</sup>

Sua viagem de cinquenta e cinco dias pelos rios Amazonas, Madeira e Negro, iniciada em 15 de agosto até 5 de outubro de 1861, foi relatada em seu “Diário da Viagem ao Rio Negro”. Aquele ainda era o último ano da Comissão Científica e há aquarelas de Reis Carvalho, datadas do início de 1861 relacionadas ao Ceará como a Fig. 32 - *Barriga. Serra Pedregosa, 6 léguas a leste de Sobral. (Sobral, janeiro de 1861)*.

Em seu *Diário* Gonçalves Dias descreve a paisagem com vislumbre composta de matas virgens, cachoeiras, rios, ilhotas além dos costumes dos povos que encontrava enquanto navegava o Rio Negro em canoas dirigidas por índios. Sua viagem estendeu-se até a Venezuela de onde fez descrições das localidades próximas ao Rio Orenoco. No dia 17 de agosto, passaram pela foz do Rio Unini, num local chamado Pedreira, assim descreveu os costumes e as diferentes tribos:

---

<sup>468</sup>A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p.85-91. [Grifos adicionados].

<sup>469</sup>A. Gonçalves Dias. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia...* p. 116.

Parece uma infinidade de rios, entrando por meio de ilhas, a desaguar em frente da vila. O povoado está quase deserto. [...] A igreja em ruínas. [...] Uma casa de sobrado, mas coberta de palha.<sup>470</sup>

“Não tem ainda índios aldeados [...] Há duas malocas de línguas que se supõe diferentes. Juntas chegarão a 350 a 400 – os conhecidos. Xirianá e Bafuaná. Homens robustos, fortes, têm alguma lavoura de mandioca, indústria de ralos, feitura de máquinas. Estão em briga com os Uaicás – homens de curso e valentes, e por isso aqueles se querem retirar.”<sup>471</sup>

[No dia 21 de agosto] Acordamos de madrugada – achamos todos os índios em redor do fogo, à espera da ração de aguardente. [...] um lugar magnífico, de lua cheia. [...] A cachoeira, que os índios chamam Tapurucoara, é uma linha curva de lajedo, com rochedos soltos, por onde a água salta e se quebra, sem grande estrondo, mas levando a espuma até Santa Isabel, donde já a espumarada se vê, posto que em distância. [...].<sup>472</sup>

[Dia 23 de agosto] Descemos em uma pedra e cachoeira que chamam Maniapuru, junto à antiga povoação de Carina. Parece que os antigos confins da povoação de Carina se

---

<sup>470</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p. 139.

<sup>471</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p. 141.

<sup>472</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p. 143-145.

estendiam por entre o mato até muito próximo a este lugar. Todavia as florestas são virgens.<sup>473</sup>

[...] Ilha do Udadá [...] O Pe. Vigário de São Gabriel em sua companhia três ou quatro índios do Uaupês, rapazes que traziam nas partes um saco à semelhança de um suspensório de escrotos – único vestuário – chamam cuêio. As mulheres usam uns aventais de contas – chamam-lhes Pueracuêio. Puera quer dizer contas. [...]<sup>474</sup>

Em seu *Diário* encontram-se a localização das tribos e as línguas que falavam:

À margem direita – Caiari ou Uaupês, depois Cumuri, Arapecuma, acima de São Joaquim. Uaupês chama-se Caiari na língua daqueles índios. Acima Ananá Arapecuma (Arapecuma é ponta) à esquerda do rio. [...] Todos pertencem à mesma raça – entendem reciprocamente as suas gírias, mas cada povoação fala uma diferente. Os de São Joaquim são Tocanos, com gíria própria. [...] Tapuias – também com gíria própria. Acima do Tiquié – Tracuá Arapecuma, numa belíssima situação – Juruparis Tapuias. São Jerônimo, que pela língua se diz *Ipanoré*, língua dos Juruparis. Produzem farinha. Tiquié produz salsa e farinha. Os afamados bancos – são das origens Uaupês. Acima de São Jerônimo – os Pino-pinó – Juruparis Tapuais (malocas como todas). Acima – Inquêra-pecuma (*pecuma* – ponta. *Inquêra* – sal). Tocamos. Acima – *lauáreatê cachoeira*. São Tarianas. Língua própria. [...] *Rio Negro* – Tabacuri é uma

---

<sup>473</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia* [...]. p. 147.

<sup>474</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia* [...]. p.158.

festa muito apreciada por esta gente. Reunem-se os vizinhos, avisam que vão em desafio, e levam panelas, tipitis, peixes de moquém etc. – chamam-se taburis de panelas, de tipitis, etc. – O sujeito a quem comunicam a visita, espera-os e banqueteia-os por 3 ou 4 dias, numa borracheira infernal. Os que revem a visita no fim de alguns meses levam outros vasos, etc. e segue-se novo pagode.<sup>475</sup>

[...] Tem também certas festas em que aparece – o Juripari. É uma taboca de vara e meia de comprido, em forma de buzina, donde tiram um som rouco e medonho. Um caboclo se esconde no mato e começa a tocar de lá, os que estão da dança recebem-no no seu meio e dançam todos – de vez em quando toca o Jurupari.<sup>476</sup>

[...] Eu o Canavarro dormíamos [...] Adiante, em roda, a caboclada em maquiras de tucum; conversavam na língua, [...] Não há gente como a nossa, considerava eu. Soldados bons como eles! Marujos excelentes – remeios incansáveis, e sempre falando, sempre alegres. Dóceis, humildes, ainda assim dóceis e tratáveis. [...] Se aparece caça – ei-los atrás dela! Peixe frechado, atiram-se ao cururis, a ver se há pior pescam-no dentro d'água! E estes pobres já tão pouco [palavra ilegível] tão dizimados, ainda os recrutam, com se não devessem contemplar este Amazonas, para o qual não há colonos, e se diz não poder haver.<sup>477</sup>

---

<sup>475</sup>A. Gonçalves Dias. "Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.159-160.

<sup>476</sup>A. Gonçalves Dias. "Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.162.

<sup>477</sup>A. Gonçalves Dias. "Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861". In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.167-8.

Devido ao interesse de Gonçalves dias pelas migrações, que segundo ele, ocorreram de norte para sul, visitou a Venezuela e algumas regiões próximas ao Rio Orenoco:

[Dia 5 setembro]. - Às 4h da madrugada largamos – escuro, neblina até depois das 8h da manhã.

Às 6h ½ chegamos a São Felipe.<sup>478</sup>

[...] O Venâncio [...] continua com as suas pregações. Os índios da Espanha acreditam nele [...]. Enquanto estava no Brasil foram 2 ou 3 sujeitos a São Gabriel, a casarem-se e descasarem-se lá.<sup>479</sup>

[...] Em Venezuela não aceitam dinheiro do Brasil.<sup>480</sup>

[...] De São Carlos vai-se ao Orinoco pelo Cassiquiare.[...]Francisco J. Marques Leal ficou de me mandar um História da Venezuela para ser entregue ao Dr. Miranda. [...] O Cassiquiare enche-se com as águas do Orinoco. Não há pároco em São Carlos nem em São Fernando há muitíssimo menos. [...] Há Igreja. O sacristão velho índio, ensina de manhã e a de noite doutrina às índias; os meninos em casa do delegado, onde aprendem castelhano.<sup>481</sup>

[...] [Dia 23 de setembro Tiquié]. Falam gíria, mas já vão falando geral. Os homens usam *cuêio*, as índias nuas.

---

<sup>478</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.172.

<sup>479</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.177.

<sup>480</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p.178.

<sup>481</sup>A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia [...]*. p. 184.

Enfeitos de penas nas danças. Muita gente. Balaios, maquiras, salsas.<sup>482</sup>

A Exposição Nacional da Indústria de 1861 levou para suas salas os retratos de vaqueiros e pescadores e objectos como as redes de pesca, os cestos e os chapéus, além do curioso “Troféu de armas indígenas”, provavelmente feito com o material coligido por Gonçalves Dias no Amazonas, no qual se viam empilhados zarabatanas, flechas, remos e cetros.<sup>483</sup>

Ladislau Netto na *Exposição Antropológica de 1882* também fez menção a Gonçalves Dias e expôs parte dos objetos indígenas do Museu Nacional que teriam sido recolhidos pelo poeta. Na ocasião Felix Ferreira afirmou que nos objetos indígenas “havia harmonia na ornamentação, certa pureza do desenho na elegância da forma” e “o emprego do colorido nos tecidos, o conhecimento dos processos de tintura, o próprio tecido e as malhas simétricas das redes, são princípios, elementos de aperfeiçoamento industriais, que revelam instruções mais ou menos desenvolvidas”. Segundo ele, Indicava a existência de mestres, e que esses mestres foram discípulos de outros mais antigos, e assim antecessivamente até chegar aos primitivos, mas que caminhavam para estados de civilização mais avançados.<sup>484</sup>

Segundo Sylvia Porto-Alegre, os objetos serviram como modelos para as gravuras realizadas no Instituto Artístico<sup>485</sup> e uma série de 89 estampas etnográficas, litografadas e coloridas a mão por Henrique Fleiuss, também

---

<sup>482</sup> A. Gonçalves Dias. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia* [...]. p.189.

<sup>483</sup> RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. Rio de Janeiro, Confraria do Livro.

<sup>484</sup> F. Ferreira. “As artes industriais indígenas”. In: *Revista da Exposição Antrophologica de 1882 dirigida por Melo Moraes Filho*, Rio de Janeiro, 1882. pp. 107-108.

<sup>485</sup> O Imperial Instituto Artístico foi fundado pelo artista alemão Henrique Fleiuss. Após chegar ao Brasil, em 1858, foi importante propulsor das artes gráficas. Fundou e desenhou para a “Semana Ilustrada”, de 1860 a 1876, e para a “Ilustração Brasileira”, de 1876 a 1878. Faleceu em Colonia, na Prússia, em 15 de novembro de 1882. Veja L. Freire. *Um século de pintura – Apontamentos para a História da Pintura no Brasil de 1816 a 1916*. p. 91.

figuraram na Exposição Antropológica organizada por Ladislau Neto no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1882.<sup>486</sup>

---

<sup>486</sup> M. S. Porto-Alegre. *Comissão das Borboletas – A Ciência do Império, entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. p.42.

## Capítulo 05

### **Ilustrações das Seções Botânicas e Zoológicas**

Além das representações de costumes e da etnografia indígena, é importante citar algumas obras ilustradas com desenhos científicos relacionados à botânica e zoologia que foram adquiridos para a Comissão Científica (Anexo I).

Dentre elas estão o *Flore illustree de Mucedinees d'Europe* de August Carl Joseph Corda (1809-1849), Leipzig: G. Fleischer, 1840; a obra com figuras de pássaros *A monograph of the trogonidae, or family of trogons* de John Gould (1804-1881), London: J. Gould, 1838; o *Sertum orchidaceum: a wreath of the most beautiful orchidaceous flowers* de John Lindley, (1799-1865), London: J. Ridgway, 1838; o *Fruits et Feuillages choisis D'Île de Java* de Madame Berthe Hoola Van Nooten, Bruxelas, s.d.; o *Lethaea geognostica, oder, Abbildung und beschreibung der für die gebirgs-formationen versteinerungen* de Von Heinrich Georg Bronn (1800-1862) & F. Roemer, Stuttgart: Schweizerbart, 1851-1856, dentre outros.

O *Sertum Orchidaceum* de Lindley, publicada em 1838, possui o ex-libris da Comissão Científica presente no acervo de obras da Biblioteca do Museu Nacional. A obra apresenta pinturas de orquídeas brasileiras, indianas, mexicanas acompanhadas de textos explicativas. Tanto Reis Carvalho quanto Freire Alemão tomariam este trabalho ilustrado como referência para suas ilustrações botânicas.

A obra foi solicitada por Capanema a Gonçalves Dias quando ele estava na Europa reunindo os materiais para a Comissão Científica. As cartas recebidas pelo poeta foram transcritas pela Biblioteca Nacional e informam sobre os matérias encomendados: “[...] vê se me arranja um exemplar barato de: Lindley *Genera & species of orchidaceous plants* London 1830-40 e do mesmo *Sertum Orchidaceum* London 1837-42”.<sup>487</sup>

---

<sup>487</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. “Carta de Capanema para Gonçalves dias”. Londres, 4 de dezembro de 1856. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 91, 1971. Correspondência Passiva de Antônio

As flores de Reis Carvalho (Anexo II) apresentam semelhanças formais a esta obra botânica, a seguir uma ilustração retirada do *Sertum Orchidaceum*:



Fig. 5.1 - John Lindley. *C. Bicolor*. Litografia. Fonte: *Sertum Orchidaceum*.

Os desenhos de plantas e animais despertavam interesse no público e as descobertas científicas eram divulgadas a leigos principalmente através de revistas ilustradas como a *The Penny Magazine*.<sup>488</sup> O *Magazine of Botany* apresentava uma extraordinária riqueza das ilustrações botânicas.<sup>489</sup>

Em 1828, foi publicado em Paris, e em 1829 em Livorno, o *Histoire Naturelle Générale et particulière* de Georges-Louis Leclerc de Buffon, o fundador do Museu Nacional de História Natural de Paris, com 400 ilustrações dos quatro reinos o que incluía quadrúpedes, peixes, insetos, plantas e minerais.<sup>490</sup>

O interesse pela ilustração científica persistia até meados do final do século quando a Sociedade Zoológica de Londres, em 1875, publicava seus artigos acompanhadas de precisas ilustrações de conchas encontradas no norte da Austrália.<sup>491</sup> Os espécimes da Américas, que já eram conhecidas pelas xilogravuras apresentadas pela *Historia Naturalis Brasiliae* de Jorge Marcgrave (1638-1644),<sup>492</sup> apareceram também na Paris de 1855 no *Animaux Nouveaux ou Rares dans Le Parties Centrales de L'Amérique Du sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para*.<sup>493</sup>

No início do XIX, a flora brasileira despertou o interesse de naturalistas para produzirem obras ilustradas como no Toscano Giuseppe Raddi (1770-1829) que

---

<sup>488</sup> G. Cantor & S. Shuttleworth & J. Topham. "Representations of science in the nineteenth century periodical press". In: *Interdisciplinary science reviews*, 2003, vol. 28. No. 3. pp. 161-168.

<sup>489</sup> Joseph Paxton. *The Magazine of Botany*. London: Published by W.S. ORR & Paternoster Row. MMDCCCXXXIX.

<sup>490</sup> G.L.L. Buffon. *Histoire Naturelle Générale et particulière*. Paris, 1828/Livorno, 1829.

<sup>491</sup> Veja *Proceedings of the Scientific Meetings of the Zoological Society of London for the year 1875*. London: Mers, Longmans, Green, Reader, and Dyer, Paternoster Row.

<sup>492</sup> Jorge Marcgrave. *Historia Naturalis Brasiliae. Aulpcio et Beneficio Illustriss, I, Mauriti com. Nassau*. 1648. Sobre o interesse dos Holandeses pelos gabinetes de curiosidades e sobre ilustrações científicas veja no acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: SEBA, Albertus (1665-1736). *Cabinet of natural curiosities: Locupletissimi rerum naturalium thesauri (17334-1765)*. London: Tashen, 2001.

<sup>493</sup> Francis de Castelnau. *Animaux Nouveaux ou Rares dans Le Parties Centrales de L'Amérique Du sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para. Tome Seconde*. Paris, Chez P. Bertrand, Libraire – Éditeur, Rue de L'Arbre – Sec, 22. 1855.

participou da expedição Austríaca de 1817. Raddi, conservador do Museu de Física e História Natural de Florença, viajava com a Missão Austríaca de 1816 na fragata *São Sebastião* e manteve contato com Pohl, da fragata *Augusta*, numa escala na Ilha da Madeira. Esteve no Brasil coletando até 1º. De junho de 1818, quando conheceu frei Leandro do Sacramento (1788-1829), reuniu considerável material botânico e alguns exemplares zoológicos da área carioca, sobre os quais trabalhou o resto da vida, publicando descrições e catálogos ilustrados, em particular, o volume *Plantarum brasiliensium nova genera*, Florença, 1825.<sup>494</sup>

### 5.1. Francisco Freire Alemão e as Ilustrações botânicas

Freire Alemão viajou oito meses pelo Sul da província e cinco pelo Norte, seu diário relacionada ao sul, rumo ao Crato, encontra-se publicado pelo Museu Cearense. A viagem ao norte, de novembro de 1860 a abril de 1861, pela Serra da Ibiapaba está relatada em seus manuscritos inéditos depositados na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Segundo M. S. Porto-Alegre, o botânico permaneceu quatro temporadas na capital: de 4 de fevereiro a 15 de agosto de 1859; de 20 de abril a 27 de junho de 1860; de 4 de setembro a 9 de outubro de 1860 e de 2 de março a 13 de julho de 1861. Ficou ausente do Ceará entre 27 de junho a 4 de setembro de 1860 quando esteve no Rio de Janeiro. Há 80 desenhos de F. Alemão sobre o cotidiano da viagem, os quais estão relacionados no *Catálogo dos manuscritos do botânico Freire Alemão*, publicados nos volumes 81 e 114 dos Anais da Biblioteca Nacional, por Darcy Damasceno e Waldir da Cunha.<sup>495</sup>

---

<sup>494</sup> T. Isenburg. "Naturalistas Italianos no Brasil, 1800-1850". In: *Ciência Hoje*. Vol. 09, No. 51, Março de 1989. pp. 54-58. A obra de Iosephus Raddius. *O Plantarum Brasiliensium Nova Genera et species Novae*. Florentiae. Ex Typographia Pezzati, 1825, é disponível na Biblioteca digital do IEB/USP (Instituto de Estudos Brasileiros): [www.ieb.usp.br/online/index.asp](http://www.ieb.usp.br/online/index.asp).

<sup>495</sup> M. Sylvia Porto Alegre. "150 anos depois: Na ronda do tempo". In: L. Kury (org.). *op. cit*, 2009. pp. 10-15.

Os Desenhos de Freire Alemão, reunidos em folhas avulsas manuscritas, além da *Flora Cearense*, estão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em nove volumes onde texto e imagem confluem para elucidar aspectos da vegetação brasileira. Infelizmente, apenas uma pequena parte dos desenhos relacionados à Comissão Científica de Exploração foram publicados (Figs. 138 a 149, Anexo II).

Freire Alemão manifestou neste estudo grande esforço em criar uma tradição de ilustração científica devido seu grande apreço por Frei Velloso já explícito quando constituiu a Sociedade Velloziana. A princípio desejava realizar um trabalho botânico ilustrado tal qual Frei José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811) para a *Florae Fluminensis*, Tables impressos em 1827 em Paris.<sup>496</sup>

Mas este interesse de Freire Alemão por uma descrição visual da natureza vinha também de seu contato com naturalistas interessados pela ilustração da natureza como Von Martius e de Candolle com quem mantinha correspondência.

Freire Alemão desejava fazer uma obra ilustrada através de uma ligação entre a história natural e arte tal como os trabalhos conjuntos de Lineu e Ehret, De Candolle e Redouté, estudados por Lucia Tungiorgi Tomasi.<sup>497</sup>

Seus desenhos para a *Flora Cearense* demonstram uma evolução da técnica de luz e sombra pronta para entintação, mas por motivos diversos, talvez pela falta de tradição litográfica no Brasil ficou inviável finalização de seus anseios.

Contudo, a importância de seu trabalho ficou como um legado para uma futura geração de botânicos como João Barbosa Rodrigues que trabalhou com F. Hartt e Agassiz e interessou-se pela ilustração de orquídeas no Museu Nacional de História Natural no Rio de Janeiro.

---

<sup>496</sup> A *Flora Fluminensis* de Frei Velloso está disponível em <http://www.botanicus.org/title/b12006385>, também disponível na Biodiversity Heritage Library [www.biodiversitylibrary.org](http://www.biodiversitylibrary.org). Acessos em 04 10 11.

<sup>497</sup> TOMASI, LUCIA TUNGIORGI. *An Oak Spring Flora. Flower illustration from the fifteenth century to the presente time*.1997.

Embora a bibliografia sobre a Comissão Científica de Exploração em alguns momentos apontou Reis Carvalho como autor dos desenhos da *Flora Cearense*, o próprio Freire Alemão afirma em seus *Diários* que se ocupava frequentemente de desenhar espécimes que estudava enquanto Reis Carvalho interessou-se mais pela tirada de vistas de igrejas, paisagens e costumes. No entanto, Reis Carvalho, também contrariando indicações de que acompanhara a Seção Etnográfica, junto com Freire Alemão esteve na maior parte do tempo, o que possibilitava que ambos trocassem conhecimentos sobre as técnicas de observações e desenho.

Os desenhos de Freire Alemão eram precisos, de modo que determinadas partes das plantas são tão específicas que só poderiam vir do olhar de um botânico e estes desenhos por estarem imersos nos manuscritos de Freire Alemão só dão a indicação de que fora ele próprio quem desenhara. Não há uma indicação na documentação da Comissão Científica que Reis Carvalho interviesse nos desenhos botânicos de Freire Alemão, sendo mais comuns a existência de flores do pintor em composições independentes, sem a presença de explicações textuais.

Além das ilustrações botânicas presentes na Biblioteca Nacional,<sup>498</sup> as flores de José dos Reis Carvalho do Museu D. João VI ainda estão por ser avaliadas se estão relacionadas ao período no qual o pintor esteve com a Comissão Científica de Exploração. Ainda assim, além das composições de flores de Reis Carvalho existentes Museu D. João VI (Figs. 95 a 117, Anexo II), há um outro conjunto que Lorelai Kury apresentou, referentes ao acervo da Seção Iconográfica, Biblioteca Nacional (Figs. 118 a 132, Anexo II), onde o pintor especificou as partes morfológicas das plantas.<sup>499</sup>

Reis Carvalho durante sua formação com J.B. Debret tivera contato com obras trazidas pelo chefe da Missão Artística Francesa, Lebreton, em 1816 destacando-se *Grande vaso com flores*, identificado no passado por críticos e

---

<sup>498</sup> P. Herkenhoff. *Biblioteca Nacional – A História de uma Coleção*. p.140.

<sup>499</sup> Lorelai Kury. “Francisco Freire Alemão, Botânico e Viajante”. In: *Comissão Científica do Império*. p. 205-221.

técnicos do Museu como sendo de autoria de Jan Dirksz Both (1610-152) através de fragmento da assinatura constante no quadro. No entanto, somente em meados de 1990, após uma minuciosa restauração, foi possível uma leitura do nome completo e a real com a constatação de tratar-se de obra do pintor Jean Baptiste Bosschaert (1667-1746), quadro de grandes dimensões, pertence a um descendente da família de artistas holandeses de nome Bosschaert. A documentação desta coleção fora obtida de originais na França: são duas listas assinadas pelo comerciante francês Jean Baptiste Meunié, a primeira com 47 itens e a segunda com 13, num total de 60 obras.<sup>500</sup>

O quadro, *Grande vaso com flores*, de Jean Baptiste Bosschaert iria influenciar as aulas de Pintura de Paisagem, Flores e Animais na Academia Imperial de Belas Artes, o pintor José dos Reis Carvalho e possivelmente Freire Alemão o qual era membro honorário da AIBA.

Reis Carvalho manteve-se interessado pela composição de flores muito tempo depois de finalizados os trabalhos da Comissão Científica e na exposição de 1872 apresentou *Um vaso de porcelana com flores do Brasil*, em óleo sobre tela, quando o era professor honorário da AIBA e jubilado de Desenho da Escola de Marinha.<sup>501</sup>

Além da flor como um objeto artístico, às vezes ligas às divindades mitológicas como Flora<sup>502</sup> e muito recorrente na pintura do século XVII,<sup>503</sup> é possível também que Reis Carvalho tenha tido conhecimento sobre as representações de flores já em conformidade com a teoria classificatória de Carl Lineu que reflete a flor como um “sistema sexual” importante para frutificação. Possivelmente também era conhecida pela Academia a obra ilustrada por Georg Dionysius Ehret publicada em 1736 nela estava a primeira “Table” ilustrando o

---

<sup>500</sup> MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Coleção Lebreton e a Missão Artística Francesa. Folheto de Exposição. Novembro/ 2000.

<sup>501</sup> C.R.M. Levy. *Exposições Gerais da Academia Imperial e Escola Nacional de Belas Artes*, p. 208.

<sup>502</sup> ENCICLOPÉDIA ITALIANA DI SCIENZE LETTERE ED ARTI. Instituto Dell'Enciclopedia Italiana. Fondata da Giovanni Treccani, Roma, 1938.

<sup>503</sup> Nicolas Poussin, *O Império de Flora*, 1631, ost, 131 x 181 cm, Dresden, Staatliche Kunstsammlungen; Nicolas Poussin, *The Triumph of Flora*, 1628, ost, Louvre.

revolucionário sistema de Linnaeus, colorido e gravado em Leiden onde o próprio Lineu ensinou sobre a correta descrição de estames, pistilos e outras pequenas partes, como observou L. T. Tomasi.<sup>504</sup>

Outro ilustrador importante no período conhecido pelos ilustradores do período é Pierre Joseph Redouté e Gerard van Spaendonck, pois, pelo final do XVIII, eles iniciaram experimentos separadamente com novas técnicas de impressão colorida a partir de “lacas feitas não com linhas, mas com pequenas áreas, mais propícias às ilustrações botânicas. O jovem Redouté descobriu esta técnica durante sua jornada à Inglaterra que se tornou extremamente popular para retratos e paisagens produzidas pelo italiano Francesco Bartolozzi. Baseada no preenchimento de pequenas partes ao invés de linhas contínuas, este processo foi capaz de reproduzir sombras, texturas e detalhes de flores com certa fidelidade.

505

Em *Plantes Grasses* aparecem ilustrações de Redouté já como pintor do Museu de História Natural. Nesta obra observa-se o mesmo estilo de representação: cada espécie assume uma forma específica que a diferencia dentro de seu gênero. Ele chega a apresentar 40 espécies num único gênero com diminutas diferenciações de forma para cada uma das espécies, onde as cores das folhas e flores são monocromáticas na intenção de conferir uma exata referência ao objeto representado.<sup>506</sup>

Contudo, é certo que tanto Freire Alemão quanto José dos Reis Carvalho tomaram contato com *Sertum Orchidaceum* de John Lindley, uma obra ilustrada com pinturas de flores, que já havia incorporado o sistema classificatório de Lineu e as técnicas de impressão de Redouté, adquirida pelo IHGB para dar suporte teórico à Comissão Científica de Exploração (Anexo I).

---

<sup>504</sup> L. T. Tomasi. “The Iconography of flowers”. In: TOMASI, L. T. *An Oak Spring Flora...* p. lii.

<sup>505</sup> L. T. Tomasi. “The Iconography of flowers”. In: TOMASI, L. T. *An Oak Spring Flora....*, p. lvii.

<sup>506</sup> P. J. Redouté. *Plantes Grasses. Décrites par A. P. de Candolle*. Paris: A.J. Dugour et Durant, [1799-1837]. A obra, também conhecida por *Plantarum historia succulentarum*, foi publicada em diversos momentos, mas sempre incompleta. Uma versão pode ser vista na *Botanicus Library*, disponível em [www.botanicus.org/title/b12032670](http://www.botanicus.org/title/b12032670). (Acesso 17.09.2010).

Com citações de outros naturalistas como Mr. Paxton<sup>507</sup> e outras obras como de Mr. Baterman *Orchidaceae of Mexico and Guatemala* e o *Botanical Register*. A obra apresenta as espécies com nomes científicos baseados no sistema classificatório de Lineu e traz descrições morfológicas de flores, o que inclui forma, cores e tamanhos de sépalas, pétalas, pistílios, raízes, bulbos e outras estruturas como *labellum*, *collum*, *pollen-nasses*, *anthes*, *bracts* além de locais de crescimento como rochas e árvores e sua localização geográfica, busca também descrever o odor emitido pelas flores comparando-as com espécimes e perfumes conhecidos.

Uma orquídea brasileira descrita por Lindley é *Burlingtonia venusta* que ele publicou, com permissão, a partir de um manuscrito com desenho de Mons. J. Th. Descourtilz. Ele transcreveu uma descrição:

“[...] he roots are long, thread-like, white, contorred, surmounted by dry scale out of which spring of the pseudo-bulbus, wich are fusiform, much compressed, and each terminated by a lanecolate. [...] The flower-stem is radical taper, ereet ou reflexed, of a greenish violet [...] the flower grow in racentes [...] The sepal are with, lanecolate, tinged externally with reddish-lilae (violet-lilas). [...] The petals are broader , as with as snow, and parallel with column. [...] The column is taper [...] prolonged on each side of the stigma [...] The Anthen slopes backwards upon the end of the column is hemispherical , and divided internally into two cells by a perpendicular partition [...] This beautiful species is remarkable for the delicious odour which its flowers exhale of Jouquil or of some Water-lily. It grows among the topmost

---

<sup>507</sup> Paxton editou a revista ilustrada sobre Botânica. PAXTON, J. *The Magazine of Botany*. London: Published by W.S. ORR & Paternoster Row. MMDCCCXXXIX. Disponível no acervo de obras do Instituto de Biologia da Universidade de São Paulo.

branches of *Cedrela*, in the Districts of Morro-Queimado and Macahé, and near the city of Bom Jesus de Bananal, blossoming in October”.<sup>508</sup>

Lindley descreve também outra planta brasileira que ocorre em Macahé e Bananal: *Cyrtochilum stellatum*. Segundo ele, o *genus Cyrtochilum* foi originalmente proposto no *Nova Genera et Species Plantarum* de Humboldt e Bonpland.

### 5.1.1 - Freire Alemão e o desenho botânico

O material botânico coletado pela Comissão Científica de Exploração, assim como o Zoológico, foi recolhido no Museu Nacional do Rio de Janeiro. O herbário contava com quatorze mil amostras guardadas em caixas de vidros, representava dois anos de colheita no Ceará. Francisco Freire Alemão realizou, com admirável perfeição, desenhos botânicos, feitos a bico de pena, os quais podem ser apreciados nos folhetos impressos da Comissão Científica. Em carta a De Candolle, o botânico comunicava: “poucas plantas fanerógamas e de certo porte nos escaparam” e assim afirmava: “[...] se colheram ramos com flor e fruta, e se tiraram amostras de madeira; das mais importantes se fizeram desenhos e descrições”.<sup>509</sup>

---

<sup>508</sup> J. Lindley. *Sertum Orchidaceum*. p. 32.

<sup>509</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Carta de Freire Alemão a De Candolle*, Rio, 1862, BN Sec. Mss e Relatório [...] BN, Mss. I-3, 23,5. Citados por R. Braga, *op. cit.*, p. 92.



Fig.5.2 - Freire Alemão. Estudos botânicos e descrições de plantas brasileiras. Aquarela . Biblioteca Nacional.<sup>510</sup>

Médico de formação, em 1828, recebe a *Carta de Habilitação de Cirurgia e Medicina*<sup>511</sup> e, em 1831, o título de doutor em medicina pela Faculdade Paris<sup>512</sup>, sua Tese encontra-se na Biblioteca Nacional.<sup>513</sup>

Freire Alemão agregou uma considerável quantidade de títulos dentre eles o de membro titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>514</sup> do *Institut*

<sup>510</sup> Ilustração disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br) [Biblioteca Digital]. Acesso em 01/04/2011.

<sup>511</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Carta de habilitação de cirurgia e medicina passada em favor de Francisco Freire Alemão de Cisneiro pelo Barão de Inhomirim, diretor da Academia Médica-Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1828.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,30. (MS 548 (2)). Diz o documento: “O Barão, Médico Imperial da Camara, faz saber que Francisco Freire Alemão, tendo freqüentado o sexto anno do curso Medico-Cirúrgico, sendo examinado foi aprovado e por isso formado em cirurgia (em conformidade com a lei de 9 de setembro de 1826)”.

<sup>512</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma de doutor em Medicina pela faculdade de Paris, expedido pelo Conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão, Paris 30 de dezembro de 1831.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,32. (MS 548 (2)).

<sup>513</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Dissertation sur Le Goitre. [Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Medicina de Paris], 1831.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 6,1. (MS 548 (2)).

*Historique* em Paris<sup>515</sup> e de membro honorário da Academia Imperial de Belas Artes.<sup>516</sup> Freire Alemão era considerado membro da Academia Imperial de Belas Artes certamente não apenas devido sua proximidade à Porto-Alegre, por publicarem ambos na Revista Guanabara mas possivelmente devido seu interesse pela ilustração botânica. Ainda que Freire Alemão não participasse diretamente das aulas de pinturas de paisagens, flores e animais, o conhecimento botânico estava na Academia pela obra de Freire Velloso, *Flora Fluminensis* que fora relatada por F.-É.Taunay em seu catálogo sobre as obras existentes na AIBA.<sup>517</sup> A *Flora Fluminensis* foi solicitada para ser remetida da Biblioteca Pública da Corte à AIBA em 1835.<sup>518</sup>

É possível o contanto entre Freire Alemão com Debret que se manteve na cadeira de *Pintura Histórica* de 1816 a 1837 e possuía domínio do desenho de plantas e animais. Depois com Nicholas Antoine Taunay quando ele ocupou a cadeira de *Pintura de Paisagem Flores e Animais* de 1816 a 1821; posteriormente, entre 1824 e 1851, com Félix-Émile Taunay quando ele ocupou a cadeira.<sup>519</sup>

---

<sup>514</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma da sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1832.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,33. (MS 548 (2)).

<sup>515</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma de membro do Institut Historique expedido em nome de Francisco Freire Alemão, Paris, 25 de Julho de 1835.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,38. (MS 548 (2)).

<sup>516</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Título de membro honorário da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1855.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,69. (MS 548 (2)). Diz o documento: “Na sessão de quatro de junho de mil oitocentos e cinquenta e cinco foi aclamado a membro honorário Dr. Francisco Freire Alemão”. [É assinado por Manoel de Araújo de Porto-Alegre – Diretor].

<sup>517</sup> A. Galvão. *Catálogo da Biblioteca – Com indicações das obras Raras ou Valiosas*, Rio de Janeiro, Universidade do Brasil/ Escola Nacional de Belas Artes, 1957. No referido Catálogo consta a *Flora Fluminenses* editado por. Lith Senefelder – Paris, 1827.

<sup>518</sup> MUSEU D. JOÃO VI. “Aviso do ministro do Império ao diretor da Academia, participando a expedição de ordem, para que a Biblioteca Pública da Corte se remeta à Academia, uma coleção completa da *Flora Fluminensis* e um exemplar de qualquer obra relativa à Belas Artes, que lá exista. 28/04/1835.” (AMDJ-EBA. UFRJ).

<sup>519</sup> C. V. N. Fernandes, *Os caminhos da Arte: O ensino Artístico na Academia Imperial.* p.338.

Em 1873 ainda mantém uma vida ativa e é eleito sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.<sup>520</sup> Após ter prestado serviços ao imperador quando o mesmo sofrera de um ataque no dia 23 de março de 1840 é eleito médico do Imperador D. Pedro II <sup>521</sup> e no ano seguinte, em 1841, recebeu o título de sócio correspondente da *Accademia Delle Scienze em Nápoles*.<sup>522</sup>

Freire Alemão é um naturalista importante para a história da botânica e dos primórdios da ilustração científica no Brasil, seus desenhos aparecem em inúmeros documentos manuscritos na Biblioteca Nacional que constituem a *Coleção Freire Alemão*. Eles estão dispersos em volumes distintos como a *Flora Cearense*, o *Estudo de Orquídea* e no *Relatório da Seção Botânica* referente sua estada no Ceará.

A *Flora Cearense* ainda é um manuscrito que merece ser transcrito, comentado e publicado. A obra de Freire Alemão é extensa, por vezes, é exaustiva a leitura de tantos documentos manuscritos como mesmo afirmou Darcy Damasceno, quando esteve como diretor da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional empenhou-se em facilitar este trabalho para os futuros pesquisadores e arduamente transcreveu uma série de seus trabalhos que figurou no *Catálogo de No. 81, Os Manuscritos do Botânico Francisco Freire Alemão*.<sup>523</sup>

O *Catálogo* apresenta os documentos manuscritos de Freire Alemão relacionados à Comissão Científica de Exploração e são relevantes para compreensão das representações de paisagens e costumes realizadas por José dos Reis Carvalho. Em 2010 o Museu Cearense publicou o primeiro *Diário de*

---

<sup>520</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ofício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Francisco Freire Alemão comunicando-lhe que fora elevado a categoria de sócio honorário*. Rio de Janeiro, 1873. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,89. (MS 548 (2)).

<sup>521</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ato do Marquês de Itanhaem, nomeando Francisco Freire Alemão médico do Imperador, Palácio da Boa Vista, 28 de março de 1840*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,43. (MS 548 (2)).

<sup>522</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma da Accademia Delle Scienze da Società Reale Borbônica, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio correspondente*. Nápoles, 15 de setembro de 1841. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,47. (MS 548 (2)).

<sup>523</sup> D. Damasceno e Waldir Cunha. "Os manuscritos do botânico Freire Alemão. Catálogo e transcrição". In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 81, Rio de Janeiro, 1964. Disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br). [Biblioteca Digital].

*Viagem* de Freire Alemão, mas ainda está por ser a publicado a outra parte de seu diário além de seus *Estudos Botânicos* e sua *Flora Cearense*, sem dúvidas são obras de rara importância a História das Ciências Naturais no Brasil.

As ilustrações botânicas de Freire Alemão incluem, além das formas de folhas, sementes e frutos, principalmente de flores. Do conjunto de ilustrações de ilustrações da Comissão Científica de Exploração, os desenhos do botânico Freire Alemão são relevantes, pois eles inauguraram no Brasil uma tradição de ilustração científica ainda incipiente. Freire Alemão mantinha o cuidado de escrever sem suas anotações as cores das plantas por ele desenhadas em campo para que possivelmente fossem publicados os desenhos coloridos a partir de seus esboços, tal qual fizera na imagem de *Centrosema tricolor* como bem observou Lorelai Kury.<sup>524</sup>

Por seus discursos para A Sociedade Velloziana,<sup>525</sup> percebe-se, a princípio, que o interesse de Freire Alemão pelo desenho estava vinculado ao seu desejo de fundar no Brasil um periódico científico ilustrado que ele o denominara “Precursor”.

Enquanto ainda não existia tal periódico, suas publicações ilustradas, como o artigo “*Ophthalmoblaton macrophyllum*”,<sup>526</sup> figuravam na revista *Guanabara* e *Minerva Brasiliense*<sup>527</sup> onde publicava na companhia de Araújo Porto Alegre, além de publicar também na revista *Arquivo Médico Brasileiro*.<sup>528</sup>

---

<sup>524</sup> L. Kury. “Francisco Freire Alemão, Botânico e Viajante”. In: L. Kury (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. p. 200.

<sup>525</sup> A Sociedade Velloziana foi criada em 1850, estava ligada também ao IHGB, pois possuíam sócios em comum. Os estatutos foram autoria de Freire Alemão. *Estatutos da Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Guanabarensis de L.A. F. de Menezes, 1850. Veja M. Margaret Lopes. *O Brasil descobre a pesquisa Científica – Os museus e as ciências naturais no século XIX*. pp. 128 e 129. Veja também: R. C. J. Moraes. *Nos verdes campos da Ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire Alemão (1797-1874)*. Dissertação de Mestrado. Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2005.

<sup>526</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Ophthalmoblaton macrophyllum*. (N.v.: Santa Luzia). 28 de agosto de 1849. (In: *Guanabara*, t. p. 14, 1851 14, 1851) [Original Impresso, acompanhado de 1 gravura] Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 6,2. (MS 548 (2)).

<sup>527</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Vicertia acuminata* (n.v.: Guarajuba). 30 de outubro de 1844. (C.f. *Minerva Brasiliense* (t.3, 2ª. Série, F. 36). Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 6,2. (MS 548 (2)).

É interessante notar que Freire Alemão deixava suas impressões sobre a ciência no Brasil nos “Trabalhos da sociedade Velloziana”<sup>529</sup> publicados na *Guanabara*<sup>530</sup> e um desses trabalhos refere-se às regiões carboníferas do Crato/Ceará. Há textos referentes à leituras ocorridas na Sociedade Velloziana publicados na Revista Brasileira.<sup>531</sup> A Sociedade Velloziana, com aval do Imperador usava uma Sala do Museu Nacional. Em um desses discursos Freire Alemão demonstra seu interesse pela publicação de um periódico científico ilustrado:

“Corria o mês de setembro de 1848 quando escrevendo ao Dr. Martius lhe dizia:

[...] Ando aqui com desejos de reunir os poucos que se ocupam de sciencias naturaes para formar um núcleo ou começo de uma sociedade a qual tenho tenção de dar o título de Sociedade Velloziana, em obsequio ao auctor da Flora Fluminensis. O mais difícil da empresa é a publicação de um **periódico científico** que me parece um elemento indispensável a estabilidade dessa sociedade. Como deve ser **acompanhado de estampas** será muito dispendioso; e não podemos contar com assinantes de tal número que

---

<sup>528</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Poarchon fluminensis (n.v.: Maririço ou Baririço)*. 24 de novembro de 1846. (IN: Arquivo Médico Brasileiro, t. 4ª. p.25) Impresso. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 6,6. (MS 548 (2)).

<sup>529</sup> SOCIEDADE VELLOSIANA DO RIO DE JANEIRO. *Trabalhos da Sociedade Velloziana*. 1851. Disponível em [www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html](http://www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html). Extraídos do periódico *Guanabara*. Acesso em 10.10.11.

<sup>530</sup> A *Guanabara - revista mensal artística, científica e litteraria* foi pela primeira vez impressa em dezembro de 1849 e foi até novembro de 1855. Era editada no Rio de Janeiro pela Typ. Guanabarensis (Empresa Dous de Dezembro de Paula Brito), inclui suplementos da Biblioteca Guanabarensis. Foi dirigida por Joaquim Manoel de Macedo, Antonio Gonçalves Dias e Manuel de Araújo Porto Alegre. Interrompida durante 5 meses, reapareceu em junho de 1851. Em Junho de 1852 foi novamente interrompida, reaparecendo em 1854. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da BN*, 1965, v. 85, p. 65.

<sup>531</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Exercícios botânicos [...]*. 4 de julho de 1851. [Data da leitura na Sociedade Velloziana; a redação seria anterior, pois a mesma é de maio do mesmo ano. (in: Revista Brasileira). Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 6,15. (MS 548 (2)).

cubra as despesas. Este jornal ou periódico será chamado “PRECURSOR” como primeiro desse gênero que aparece no Brasil”.<sup>532</sup>

Tanto em Freire Alemão quanto em seu sobrinho Manoel Freire Alemão há uma evolução da técnica do desenho, o esforço para alcançar no plano bidimensional a impressão de profundidade pelos recursos da perspectiva e do claro escuro podem ser apreciadas na *Caderneta de notas sobre botânica*.<sup>533</sup> Este é um manuscrito de Manoel Freire Alemão no acervo da Biblioteca Nacional apresenta os textos acompanhados de esboços de folhas, desenhos de flores onde o botânico buscou o volume das formas através de estudo gradativo. Os primeiros esboços de flores são sem profundidade mas cresce com o uso do claro escuro, as formas vegetais evoluem em perspectiva, profundidade e claro escuro, inclusive com pontos de fuga que tendem ao infinito. Suas flores apresentam um rigor técnico a partir do desenho claro-escuro como um processo preparatório para entintação. A relação entre texto e imagem é também percebida de forma plástica quando ele realiza desenhos de folhas “mergulhando” entre as palavras. O estudo de perspectiva pode ser percebido quando Manuel Freire Alemão realiza desenhos simples em profundidade de campo com pequenas casas delimitadas por singelas linhas que avançam para fundo da composição, apresenta ainda vilas entre árvores como uma busca semelhante de Freire Alemão quando parece buscar em seus rascunhos de vilarejos paisagens com montanhas repletas de árvores que compõem os diversos planos da composição. O rigor por uma representação fiel das formas vegetais em Manoel Freire Alemão vêm de seu interesse maior pelas plantas medicinais.<sup>534</sup>

---

<sup>532</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana*. [Rio de Janeiro, s.d.] Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 9,80. (Os grifos em negrito foram acrescentados).

<sup>533</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Cisneiros, Manuel Freire de Alemão. *Caderneta de notas sobre botânica*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 10,20. (MS 548 (7)). Ver especificamente as páginas 45 e 46, na página 13 são apresentados os desenhos “mergulhando” no texto manuscrito.

<sup>534</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Cisneiros, Manuel Freire de Alemão. *Brevíssimas notícia de algumas plantas medicinais do Brasil mal conhecidas*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 10,24. (MS 548 (7)).

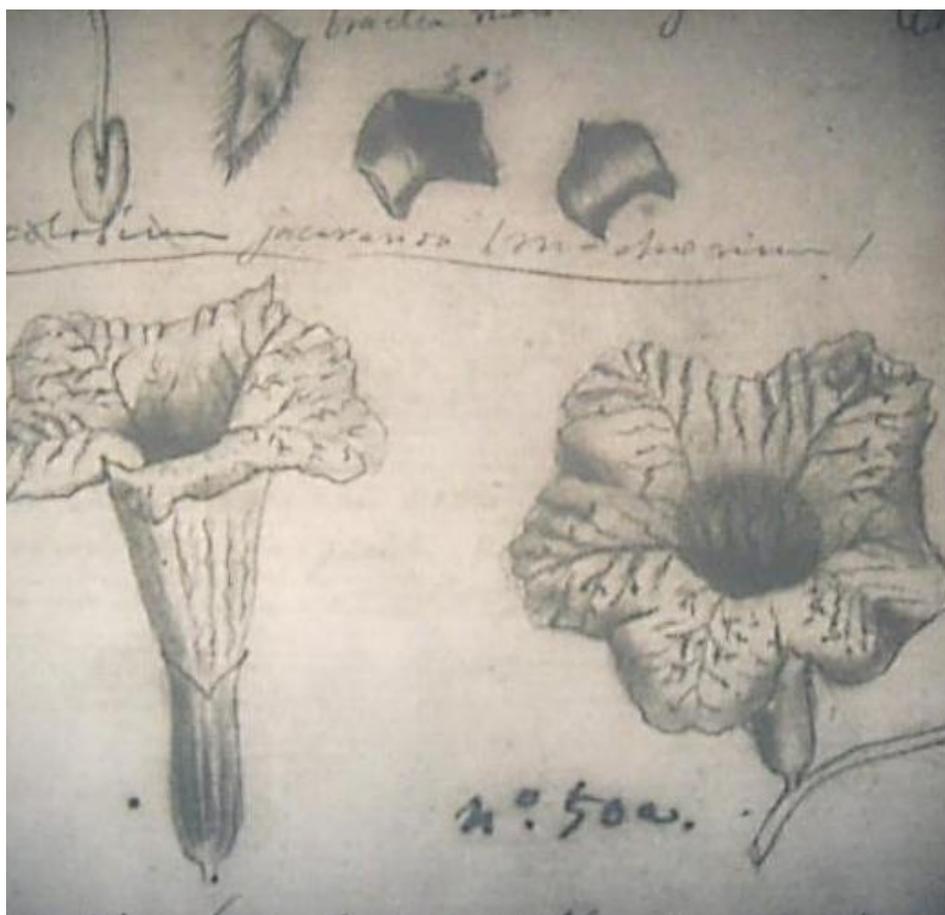


Fig. 5.3 - Cisneiros, Manuel Freire Alemão. *Caderneta de notas sobre botânica*. Ceará, 1859-61. Classificação Geral: Manuscritos: MS 548 (7). I-28,10,20. "Miscoladium s.p."

Em desenhos como Fazenda Santa Mônica<sup>535</sup> e a Fazenda Olaria<sup>536</sup> percebe-se o interesse de Freire Alemão pelo desenho, são manuscritos que apresentam desenhos de vilas, cidades e fazendas realizados após sua permanência na Comissão Científica de Exploração, demonstram o desejo constante do naturalista de apropriar-se da descrição visual como forma narrativa. O desenho da Fazenda Santa Mônica traz vistas de edificações em torno do pátio

<sup>535</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Desenho da fazenda Santa Mônica, da Marquês de Baependi, na Província do Rio de Janeiro, 14 de maio de 1862*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 9,76. (MS 548 (7)).

<sup>536</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Descrição de duas casas de fazenda, uma delas a olaria [Fazenda da Olaria], Março de 1862*. Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 9,75. (MS 548 (7)).

central, cercado de montanhas, rios, árvores e inclui planta baixa. A descrição textual da Fazenda Olaria é acompanhada por desenhos das construções.

Com o término dos trabalhos da expedição, já em 1866, Freire Alemão fora eleito Diretor do Museu Nacional<sup>537</sup> e também *Diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional* pelo Imperador D. Pedro II.<sup>538</sup>

Freire Alemão influenciaria outros botânicos para que os mesmos desenvolvessem ilustrações botânicas coloridas como João Barbosa Rodrigues<sup>539</sup> de acordo com sua afirmação abaixo:

“Tomei a vista o importante trabalho de João Barbosa Rodrigues que [...] sempre conseguiu representar um grande número de espécies nossas, representadas por desenhos coloridos.”<sup>540</sup>

Havia nele um interesse pela representação da cultura também expressa em desenhos de vestimentas, casas em fazendas e utensílios domésticos. Darcy Damasceno ressaltou o interesse de Freire Alemão pelo desenho urbano, a planta da cidade onde trata também das questões de saneamento, o calçamento das ruas, o paisagismo, a construção da estrada de ferro, a construção do novo

---

<sup>537</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1866.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,83. (MS 548 (2)).

<sup>538</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Nota do Imperador II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1866.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 5,82. (MS 548 (2)).

<sup>539</sup> Na Escola Central de Engenharia, onde era professor, Freire Alemão teria despertado o interesse pela botânica em João Barbosa Rodrigues, cujo álbum *Iconographie des Orchidées du Brésil* é composto por dezessete volumes ilustrados com cerca de mil estampas coloridas. O trabalho de Barbosa Rodrigues seria publicado, sob o título *Genera et espécies orchidearum novarum*, no ano de 1877, pela oficina tipográfica de Charles e Henri Fleuiss, proprietários do Imperial Instituto Artístico. Parte das ilustrações originais encontram-se no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, uma outra foi extraviada e encontra-se na Universidade de Havard. Gustavo Capanema teria levado um destes volumes aos Estados Unidos onde se extraviou. Outra obra ilustrada com belas aquarelas de João Barbosa Rodrigues é o *Sertum Palmarum Brasiliensium* que só seria publicado em 1903 em Bruxelas. Veja R. L. Julianele. *João Barbosa Rodrigues: O caráter de visualidade da ilustração botânica no Brasil*, pp. 60-69.

<sup>540</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Notas sobre a obra de João Barbosa Rodrigues que trata das orquídeas. Julho de 1870.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28, 9,79. (MS 548 (7)).

matadouro, a captação das águas pluviais, etc. Segundo Damasceno “a história da urbanização da cidade do Rio de Janeiro é a história da luta contra o pântano. Topografia singular, a da cidade: braços de mar penetrando por um lado, cadeias de montanhas limitando-a por outros, e nesse espaço interior, morros, lagoas, charcos e areais”.<sup>541</sup> A preocupação de Freire Alemão com a insalubridade da cidade era constante. Passa a estudar o solo, em documento datado de 17 de setembro de 1853 afirma:

“As águas diluviais deste ano, não só fizeram grandes estragos na superfície do terreno; porém de tal sorte embeberam o solo, que grande número de casas se abateram um pouco, e perderam o seu equilíbrio; algumas mesmo se desmoronaram. Este último efeito não me parece dever ser atribuído à infiltração do pavimento da cidade, pela maior parte calçado e aterrado; mas sim a grande massa d’água, que nos arredores da cidade ganhava o assento de areia, sobre que está fundada a cidade. Isso, porém não passa de conjectura minha”.<sup>542</sup>

A quebra da resistência do solo era consequência não da infiltração das ruas calçadas e sim da pressão de um lençol resultante da absorção das águas pelo chão arenoso dos arredores ainda descampados. Freire Alemão refere-se ainda à arborização do cais onde sugere a aclimatação do castanheiro-da-índia e à plantação de quintais com laranjeiras, mangueiras, cajueiros, plantas de folhas coriáceas, verde escuro, aromáticas em substituição às bananeiras, cafeeiros, mamoeiros que, segundo ele, favoreciam a aparição de mosquitos. Para Damasceno a concepção de Freire Alemão situadas nos anos 40 e 50 provinha

---

<sup>541</sup> D. Damasceno. “Freire Alemão: o botânico e a planta da cidade”. In: Anais da II Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), São Paulo, 1993. pp. 107-111.

<sup>542</sup> FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Notas várias sobre urbanismo e arquitetura referentes à cidade do Rio de Janeiro, 1846-53. I – Demolição do Morro do Castelo e plano de um bairro modelo. II – Plano do Passeio Público, III- Desenhos (2) de fachadas de casas antigas, IV – Planos (2) do primitivo ajardinamento do Largo da Aclamação, V – Apontamentos sobre o solo.* Classificação Geral: . Manuscritos:. I-28, 9,50, nos. 1-5. *Apud* D. Damasceno. *Op. cit.*, 1993.

das campanhas de melhoramentos com objetivos variados ligados à urbanização de áreas próximas ou afastadas do centro, iluminação de ruas, abastecimento de água a domicílio, transportes além da gradativa implantação de pequenas indústrias inclusos nos projetos do engenheiro José Guasque, da Companhia Industrial e Comercial Fluminense e ainda do espírito renovador de Grandjean de Montigny.<sup>543</sup> Daí decorre o interesse de Freire Alemão pelos aspectos urbanísticos e pelos desenhos que ele produziu no Ceará.

Os desenhos de Freire Alemão aqui apresentados, ainda que em baixa qualidade resolutiva por questões de luminosidade, tempo de exposição da imagem durante a reprodução, demonstram que ele desejava inaugurar uma tradição da ilustração científica no Brasil e mantinha contato com os artistas da AIBA como Porto-Alegre e o próprio Reis Carvalho o que justifica sua participação na Academia como membro honorário. Este possivelmente influenciava uma geração de artistas ilustradores como o próprio Agostinho da Motta já em meados de 1872 quando fora professor da cadeira de Pintura de Paisagem. Não há clareza de como eram as aulas de pintura de flores e animais e se havia participação de botânicos, zoólogos e geólogos nelas, no entanto, esta proximidade entre naturalistas e artistas existia de modo que uma relação entre arte e ciência era tão próxima no século XIX quanto ainda é possível perceber tal qual Humboldt que foi pintado por Hidelbrandt.

Sem dúvida o olhar do naturalista foi aperfeiçoado pela meticulosidade do olhar do artista, como notou Humboldt. Os naturalistas que buscavam certos detalhes anatômicos de plantas e animais, geológicos, etnográficos e arqueológicos dos fósseis parecia não duvidar da relação arte e ciência. Esta proximidade não causava estranhamento em publicações que conjugavam arte, ciência e literatura como a fora a própria *Revista Guanabara* concebida por Gonçalves Dias, Manoel de Araújo Porto-Alegre e Joaquim Manoel de Macedo.

Assim já na *Revista Guanabara* onde Freire Alemão apresentava suas ilustrações é perceptível a proximidade nas relações entre o naturalista e os

---

<sup>543</sup> D. Damasceno. *Op. cit.*, 1993.

pintores da Academia de Belas Artes como Manoel Araújo Porto Alegre, ambos editores da revista. Do mesmo modo, José dos Reis Carvalho esteve próximo de Freire Alemão com quem se manteve em companhia durante as andanças da Comissão pelo sertão, descritas nos *Diários de Freire Alemão*.

Durante os trabalhos da Comissão tanto a aquisição quanto a produção de obras ilustradas custavam caros e demandavam grandes quantias. Mesmo assim, a Comissão Científica adquiriu considerável quantidade de livros ilustrados com figuras de animais, plantas, paisagens. Como o primeiro volume do *Philosophical Transactions*, da Royal Society, cujas pranchas para impressão eram consideradas de elevado valor e os autores deviam economizar no número de ilustrações a serem usadas.<sup>544</sup> Assim, com o fim dos trabalhos, a Comissão Científica teve dificuldades em publicar e divulgar o material produzido. Apenas uma pequena parte dos desenhos botânicos, de aves e de artefatos indígenas foram litografados pelo Imperial Instituto Artístico.

Mas muitas eram as dificuldades para se criar livros, papéis ou periódicos ilustrados coloridos naquele período. As impressões ilustradas eram tradicionalmente caras, além disso, ainda não havia no Brasil um mercado de consumidores ricos, e a dependência entre o desenhista e o gravador bem como a tutela do estado sobre as oficina de gravação aumentavam a morosidade para produção de trabalhos ilustrados. Foi com Frei José Velloso que, em 1809, surgiam as primeiras notícias sobre a oficina de gravura da Imprensa Régia do Rio de Janeiro com o aviso de 30 de janeiro da chegada de Frei José Velloso, Romão Eloi Casado e Paulo dos Santos Ferreira que vieram de Lisboa, eram os primeiros gravadores oficiais do Brasil.<sup>545</sup>

Naquele momento, já estavam superadas as técnicas rudimentares pouco refinadas e grosseiras utilizadas em trabalhos científicos sobre o Brasil anteriores ao século XVIII já com a comitiva de Nassau que elaborou o *Historia Naturalis*

---

<sup>544</sup> David Knight. "Discourse in Pictures". In: *The Age of science: The Scientific World-view in the Nineteenth Century*. p. 109.

<sup>545</sup> R. Santos. *A Imagem Gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853*. p. 31.

*Brasiliae* (1ª. Ed. 1648). A xilogravura já fora aperfeiçoada com o uso do buril em madeira, utilizada por Thomas Bewick em seu *History of British Birds* de 1797-1804. Depois, o uso de buril em cobre e água-forte foi a técnica que permitiu grande precisão para as linhas do desenho feito levemente sobre a cera, o buril descobria a parte da chapa de cobre que seria atacada pela água forte formando o sulcos onde a tinta do desenho ficaria até ser “sugada” pelo papel que era colocada sobre ela.

A necessidade de um gravador elevava o custo, uma vez que o pintor raramente dominava a técnica de gravação além da falta de liberdade por estar a gravura atrelada ao Estado. No Brasil, a técnica que traria mais independência ao desenhista, a litografia, em 1825, chegava com o litógrafo suíço Johan Jacob Steinmann que implantou a oficina litográfica no Arquivo Militar a qual ainda atrelava a gravura ao Estado. A litografia, inventada pelo alemão Alois Senefelder, permitia a reprodução do desenho aplicado por lápis gorduroso diretamente sobre a pedra matriz, sem a presença do gravador, permitiu-se com maior rapidez a difusão de imagens para um número maior de pessoas.<sup>546</sup>

Mesmo assim, ainda em 1877, João Barbosa Rodrigues, botânico ilustrador que sofrera influência de Freire Alemão, encontrava dificuldades para publicar seu trabalho ilustrado *Iconographie des orchidées*. Indicado em 1871 pelo Barão de Capanema para a missão do governo Imperial de estudar a vale do rio Amazonas, seguiu para o norte do país em 16 de janeiro de 1872. Lá demorou por 3 anos e seis meses, visitando indígenas e estudando a flora da região. O álbum *Iconographie des Orchidées du Brésil* resultou em dezessete volumes ilustrados por cerca de mil estampas coloridas, elaboradas a partir das orquídeas que o naturalista descreveu e pintou em suas primeiras viagens. Parte das ilustrações encontram-se no Jd. Botânico do Rio de Janeiro, outra foi extraviada e encontra-se na Universidade de Havard, Gustavo Capanema teria levado um destes volumes aos Estados Unidos onde se extraviou. O Imperial Instituto Artístico foi criado em 1863 por Heinrich Fleiuss e Carl Linde, com a finalidade de produzir trabalhos gráficos e o ensino da xilogravura de topo, constituindo uma novidade

---

<sup>546</sup> R. Santos, *A Imagem Gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853*. p. 49.

das revistas *Semana Ilustrada* e *Almanak* em 1864 . Foi Heinrich Fleiuss quem propôs a Barbosa Rodrigues a impressão da sua *Iconographie des Orchidées*, pelo Instituto Imperial Artístico, mesmo antes de sua edição ter sido negada pelo Senado Brasileiro. O trabalho foi editado por Fleiuss, sob o título *Genera et Species Orchidearum Novarum*, em preto e branco e sem as ilustrações , para desgosto do seu autor, em 1877.<sup>547</sup>

Diantes da dificuldade de produzir obras ilustradas no Brasil, Freire Alemão mantinha seu interesse pela ilustração da paisagem como um sistema interligado nos moldes do pensamento de Humboldt. . A representação do mangue e por esboços de vilas,<sup>548</sup> estes ligados ao seu interesse pelo saneamento básico das cidades e também como uma maneira de praticar as técnicas do desenho perspectivo.

## 5.2 – Manoel Lagos e as litografias Zoológicas

Manoel Lagos, também secretário no IHGB,<sup>549</sup> foi designado como chefe da *Seção Zoológica* que deveria averiguar o habitat e a abundância das espécies e procurar o lugar que lhes cabiam no sistema geral de Cuvier. Devia estudar o proveito que os viventes podiam trazer às artes, medicina e economia.<sup>550</sup> Recomendava-se a realização de pesquisas sobre a produção de seda, mel e cera de abelha.<sup>551</sup>

---

<sup>547</sup> Regina Lemgruber Julianele. *João Barbosa Rodrigues: O caráter de visualidade da ilustração botânica no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Escola de Belas Artes, 1997. p. 38.

<sup>548</sup> FREIRE ALEMÃO, F. *Diário de Vigem de Francisco Freire Alemão/ Fortaleza- Crato, 1859*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

<sup>549</sup> IHGB. "Lista dos membros do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo I, 1839. p. 285.

<sup>550</sup> G. S. de Capanema, "Relatório do Sr. Dr. Capanema lido na Sessão do IHGB, de 4-12-1857" *apud* R. Braga. *op. cit.*, p. 182.

<sup>551</sup> Comissão Científica de Exploração, "Instruções para a Comissão Científica de Exploração encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil" *in*: R. Braga, *op. Cit*, p. 334.

Coletou-se cerca de dezessete mil exemplares, com doze mil insetos, no Cariri, nas Serras do Araripe e na Ibiapaba; mais de oitenta répteis como cobras venenosas, diversos barris com peixes fluviais e marítimos, embora muitos morreram no caminho pelo sertão ou pelo mar. A Ornitologia colheu quatro mil pássaros e serviram para as litografias do Imperial Instituto Artístico.<sup>552</sup>

### 5.2.1 - Manoel Lagos e as litografias ornitológicas

Antes das seis horas da tarde do dia 20 de agosto de 1859, ao descer o rio Choró, A Comissão chegara num vale onde havia uma campina com moitas de carnaúbas e de cactos. Era um lindo panorama descrito por Freire Alemão: a ribanceira do lado oposto era abrupta, subiram e diante deles apresentou-se uma floresta de carnaúbas, o sol ia entrando e uma infinidade de anuns pretos e brancos e de bandos de uns pássaros pardos, de peitos-vermelhos enchiam os ares com seus cantos e foram vistos por Manoel Lagos, o zoólogo.<sup>553</sup>

As gravuras dos pássaros da Comissão Científica de Exploração (Figs. 181 a 194, Anexo II) foram, provavelmente, realizadas a partir das espécies colhidas e taxidermizadas no Museu Nacional. Há uma dificuldade em mostrar estes animais em movimento em seus habitats embora os ilustradores tenham demandado grandes esforços para mostrar estas criaturas como se estivessem vivas.

Segundo David Knight, Audubon fora um dos primeiros a representar pássaros da América a partir de espécies mortas no século XIX, pintou-as contra um plano realístico em plausíveis planos de ação. Só com o aparecimento dos binóculos é que diminuíram as montanhas de cadáveres armazenados nos laboratórios desde o século XVIII. Fazia com muitas dificuldades, pois muitos animais tinham hábitos noturnos ou viviam camuflados. Mesmo assim, muitos espécimes eram adquiridos das populações locais e o preço das ilustrações

---

<sup>552</sup> R. Braga, *op. cit.*, p. 93.

<sup>553</sup> F.F. Alemão. *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato*, 1859. pp. 54-56. (Grifos adicionados).

zoológicas oscilava entre as execuções feitas a partir de modelos mortos nos Museus ou vivos nos campos ou zoológicos onde se realizavam cuidadosas observações.

Muitas vezes a linguagem visual era utilizada para cruzar informações teóricas, ainda que estas ficassem obsoletas persistia o interesse dos historiadores em interpretar as ilustrações gravadas e captar a correta localização de penas e plumas além de usufruírem de prazer estético. As pranchas ecológicas continham informações sobre presas pintadas com seus predadores além de esboços de seus habitats como planos de fundo. Tendo esboços dos locais onde viviam os pássaros os artistas podiam mostrar um animal numa planta da qual se alimentava, ou podia representar várias espécies encontradas numa lagoa, rocha ou estepe.

Assim, enquanto Darwin trabalhava no seu *Origin of Species*, seu grande oponente nos U.S.A., Louis Agassiz, estava usando ilustrações para mostrar como várias famílias de peixes floresciam ou declinavam nas eras geológicas. Seu belo volume de 1857, *Contributions to the Natural History of the United States, I and II*, incluía uma prancha de tartarugas para mostrar as diferentes variações numa espécie, o que para Darwin justificava sua teoria sobre a seleção natural e surgimento de novas espécies mais adaptadas às variações ambientais. Ilustrações também foram utilizadas por Richard Owen, adversário de Darwin na Inglaterra, para mostrar o florescimento de novos grupos naturais.

Ainda assim, Darwin demonstrava a importância da relação formal entre a flor e o inseto que a polinizava no seu *Fertilisation of Orchids* (1862), ali ele arguia que as extraordinárias formas das orquídeas eram o resultado da evolução em conjunção com tipo específico de inseto fertilizador. No passado, carregando a sina de uma ciência estática, as figuras de espécimes próximas eram postas numa mesma prancha e possuíam maior longevidade, de modo que figuras de chimpanzés do livro de Edward Tyson's *Orang-Outang* de 1699 fora usada como um padrão na versão inglesa do livro de Cuvier *Animal Kingdom* (1827-35) e seções de diferentes xilos do livro de Nehemiah Grew o *Anatomy of Plants* (1682) foram reproduzidas no livro de Davy, *Agricultural Chemistry* (1813). Se houvesse

pequenas modificações teóricas, ou se existisse trabalhos de arte com suas próprias correções – e se especialmente fosse decorativo – então ilustrações podiam ter uma vida útil muito mais longa que o texto ao qual acompanhavam.

Foi graças à imaginação da ilustração que surgiram figuras de animais extintos, Cuvier reconstruiu mamíferos extintos. A partir de analogias com animais vivos ou mitológicos, como os dragões com terríveis olhos e mandíbulas, montavam-se seres pré-históricos para exposições como no Museu para a Grande Exibição de 1851 e John Martin, especialista em óleo mostrando a destruição de Sodoma e Gomorra e cenas apocalípticas, ilustrou o *Mantell's Wonders of Geology* (1838) com ilustrações de dinossauros.<sup>554</sup>

Assim como José dos Reis Carvalho seguiu o padrão de representação de borboletas (Fig. 135. *Borboletas, MDJ*), o Imperial Instituto seguiu como modelo o estilo da obra de L. I. Duperrey, *Voyage autour du monde. Histoire Naturelle. Zoologie. Atlas*.<sup>555</sup>

---

<sup>554</sup> D. Knight. "Discourse in Pictures". pp.110-6. Veja: B. S. Baigrie (org.) *Picture Knowledge – Historical and Philosophical Problems Concerning the Use of Art in Science*. University of Toronto Press 1996. Toronto, Buffalo, London, 1996..

<sup>555</sup> DUPERREY, Louis Isidore. (1786-1865). *Voyage autour du monde execute par ordre du Roi, sur la Corvette de sa majeste, la Coquille, pendant les annees 1822, 1823, 1824 et 1825. Histoire Naturelle. Zoologie*. Paris: A. Bertrand, 1826-1830. 5 v. em 3 + 4 Atlas.



Fig. 5.4 - Cassican de Keraudren.

Fonte: Duperrey, L. I. *Voyage autour du monde. Histoire Naturelle. Zoologie. Atlas*

Além das litografias existentes no Museu Nacional, Magali Romero de Sá apresentou a classificação biológica das litografias presentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.<sup>556</sup>

---

<sup>556</sup>Classificação biológica apresentada por Magali Romero Sá. “A Zoologia da comissão Científica de Exploração”. In: L. Kury. *Comissão Científica do Império: 1859-1861*. pp. 169-179. As imagens originais, 42 *Litografias de Pássaros do Brasil*, pertencem ao acervo da Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, e estão disponíveis em [www.bn.br](http://www.bn.br). Acesso em 15/04/2011. [Biblioteca Digital, Entrada: “Comissão Científica de Exploração”].



## Considerações Finais

Quando Manet passou pelo Rio de Janeiro nos meses de fevereiro e março de 1849, os aspectos antropológicos da vida urbana o impressionaram mais do que a própria beleza da natureza brasileira. Interessou-se pelo homem em sua diversidade, suas ações e interações, suas habilidades, seu agir, modos de se alimentar, de viajar e de se distrair, como observou Jorge Coli.<sup>557</sup>

De modo semelhante, as ilustrações que José dos Reis Carvalho realizou, seguindo os propósitos ditados pelas *Instruções da Comissão Científica*, buscaram documentar aspectos da cultura e da paisagem da província do Ceará e atuou como um “artista viajante”, mas não apenas sedento por natureza exótica, ou, digamos, pelo “pitoresco” ou “sublime”,<sup>558</sup> mas por paisagens constituídas pela cultura cearense.

Em Gonzaga-Duque “o caráter essencial do objeto” era visto não apenas por uma cópia de formas e cores, mas por conferir aos objetos artísticos o sentimento e a cultura humana existentes na natureza representada. Muito provavelmente, além da notável habilidade em criar naturezas mortas, foi por isso que para ele Reis Carvalho “[...] tornou-se notável pela fidelidade com que procurou sempre copiar a natureza.”<sup>559</sup>

Como se sabe, a relevância da arte visual para a nação brasileira não passou despercebida para crítica de Gonzaga-Duque. Em suas obras *Arte Brasileira e Mocidade Morta*, baseado em Hyppolyte Taine e Eugéne Veron, percebeu que ao artista caberia captar o caráter essencial do objeto representado

---

<sup>557</sup> C.f. Jorge Coli. “Les artistes voyageurs et l’art brésilien”. In: MUSÉE DE LA VIE ROMANTIQUE – *La Collection Brésiliana – Les peintres voyageurs romantiques au Brésil (1820-1870)*. Organisation Daniel Marchesseau & Catherine de Bourgoing. Paris, 2005. pp. 10-12.

<sup>558</sup> Sobre o “sublime” e o “pitoresco”, veja: C.V. Mattos. “Artistas Viajantes na fronteira da História da Arte”. In: *Anais do II Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP*. 2007. pp. 409-417. Veja, citado pela autora, William Gilpin, *Three Essays: on pitoresque beauty, on pitoresque travel, and on sketching landscape*. London, 1794.

<sup>559</sup> L. Gonzaga Duque Estrada. *A arte brasileira/Luiz Gonzaga Duque Estrada*. p. 109.

permeado pelas questões raciais, históricas e sociais do país. E por isso, em *A Arte Brasileira*, queixava-se dos artistas por não tomarem temas locais, da história, da literatura ou da realidade típica, como observou Tadeu Chiarelli.<sup>560</sup>

Reis Carvalho motivou-se a trazer para suas aquarelas uma subjetividade própria, de artista capaz de transpor a realidade vista para um modelo ideal de significação que faz compreender o homem em seu meio natural. Como afirmou Luigi Gallo, nos seus estudos sobre a teoria da paisagem em Pierre-Valenciennes, “apropriando-se de uma perspectiva sentimental o artista faz emergir o significado cultural das paisagens percebidas no universo visível, faz uma recomposição imaginária da paisagem e apresenta-a aos olhos do expectador sensibilizando-o”.

561

Foi assim que o olhar de Reis Carvalho esteve direcionado ao lugar estabelecido em consonância com a realidade experimentada pelos demais membros da Comissão Científica e é daí que emergiu a verdade de suas aquarelas. Elas permitem ao observador perceber fragmentos do embate travado entre o sertanejo e natureza local que se esforça para dela retirar os víveres de sua existência, além de construir um cenário para suas criações culturais expressas em suas ações de convívio social.

As imagens de José dos Reis Carvalho são em parte fruto de sua formação acadêmica com Debret, mas quando determinava o caráter da população brasileira em suas aquarelas, enquanto trabalhava no Ceará, estava fora de propósito uma arte baseada na imitação dos antigos mestres da escola neoclássica. Não teria José dos Reis Carvalho composto suas aquarelas para Comissão científica se não fosse sincero às suas próprias ideias, sentimentos e emoções, daí a originalidade de *Casal em Viagem* (Fig. 20, Anexo II) e *Cassimbas*

---

<sup>560</sup> T. Chiarelli, “Gonzaga-Duque: A moldura e o quadro da arte brasileira”. In: *A arte Brasileira/Luiz Gonzaga Duque Estrada*. pp. 23-24, 34-38, 40-44.

<sup>561</sup> L. Gallo *Pierre-Henri de Valenciennes (1750-1819): le paysage dans la théorie artistique et la peinture française de la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Thèse en Histoire de l’Art. Université de Paris I – Panthéon – Sorbone. 2002. Pg. 337.

do Rio Acaracu (Fig. 23, Anexo II) num contexto histórico determinado a buscar uma arte nacional e original. Este desejo expressa também Gonzaga-Duque em *Contemporâneos*, esperava por uma arte genuinamente brasileira onde surgisse a natureza admirável e a “alma popular feita da nostalgia do índio, da infalibilidade do africano e do lirismo português”.<sup>562</sup>

O *modus operandi* específico da Comissão Científica de Exploração em registrar as transformações da natureza, a vida das vaquejadas, os sambas, as atividades de caça, pesca e festivas, incluindo-se os artefatos dos indígenas que Gonçalves Dias reuniu, transferem para as imagens que a expedição produziu um significativo valor histórico e artístico estruturantes da tão almejada “identidade nacional”.

Mesmo assim, em consonância com o pensamento de seu tempo, a Comissão Científica, ao aceitar a ideia de degeneração das tribos tupis no clima tropical, na antropofagia e na miscigenação com raças mais primitivas, dificultou um pacto social que fosse capaz de incluir o índio respeitando-se suas especificidades culturais. Na verdade estimulava o extermínio de populações indígenas julgando necessário impedir que aquelas tribos que fossem “bárbaras e selvagens” impedissem os rumos do desenvolvimento e do progresso com suas estradas cortando as matas virgens, lugar de sobreviver para os povos que nelas habitavam.<sup>563</sup>

Ainda assim, em Gonçalves Dias permeava o desejo de traçar os principais traços da identidade do brasileiro. Na preservação e no resgate das características historicamente construídas pela cultura, viu o poeta o caminho para um projeto de civilização que não poderia desconsiderar o desenvolvimento estético e tecnológico das diferentes raças indígenas brasileiras. Seu desejo era de reconhecer os principais traços da identidade nacional e criar um registro

---

<sup>562</sup> Gondzaga-Duque. L, *Contemporâneos*. pp. 254-5 *apud* T. Chiarelli, “Gonzaga-Duque: A moldura e o quadro da arte brasileira”, *In: A arte Brasileira/Luiz Gonzaga Duque Estrada*, p. 49.

<sup>563</sup> L. M. FERREIRA. “Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. p. 282..

documental para sedimentar a imagem dos povos na memória do brasileiro. Esta imagem possuía suas raízes existenciais imersas na língua falada e nos objetos feitos por suas mãos mediadas pelo saber dos mais velhos. Eram elas que portavam todo o conhecimento criado e salvo por suas memórias.

A língua transformada em símbolo gráfico, o sentimento de um povo transformado em poesia, a harmonia estética das cores e das formas dos objetos materiais transformados em litografias eram os traços nos quais Gonçalves Dias via uma cultura fragilizada. Isso porque, estava sujeita a um fluxo inverso de valores que sinalizavam para o desaparecimento de um povo. Percebia que só através de uma etnografia documentada por registros iconográficos e narrativos é que a história do país poderia ser remontada e preservada.

Já Francisco Freire Alemão, Manoel Freire Alemão e Manoel Ferreira Lagos viam na imagem criada um dos principais meios de levar a natureza tomada como modelo às mentes dos brasileiros. Sabiam que apenas pela ilustração mediada pelo desenho, pelo claro e escuro, pela perspectiva é que poderiam divulgar os principais traços existentes nas mais belas formas da natureza aos interessados pela botânica e pela zoologia.

Assim, as ilustrações da Comissão Científica e mesmo os objetos recolhidos por Gonçalves Dias são percebidos como parte do patrimônio cultural fundamental para compreensão do perfil iconográfico no governo de D. Pedro II. Como propôs o Prof. Luciano Migliaccio: “o caminho para a construção da paisagem nacional tinha de passar forçosamente pelo diálogo com a ilustração científica”.<sup>564</sup> Não bastava a criação do relato textual, a imagem era ferramenta imprescindível para descrever e classificar aquilo que a letra grafada não podia exprimir. De modo que, da ilustração artística e do conhecimento científico emergiria um conhecimento que era fruto da convergência destes dois grandes campos da cultura humana. Mais do que se completarem ou se complementarem, juntos construiriam uma bela retórica que busca elucidar os recônditos mistérios da natureza e da cultura brasileira.

---

<sup>564</sup>L. Migliaccio. *Mostra do Redescobrimento: arte no século XIX*. pp. 84-86.

## 6 – Bibliografia

### 6.1 - Fontes Primárias Impressas

AMAZONAS. *Documentos a que se refere o relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1862. O Exmo. Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha. Presidente da mesma Província.* Manaus, Typographia de Francisco José da Silva Ramos. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro.* Introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 29-131.

ALBERTI, L. B. *Da pintura*, Trad. Antonio Silveira Mendonça, Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

ARAÚJO PORTO ALEGRE, Manuel. “Crítica a um programa de ensino. 26 de novembro de 1855”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, No. 14, 1959.*

ARAÚJO PORTO-ALEGRE, M. “Exposição de 1843”. In: *Minerva Brasiliense, 1º de Janeiro de 1844*, vol. 1, No. 5, p. 151.

ARAÚJO PORTO-ALEGRE, Manuel. “Crítica a um programa de ensino. 26 de novembro de 1855”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, No. 14, 1959.*

ARAÚJO PORTO-ALEGRE, Manuel. “Seção Etnográfica e Narrativa de Viagem”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XIX, 1º. Trimestre de 1856.* Suplemento. pp. 68-74.

BANIER, Antoine & LE MASCRER, Jean-Baptiste. *Histoire générale des cérémonies, moeurs, et coutumes religieuses de tous les peuples du monde.* Chez Rollin fils, quay des Augustins, à Saint Athanase, et au Palmier. MDCCXXXI. 1741.

BRASIL, T. P. S. *Ensaio Estatístico da Província do Ceara, Tomo I, 1ª. ed. 1863;* Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

BRASIL, T. P. S. MEMÓRIA - *Sobre a Conservação das Matas, e Arboricultura como meio de melhorar o Clima da Província do Ceará,* Typographia Brasileira,

Fortaleza, 1859, reimpressão fac-similar, Fortaleza, Fundação Waldemar Câmara, s/d.

CAPANEMA, G.S. & GABAGLIA, G. Raja. *Estudos sobre Seca*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, Museu do Ceará, 2006.

CAPANEMA, G.S. “Relatório do Sr. Dr. Capanema”. In: *RIHGB*, Tomo XX, 1857, pp. 63-7.

CUNHA, Euclides Da. *Os Sertões*. São Paulo. Ed. Três. 1973.

CUNHA BARBOSA, J. da. “SE a introdução dos escravos Africanos no Brasil embarça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros”, in: *RIHGB*, Tomo I, 1839. pp. 123-129.

DA VINCI, L. *Traité du paysage*. Trad. Péladan. Paris, Libraire Dela grave, 1927.

DEBRET, J. B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, EDUSP, 1972.

DEBRET, Jean Baptiste (1768-1848). *Caderno de Viagem*. Texto e organização de Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, trad. E notas Sérgio Milliet, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.

DEBRET. J. B. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*. Tome Premier. Paris. Firmin Didot Frères, Imprimeurs de L'Institut de France, 1834. Disponível em [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br). Acesso 01.11.2011.

DOM PEDRO II, Imperador do Brasil, 1825-1891. *Viagens pelo Brasil – Bahia, Sergipe e Alagoas – 1859*. Prefácio e Notas de Lourenço Luiz Lacombe. 2ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras e Expressões, 2003.

DUPERREY, Louis Isidore. (1786-1865). *Voyage autour du monde execute par ordre du Roi, sur la Corvette de sa majeste, la Coquille, pendant les annees 1822, 1823, 1824 et 1825. Histoire Naturelle. Zoologie*. Paris: A. Bertrand, 1826-1830. 5 v. em 3 + 4 Atlas.

ENGELMANN, G. & BERGER, G. *Porte-feuille géographique et ethnographique contenant: des planches pour la géographie mathématique; des dessins représentant les principales curiosités de la nature, ainsi que les costumes, moeurs et usages des peuples*. Paris, Chez G., 1820.

FEIJÓ, João da Silva. “Memória escrita sobre a Capitania do Ceará (Patriota, 1814)”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1889.

FREIRE ALEMÃO, F. “Relatórios dos Membros da Comissão Lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, in: R. Braga, *op. cit.*, p. 260.

FREIRE ALEMÃO, F. “Relatórios dos Membros da Comissão Lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, *RIHGB*, 24, Suplemento (1861): 752, 759, 764 e 765. In: R. Braga, *História da Comissão Científica de Exploração*, Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 260.

FREIRE ALEMÃO, F. *Diário de Vigem de Francisco Freire Alemão/ Fortaleza-Crato, 1859*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

FREIRE ALEMÃO, F “Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão”. In: DAMASCENO, D. & CUNHA, W. *Os manuscritos do Botânico Freire Alemão*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional/Divisão de Publicação, 1964.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. “Carta de Capanema para Gonçalves dias”. Londres, 4 de dezembro de 1856. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 91, 1971. Correspondência Passiva de Antônio Gonçalves Dias. Divisão de Publicação e Divulgação. 1972, p. 88. Disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br). Acesso 12.01.2012.

GALERIE MOSTESQUIEU. *La Géographie en Estampes ou Moeurs et Costumes des différens peuples de la terre. Chez Lecerf, graveur, place Saint-André, des Arcs, No. 11, et à libraire d'éducation de P.re Blanchard, Galerie Mostesquieu, no. 1, au prem.r, Paris. 1815.*

GONÇALVES DIAS, A. “Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas” . In: *RIHGB*, Tomo XVII, 1854, p. 553-577. Disponível em <http://www.ihgb.org.br>. Acesso 05.01.12.

GONÇALVES DIAS, A. “Amazonas. Memoria escrita em desenvolvimento do programa dado por S. M. I. ao socio effectivo o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias”. In: *RIHGB*, Tomo XVIII, 1855, pp. 5-71. Disponível em <http://www.ihgb.org.br>. Acesso 05.01.12.

GONÇALVES DIAS, A. “Etnografia”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia – Relatório e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro, 2002. pp. 81- 131.

GONÇALVES DIAS, A. “Diário da Viagem ao Rio Negro – 15 de agosto a 5 de outubro de 1861”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na*

*Amazônia – Relatório e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro, 2002. pp. 135-203.

GONÇALVES DIAS, A. “Brasil e Oceania - Memoria apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e lida na Augusta presença de Sua Majestade Imperial”. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico e Ethnografico do Brasil*, Tomo XXX, Parte Segunda, Rio de Janeiro, 1867. Pp. 5-192 e 257-395. Disponível em <http://www.ihgb.org.br>. Acesso 05.01.12.

GONÇALVES DIAS, A. “I Juca Pirama”. *Apud* RICARDO, C. *O Indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo. Edição do Conselho Estadual de Cultura, 1964. P. 50.

GONÇALVES DIAS, A. *Ofício de Gonçalves Dias, presidente da Comissão, Manaus 23 de Outubro de 1861*. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia –Relatórios e Diário de Viagem ao Rio Negro*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 29-35.

GONÇALVES DIAS, A. *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas desde sua criação até a proclamação da Republica*. Vol. II – 1858-1862. Rio de Janeiro, Tip. Do “Jornal do Commercio”, 1906 – p. 515 e segs. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias na Amazônia - Relatórios e Diário de Viagem ao Rio Negro*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002. pp. 1-25.

IGREJA CATÓLICA. Papa Bento XIV, 1740-1758, *Bula do Papa Bento XIV proibindo a escravatura dos índios do Brasil a qualquer pessoa secular ou eclesiástica de qualquer estado ou condição sob pena de excomunhão*. Torre do Tombo, Lisboa. Class. Geral: SP. 341(6).

HACKERT, J. Ph. E GOETHE, J. W. “Sobre a Pintura de Paisagem”. Trad. Claudia Valladão Mattos. In: Mattos, C. V. de. *Goethe e Hackert sobre a pintura de Paisagem: quadros da natureza na Europa e no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

HOUBIGANT, A. G. *Moeurs et costumes des russes, représentés en 50 planches coloriées, exécutées en lithographie*, Paris, a La Libraire de Treuttel et Wurtz, Rue de Boubon, no. 17, 1821.

HUMBOLDT, A. Von. *Influence de La peinture de paysage sur l'étude de la nature*. Rumeur des Ages, 2002.

HUMBOLDT, A. Von. *Quadros da Natureza*. Trad. Assis de Carvalho. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, W.M. Jackson Inc. 1884.

IHGB. “Relação histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima, sem moradores, que se descobriu no ano de 1753 nos sertões do Brazil; copiada de um manuscrito da Biblioteca Nacional”. In: *RIHGB*, Tomo I, 1839. 151-6.

IHGB. “16ª. Sessão em 14 de novembro de 1856”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil. Tomo XIX*, Suplemento, 1856. Disponível em <http://www.ihgb.org.br>. Acesso 05.01.12.

IHGB. “17a. Sessão em 28 de novembro de 1856”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil. Tomo XIX*, Suplemento, 1856.

IHGB. “Lista dos membros do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo I, 1839.

IHGB. “Museu D’Antiquidades Americanas, fondado em Copenhagen pela Sociedade Real de Antiquários do Norte, sob proposta de seu Secretário o Sr. C.C. Rafn, Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro”. In: *RIHGB*, Tomo VII, Trad. Manoel Ferreira Lagos. 1845. pp. 94-101.

IHGB. “21ª. Sessão em 15 de dezembro de 1849”. In: *RIHGB, Tomo XII, Rio de Janeiro, 1849. p. 554.*

IHGB. “227ª. Sessão da Assembléia Geral no dia 22 de maio de 1851”. In: *RIHGB*. Tomo XIV. Rio de Janeiro. 1851.

IHGB. “Índice geral alphabetico”. In: *RIHGB*. Tomo XIV. Rio de Janeiro. 1851. pp. 497-519.

IHGB. “Sessão de 17 de junho de 1853”. In: *RIHGB*. Tomo XVII, 1854. p.70- 88.

IHGB. J. Wilkens de Mattos. “Alguns Esclarecimentos sobre as missões da província do Amazonas”. In: *Revista do Instituto Historico e geographico do Brazil*. Tomo XIX. no. 21. 1856.

IHGB. SAPUCAHY, V. “8ª. Sessão de 25 de julho de 1856”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil Tomo XIX*, Suplemento, 1856.

IHGB. “Obras, Impressos, Manuscritos, offerecidos ao Instituto Histórico no Anno de 1859”. In: *RIHGB*, Tomo 22, 1859. p.750.

IHGB. “177ª. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo IX. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. 1869.

IHGB. “178ª. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *RIHGB*. Tomo IX. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. 1869.

IHGB. “188<sup>a</sup>. Sessão de 2 de Setembro de 1847”. In: *RIHGB*. Tomo IX. 2<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro. 1869.

KOSTER H. *Viagens ao Nordeste do Brail – “Travels in Brazil”*. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 221. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1942.

L'ÉVECQUE. *Costume of Portugal*. F. Colnaghi & Co., London, 1814.

LAPLACE M. & THÉODORE, Cyrille Pierre, (1793-1875). *Voyage autour du monde par les mers de l'Inde et de Chine exécuté sur la Corvette de l'état la Favorite pendant les années 1830, 1831 et 1832 sous le commandement de M. Laplace: album historique*. Paris: Imprimerie Royale, A. Bertrand Éditeur, Libraire de la Société de Géographie, 1835.

LEBRETON, J. “O Estabelecimento da Dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816”, in: M. Barata. “Manuscrito Inédito de Lebreton...”. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, no. 14, (1959), p. 284.

LEBRUN, C., Tortebat, Millini, G. Audran. *Epítome de Anatomia - De Hum compendio de Physiologia das paixões, e de algumas considerações gerais sobre as proporções com as divisões do corpo humano*; Trad. F. E. Taunay, Typografia Imperial e Constitucional de V. Villeneuve e Com., Rio de Janeiro, 1837.

LINDLEY, John. *Sertum Orchidaceum*. London. James Ridgway & Sons Piccadilly, 1838. Disponível em [www.botanicus.org](http://www.botanicus.org). Acesso em 07. 09.11.

MARÉCHAL, Sylvain *Costumes civils actuels de tous les peuples connus : dessinés d'après nature, gravés et coloriés*, Paris, Chez Pavard, Editeur. Chez Knapen & Fils, Imprimeurs- Libraires. 1788.

MARTIUS, C.F.P. Von *Genera et species Palmarum quas in itinere per Brasiliam Tupis Lentlerianis*. 1823-1853.

MARTIUS, C.F.P. Von. “O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil”. in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, no. 11, 1906.

PAXTON, J. *The Magazine of Botany*. London: Published by W.S. ORR & Paternoster Row. 1839.

REDOUTÉ, P. J. *Plantes Grasses. Décrites par A. P. de Candolle*. Paris: A.J. Dugour et Durant, [1799-1837]. Disponível em [www.batanicus.org/title/b12032670](http://www.batanicus.org/title/b12032670). Acesso em 17.09.2010.

RIBEYROLLES, Charles de, (1812-1869?). *Brasil pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições*. V. 2. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. 3ª. Edição. Livraria Martins. São Paulo, 1941.

SOCIEDADE VELLOSIANA DO RIO DE JANEIRO. *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*. 1851. Disponível em [www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html](http://www.obrasraras.museunaiconal.ufrj.br/0011.html). Extraídos do periódico *Guanabara*. Acesso em 10.10.11.

SPIX, J. B. Von, & MARTIUS, C.F.P. Von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820) - Tomo II*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. (pgs. 199 a 201).

THÉBERGE, P. Esboço Histórico. *Esboço Histórico sobre a província do Ceará*. 3 v. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

VAILLANT, M. *Voyage autour du monde exécuté pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite commandée*. Paris : A. Bertrand Éditeur, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas.

VARNHAGEN, F. A. De. "Ethnographia indígena: línguas, emigrações e arqueologia". In: *RIHGB*, Tomo XXI, Rio de Janeiro, 1858. pp. 389-398.

VARNHAGEN, F. A. "Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil". In: *RIHGB*, Tomo III, Rio de Janeiro, 1841. pp. 52-63.

VASARI. G. *Vidas de Pintores, escultores y arquitectos ilustres*. Tomo II. Trad. Juan Rigrini y Ernesto Bonasso. Buenos Aires, Libreria y editorial "El Ateneo", (s/d).

WALLACE R. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasileira Biblioteca Pedagógica Brasileira. V. 158. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre. Companhia Editora Nacional, 1939.

WILLEMEN, Nicolas- Xavier. *Choix de costumes civils et militaires des peuples de l'antiquité : leur instrumens de musique, leurs meubles, et les décorations intérieures de leurs maisons, d'après les monumens antiques, avec un texte tiré des anciens auteurs*. Willeminchez Guot, 1798.

WINCKELMANN, J. J. *Reflexões sobre a arte antiga*. Trad. de Herbert e Leonardo Tochtrop, 2ª. Ed., Porto Alegre, Movimento, 1975.

## 6.2 - Fontes Primárias Manuscritas

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Francisco Freire Alemão, "Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o

aumento das águas das fontes?”. Rio de Janeiro, *Junho 1852(?)*, Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Francisco Freire Alemão, *Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?* Rio de Janeiro, *Junho 1852(?)*, Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Francisco Freire Alemão, *Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?* Rio de Janeiro, *Junho 1852(?)*, Mss.: I-28,6,23, 548 (3), Título 08.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, “José dos Reis Carvalho assina um abaixo-assinado para que se atenda ao pedido de Debret para uso da Academia”. Rio de Janeiro, 14/08/1823. Mss.: 750.781/m; I-46,4,99.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1866.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,83. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ato do Marquês de Itanhaem, nomeando Francisco Freire Alemão médico do Imperador, Palácio da Boa Vista, 28 de março de 1840.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,43. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Carta de habilitação de cirurgia e medicina passada em favor de Francisco Freire Alemão de Cisneiro pelo Barão de Inhomirim, diretor da Academia Médica-Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1828.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,30. (MS 548 (2)). Diz o documento: “O Barão, Médico Imperial da Camara, faz saber que Francisco Freire Alemão, tendo freqüentado o sexto anno do curso Medico-Cirúrgico, sendo examinado foi aprovado e por isso formado em cirurgia (em conformidade com a lei de 9 de setembro de 1826)”.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Cisneiros, Manuel Freire de Alemão. *Caderneta de notas sobre botânica, 1859-61.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,10,20. (MS 548 (7)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Cisneiros, Manuel Freire de Alemão. *Brevíssimas notícia de algumas plantas medicinais do Brasil mal conhecidas.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,10,24. (MS 548 (7)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma de membro do Institut Historique expedido em nome de Francisco Freire Alemão, Paris, 25 de Julho de 1835.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,38. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Diploma a José dos Reis Carvalho, nomeado Cavalheiro da Ordem de Roza por Decreto, Rio de Janeiro, Mss.: C-1019,73.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma da Academia Delle Scienze da Societá Reale Borbônica, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio correspondente. Nápoles, 15 de setembro de 1841.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,47. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma da sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1832.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,33. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Diploma de doutor em Medicina pela faculdade de Paris, expedido pelo Conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão, Paris 30 de dezembro de 1831.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,32. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Dissertation sur Le Goitre. [Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Medicina de Paris], 1831.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,6,1. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Descrição de duas casas de fazenda, uma delas a olaria [Fazenda da Olaria], Março de 1862.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,9,75. (MS 548 (7)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Desenho da fazenda Santa Mônica, da Marquês de Baependi, na Província do Rio de Janeiro, 14 de maio de 1862.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,9,76. (MS 548 (7)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s.d.]* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,9,80. [São meus os grifos em negrito].

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Exercícios botânicos [...]. 4 de julho de 1851. [Data da leitura na sociedade Velosiana; a redação seria anterior pois a mesma é de maio do mesmo ano. (in: Revista Brasileira).* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,6,15. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Notas sobre a obra de João Barbosa Rodrigues que trata das orquídeas. Julho de 1870.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,9,79. (MS 548 (7)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Notas várias sobre urbanismo e arquitetura referentes à cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1846-53. I – Demolição do Morro do Castelo e plano de um bairro modelo. II – Plano do Passeio Público, III- Desenhos (2) de fachadas de casas antigas, IV – Planos (2) do primitivo ajardinamento do Largo da Aclamação, V – Apontamentos sobre o solo.* Classificação Geral: . Manuscritos: I-28,9,50, nos. 1-5. *Apud D. Damasceno. Op. cit, 1993.*

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Ophthalmoblaton macrophyllum . (N.v.: Santa Luzia). 28 de agosto de 1849. (In: Guanabara, t, p. 14, 1851 14, 1851) [Original Impresso, acompanhado de 1 gravura]* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,6,2. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Poarchon fluminensis (n.v.: Maririço ou Baririço). 24 de novembro de 1846. (IN: Arquivo Médico Brasileiro, t. 4ª. p.25) Impresso.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,6,6. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Francisco Freire Alemão. *Vicertia acuminata (n.v.: Guarajuba). 30 de outubro de 1844. (C.f. Minerva Brasiliense (t.3, 2ª. Série, F. 36).* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,6,2. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Nota do Imperador II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1866.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,82. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Ofício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Francisco Freire Alemão comunicando-lhe que fora elevado a categoria de sócio honorário. Rio de Janeiro, 1873.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,89. (MS 548 (2)).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Título de membro honorário da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1855.* Classificação Geral: Manuscritos. I-28,5,69. (MS 548 (2)). Diz o documento: “Na sessão de quatro de junho de mil oitocentos e cinquenta e cinco foi aclamado a membro honorário Dr. Francisco Freire Alemão”. [É assinado por Manoel de Araújo de Porto-Alegre – Diretor].

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO, *Retrato de um casal não identificado*. No verso: *Oferecido a minha Madrinha Sem@ D. Emilião. Photographia e Pintura de Reis Carvalho*. R. do Ourives, 2. Rio de Janeiro. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – Iconografia.

MUSEU D. JOÃO VI, “Ofício Academia Imperial de Belas Artes informando que José dos Reis Carvalho é professor de Pintura a ser apresentado para aula de Paisagem, flores e Animais. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1879”. Mss.: 4708.

MUSEU D. JOÃO VI, “Ofício Academia Imperial de Belas Artes solicitando nomeação de comissão composta por José dos Reis Carvalho para classificar valor de quadro de Victor Meireles, 09 de maio de 1879”. Mss.: 5580.

MUSEU D. JOÃO VI. “Aviso do ministro do Império ao diretor da Academia, participando a expedição de ordem, para que a Biblioteca Pública da Corte se remeta à Academia, uma coleção completa da *Flora Fluminensis* e um exemplar de qualquer obra relativa à Belas Artes, que lá exista. 28/04/1835.” (AMDJ-EBA. UFRJ).

### 6.3 - Teses e Dissertações

ALVES, C. J. *Ciência e Arte em José dos Reis Carvalho: a pintura na comissão Científica de exploração ao ceará (1859-1861)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

FERNANDES, C. V. N. *Os caminhos da Arte. O Ensino Artístico na Academia Imperial das Belas Artes – 1.850/1890*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

GALLO, J. *Pierre-Henri Valenciennes (1750-1819): le paysage dans la théorie artistique et la peinture françaises de la fin du XVIIIe siècle*. Thèses. Université Pantheon-Sorbonne, 2003.

JULIANELE, R. L.. *João Barbosa Rodrigues: O caráter de visualidade da ilustração botânica no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Escola de Belas Artes, 1997.

LIMA, Valéria. *J.-B Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*. Campinas: UNICAMP, 2008.

MACEDO, Valéria. *O Império das Festas – o império do Divino e outras festividades católicas no Rio de Janeiro Oitocentista*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

MORAIS, R. C. J. *Nos verdes campos da Ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire Alemão (1797-1874)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. 2005.

PINHEIRO, Raquel. *As Histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, 2002.

SÁ, Ivan Coelho de. *Academias de Modelo Vivo e Bastidores da Pintura Acadêmica Brasileira*, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, EBA/UFRJ. 2004.

SILVA, M.A. Couto da. *Um monumento ao Brasil: considerações acerca da recepção do livro Brasil Pitoresco, de Victor Frond e Charles Ribeyrolles (1859-1861)*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

SILVA, Valéria Piccoli Gabriel da. *Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português*. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU/USP, 2010.

#### **6.4 - Artigos de Periódicos**

BRÍGIDO, J. “A Fortaleza em 1810”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1912.

CANTOR, G. & SHUTTLEWORTH, S. & TOPHAM, J. “Representations of science in the nineteenth century periodical press”. *In: Interdisciplinary science reviews*, 2003, vol. 28. No. 3. pp. 161-168.

CASCUDO, L. C. “A carnaúba”. *In: Revista Brasileira de Geografia*, Ano XXVI, No. 02, abril/junho de 1964.

FERREIRA, F. “As artes industriais indígenas”. *In: Revista da Exposição Antropológica de 1882 dirigida por Melo Moraes Filho*, Rio de Janeiro, 1882. pp. 107-108.

FERREIRA, L. M. “Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n.2, p. 271-92, abril – junho, 2006.

FERNANDES, CYBELE VIDAL NETO. “A pintura nas exposições gerais da Academia Imperial das Belas Artes”. In: *Primeiros Escritos*. No. 06. Julho de 2001. pp. 1-7.

GALVÃO, A. “Felix Emílio Taunay e a Academia de Belas Artes”. *Revista do SPHAN*, 16(1968).

GALVÃO, A. “Obras do Antigo Edifício da Academia Imperial de Belas Artes”. In: *Rev. IPHAN*, No. 15, 1961. Pp. 139-201.

GALVÃO, A. “Cousas Antigas”, *Arquivos*, No. IX, (1963).

IGLESIAS, F. “O encaminhamento político do problema da escravidão no Império”. In: S.B. Holanda (org.). *O Brasil Monárquico*. V. 3: reações e transações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ISENBURG, T. “Naturalistas Italianos no Brasil, 1800-1850”. In: *Ciência Hoje*. Vol. 09, No. 51, Março de 1989. pp. 54-58.

LARRUE.J. “Représentations de La culture et conduites culturelles”. In: *Revue française de sociologie*, Vol. 13, No. 2 (Apr. – Jun., 1972), pp. 170-192.

MARTINS, L. Al-Chueyr P. “História da Ciência: objetos, métodos e problemas”. In: *Ciências & Educação*, v. 11, n. 2, p. 305-317, 2005.

MENEZES, B. “Descrição da Cidade de Fortaleza”, *Revista do Instituto do Ceará*, tomo IX, ano de 1895, citado por Fontes, E. “Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha (I), *O Povo*, Fortaleza, Sábado, 12 de dezembro de 1981.

MENEZES, Bezerra de, Antonio. “Descrição da cidade de Fortaleza”, in: *Revista do Instituto do Ceará*, 1895.

MENEZES, J.L.M. “Algumas notas a respeito da Viagem do Imperador Dom Pedro II a Pernambuco em 1859”. In: *Revista do IHGB. Anais do Congresso de História do Segundo Reinado*. 1º. Vol., Brasília – Rio de Janeiro, 1984.

MENEZES, J.L.M. “Algumas notas a respeito da Viagem do Imperador Dom Pedro II a Pernambuco em 1859”. In: *Revista do IHGB. Anais do Congresso de História do Segundo Reinado*. 1º. Vol., Brasília – Rio de Janeiro, 1984.

NOGUEIRA, J. “O Terço do Cruzeiro”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1938. pp. 35 a 39.

NOGUEIRA, Paulino. “Fortaleza do Ceará”. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo II, 1888, pp. 121, 122.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. “Benção do Cruzeiro da Matriz de Fortaleza”, 1898.

SILVA, M. A. Couto da. *Agostinho da Motta. Fabrica do Barão de Capanema*. Disponível em [www.marte.art.br](http://www.marte.art.br).

SLENES, R. W. “As provações de um Abrão africano: a nascente nação brasileira na *Viagem Alegórica* de Johann Moritz Rugendas”. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Centro de Pesquisa em História da Arte e Arqueologia, Universidade Estadual de Campinas. N.2, - 1995-1996. pp. 271- 284.

STUDART, B. “Escritura de Contrato da obra da Capella mor de Fortaleza”. *Revista do Instituto do Ceará*. 1898. pp. 214-216.

TRINDADE, J. B. “Viajante Imaginário”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, No. 28, Janeiro de 2008. pp. 70-75.

TRINDADE, J. B. “Viajante Imaginário”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, No. 28, Janeiro de 2008. pp. 70-75.

## 6.5 – Anais de Encontros

CERQUEIRA LEMOS, C. A. “Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX”. In: *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*. Universidade de São Paulo. No. 1, 1993. p. 98.

COLI, Jorge. “Les artistes voyageurs et l’art brésilien”. In: *MUSÉE DE LA VIE ROMANTIQUE – La Collection Brasiliana – Les peintres voyageurs romantiques au Brésil (1820-1870)*. Organisation Daniel Marchesseau & Catherine de Bourgoing. Paris, 2005.

COSTA, LYGIA MARTINS. “Algumas naturezas mortas” no Museu Nacional de Belas Artes”. In: *Anuário do Museu Nacional de Belas Artes*. No. 07 – 1945.

DAMASCENO, D. “Freire Alemão: o botânico e a planta da cidade”. In: *Anais da II Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*, São Paulo, 1993. pp. 107-111.

DAMASCENO, D. e CUNHA, Waldir. “Os manuscritos do botânico Freire Alemão. Catálogo e transcrição”. In: Anais da Biblioteca Nacional, v. 81, Rio de Janeiro, 1964. Disponível em [www.bn.br](http://www.bn.br) [Biblioteca Digital].

DIAS, E. “Joachim Lebreton e a estruturação do ensino artístico no Instituto de France (1803- 1815)”. In: R. Conduru &, S. Gomes Pereira (org). *Anais do XXIII colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*, Rio de Janeiro 2.004, Rio de Janeiro, CBHA/UERJ/UFRJ, 2004, 1ª. Impressão.

PATACA, E. M. & FARIA, M. F. “Ver para Crer: A importância da imagem na gestão do Império Português no final de Setecentos”. In: *Anais Série História*. Vol. IX/X. Universidade Autónoma de Lisboa. Lisboa. MMV.

VALLADÃO MATTOS, C. “Artistas Viajantes na fronteira da História da Arte”. In: *Anais do II Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP*. 2007.

## 6.6 - Catálogos

BMF& BOVESPA. *Gravuras de Frans Post na BMF & Bovespa – (Catálogo de Exposição)*, São Paulo, 2008.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES. *Catálogo da Biblioteca – Com Indicação das obras Raras ou Valiosas*. Universidade do Brasil, Rio de Janeiro 1957.

GALVÃO, A. *Catálogo da Biblioteca – Com indicações das obras Raras ou Valiosas*, Rio de Janeiro, Universidade do Brasil/ Escola Nacional de Belas Artes, 1.957.

LEVY, C.R.M. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes: período monárquico - catálogo de artistas entre 1840 e 1884*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1990.

MIGLIACCIO, L. *Mostra do Redescobrimento: arte no século XIX*. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

MUSEU D. JOÃO VI. *Catálogo do Acervo – Pintura, Escultura e Desenho*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Escola de Belas Artes, 1985.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. *Coleção Lebreton e a Missão Artística Francesa*. Folheto de Exposição. Novembro/ 2000.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. Rio de Janeiro, Confraria dos Amigos do Livro, 1862 [?].

## 6.7 - Jornais

GAZETA DE NOTÍCIA, 7 de junho de 1933 *Apud O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

LIMA, F. “Da Matriz a Catedral de São José – I, Os antecedentes da Catedral”. *O Povo*, 22 de dezembro de 1978.

LIMA, F. “Da Matriz à Catedral de São José – IV / Os sinais arquitetônicos”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil, 22 de dezembro de 1978.

LIMA, F. “Da Matriz à catedral de São José - VI”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta-feira, 22 de dezembro de 1978.

LIMA, F. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

LIMA, F. “Da Matriz à Catedral de São José II - O Mármore veio de Lisboa”. *O Povo*. Fortaleza, Ceará, Brasil. Sexta-Feira, 22 de dezembro de 1978.

O NORDESTE, dia 16 de junho de 1933. *Apud O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

O POVO, 11 de setembro de 1938. *Apud O povo*. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

O POVO. “Da Matriz à Catedral de São José – VI”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Sexta –feira, 22 de dezembro de 1978.

O POVO. “Nós sempre acreditamos”. Fortaleza, Ceará, Brasil, 22 de dezembro de 1978.

O POVO. “Subsídios para a história da Catedral-I/ “A Coragem do Monsenhor Luiz Rocha”. Fortaleza, Ceará, Brasil – Quarta-feira, 19 de outubro de 1977.

O POVO. *Destino da Padroeira pode ser desvendado*. Fortaleza, Terça-feira, 19 de outubro de 1982.

O POVO. Mons. *Camurça: Igreja não luta pela imagem da Padroeira*, Fortaleza, Terça-Feira, 19 de outubro de 1982.

## 6.8 - Obras de Referência: Dicionários e compêndios

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª. edição. São Paulo, Global Editora, 2000.

CASCUDO. Luís da Câmara. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11ed. São Paulo, Global Editora, 2001.

ENCICLOPÉDIA ITALIANA DI SCIENZE LETTERE ED ARTI. Instituto Dell'Enciclopedia Italiana. Fondata da Giovanni Treccani, Roma, 1938.

FREIRE, Laudelino. *Um século de pintura: apontamentos para a história da pintura no Brasil: de 1816-1916*. Rio de Janeiro: Fontana, 1983.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da BN*, 1965, v. 85, p. 65.

PONTUAL, R. *Dicionário de Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

STIKEL, E. J. S. *Uma pequena biblioteca particular – Subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. Prefácio Emanuel Araújo. São Paulo. EDUSP/Imprensa Oficial, 2004.

## 6.9 - Livros

ABREU, Martha “Nos requebros do Divino”: Lundus e Festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: Cunha, Maria Clementina (Org.). *Carnavais e outras F(R) estas - Ensaios de História Social da Cultura*. Editora da Unicamp. São Paulo.

ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ARAÚJO, Nearco B. G. *Jangadas*. Ceará. Banco do Nordeste do Brasil. 2ª. Ed. 1990.

ALENCAR, Álvaro Gurgel de. *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará*, 2ª. Edição, 1939, *Apud* Pe. Misael Gomes. “A Velha Catedral”. *Revista do Instituto do Ceará* . 1954, Tomo LXVIII. pp 183.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. (Nirez) *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, Capa. Ceará, s.d.

BARRETO, Abeillard “*Bibliografia Sul-rio-grandense*” publicado em 1976 pelo Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro. Citado por J.B. Trindade *op. Cit.* pp. 70-75.

BATTISTI, EUGENIO. *L’antirascimento, Con um’appendice di testi inediti*, Volume Primo, Garzanti Editores, Itália, 1989.

BAIGRIE, B. S. (org.). *Picture Knowledge – Historical and Philosophical Problems Concerning the Use of Art in Science*. University of Toronto Press 1996. Toronto, Buffalo , London, 1996.

BELLUZZO, A. M. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros. 1994, 3 vs.

BARROSO, FRANCISCO de Andrade. *Igrejas do Ceará Crônicas histórico-descritivas*, Ceará, sd.

BRAGA, R. *História da Comissão Científica de Exploração*. Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800*. Trad. Denise Bottmann. 2ª. Ed. São Paulo. Companhia da Letras, 1989.

CALMON, P. “O símbolo indianista de Gonçalves Dias (I)”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias - conferências realizadas na Academia Brasileira*. Rio de Janeiro, 1948. pp. 53-61.

CÂNDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, 6 ed., Belo Horizonte, Ed Itatiaia Ltda, 2000.

CAPANEMA, G. S. “As secas do Ceará”; in: A. A. A. Câmara, *Algumas Considerações Sobre a Causa da Formação e Origem do Gulf-Stream*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1954.

CARDOSO, R. “José dos Reis Carvalho”. In: *A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]*. Rio de Janeiro, Record, 2008. pp. 29-34.

CARNEIRO, Edison. *Samba de umbigada*. Ministério da Educação e Cultura. 1961.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangada – uma pesquisa etnográfica*. Natal, Ministério da Educação e Cultura. 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. *A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Funarte/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Recife. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. MEC, 1969. 2001.

CATLIN. L. “O artista-cronista viajante e a Tradição Empírica na América Latina Pós-Independência”. In: D. Ades. *Arte na América Latina*, São Paulo, Cosac & Naify Edições, 1997.

CATLIN. L. “O Natureza, Ciência e Pitoresco”. In: D. Ades. *Arte na América Latina*, São Paulo, Cosac & Naify Edições, 1997.

CHIARELLI, T. “Gonzaga-Duque: A moldura e o quadro da arte brasileira”. In: *A arte Brasileira/Luiz Gonzaga Duque Estrada*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

CHOAY, F. *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CUNHA, Dulce F. Fernandes. *A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1966.

DIAS, E. *Paisagem e Academia – Félix-Émile Taunay e o Brasil (1824-1851)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. “Expedição das Borboletas: Coleção José dos Reis Carvalho – Museu D. João VI”. In: Heliana Angotti Salgueiro (org.). *Paisagem e arte. A Invenção da Natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: H. Angotti Salgueiro, 2000.

FERNANDES, Florestan. “Organização social das tribos tupis”. In: S.B.de Holanda. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. V. 1. São Paulo, 1968.

FERRAZ, Márcia H. M. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: EDUC, 1997.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.

FERREIRA, Felipe. *O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREZ G. *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro : quatro séculos de expansão e evolução (1565-1965)*, Imprensa: Raymundo de Castro Maya: Candido Guinle de Paula Machado, Rio de Janeiro, 1965.

FREIRE, L. (1873-1934). *Um século de pintura: apontamentos para a história da pintura no Brasil de 1816 a 1916*. Rio de Janeiro, Typ. Rohe, 1916.

FIGUEIREDO, Luciano “A revolta é uma festa: Relações entre projetos e festas na América Portuguesa”. In: István Jancsó, Íris Kantor (orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa, Vol. I*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

FONSECA, M.L.C. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FREIRE, L. *Um século de pintura – Apontamentos para a História da Pintura no Brasil de 1816 a 1916*. Rio de Janeiro, Typographia Röhe, 1916.

GABAGLIA, F. A. Raja. “Prefácio”. In: *Quadros da Natureza*. Trad. Assis Carvalho. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, W.M. Jackson Inc., 1884.

GALVÃO, A. *Subsídios para a História da Academia Real*, Rio de Janeiro, EBA/UFRJ, 1954.

GOMES, Alexandre Oliveira & VIERA NETO, João Paulo. *Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção*. Fortaleza, Secult, 2009.

GOMES, D. M. C.. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia – Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE –USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOMES, Pe. Misael. “A Velha Catedral”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXVIII, 1954.

GONZAGA-DUQUE, L. *A arte brasileira / Luiz Gonzaga Duque-Estrada*; introdução e notas de Tadeu Chiarelli. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

HALLEWEL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HERKENFOFF, P. *Biblioteca Nacional – A História de uma Coleção*. Rio de Janeiro, Editora Salamandra, 1996.

KEMP, M. “Temples of the Body and Temples of the Cosmos: Vision and Visualizations in the Vesalian and Copernican Revolutions”. In: Brian S. Baigrie (org.) *Picture Knowledge – Historical and Philosophical Problems Concerning the Use of Art in Science*. Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press, 1996.

KNIGHT, David “Discourse in Pictures”. *In: The Age of science: The Scientific World-view in the Nineteenth Century*. Oxford: Basil Blackwell Ltd. 1989.

KODMA, K. *Os Índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009.

KURY, L. (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

KURY, L. “Francisco Freire Alemão, Botânico e Viajante”. *In: L. Kury. (org.). Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. (1908-2009). *O olhar distanziado*. Edições 70, Lisboa, 2010.

MALHANO, C.E.S.M. *Da materialização à legitimação do passado: a modernidade como metáfora do Estado (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Lucerna: Faperj, 2002.

MARGARET LOPES, M. “A Comissão Científica de Exploração uma “Expansão para dentro” . *In: KURY, L. (org.). Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

MARGARET LOPES, M. *O Brasil descobre a pesquisa Científica – Os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec Ltda. 1995.

MARQUES, L. *Natureza Brasileira - Registros na Coleção do Masp*, São Paulo: MASP. S.d.

MIGLIACCIO, L. “A pintura Clássica como Alegoria do Poder do Soberano: Hackert na Corte de Nápoles e as Origens da Pintura de Paisagem no Brasil”. *In: Mattos, C. V. de. Goethe e Hackert sobre a pintura de Paisagem: quadros da natureza na Europa e no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

MIGUEL PEREIRA, L. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora. 1.943.

MONTELLO, J. “Introdução”. *In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gonçalves Dias na Amazônia – Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002.

MORIN, E. *La Tetê bien faite – Repensar La reforme, réformer La penssé*. Éditions du Seuil, 1999.

NAVES,R. “Debret, o Neoclassicismo e a escravidão”. *In: R. Naves, A forma difícil – Ensaios sobre a arte brasileira*. São Paulo. Editora Ática.

PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição - Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor, 2004.

PANOFSKY, E. *Vida y arte de Alberto Durero*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

PORTO-ALEGRE, M. S. *Os ziguezagues Dr. Capanema – Ciência Cultura e Política no século XIX*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

PORTO-ALEGRE, M. S. *Comissão das Borboletas – A Ciência do Império, entre o Ceará e a corte (1856-1867)*, Coleção Outras Histórias (17), Fortaleza, Museu do Ceará, 2003.

PORTO-ALEGRE, M. S. “150 anos depois: Na ronda do tempo”. In: KURY, L. (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

PUNTONI, P. *A guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002.

QUEIROZ, R. de. *O quinze*. 1ª. Ed. Fortaleza, 1930. 6ª. Ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960.

RASSIEUR, Thomas E. “ Looking over Rembrandt’s Shoulder – The Printmaker at work”. In: *Rembrandt’s Journey*. Boston: Museum of Fine Arts, 2003.

REIS, João José dos. “Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista”. In: István Jancsó, Íris Kantor (orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa, Vol. I /*. – São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

RIBEIRO, B. G. & VELTHEM, L. H. van. “Coleções Etnográficas – Documentos materiais para a história e a etnologia”. In: CUNHA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 1992. pp. 103-114.

RICARDO. C. *O Indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo. Edição do Conselho Estadual de Cultura, 1964.

RIEGL, A. *O Culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Ed. UCG, 2006.

ROQUETTE-PINTO. E. “Gonçalves Dias e os Índios”. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Gonçalves Dias - conferências realizadas na Academia Brasileira*, Rio de Janeiro, 1948.

ROMERO SÁ, M. "A zoologia da Comissão Científica de Exploração". In: L. Kury (org.) *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Minc Brasília, 1980.

SÁ, M. R. "A zoologia da Comissão Científica de Exploração". In: KURY, L. (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009.

AB´SABER, A. "O povo da Mata, Os que vieram de Oeste, Toponímia Tupi". In: Paulo Rufino, *Mata Atlântica - Brasil 8 paisagens*, Episódio I, Cenas 8, 9 e 10, Casa de Cinema, Syngenta, Sabesp, 2005. [Produção Vidográfica].

SANTOS, Renata. *A Imagem Gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHIAVANATTO, I. L. "Imagens do Brasil: entre a natureza e a história". In: Jancsó, I. (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec, Faperj, 2003.

SCHWARCZ, L.M. *O sol do Brasil, Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo, Companhia da Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Viajantes em meio ao Império da Festas". In: István Jancsó, Íris Kantor (orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, Vol. II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.pp. 604-619.

SOUZA, A. *O traje Popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX*. Oficinas da Sociedade Nacional de Tipografia. Lisboa, Outubro de MCMXXIV.

SPINELLI, M. *Filosofia e Ciência*. São Paulo, Edicon; Santa Maria, RS – Curso de Pós-graduação em Filosofia, UFSM, 1990.

SQUEFF, Leticia. *O Brasil nas Letras de um Pintor: Manuel Araújo Porto Alegre (1806 – 1879)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

TAUNAY (1876-1959). A. de E. *A Missão Artística de 1816*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

TAYLOR, J. *A viagem do Beagle*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

TOGNON, M. "Entre o presente o passado". In: *Memória, Formação de Patrimônio e educadores*. FE/UNICAMP. s.d.

TOMASI, LUCIA TUNGIORGI. *An Oak Spring Flora. Flower illustration from the fifteenth century to the presente time. A Selection of the Rare Books, Manuscripts and Works of Art in the Colletion of Rachel Lambert Mellon*. Trad. Isa Chien. Yale University Press, EUA, Livraria do congresso, Catálogo número 96.71751; 1997.

TOMASI, L. T. "The Iconography of flowers". *In: TOMASI, L. T. An Oak Spring Flora. Flower illustration from the fifteenth century to the presente time. A Selection of the Rare Books, Manuscripts and Works of Art in the Colletion of Rachel Lambert Mellon*. Tradução do Italiano por Lisa Chien. Yale University Press, EUA, Livraria do congresso, Catálogo número 96.71751; 1997.

VIEIRA JR, A. O. *Entre o futuro e o passado – Aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

WÖLFFLIN, HEINRICH. *Conceitos Fundamentais de História da Arte*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE HISTÓRIA DA ARTE

**CLÁUDIO JOSÉ ALVES**

**NATUREZA E CULTURA NAS ILUSTRAÇÕES DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE  
EXPLORAÇÃO (1859-1861).**

**Anexo I**

**Relação de obras com “ex-libris” da Comissão Científica de Exploração na  
Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro e tabelas.**

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz César Marques Filho

CAMPINAS  
Março 2012

## Anexo I

### **8 – Relação de obras com “ex-libris” da Comissão Científica de Exploração na Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro e tabelas.**

#### **Índice**

8.1 - Livros.....

8.2– *In-folios*.....

8.3 – Tabelas.....

1 - Participação de José dos Reis Carvalho na Exposição da Classe de Pintura Histórica da Imperial Academia de Belas Artes.....

2 - Participação de José dos Reis Carvalhos nas Exposições Gerais de Belas Artes.....

## 8.1 – Livros

1. Acharius, Erik, 1757-1819. *Lichenographia universalis in qua lichenes omnes detectos, adiectis observationibus et figuris horum vegetabilium naturam et organorum carpomorphum structuram illustrantibus, ad genera, species, varietates differentiis et observationibus sollicitè definitas* / Gottingae : J. F. Danckwerts, 1810. OR 589.225 A176.
2. Acharius, Erik, 1757-1819. *Synopsis methodica lichenum, sistens omnes hujus ordinis naturalis detectas plantas, quas, secundum genera, species et varietates disposuit, characteribus et didderentiis emendatis definivit, nec non synonymis et observationibus selectis illustravit* / Lundae : Litteris et Sumptibus Svanborg, 1814. OR 589.1 A176.
3. Agardh, C. A. (Carl Adolf). 1785 - 1859. *Icones algarum europearum = representation d'algues européennes: suivie de celle d'espèces exotiques les plus remarquables recemment découvertes* / Leipsic: L. Voss, 1828-1835. OR 589.3 A261.
4. Agassiz, Louis, 1807-1873. *Monographie des poissons fossiles du vieux gresrouge... 1854*. 1 v. + 1 Atlas. OR 567 A262.
5. Agassiz, Louis, 1807-1873. *Recherches sur les poissons fossiles* / Neuchâtel: Impr. de Petit Pierre, 1833-1853. 5 v. + 2 Atlas. OR 567 A262r.
6. Audebert, J. B. (Jean Baptiste), 1759-1800. *Oiseaux dores, ou a reflets méttaliques* / Paris: Desray, 1802. 2 v. + 2 Atlas. OR 598.2 A899 + IN FOLIO 16 OR atlas.
7. Bischoff, Theodor Ludwig Wilhelm von, 1807-1882. *Lepidosinen Paradoxa*, 1850. OR 597.5044 B621
8. Blainville, H-M. Ducrotay de (Henri-Marie Ducrotay), 1777-1850. *Osteographie*,

*ou, description iconographique comparée du squelette et du système dentaire des cinq-classes d'animaux vertébrés recents et fossiles pour servir de base à la zoologie et à la géologie / Paris : A. Bertrand, 1839-[1851]. 4 v. + 2 Atlas. OR 596.047 B634 + IN FOLIO 227 OR atlas*

9. Bloch, Marcus Elieser, 1723-1799. M. E. *Blonchii systema ichthologiae, iconibus cx illustratum / Berolini : Sanderiano Commissum, 1801. 1 v. + Atlas. OR 597 B651m.*

10. Boisduval, Jean Alphonse, 1801-1879. *Histoire générale et iconographie des lépidoptères et des chenilles de l'Amerique Septentrionale. Tome premier / Paris : Roret, 1833. OR 595.789 B682*

11. Boisduval, Jean Alphonse, 1801-1879. *Icones historique des lépidoptères nouveaux ou peu connus: collection, avec figures coloriees, des papillons d'Europe nouvellement découverts: ouvrage formant le complement de tous les auteurs iconographes / Paris : Roret, 1832-1834. 2 v. OR 595.78 B682i*

12. Bougainville, Hyacinthe Yves Philippe Potentien, 1781-1856. *Journal de la navigation autour du globe de la frégate La Thetis et de la corvette l'Esperance, pendant les années 1824, 1825 et 1826 ... / Paris : A. Bertrand, 1837. 2 v. + Atlas. OR 910.41 B758 + IN FOLIO 112 OR atlas*

13. Brongniart, Adolphe, 1801-1876. *Histoire des végétaux fossiles ou, recherches botaniques et géologiques sur les végétaux renfermés dans le diverses couches du globe / Paris : Fortin, Masson, 1828-1836. 2 v. + Atlas. OR 561 B869*

14. Bronn, H. G. (Heinrich Georg), 1800-1862. *Lethaea geognostica, oder, Abbildung und beschreibung der für die gebirgs-formationen versteinerungen /*

Stuttgart: Schweizerbart, 1851-1856. 3 v. + Atlas. OR 560 B869 3.ed. + IN FOLIO  
114 OR atlas

15. Burmeister, Hermann, 1807-1892. *Genera quaedam insectorum* / Berolini: A. Burmeister, 1838-1856. 1 v. + Atlas. OR 595.7 B962g.

16. Burmeister, Hermann, 1807-1892. *Die organisation der trilobiten aus ihren lebenden verwandten entwickelt : nebst einer systematischen uebersicht aller either beschriebenen arten* / Berlin : G. Reimer, 1853. OR 565.393 B962

17. [tem hbl] Burmeister, Hermann, 1807-1892. *Systematische uebersicht der sphingidae brasiliens* / Halle : H. W. Schmidt, 1856. 3 v. OR 591.9815 B962.

18. Catlow, Agnes, 1807?-1889. *The conchologist's nomenclator*. London: Reeve Brothers, 1855. OR 594.0014 C365.

19. Cramer, Pieter, m. 1780. *De uitlandsche kapellen voorkomende in de drie waereld-deelen Asia, Africa en América...* 1779-1782. 4 v. em 8 + supl. OR 595.789 C889

20. Degousee, J. *Guide du sondeur ou, traite theorique et pratique des sondages...* 1857. 1 v. + Atlas. OR 621.95 D319

21. Donovan, E. (Edward), 1768-1837. *Natural history of the Insects of China: Containing upwards of two hundred and twenty figures and descriptions* / London: H. G. Bohn, 1852. OR 595.7095 D687c 1852

22. Donovan, E. (Edward), 1768-1837. *Natural history of the insects of India : Containing upwards of two hundred and twenty figures and descriptions* / London : H. G. Bohn, 1852. 1852. OR 595.7095 D687i 1852

23. Doubleday, Edward, 1811-1859. *The genera of diurnal Lepidoptera: comprising*

*their generic characters, a notice of their habits and transformations, and a catalogue of the species of each genus* / London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856-1852. 2 v. OR 595.789 D727

24. Dumont d'Urville, Jules-Sébastien-César, 1790-1852. *Voyage de la corvette l'Astrolabe exécuté par ordre du Roi, pendant les années 1826-1827-1828-1829 / ous le commandement de M. J. Dumont d'Urville; publié par ordonnance de sa Magesté.* Paris: J. Tastu, 1830-1835. 919.04 V975 + IN FOLIO 101 OR atlas.

25. Duperrey, Louis Isidore, 1786-1865. *Voyage autour du monde execute par ordre du Roi, sur la Corvette de sa majeste, la Coquille, pendant les annees 1822, 1823, 1824 et 1825* / Paris : A. Bertrand, 1826-1830. 5 v. em 3 + 4 Atlas OR 910.41 D983 + IN FOLIO 130 OR atlas

26. Dupetit-Thouars, Abel, 1793-1864. *Voyage autour du monde, sur la fregate la Venus, pendant les années 1836-1839* / Paris: Gide, 1850-1855. 10 v. + 4 Atlas. OR 910.41 D933 + IN FOLIO 131 OR atlas

27. Duponchel, P. A. J. (Philogène Auguste Joseph), 1774-1856. *Catalogue methodique dès lepidopteres d'Europe... 1854* OR 595.78 D937c

28. Duponchel, P. A. J. (Philogène Auguste Joseph), 1774-1856. *Iconographie et histoire naturelle des chenilles pour servir de complement a l'histoire naturelle des lépidoptères, ou papillons de France, de Mm. Godart et Duponchel* / Paris : G. Bailliere, 1859. 2 v. OR 595.78 D937

29. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Das Leuchten des meeres: neue beobachtugen nebst ubersicht der hauptmomente der geschichtlichen entwicklung dieses merkwurdiven phanomens* / Berlin: Duckerei der Koniglichen Akademie, 1835. OR 574.19125 E33

30. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Mikroskopische analyse des curlandis chen.. 1839.* OR 544.82 E33.
31. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Über drei lager von Gebirgsmassen aus infusorien... 1854.* OR 563.1 E33.
32. Ernst, J. J. *Papillons d'Europe, peints d'après nature / Paris: P. M. Delaquette, 1779-1792.* 8 v. OR 595.789 E71.
33. Fée, A. L. A. (Antoine Laurent Apollinaire), 1789-1874. *Essai sur les cryptogames des écorces exotiques officinales, précédé d'une méthode lichenographique, et d'une genera, avec des considerations sur la reproduction des agames : orne de 33 planches coloriées, donnant plus de 130 figures de plantes cryptogames nouvelles / Paris : F. Didot, 1824-1837.* 2 v. OR 586 F295.
- Fée, A. L. A. (Antoine Laurent Apollinaire), 1789-1874. *Méthode lichenographique et genera: ornée de quatre planches, dont trois colonées donnant les famille des genres qui composent la famille des linchens avec leurs details grossis / Paris: F. Didot, 1825.* OR 589.1 F295.
34. Fermond, Charles, 1810-. *Monographie des sangsues medicinales... 1854.* OR 595.145 F361.
35. Freycinet, Louis Claude Desaulses de, 1779-1852. *Voyage autour du monde, entrepris par ordre du roi, sous le Ministère et conformément aux instructions de S. Exc. M. le Vicomte de Bouchage, executé sur les corvette S. M. L'Uranie et la physicienne, pendant les années 1817-1818, 1819 et 1820 / Paris : Pillet, 1824-1854.* 8 v. em 12 + 4 Atlas. OR 910.41 F893 + IN FOLIO 61 OR atlas.
36. Fries, Elias, 1794-1878. *Epicrisis systematis mycologici... 1836-1838.* OR 589.22 F912.
37. Godart, J. B. (Jean Baptiste) 1775-1825. *Histoire naturelle des lépidoptères du papillons de France / Paris: Chevot, 1821-1852.* OR 595.78 G577.

38. Goeppert, H. R. (Heinrich Robert), 1800-1885. *Die fossilen Farrnkrauter /* Breslau : E. Webers, 1836. OR 561.7 G596.
39. Goeppert, H. R. (Heinrich Robert), 1800-1885. *Die Gattungen Der fossilen pflanzen verglichen mit denen der festwelt und durch abbildungen erlauter /* Bonn : Henry und Cohen, 1851. OR 561 G596.
40. Goeppert, H. R. (Heinrich Robert), 1800-1885. *Die tertiarflora auf der insel Java, nach den entdeckungen des Herrn Fr. Junghuhn, beschrieben und erotert in ihremverhalinisse zur gesammtflora der tertiarperiode /* Sgravenhage: C. W. Mieling, 1854. OR 560.178 G596.
41. Goeppert, H. R.(Heinrich Robert),1800-1885. *Zur kenntniss der balanophoren insbesondere der gattung Rhopalocnemis Jungh... 1858.* OR 561 G596z.
42. Gottsche, C. M. (Carl Moritz), 1808-1892. *Synopsis hepaticarum... 1854.* OR 588.33 G687.
43. Hampe, Ernest. *Icones muscorum novorum vel minus cognitorum /* Bonnae : Sumptibus Henry & Cohen, 1854. 3 pt. em 1. OR 588.2 H229.
44. Harvey, William Henry, 1811-1866. *Phycologia Britannica, or, a history of british sea-weeds: containing coloured figures, generic and specific characters, synonymes, and descriptions of all the species of algae inhabiting the shores of the British Islands /* London: Reeve and Benham, 1856-1851. 4 v. OR 589.3 H342 1856/1851.
45. Hassall, Arthur Hill, 1817-1894. *A History of the british freshwater algae: including descriptions of the desmideae and diatomaceae, with upwards of one hundred plates, illustrating the varius species /* London: S. Highley, 1855. 2 v. OR 589.3 H353.
46. Hedwig, Johann, 1730-1799. *Species muscorum frondosorum /* Lipsiae: Sumtu J. A. Barthii, 1801-1852. 8 v. em 11. OR 588.2 H457.

47. Hoeven, J. Van der (Jan Van der), 1802-1868. *Handbuch der Zoologie...* 1850-1856. 2 v. OR 591 H695.
48. Hooker, William Jackson, 1785-1865. *Musci exotici: containing figures and descriptions of new or little know foreign mosses and other cryptogamic subjects /* London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1818-1820. 2 v. OR 588.2 H785m.
49. Hooker, William Jackson, 1785-1865. *Muscologia Britannica: containing the mosses of Great Britain, Ireland, systematically arranged and described, with plates illustrative of the characters of the genera and species /* London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1818. OR 588.2 H785.
50. Hooker, William Jackson, 1785-1865. *Genera filicum, or illustrations of...* 1838. OR 587.31 H785.
51. Jay, John C. (John Clarkson), 1808-1891. *A catalogue of the shells arranges according to the Lamarkion system...* 1852. OR 594 J42 4.ed.
52. Kaulfuss, Georg Friedrich, 1830. *Enumeratio Filicum, quas in itinere circa terram legit Cl. Adalbertus de Chamisso adiectis in omnia harum plantarum genera permultasque species non satis cognitatas vel novas animadversionibus /* Lipsiae: C.Cnobloch, 1824. OR 587.31 K21.
53. Kickx, J. (Jean), 1803-1864. *Notice zur quelques champignons du Mexique...* 1851. OR 589.222 K46.
54. Lamouroux, M. (Jean Vincent Félix), 1779-1825. *Essai sur les Genres de la famille des thalassiophytes non articulée: presente a l'institut dans la seance du 3 fevrier 1812 /* Paris: G. Dufour, 1813. OR 589.45 L236.
55. Lamouroux, M. (Jean Vincent Félix), 1779-1825. *Histoire des polypiers coralligènes flexibles: vulgairement nommés zoophytes /* Caen : F. Poisson, 1816. 2 v. OR 593 L236.

56. Laplace, Cyrille Pierre Théodore, 1793-1875. *Voyage autour du monde par les mers de l'Inde et de Chine exécuté sur la Corvette de l'état la Favorite pendant les années 1830, 1831 et 1832 sous le commandement de M. Laplace: album historique* / Paris: Imprimerie Royale, 1835. OR 910.41 L314 + IN FOLIO 73 OR atlas.
57. Latreille, P. A.(Pierre André), 1762-1833. *Histoire naturelle des fourmis; et recueil de memoires et d'observations sur les abeilles, les araignées, les faucheurs, et autres insectes* / Paris : Imprimiere de Crapelet, 1802. OR 595.796 L362.
58. Lindenberg, J. B. W. (Johann Bernhard Wilhelm), 1781-1851. *Species hepaticarum*. 11 fasc. OR 588.33 L744.
59. Linné, Carl Von, 1707-1778. *Species plantarum: exhibentes plantas rite cognitatas ad genera relatas cum differenttis specificis, nominibus trivialibus, synonymis selectis, locis natalibus, secundum systema sexuale digestas* / Berolini: G. C. Nauk, 1797-1830. 6 v. em 20. OR 581 L758sp.
60. Linné, Carl von,1707-1778. *Systema vegetabilium* / Gottingae: Sumtibus Librariae Dieterichianae, 1825-1828. 5 v. OR 581 L758 16 ed.
61. Lucas, H. (Hippolyte), 1815-1899. *Histoire naturelle des lepidopteres d'Europe* / Paris: L. de Bure, 1855. OR 595.78 L933.
62. Lucas, H. (Hippolyte), 1815-1899. *Histoire naturelle des lépidoptères exotiques* / Paris: Pauquet, 1835. OR 595.789 L933.
63. Milne-Edwards, H. (Henri), 1800-1885. *Histoire naturelle des crutaces... 1834-1850*. 3 v. + Atlas. OR 595.3 M659.
64. Montagne, Jean François Camille, 1785-1866. *Prodomus generum specierunque...* 1852. OR 589.3 M758.
65. Moquin-Tandon, Alfred, 1804-1863. *Monographie de la famille des hirudinnees...* 1856. 1 v. + Atlas. OR 595.145 M826 1856.

66. [tem hbl]Nageli, Karl,1817-1891. *Die neuern Algensysteme und versuch zur begrundung eines eigenen system der algen und florideen* / Zurich : F. Schultless, 1857. OR 589.3 N147n.
67. Nees Von Esenbeck, Christian. *Das system der pilze... 1837-1858*. 2 v. em 1. OR589.2 N383.
68. Persoon, C. H.(Christiaan Hendrick),1755-1837. *Icones pictae specierum rariorum fungorum in synopsi methodica* / Paris: [s.n.], 1803-1806. 4 v. em 1. OR 589.2 P467i.
69. Pictet, François Jules, 1809-1872. *Histoire naturelle générale et particulière des insectes neuropteres* / G n ve: J. Kessmann, 1851-1855. 2 v. OR 595.735 P611.
70. Pictet, François Jules, 1809-1872. *Notice sur les animaux nouveaux... 1851*. OR 599.323 P611.
71. [tem hbl] Pictet, François Jules, 1809-1872. *Traite de Paleontologie ou, historie naturelle des... 1853-1857*. 4 v. + Atlas. OR 560 P611 2. ed. OR 560 P611 2.ed.
72. Presl, Karel Boriwog, 1794-1852. *Tentamen pteridographiae, seu genera filicacearum praesertim juxta venarum decursum et distributionem exposita* / Pragae : Typis Filiarum Theophili Haase, 1836-1855. 2 v. OR 587.31 P934.
73. Rang, Paul Karel Sander Leonard,1785-1859. *Histoire naturelle des mollusques pteropodes : monographie comprenant la description de toutes les espèces de ce groupe de mollusques* / Paris : J.B. Bailliere, 1852. OR 594.35 R196.
74. Ritter, Carl. *Die erdekunde in Berbaliniss zur nature... 1822-1859*. OR 572.9 R614 2.ed.
75. Sagra, Ramon de la, 1798-1871. *Histoire physique, politique et naturelle de l'île da Cuba... 1839-1857*. 12 v. em 8 + 3 Atlas. OR 972.91 S129.

76. Sowerby, G. B. (George Brettingham), 1812-1885. *A conchological manual* / London : H. G. Bohn, 1852. OR 594.5731 S731 4.ed.
77. Stoll, Caspar, 1795. *Natuurlyke en naar't leeven naauwkeuring gekleurde afbeeldingen der wantzen, in alle vier waerelds deelen Europa, Asia, Africa en America* / Amsterdam: Y. C. Sepp, 1788. OR 595.752 S875p.
78. Stoll, Caspar, 1795. *Natuurlyke en naar het le ven nauwkeurig gekleurde albuldingen en beschrijrringen der spoken...* 1813. 2 v. OR 595.72 S875
79. Temminck, C. J. (Coenraad Jacob), 1770-1858. *Monographies de mammalogie, ou, description de quelques genres de mammiferes, dont le espèces ont ete obsrvées dans les differens musées de l'Europe* / Paris : G. Dufour, 1827-1851. OR 599 T281
80. *Die tertiare Flora von Schossnitz in Schlesien...* 1855. OR 561.3 T3
81. Turner, Dawson, 1775-1858. *Fuci, sive plantarum fucorum generia botanicis ascriptarum icones descriptiones et historia* / Londini: Typ.J. M. Creery Impensis J. et A. Arch, 1808-1819. 4 v. em 8. OR 589.3 T945
82. Unger, F. (Franz), 1800-1870. *Choloris protogaea : beitrage zur flora der vorwelt* / Leipzig : W. Engelmann, 1857. 1 v. + Atlas. OR 561.49 U57.
83. Vaillant. M. *Voyage autour du monde exécute pendant les années 1836 et 1837 sur la Corvette la Bonite comandée par M. Vaillant* / Paris: A. Bertrand, 1850-1852. 14 v. + 3 Atlas. OR 910.41 V975v + IN FOLIO 286 OR atlas
84. Waterhouse, G. R. (George Robert), 1810-1888. *A natural history of the mammalia* / London: H. Bailliere, 1856-1858. 2 v. OR 599 W326
85. Westwood, J. O. (John Obadiah), 1805-1893. *Arcana Entomologia or, illustrations of new, rare, and interesting insects* / London: W. Smith, 1855.

## 8.2 In fólios

1. BUCH, Leopold von, 1774-1853. *Pétrifications recueillies en Amérique* par Mr. Alexandre de Humboldt et par Mr. Charles Degenhardt /décrites par Léopold de Buch. Berlin: Impr. de L'Academie Royale des Sciences, 1839. IN FOLIO 84 OR.
2. CORDA, A. C. J. (August Carl Joseph), 1809-1849. *Flore illustree de Mucedinees d'Europe* /par A. C. J. Corda. Leipzig: G. Fleischer, 1840. IN FOLIO 38 OR.
3. EHRENBERG, Christian Gottfried, 1795-1876. *Die akalephen des rothen meeres und der organismus der medusen der ostsee, erlautert und auf systematik angewendet* /von C. G. Ehrenberg. Berlin: Druckerei der Koniglichen Akademie, 1836. IN FOLIO 245 OR.
4. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Über noch zahlreich jetzt lebende thierarten der kreidebildung* /von C. G. Ehrenberg. Berlin: K. Akad. der Wissenschaften, 1840. IN FOLIO 206 OR
5. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Verbreitung und Einfluss des mikroskopischen Lebens in Süd- und Nord-Amerika* /ein vortrag von C. G. Ehrenberg. Berlin : Druckerei der Königlichen Akademie der Wissenschaften, 1843. IN FOLIO 119 OR
6. Ehrenberg, Christian Gottfried, 1795-1876. *Passat-Staub und Blut-Regen :ein grosses organisches unsichtbares Wirken und Leben in der Atmosphäre* /von Christian Gottfried Ehrenberg. Berlin: Druckerei der Koniglichen Akademie der Wissenschaften, 1849. IN FOLIO 273 OR
7. Geoffroy Saint-Hilaire, Étienne, 1772-1844. *Histoire naturelle des mammifères: avec des figures originales, coloriees, dessinees d'apres des animaux vivans* /par M. Geoffroy Saint-Hilaire et par M. Frédéric Cuvier. Paris: A. Belin, 1824-1842. IN FOLIO164 OR

8. Gould, John, 1804-1881. *A monograph of the trogonidae, or family of trogons /by John Gould.* London: J. Gould, 1838. IN FOLIO 43 OR
9. Hedwig, Johann, 1730-1799. *Filicum genera et species: recentiori methodo accommodatae analytice descriptae /a Ioanne Hedwig; iconibusque adnaturam pictis illustratae a Romano Adolpho Filio.* Lipsiae: Bibliopoli Schaeferiant, 1799. IN FOLIO 9 OR
10. Hoffmann, Georg Franz, 1761-1826. *Descriptio et adumbratio plantarum e classe Cryptogamica Linnaei quae lichenes dicuntur /auctore D. George Franc. Hoffmann.* Lipsiae: Apud. S. Lebrecht Crusium, 1790-1801. IN FOLIO 80 OR
11. Hooker, William Jackson, Sir, 1785-1865. *Icones filicum: ad eas potissimum species illustrandas destinatae, quae hactenus, vel in herbariis delituerunt prorsus incognitae, vel saltem nondum per icones botanicis innotuerunt= Figures and descriptions of ferns, principally of such as have been altogether unnoticed by botanists, or as have not yet been correctly figured /by William Jackson Hooker and Robert Kaye Greville.* Londini: Treuttel, 1831. IN FOLIO 24 OR
12. Laplace, Cyrille Pierre Théodore, 1793-1875. *Voyage autour du monde par les mers de l'Inde et de Chine exécuté sur la Corvette de l'état la Favorite pendant les années 1830, 1831 et 1832 sous le commandement de M. Laplace /pub. par ordre de M. le vice-amiral Comte de Rigny.* Paris: Imprimerie Royale, 1833-1835. IN FOLIO 73 OR
13. Levaillant, François, 1753-1824. *Histoire naturelle des perroquets /François Levaillant.* Paris: Chez Levrault & Schoell, 1801-1838. IN FOLIO 53 OR
14. Lindley, John, 1799-1865. *Sertum orchidaceum: a wreath of the most beautiful orchidaceous flowers /selected by John Lindley.* London: J. Ridgway, 1838. IN FOLIO 158 OR
15. Sternberg, Kaspar, Graf, 1761-1838. *Essai d'un expose geognostico-botanique de la flore du monde primitif ... /par le Comte Gaspard Sternberg ; trad. de*

l'alemão par le Comte de Bray. Ratisbonne: Imprime Chez la Veuve de C. E. Brenck, 1820-1826. IN FOLIO 217 OR.

## 9 - Tabelas

### 9.1 - Participação de José dos Reis Carvalho na Exposição da Classe de Pintura Histórica da Imperial Academia de Belas Artes

Data	Título da Obra(s)
1829	<i>- Prisão pintada ao Teatro, que se vê na cena do Usurpador punido, Baile de Montani, Marinha copiada de Debret, Grupo de frutas e Flores do País e Prisão Copiada Mr. Debret</i>
1830	<i>Paisagem representando uma vista da Suíça, Dita de um Castelo Antigo, Alegoria à criação da ordem da Conceição e diversas obras já expostas em 1829</i>

Tabela 1 - Exposições organizadas por J. B. Debret<sup>565</sup>

---

<sup>565</sup> J. B. Debret, *Viagem Pitoresca e História do Brasil*, Tomo II, Vol. III, (1972), pp.115-117. Veja também A. Galvão, “Cousas Antigas”, *Arquivos*, pp. 131-6. (Este autor apresenta os títulos das obras)

Ano	Dia s/mês	Título da Obra(s)	Prêmio	Local
1843	9 a 20/12	- <i>Uma preta quitandeira com frutas da terra</i>	- Medalha de Ouro	Largo do Rocio, 11 – Seção Pintura , Sala 10.
1844	9 a 19/12	- <i>Flores</i> - <i>Paisagem</i>	- Menção de Louvor em segundo grau.	Largo do Rocio, 13 – Seção Pintura, sala 9.
1848	10 a 24/03	- <i>Um quadro de Flores (MNBA)</i>	- Cavaleiro da Ordem da Rosa	Rua do Conde 86 – Seção Pintura, sala 9.
1849	-(?)	- <i>Quadro de Flores</i>	-	Rua Nova do Conde, 86 – Seção Pintura, sala 10.
1865	19/0 2	- <i>Flores</i> - <i>Vistas do Interior da Província do Ceará</i> - <i>Vistas do Interior da Província do Ceará ; - Vista de Petrópolis</i>	- Medalha de Ouro	Rua do Resende – Seção Geral. (Era então professor honorário da AIBA e de Desenho da Escola da Marinha, segundo Levy)
1872	15/0 6 a 7/07	- <i>Vista do boqueirão de Lavras, serra que o rio Salgado corta ao meio, um pouco abaixo de Lavras, na Província do Ceará.; - Um vaso de porcelana com flores do Brasil</i>	-	Niterói – Seção Geral (Era então Professor Honorário AIBA e jubilado de Desenho da Escola de Marinha, segundo Levy.)

Tabela 2 – Participação de José dos Reis Carvalhos nas Exposições Gerais de Belas Artes.<sup>566</sup> Em 1861, expôs quadro à óleo “Flores” e enviou-o para Exposição Universal em Londres, que ocorreria no ano seguinte, como relata o Catálogo *Recordações da Exposição Nacional de 1861*. p. 125.

<sup>566</sup> C.R.M.Levy. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes – Período Monárquico, Catálogo de artistas e obras entre 1840 e 1884*. pp.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**ÁREA DE HISTÓRIA DA ARTE**

CLÁUDIO JOSÉ ALVES

**NATUREZA E CULTURA NAS ILUSTRAÇÕES DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE  
EXPLORAÇÃO (1859-1861).**

**Anexo II - Imagens da Comissão Científica de Exploração**

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz César Marques Filho

CAMPINAS  
Março de 2012

## Índice

### 7.1 - Natureza Morta

Fig. 1 - *Natureza Morta com Cristais*, 1841.....7

Fig. 2 - *Natureza Morta com Estatueta de Dom Pedro I*.....8

### 7.2 - Composições de Reis Carvalho Anteriores à Missão.....9

### 7.3 – Ilustrações da Comissão Científica de Exploração

7.3.1. – José dos Reis Carvalho

7.3.1.1 – Paisagens

7.3.1.1.1 – Composições em Biomas Naturais

Fig. 18 - [O Navio Palpite].....21

Fig. 19 - *Acampamento de Missão Científica*.....21

Fig. 20 - *Casal em Viagem*.....22

Fig. 21– *Soldado em marcha para o destacamento/ carneiro carregando malas/ Vivandeira - De Iço para o Crato em 1859*.....22

Fig. 22 – *Família em Viagem*.....23

Fig. 23 - *Cassimbas do Rio Acaracu*.....23

Fig. 24 – *Corte de Carnaúba*.....24

Fig. 25 – *Passagem do rio Madiera*.....24

Fig. 26– *Viajantes com burro de carga*.....25

Fig. 27 – *Serra do Boqueirão de Lavras*.....26

Fig. 28 – *Cerra de Tauá - 1860*.....26

Fig. 29 – *Serra do Arerê, à margem esquerda do Jaguaribe, légua e meia da cidade do Aracati, tem uma profunda caverna*.....26

Fig. 30 - *Vegetação – Facheiro*.....27

Fig. 31(a) – *Entrada da Caverna da Serra do Arerê (1859)*.....27

Fig. 31 (b) – *Paisagem – Vegetação Ceará*.....27

Fig. 32 – <i>Barriga. Serra Pedregosa, 6 l. L. de Sobral.(Janeiro de 1861)</i> .....	30
Fig. 33 - <i>Pedras Russas</i> .....	31
Fig. 34 - <i>Estação de carros no sertão</i> .....	31
Fig. 35. <i>Vista do Farol da Baía vinda do Norte</i> .....	32
Fig. 36 - <i>Recife em Pernambuco em 1861</i> .....	32
Fig. 37 – <i>Vista Panorâmica de Olinda</i> .....	32
<b>7.3.1.1.2 - Paisagens com Edificações de Fornos</b>	
Fig.38 - <i>Forno de Cal de Pedra</i> . ....	33
Fig. 39- <i>Forno de Tijolo e Forno de Louça</i> . ....	33
<b>7.3.1.1.3 - Paisagens com Edificações de Igrejas</b>	
Fig. 40- <i>Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro - Ceará</i> .....	34
Fig. 41 - <i>Igreja do Menino Deus em Sobral</i> .....	34
Fig. 42 - <i>Igreja Matriz na Vila de Aquiras</i> -.....	35
Fig. 43- <i>Na. Sra. da Conceição do Outeiro da praia na Capital do Ceará</i> .....	36
Fig. 44 - <i>Matriz na cidade do Aracati</i> .....	37
Fig. 45 - <i>. Arronches</i> .....	37
Fig. 46 - <i>N.S. dos Prazeres, na cidade do Aracati (6 de set.de 1859)</i> .....	37
Fig. 47 - <i>Igreja de N. S. da Conceição do Monte (Agosto de 1859)</i> .....	37
Fig. 48 – <i>Na. Sra. do Rosário, na cidade do Aracati (4 de set. de 1859)</i> .....	38
Fig. 49 – <i>Na. Sra. do Ó na Vila de Cascavel (20 agosto 1859</i> .....	38
<b>7.3.1.1.4 - Paisagens com Edificações Públicas</b>	
Fig. 50 - <i>Farol de Mocuripe em Fevereiro de 1859</i> .....	39
Fig. 51 - <i>Casa da Câmara e Cadeia na cidade do Aracati</i> .....	40
Fig. 52 – <i>Quartel da Fortaleza a</i> .....	40

Fig. 53 - <i>Colégio dos Educandos na Capital do Ceará</i> .....	41
Fig. 54 - <i>Alfândega</i> .....	41

### **7.3.1.1.5 - Paisagens com Edificações de residências**

Fig. 55 - <i>Interior de um Rancho</i> .....	42
Fig. 56 - <i>Redemoinho em Iço e Aracaty</i> .....	43
Fig. 57 - <i>Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859- Maceió</i> .....	43
Fig. 58 - <i>Moinho de vento nos arrebaldes do Aracati. Todo fabricado de carnaúba. (2 de setembro de 1859)</i> -.....	44
Fig. 59 - <i>Lugar chamado Fortaleza em Sobral (02 de janeiro de 1861)</i> .....	45
Fig. 60 - Sem referência. [ <i>Casa de Pau a pique</i> ].....	45
Fig. 61- <i>Paisagem - Sobral, Ceará</i> . ....	46
Fig. 62 - Sem referência. [ <i>Mulheres sentadas e homem deitado na rede</i> ].....	46
Fig. 63 - <i>Maceió</i> .....	46
Fig. 64 - Sem referência. [ <i>Casa com telhado de sapé</i> ]. ....	46
Fig. 65- Sem referência. [ <i>Casa e vegetação</i> ] .....	47
Fig. 66 - <i>Mecejana</i> .....	47
Fig.67 – Sem referência. [ <i>Casa e vegetação</i> ].....	48

### **7.3.1.2 - Costumes**

#### **7.3.1.2.1 – Trabalho**

##### **7.3.1.2.1.1 - Pescadores**

Fig.68 – <i>Pescaria de Piranhas com Jiqui</i> .....	49
Fig. 69– <i>Pesca de Piranhas em Russas</i> . ....	50
Fig. 70 – <i>Farol de Mucuripe (Ceará)</i> .....	50
Fig. 71- <i>Farol do Mucuripe – Jangada (Ceará)</i> .....	51
Fig.72 - <i>Pescador de Tarrafa</i> .....	53

##### **7.3.1.2.1.2 - Vendedores**

Fig.73 – <i>Vendedor de Caju e vendedor de peixes</i> .....	53
Fig. 74– <i>Venda de garapa</i> -.....	54
Fig.75 – <i>Azeite de Carrapato</i> .....	55
Fig. 76 – <i>Vendedor de sapatos, Crato, e Mulher de Lençol</i> .....	55
<b>7.3.1.2.1.3 – Carteiros</b>	
Fig. 77 – <i>Correio do Ceará</i> .....	56
<b>7.3.1.2.1.4 - Educadores</b>	
Fig. 78– <i>Aula de Primeiras Letras no Certão</i> . ....	57
<b>7.3.1.2.1.5 - Laberinto</b>	
Fig. 79– <i>Trabalhos de Labertino</i> .....	58
<b>7.3.1.3 - Manifestações Populares</b>	
<b>7.3.1.3.1 - Penitentes</b>	
Fig. 80 – <i>Penitentes – Venda Grande</i> .....	59
Fig.81 – <i>Penitentes em Sobral</i> .....	60
Fig. 82– <i>Penitente</i> .....	60
Fig. 83 – <i>Esmola para o Sr. Do Bonfim</i> .....	61
<b>7.3.1.3.2 – Samba</b>	
Fig. 84 – <i>Samba</i> . ....	61
<b>7.3.1.3.3 - Vaqueiros e vaquejadas</b>	
Fig. 85 – <i>Costumes Populares</i> .....	62
Fig. 86 – <i>Vaqueiro</i> .....	63
Fig. 87 – <i>Vaquejada</i> .....	63
<b>7.3.1.4 - Cercas de Carnaúba</b>	
Fig. 88 – <i>Cerca de caiçara ou mourão. Curral feito de carnaúba</i> .....	64

Fig. 89 – <i>Cerca de mourão furado. Cerca de pau a pique. Cerca de talo em pé. Cerca de caiçara.</i> .....	64
<b>7.3.1.5 - Retratos</b> .....	65
<b>7.3.1.6 - Flores</b> .....	67
<b>7.3.1.7 – Ilustrações Botânicas</b> .....	74
<b>7.3.1.8 – Animais</b> .....	77
<b>.7.3.2. – Francisco Freire Alemão</b>	
<b>7.3.2.1- Ilustrações Botânicas</b> .....	78
<b>7.3.2.2 – Os desenhos da <i>Flora Cearense</i></b> .....	82
<b>7.3.2.3- Paisagens e Planos de cidades</b> .....	87
<b>7.3.3– Ilustrações Zoológicas</b> .....	91
<b>7.3.4– Gonçalves Dias: litografias dos artefatos indígenas</b> .....	95

## 7 – Anexos: Imagens

### 7.1. – Natureza Morta



Fig.1- José dos Reis Carvalho, *Natureza Morta com Cristais*, 1841, óleo sobre tela, 90 x 85 cm, Coleção Particular.



Fig. 2 - José dos Reis Carvalho, *Natureza Morta com Estatueta de Dom Pedro I, s.d.*, óleo sobre tela, 100 x 85 cm, Coleção Particular

## 7.2 - Composições de José dos Reis Carvalho anteriores à Missão.



Fig. 3 - José dos Reis Carvalho, *Teatro Provisório*, 1853, Museu Nacional de Belas Artes, Fonte: Gilberto Ferrez *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.



Fig. 4 - José dos Reis Carvalho, *Igreja de Sant' Anna em dia de festa*, 1851, Museu Nacional de Belas Artes, Fonte: Gilberto Ferrez *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.



Fig. 5 - José dos Reis Carvalho, *Pátio do Hospício de Jerusalém*, Aquarela/Papel – 1851, 17,0 x 21,5, Museu D. João VI.

“Pórtico do Hospício de Jerusalém (costumes)- 1821 [Pórtico do Hospício de Jerusalém fundado em 1735 segundo as hordens que recebeu o governador do Rio de Janeiro na rua dos barbonos, antiga Evaristo da Veiga. (Professor de desenho da antiga Academia dos G.J. Marinhos) - José dos Reis Carvalho em 1851.



Fig. 6 - José do Reis Carvalho, *Cerimônia Religiosa*, *Aquarela/Lápis de Cor/Papel* – 1853, 13,2 x 16,0, Museu D. João VI



Fig. 7 - José dos Reis Carvalho, *Cavalo com soldado*,  
Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1853, 16,2 x 20,4, Museu  
D. João VI, UFRJ.



Fig. 8 - José dos Reis Carvalho, [Sem  
referência], 1853, Biblioteca Nacional/ Seção  
Iconografia/ RJ.



Fig. 9 - José dos Reis Carvalho, [...], 1851, Biblioteca Nacional, Seção Iconográfica, RJ.



Fig. 10 – José dos Reis Carvalho. *Beco Marinheiros*, 1851, Biblioteca Nacional, Seção Iconográfica , RJ.

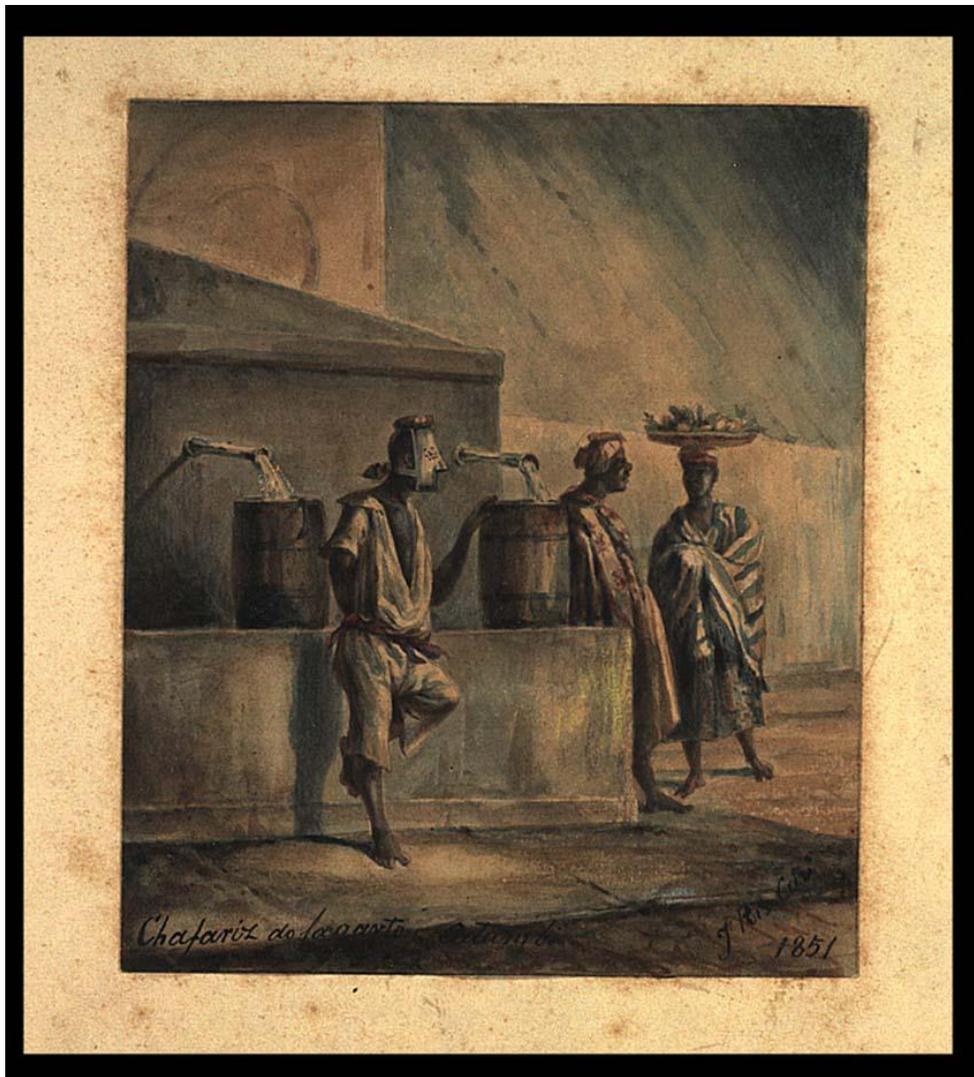


Fig. 11 – José dos Reis Carvalho, *Chafariz [...] Catumbi*, 1851, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 12 – José dos Reis Carvalho, *A Iluminação de azeite de Peixe*, 1851, Biblioteca Nacional, Seção Iconográfica, RJ.



Fig. 13 - José dos Reis Carvalho, *Retrato de Criança – Araújo*, Grafite/papel – 1837, 14,2 x 10,6, Museu D. João VI, UFRJ.

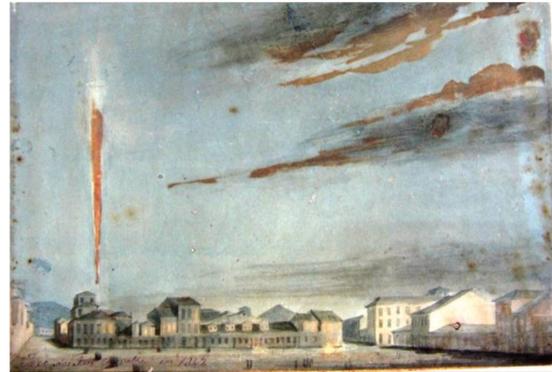


Fig. 14 - José dos Reis Carvalho, *Paisagem*, Aquarela, Papel, 1842, 14,1 x 21,2, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 16 - José dos Reis Carvalho, *Praitinga, Ponte do Rio Paraíba*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 1856, 21,1 x 39,8, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 15 - José dos Reis Carvalho, *Begônia – Corcovado, 13 de Julho de 1851*, Aquarela/Lápis de Cor/papel, 26,5 x 20,5, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 17 - José dos Reis Carvalho, *O Cumeta*, Grafite, Papel, 1882, 12,5 x 20,3, Museu D. João VI, UFRJ.

## 7.3 – Ilustrações da Comissão Científica de Exploração

### 7.3.1 – José dos Reis Carvalho

#### 7.3.1.1 - Paisagens

##### 7.3.1.1.1 – Composições em Biomas Naturais

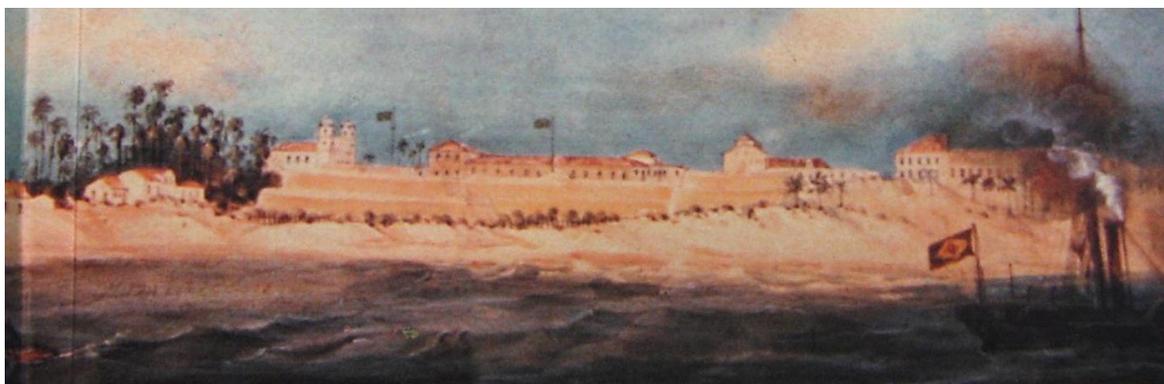


Fig. 18 - José dos Reis Carvalho, [O Navio Palpite], Museu do Crato. Fonte: Azevedo, Miguel Ângelo de. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, Capa.



Fig. 19 - José dos Reis Carvalho, *Acampamento de Missão Científica*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 20,9 x 32,8, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 20 - José dos Reis Carvalho, *Casal em Viagem*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 20,9 x 35,8, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 21 - José dos Reis Carvalho, *Soldado em marcha para o destacamento/ carneiro carregando malas/ Vivandeira - De Iço para o Crato em 1859*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 15,3 x 22,0, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 22 - José dos Reis Carvalho, Família em Viagem, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 18--. 15,3 x 11,5, Museu D. João VI – UFRJ.



Fig. 23 - José dos Reis Carvalho, Cassimbas do Rio Acaracu, Sobral, Aquarela/Lápis de cor/Papel, 15,3 x 23, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 24 - José dos Reis Carvalho, *Corte de Carnaúba*, Aquarela/lápis de cor/papel – 1859, 17,9 x 37,1, Museu D. João VI, UFRJ.

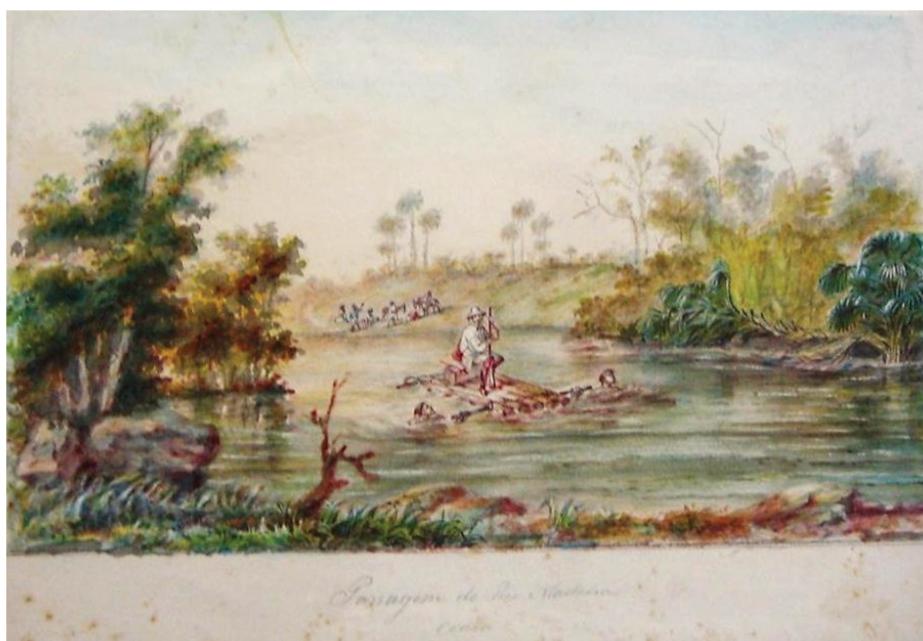


Fig. 25 - José dos Reis Carvalho, *Passagem do Rio Madeira*, Aquarela, Lápis de cor, papel, 25,3 x 35,1, Ceará, Museu D. João VI, UFRJ.

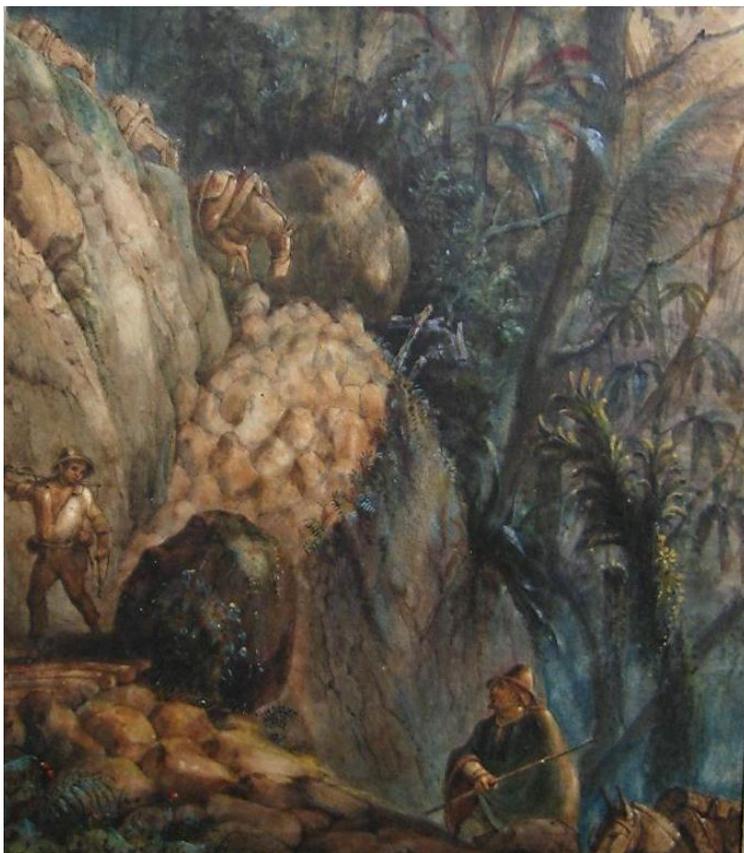


Fig. 26 - José dos Reis Carvalho, *Viajantes com burro de carga*, Aquarela, papel - 18---, 23,0 x 20,0, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 27 - José dos Reis Carvalho, *Serra do Boqueirão de Lavras*, Pastel, Papel. 1859, 19,3 x 36,5, Vista da Capital 90 Léguas, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 29 - José dos Reis Carvalho, *Serra do Arerê, à margem esquerda do Jaguaribe, légua e meia da cidade do Aracati, tem uma profunda caverna*, Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

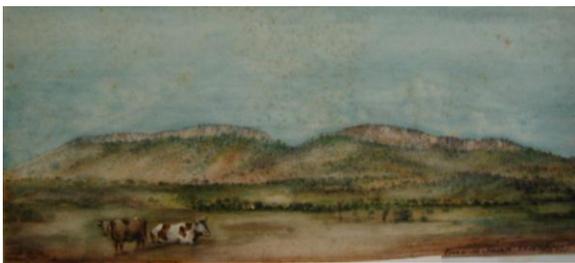


Fig. 28 - José dos Reis Carvalho, *Serra de Tauá* - 1860, Aquarela/Lápis de cor/Papel, 17,0 x 37,8, Museu d. João VI.



Fig. 30 - José dos Reis Carvalho, *Vegetação – Facheiro*, Grafite, Papel . 18--; 16,5 x 27,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 31 (a) - José dos Reis Carvalho, *Entrada da Caverna da Serra do Arerê (1859)*, Grafite retoque a guache, 29,10 x 19,30 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

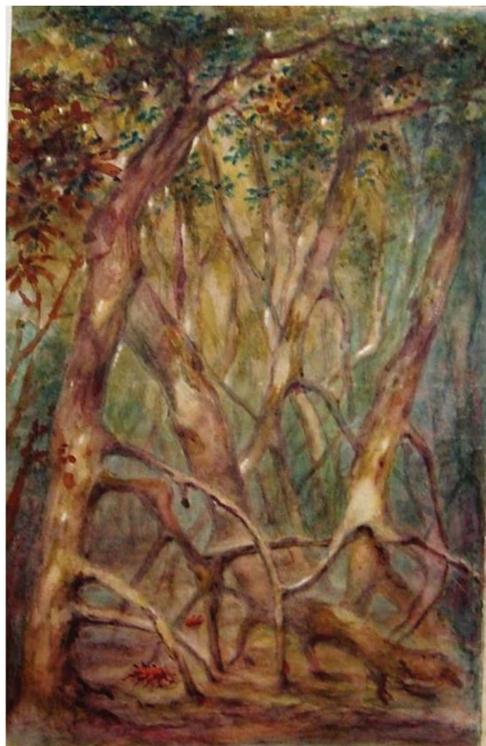


Fig. 31(b) - José dos Reis Carvalho, *Paisagem – Vegetação do Ceará*, Aquarela, Pastel, Papel, 18—, 21,4 x 14,0, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 32 - José dos Reis Carvalho, *Barriga. Serra Pedregosa, 6 léguas a leste de Sobral. (Sobral, janeiro de 1861)*, Aquarela, 19,30 x 28,90 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 33 - José dos Reis Carvalho, 17 de setembro de 1859, *Pedras Russas*, Aquarela, 19,30 x 29 cm, Museu Histórico Nacional.



Fig. 34 - José dos Reis Carvalho, *Estação de carros no sertão*, Aquarela, 19,40 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 35 - José dos Reis Carvalho, *Vista do Farol da Baía vinda do Norte*, Aquarela, Lápis de cor, Papel. 1861, 16,5 x 41,0 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 36 - José dos Reis Carvalho, *Recife em Pernambuco em 1861*, Grafite, Papel, 1861, 27,1 x 42,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 37 - José dos Reis Carvalho, *Vista Panorâmica de Olinda*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel, 18--, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.1.2 - Paisagens com Edificações de Fornos



Fig. 38 - José dos Reis Carvalho, *Forno de Cal de Pedra*, Aquarela, Pastel, Papel - 18-- , 15,0 x 22,0, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 39 - José dos Reis Carvalho, *Forno de Tijolo e Forno de Louça*. Aquarela, Pastel, Papel. 18-- , 14,4 x 22,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7. 3.1.1.3. Paisagens com Edificações de Igrejas



Fig. 40 - José dos Reis Carvalho, *Vista da Matriz e do Santo Cruzeiro – Ceará*, Aquarela, Pastel, Papel – 1859, 24,3 x 41,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 41 - José dos Reis Carvalho, *Igreja do Menino Deus em Sobral*, Aquarela, Papel. 18--, 20,3 x 24,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 42 - José dos Reis Carvalho, *Igreja Matriz na Vila de Aquiras*, Aquarela, Lápis de cor. Papel. 1859, 15,3x23,1 cm. Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 43 - José dos Reis Carvalho, *Na. Sra. da Conceição do Outeiro da praia na Capital do Ceará*, Aquarela, 19,50 x 28,90 cm, Aqui pregava o Padre Agostinho suas missões em 1859. Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 44 - José dos Reis Carvalho, *Matriz na cidade do Aracati* (Agosto de 1859), Aquarela, 28,90 x 19,30 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 45 - José dos Reis Carvalho, *Arronches*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1860, 17,2 x 25,6 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

“Arronches – Povoação a  $\frac{3}{4}$  de légua a sudeste da cidade de Fortaleza, situada a margem [...] da lagoa Paranguaba que deu nome a antiga missão de índios administrada pelos Jesuítas”.



Fig. 46 - José dos Reis Carvalho, *Na. Sra. dos Prazeres, na cidade do Aracati* (6 de setembro de 1859), Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 47 - José dos Reis Carvalho, *Igreja de N. S. da Conceição do Monte*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel, 18—, 10,7 x 32,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 48 - José dos Reis Carvalho, *Na. Sra. do Rosário, na cidade do Aracati (4 de setembro de 1859)*, Aquarela, 19,40 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 49 - José dos Reis Carvalho, *Na. Sra. do Ó na Vila de Cascavel (20 agosto 1859)*, Aquarela, 20,10 x 29,70 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

#### 7.3.1.1.4 Paisagens com Edificações Públicas



Fig. 50 - José dos Reis Carvalho, *Farol de Mocuripe em Fevereiro de 1859*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 15,2 x 16,0 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 51 - José dos Reis Carvalho, *Casa da Câmara e Cadeia na cidade do Aracati*, Aquarela, 19,30 x 28,40 cm , “A cidade dista do mar 5 léguas, 30 da capital e 50 do Içó. Carro conduzindo algodão (agosto de 1859)”, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 52 - José dos Reis Carvalho, *Quartel da Fortaleza*, Grafite/Papel, 18—, 27,3 x 42,6 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 53 - José dos Reis Carvalho, *Colégio dos Educandos na Capital do Ceará*, Grafite/Papel – 1860, 27,2 x 42,5cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 54 - José dos Reis Carvalho, *Alfândega*, Grafite/Papel – 1860, 27,2 x 42,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.1.5 - Paisagens com Edificações de residências



Fig. 55 - José dos Reis Carvalho, *Interior de um Rancho*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 18--., 16,0 x 22,8 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig.56 - José dos Reis Carvalho, *Redemoinho em Iço e Aracaty*, Pastel/Papel – 1859, 25,3 x 30,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 57 - José dos Reis Carvalho, *Vista da cidade de Iço em 29 de outubro de 1859*, Aquarela/Lápis de cor/papel, 17,9 x 37,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

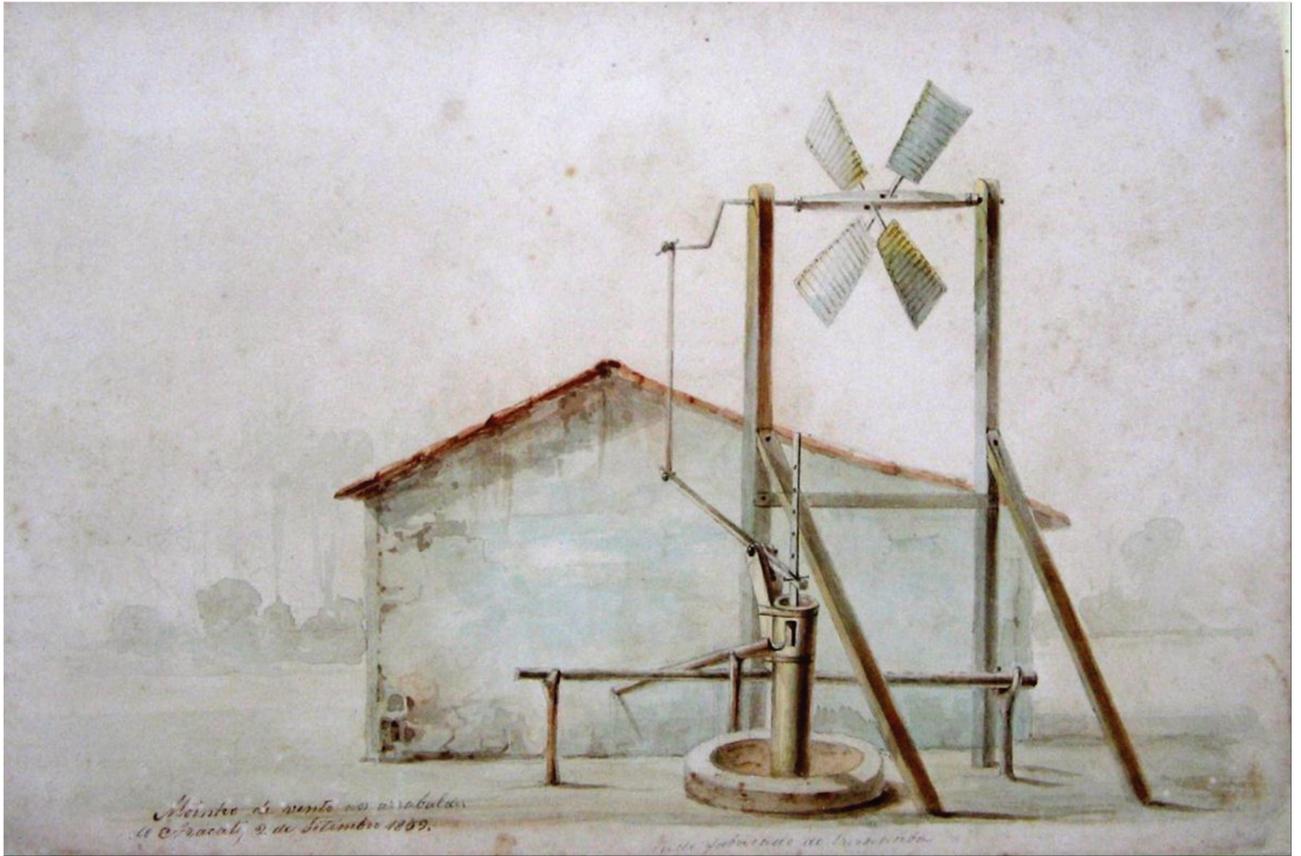


Fig. 58 - José dos Reis Carvalho, *Moinho de vento nos arrebalde do Aracati. Todo fabricado de carnaúba. (2 de setembro de 1859)*, Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 59 - José dos Reis Carvalho, *Lugar chamado Fortaleza em Sobral (02 de janeiro de 1861)*, Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 60 - José dos Reis Carvalho, Sem referência. [*Casa de Pau a pique*], Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 61 - José dos Reis Carvalho, *Paisagem - Sobral, Ceará*, Aquarela, Papel. 1860, 12,5x19,8 cm, “Barriga - Cerrota Pedregosa seis léguas a leste de Sobral [...]”. Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 63 - José dos Reis Carvalho, *Maceió*, Aquarela/Pastel/Papel – 1859, 11,8 x 19,8 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 64 - José dos Reis Carvalho, [Casa com telhado de sapé], Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 62 - José dos Reis Carvalho, Sem referência. [Mulheres sentadas e homem deitado na rede], Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 65 - José dos Reis Carvalho, [Casa e vegetação] , Museu D. João VI, UFRJ.

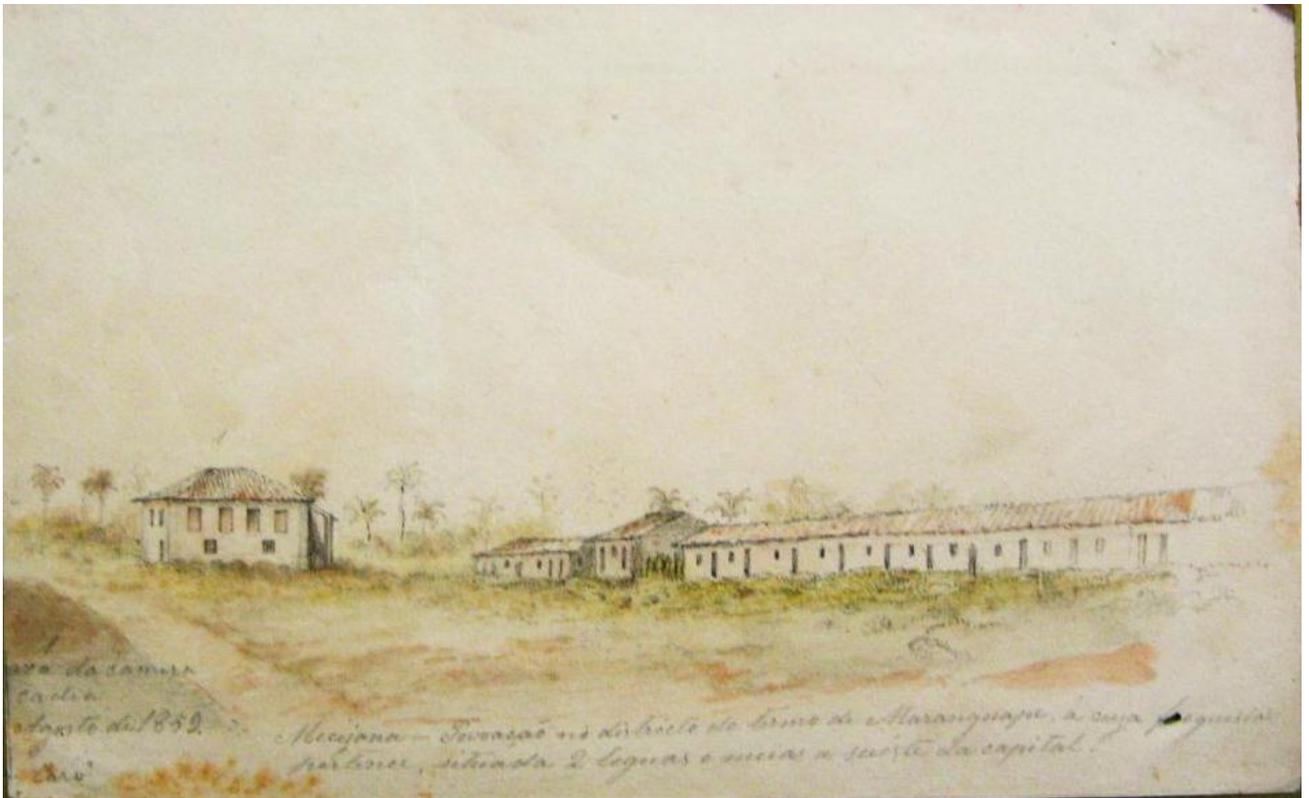


Fig. 66 - José dos Reis Carvalho, *Mecejana*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel, 1859, 14,0 x 22,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 67 - José dos Reis Carvalho, Sem referência. [*Casa e vegetação*], Desenho a lápis, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

### 7.3.1.2 - Costumes

#### 7.3.1.2.1 – Trabalho

##### 7.3.1.2.1.1 – Pesca



Fig. 68 - José dos Reis Carvalho, *Pescaria de Piranhas com Jiqui*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 18---, 18,1x 27,6, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 69 - José dos Reis Carvalho, *Pesca de Piranhas em Russas*. (Quixó, 18 de setembro de 1859), Aquarela, 18,80 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.



Fig. 70 - José dos Reis Carvalho, *Farol de Mucuripe* (Ceará), Grafite/Papel – 1859, 27,2 x 42,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 71 - José dos Reis Carvalho, *Farol do Mucuripe – Jangada (Ceará)*, Aquarela/Lápis de cor/ Papel – 18—, 14,2 x 23,6 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 72 - José dos Reis Carvalho, *Pescador de Tarrafa*, Aquarela, Lápis de cor, Papel. 18--., 15,2 x 9,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.2.1.2 – Vendedores



Fig. 73 - José dos Reis Carvalho, *Ruças e Aracaty em 1859*, -Vendedor de Caju e vendedor de peixes, Aquarela/Lápis de Cor/papel – 1859, 15,3 x 23,0 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 74 - José dos Reis Carvalho, *Venda de garapa*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 15,2 x 23,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 75 - José dos Reis Carvalho, *Azeite de Carrapato*, Aquarela/Lápis de Cor/ Papel – 18—, 15,3 x 8,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig.76 - José dos Reis Carvalho, *Vendedor de sapatos, Crato, e Mulher de Lençol*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 18--, 15,3 x 17,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.2.1.3 - Carteiros

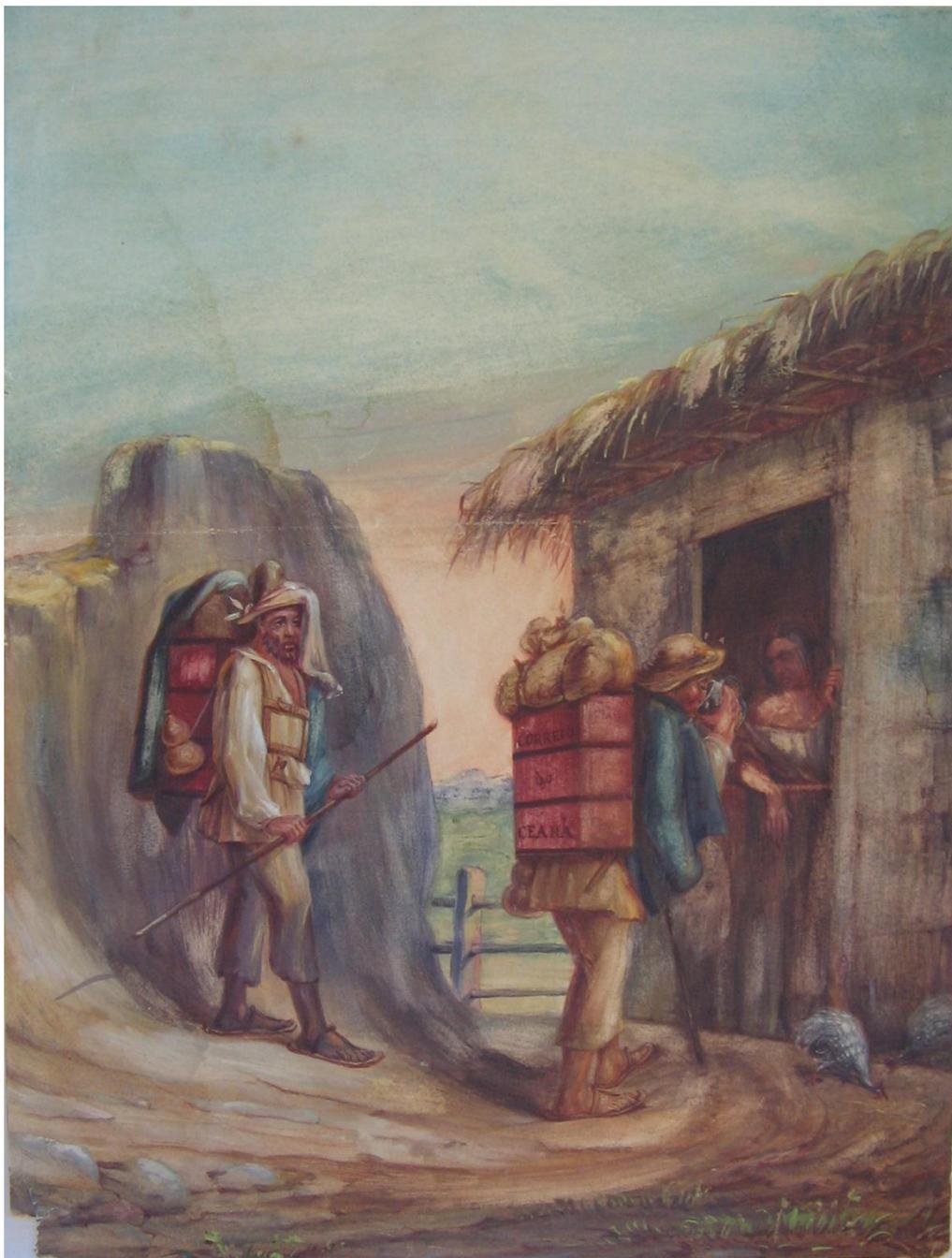


Fig. 77 - José dos Reis Carvalho, *Correio do Ceará*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel -18—, 27,5 x 20,8 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

#### 7.3.1.2.1.4 - Educadores



Fig. 78 - José dos Reis Carvalho, *Aula de Primeiras Letras no Certão*, Aquarela, Papel - 18--. 15,3 x 23,0 cm, Museu D. João Vi, UFRJ.

### 7.3.1.2.1.5 – Laberinto



Fig. 79 - José dos Reis Carvalho, *Trabalhos de Labertino*, Aquarela/Lápis de Cor / Papel – 18—, 15,3 x 11,6 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.3 - Manifestações Populares

#### 7.3.1.3.1 – Penitentes



Fig. 80 - José dos Reis Carvalho, *Penitentes – Venda Grande*, Grafite/Papel – 1860, 19,2 x 10,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 81 - José dos Reis Carvalho, *Penitentes em Sobral*, Grafite/Papel – 18—, 14,2 x 21,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 82 - José dos Reis Carvalho, *Penitente*, Aquarela/Papel – 1859, 20,4 x 16,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 83 - José dos Reis Carvalho, *Esmola para o Sr. Do Bonfim*, Aquarela/Lápis de Cor/papel – 1860, 15,3 x 23,5 cm, Crato, Assaré, Quixamobim, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.3.2- Samba



Fig. 84 - José dos Reis Carvalho, *Samba*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel . 18-- , 15,3 x 23,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.3.3 - Vaqueiros e Vaquejadas



Fig. 85 - José dos Reis Carvalho, *Costumes Populares*, Aquarela, Lápis de cor, Papel, 1859. 15,3 x 21,1, Museu D. João VI – UFRJ.[Fevereiro, 1859]



Fig. 86 - José dos Reis Carvalho, *Vaqueiro*, Aquarela/Lápis de cor/ Papel – 18—, 15,2 x 14,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 87 - José dos Reis Carvalho, *Vaquejada*, Grafite/Papel – 18—, 14,1 x 21,6 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.4 - Cercas de Carnaúba

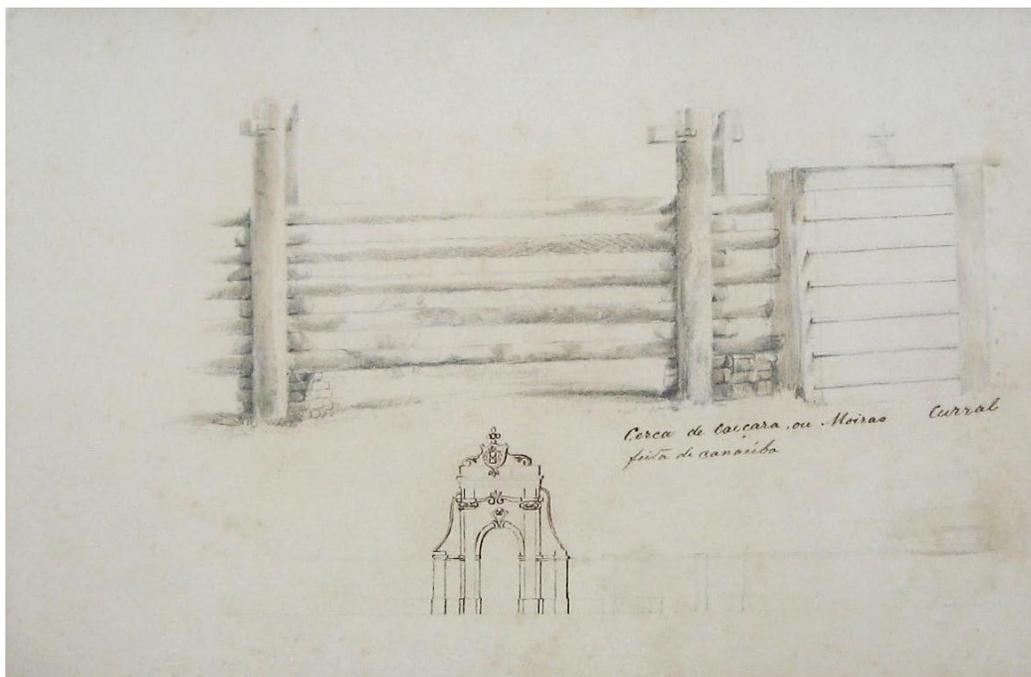


Fig. 88 - José dos Reis Carvalho, *Cerca de caiçara ou mourão. Curral feito de carnaúba*, Grafite e aquarela, 19,50 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

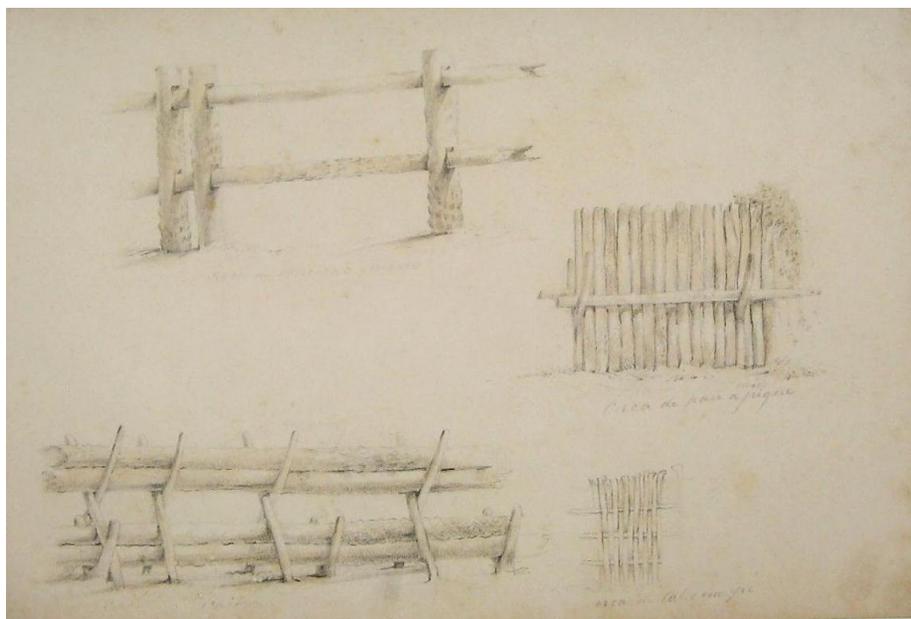


Fig. 89 - José dos Reis Carvalho, *Cerca de mourão furado. Cerca de pau a pique. Cerca de talo em pé. Cerca de caiçara*, Grafite e Aquarela, 19,30 x 29,00 cm, Museu Histórico Nacional, RJ.

### 7.3.1.5 – Retratos



Fig. 90 - José dos Reis Carvalho, *Maria Izabel de Jesus*, Crayon/Papel – 1860, 20,0 x 14,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 91 - José dos Reis Carvalho, *Mulher do Povo – Crato*, Aquarela/Lápis de cor/ Papel – 18—, 15,3 x 8,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 92 - José dos Reis Carvalho, *Mulher com Lençol*, Aquarela/Lápis de Cor/Papel – 1859, 23,8 x 19,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

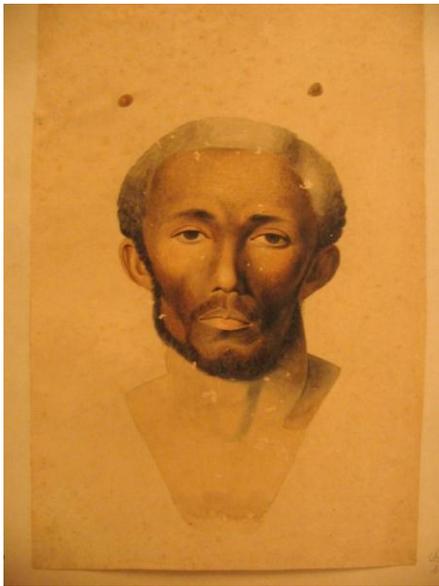


Fig. 94 - José dos Reis Carvalho, Sem referência, Biblioteca Nacional/ Seção Iconografia/ RJ



Fig. 93 - José dos Reis Carvalho, *Um Inocente*, Aquarela/Lápis de cor/Papel – 18—, 15,3 x 19,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.6 – Flores



Fig. 95 - José dos Reis Carvalho, *Flor*, Aquarela, Museu d. João VI.



Fig. 97 - José dos Reis Carvalho, *Flores*, Aquarela, Pastel, Pastel, 18-- , 42,5 x 27,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 96 - José dos Reis Carvalho, *Orquídea*, Aquarela, Pastel, Papel, 18—, 39,5 x 27,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 98 - José dos Reis Carvalho, *Flores*, Aquarela, Lápis de Cor, Papel. 18--, 17,5 x 11,2 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 101 - José dos Reis Carvalho, *Orquídea*, Aquarela, Pastel, Papel. 18--, 42,5 x 27,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 99 - José dos Reis Carvalho, *Lírio*, Aquarela, Pastel, Papel - 18--, 20,2 x 14,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 100 - José dos Reis Carvalho, *Orquídea*, Aquarela, Pastel, Papel. 18--, 42,5 x 27,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 102 - José dos Reis Carvalho, *Rosa*, Aquarela, Papel. 18--, 22,1 x 14,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 103 - José dos Reis Carvalho, *Flores*, Aquarela/Papel – 18—, 24,3 x 21,3 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 105 - José dos Reis Carvalho, *Flor*, Aquarela/papel – 18—, 33,6 x 26,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 104 - José dos Reis Carvalho, *Natureza Morta – Flor*, Aquarela/Papel – 18—, 42,5 x 27,1 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 106 - José dos Reis Carvalho, *Flores*,  
Aquarela/Lápis de Cor/ Papel – 18—, 17,5 x 11,2  
cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 109 - José dos Reis Carvalho, *Flores*,  
Aquarela/Lápis de Cor/ Papel – 18—, 17,5 x 11,2 cm,  
Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 107 - José dos Reis Carvalho, *Lírio*,  
Aquarela/Lápis de cor/ Papel – 18—, 16,5 x 11,2  
cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 108 - José dos Reis Carvalho, *Composição Flor*,  
Aquarela, Pastel, Papel. 18-- 39,4 x 27,1 cm, Museu D.  
João VI - UFRJ



Fig. 112 - José dos Reis Carvalho, *Composição – Flor*,  
Aquarela, Pastel, Papel. 18-- 35,3 x 28,2, Museu D.  
João VI – UFRJ.



Fig. 110 - José dos Reis Carvalho, *Composição – Flores*,  
Aquarela, Papel - 18--, 26,3 x 24,3 cm, Museu D. João VI  
– UFRJ.



Fig. 111 - José dos Reis Carvalho, *Cravo*,  
Aquarela, papel. 18--. 20,2 x 15,6 cm, Museu D.  
João VI – UFRJ.



Fig. 114 - José dos Reis Carvalho, *Composição com Flores*, Aquarela, Papel. 18--. 25,0 x 21,3 cm, Museu D. João VI – UFRJ.



Fig. 113 - José dos Reis Carvalho, *Composição de Flores*, Aquarela, Pastel, Papel. 18--. 27,0 x 31,4 cm, Museu D. João VI – UFRJ.



Fig. 116 - José dos Reis Carvalho, *Flores*. Aquarela,  
Lápis de Cor, Papel. 18--. 17,3 x 11,2. Museu D.  
João VI – UFRJ.



Fig. 115 - José dos Reis Carvalho, Flor. Pastel, Papel. 18--. 18,2 x 13,1 cm, Museu D. João VI – UFRJ.



Fig. 117 - José dos Reis Carvalho, [Flor], Aquarela, Museu D. João VI, UFRJ.

### 7.3.1.7 – Ilustrações Botânicas<sup>567</sup>



Fig. 118 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 120 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 119 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 121 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.

<sup>567</sup>Os desenhos botânicos da Seção Iconográfica/Biblioteca Nacional aqui apresentados são reprodução de: Lorelai Kury. "Francisco Freire Alemão, Botânico e Viajante". In: *Comissão Científica do Império*. p. 205-221.



Fig. 122 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 124 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig.123 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 125 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 126 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig.127 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 128 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 129 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig.130 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 131 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.



Fig. 132 - José dos Reis Carvalho, Aquarela, Biblioteca Nacional, Seção Iconografia, RJ.

### 7.3.1.8 - ANIMAIS



Fig. 133 - José dos Reis Carvalho, *Borboletas*, Pastel/Papel – 18—, 16,1 x 10,5cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 135 - José dos Reis Carvalho, *Borboletas*, Pastel/Papel – 18—, 16,1 x 10,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 134 - *Borboletas*, Pastel, 18—, 15,3 x 12,5 cm, Museu D. João VI, UFRJ.



Fig. 136 - José dos Reis Carvalho, Sem referência, Biblioteca Nacional/ Seção Iconografia/ RJ.



Fig. 137 - José dos Reis Carvalho, Sem referência [Lagarta e borboleta], Biblioteca Nacional/ Seção Iconografia/ RJ.

### 7.3.2. – F. Freire Alemão

#### 7.3.2.1 – Ilustrações Botânicas

#### Relatórios da Seção Botânica<sup>568</sup>

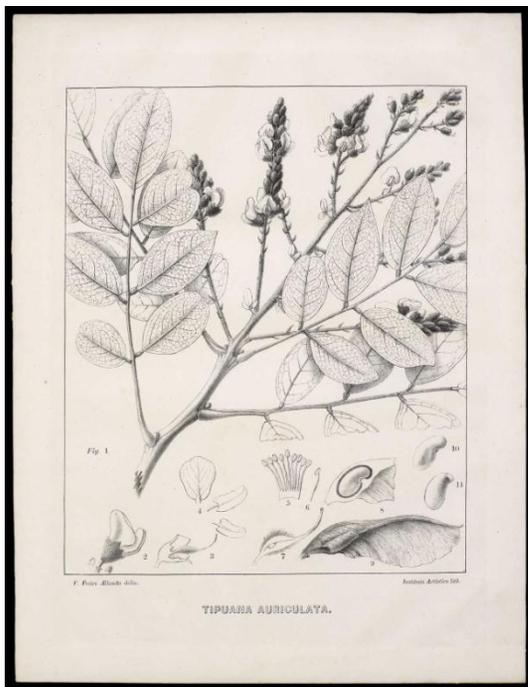


Fig. 138 - Francisco Freire Alemão, *Tipuana Auriculata*, [Biblioteca Digital B.N.], RJ.

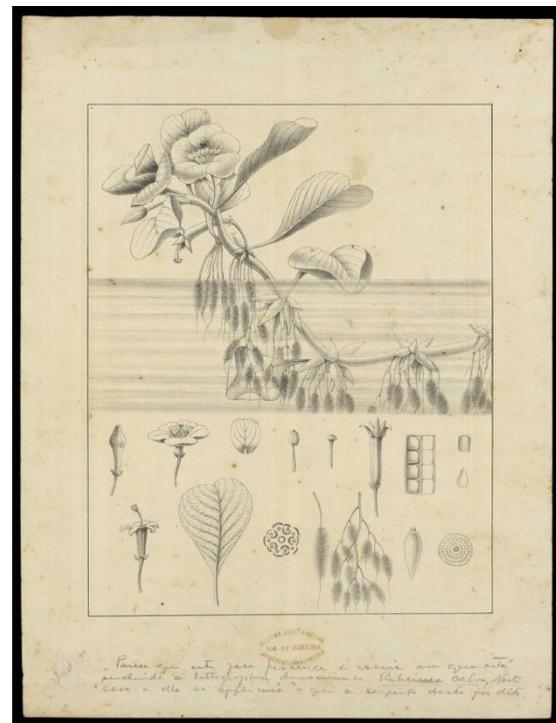


Fig.139 - Francisco Freire Alemão, *Jussiaea Fluctuans*, [Biblioteca Digital B.N.], RJ.

<sup>568</sup> A Biblioteca Nacional disponibiliza estas imagens de ilustrações botânicas em [www.bn.br](http://www.bn.br). Acesso em 14/04/2011. São 15 *Plantas de Freire Alemão* que também aparecem nos *Relatórios da Comissão Científica de Exploração, Seção Botânica*..

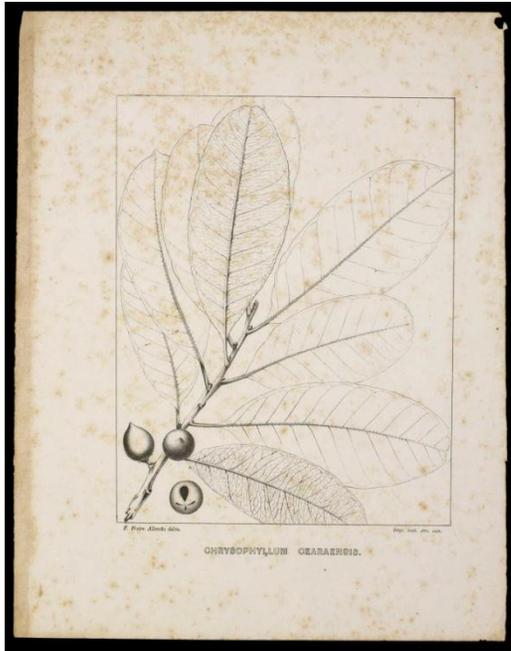


Fig. 140 - Francisco Freire Alemão, *Chrysophyllum Cearaensis*, [Biblioteca Digital/ BN]. RJ.

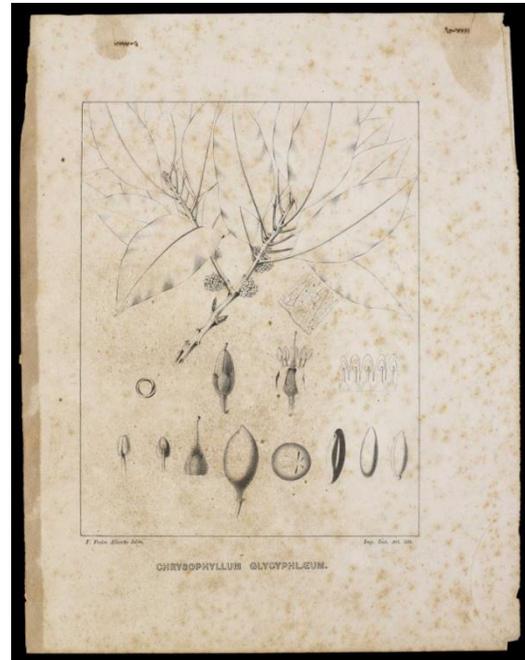


Fig. 142 - Francisco Freire Alemão, *Chrysophyllum Glycyphlaeum*. [Biblioteca Digital/BN]. RJ.

Fig. 143

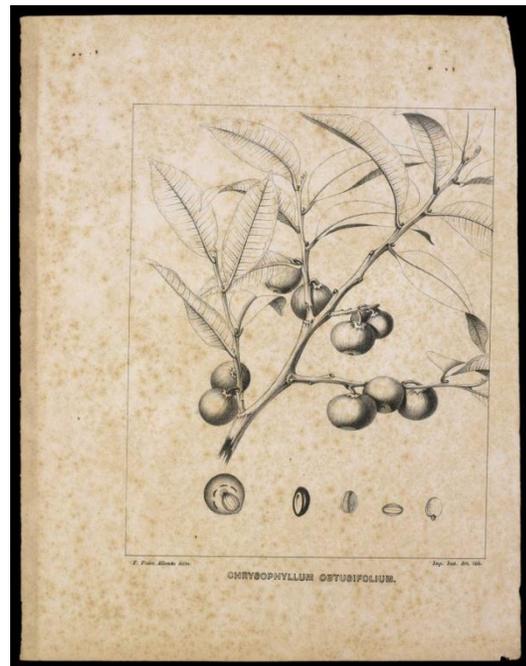


Fig. 141 - Francisco Freire Alemão, *Chrysophyllum Obtusifolium*, [Biblioteca Digital/BN]. RJ.



Fig. 143 - Francisco Freire Alemão, *Chrysophyllum Perfidum*. [Biblioteca Digital/BN]. RJ.



Fig. 146 - Francisco Freire Alemão, *Ribeira Calva* (1). [Biblioteca Digital]. RJ.



Fig. 148 – Francisco Freire Alemão. *Ribeira Calva* (2). [Biblioteca Digital/BN]. RJ.



Fig. 144 - Francisco Freire Alemão, *Ribeira Calophylla*. [Biblioteca Digital/BN]. RJ.



Fig. 145 - Francisco Freire Alemão, *Ribeira Elliptica*. [Biblioteca Digital/BN]. RJ.

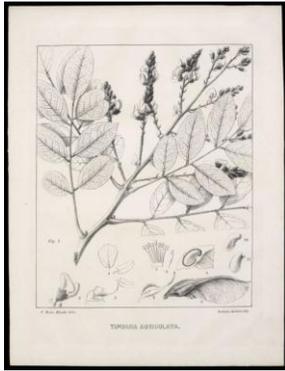


Fig. 147 - Francisco Freire Alemão, *Tipuana Auriculata*, [Biblioteca Digital/BN]. RJ.



Fig. 149 - Francisco Freire Alemão, *Ribeirea Calva* (3).[Biblioteca Digital/ B.N.]. RJ.

### 7.3.2.2 - Os Desenhos da *Flora Cearense*



Fig. 150 - Francisco Freire Alemão. "Pacatuba, 21 de maio de 1859, "Orchie s.p." Lápis e papel, BN, Seção Manuscritos.

Fig.154 - Francisco Freire Alemão. Fortaleza, 31 de maio de 1859, "Celastrinea ", I-28,7,4. BN/Seção Manuscritos.

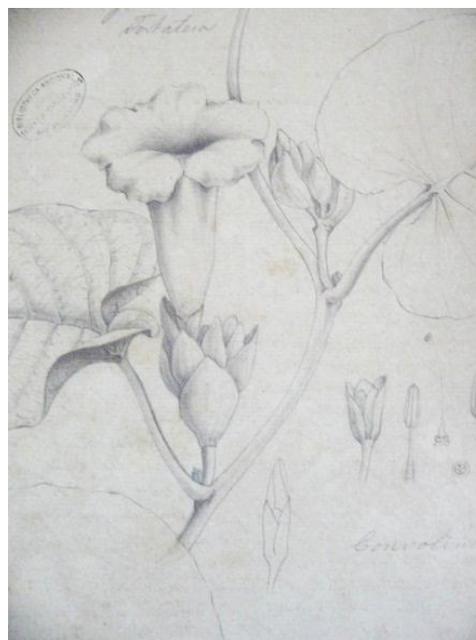


Fig. 151 - Francisco Freire Alemão, 21 de julho de 1859, Fortaleza, "Convolvulaceae muicanus sp" [?], I-28,7,4.



Fig. 152 - Francisco Freire Alemão, Aracaty, 10 de dezembro de 1859; I-28,7,4; [Flor em cacto]. Lápis e papel. BN/Seção Manuscritos.



Fig.153 - Francisco Freire Alemão, Fortaleza, 18 de julho de 1859, I-

28,7,4;[Jingui capeta?] [parece uma  
cabaça][magonia i.]



Fig. 155 - Francisco Freire Alemão , Jatobá, I-28,5,15.



Fig.157 - Francisco Freire Alemão, I-  
28,7,6;Uruburetama, Santa Cruz 16 de dezembro de  
1860; [Flor da Gustavia barringtonia]?

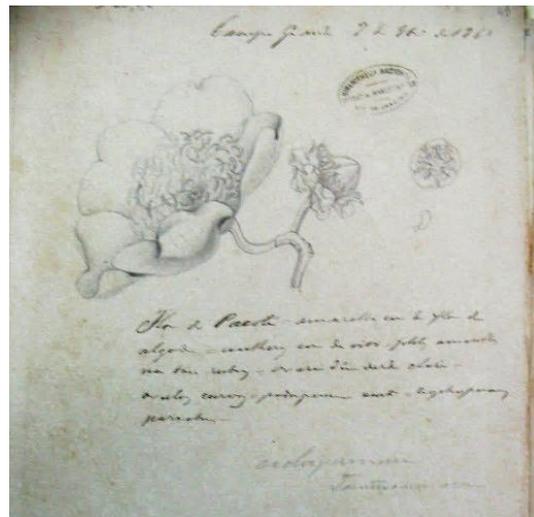


Fig. 159 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,6; 7 de  
dezembro de 1860, [Flor de Pacoti ?, amarela,  
colviperumum ?]



Fig. 156 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,6;

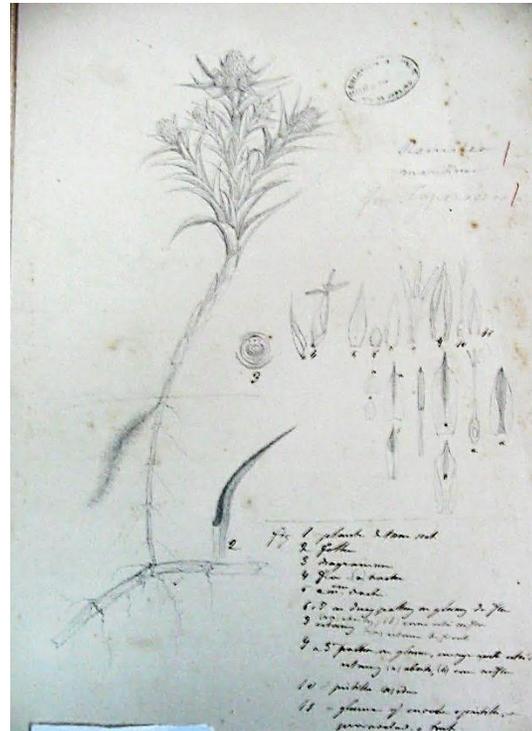


Fig.158 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,8; Fortaleza, 4 de março de 1861; Bubiacea Chiococca, colhida por Manoel; cores descritas rosa, roxo



Fig. 160 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,8; Baturité, 13 de fevereiro de 1861; Orchidea s.p.;



Fig.162 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,9;  
Pacatuba , 7 de maio de 18661; [desenho  
de flor]



Fig. 164 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,9;  
Fortaleza, 16 de abril de 1861;  
Seropuilarinea, planta herbácea de  
lugares úmidos.

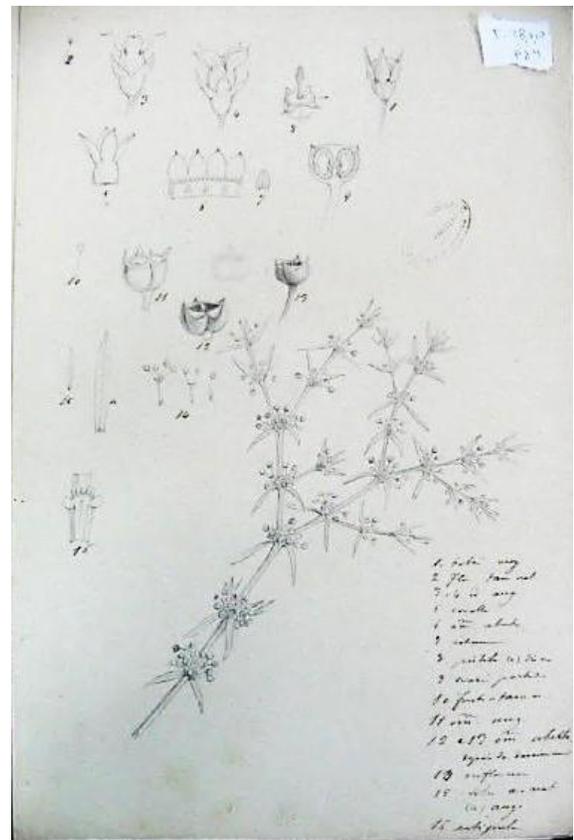


Fig. 161 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,10;  
Fortaleza, 9 de junho de 1861; Rubiacea

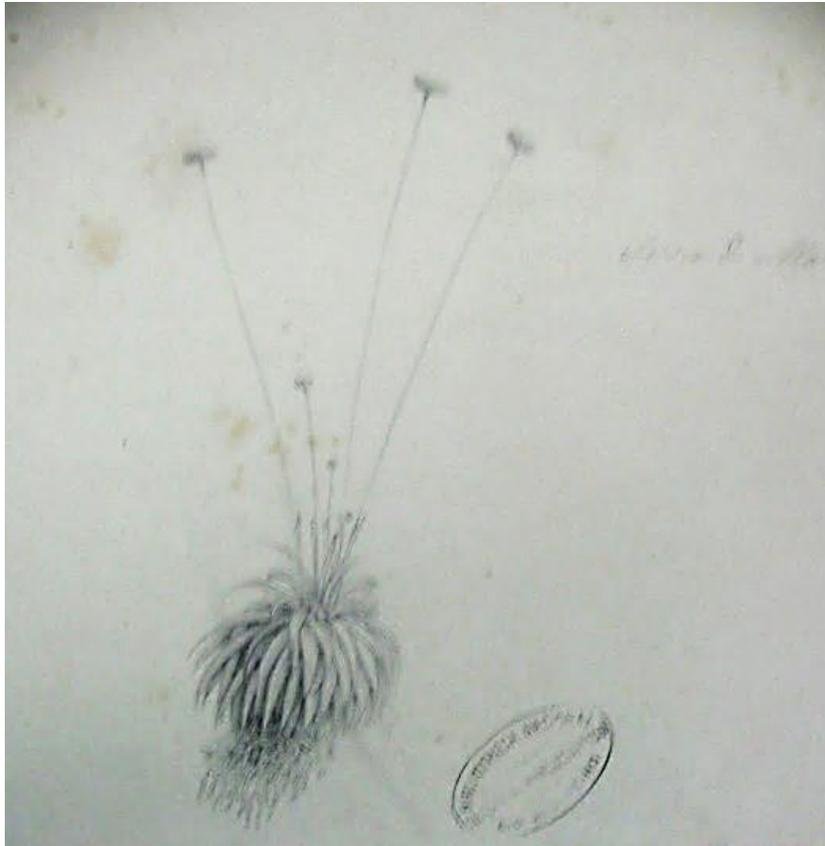


Fig. 163 - Francisco Freire Alemão, I-28,7,10; Fortaleza, 21 de junho de 1861; [desenho de flor]

### 7.3.2.3 – Paisagens e Planos de Cidades



Fig. 165 - Francisco Freire Alemão, *Corte de Boqueirão entre Içó e Lavras, Boqueirão, 21 de outubro, vindo de Içó para Lavras, 11 h da manhã*, Lápis/ 19 x 15,5 cm. Biblioteca Nacional - RJ / Seção Manuscritos/ Classificação Geral: I-28, 11, 47.



Fig. 167 - Francisco Freire Alemão, *Perspectiva da Vila de Lavras. "Lavras 29 de outubro 5h da tarde (1861). Lápis, 32 cm x 20 cm. No verso: Há um rascunho de desenho de flores; letra de Freire Alemão. Palavras: Encharcado, estiagem.* Biblioteca Nacional- RJ/ Seção Manuscritos. Classificação Geral: I-28, 11, 44.



Fig. 166 - Francisco Freire Alemão, *Perspectiva da rua principal de Aracati, mostrando as casas que dão fundo para o rio. Aracati, 6, set, 1859*, Lápis/ 92 x 22 cm. Biblioteca Nacional- RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28,11,19.

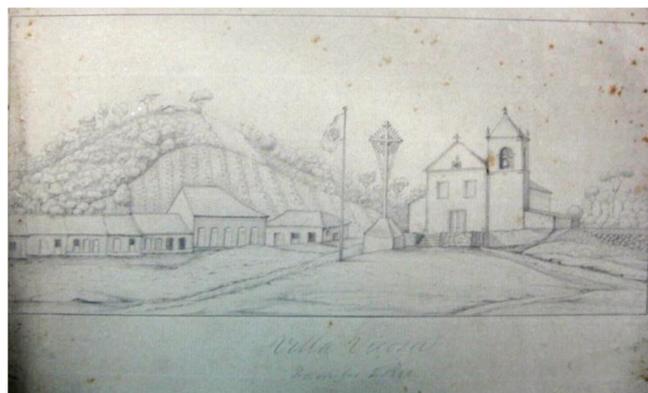


Fig. 168 - Francisco Freire Alemão, *Vila Viçosa, Dezembro de 1860.* Lápis/ 29 cm x 13,5 cm, Biblioteca Nacional- RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28,11,55.

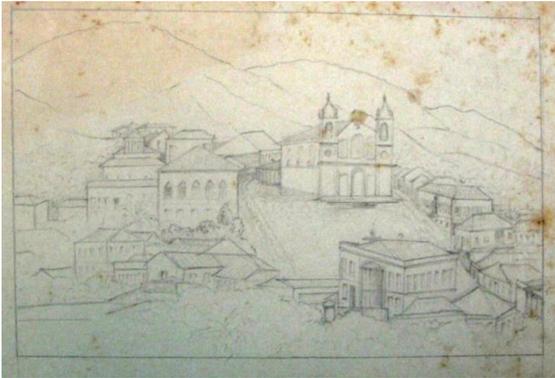


Fig. 169 - Francisco Freire Alemão, *Desenho da Igrejinha*. Lápis 19,5 cm x 13 cm, [1 – Matriz; 2 – Hospital; 3 – Casa de R.J. Audt; 4- Circo; 5 – Casa Sr. Avellar].

Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I – 28, 11, 56.



Fig. 173 - Francisco Freire Alemão, *Uburetama, Aspectos das Montanhas que fica ao noroeste de S. Francisco onde se vê o Frade*. Tirado da janela da Casa da Câmara; 17 de out. de 1860. Lápis/ 32 cm x 15 cm. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 25.



Fig. 171 - Francisco Freire Alemão, *Vista do Castelo de Vincernes tomada do interior de uma casa, 1822*. Lápis/ 17 cm x 13,5 cm, Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11,57. [1 – Forreão de entrada, 2- (?), 3- Porção do [...] castelo da Rainha, 4 – Grupo de casas vistas pelo fundo.] .

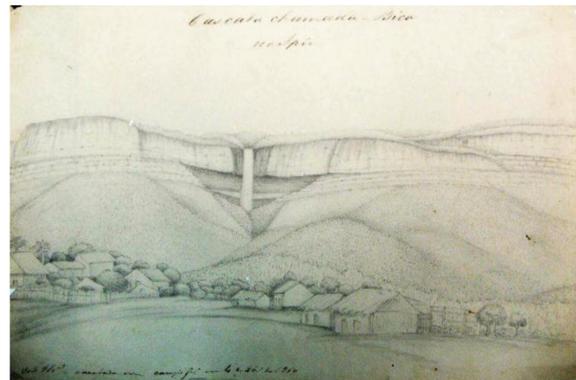


Fig. 170 - Francisco Freire Alemão, *Cascata chamada Bica no Ipu, Ipu, 30 de out. 1860*. Lápis/ 31 cm x 21,5 cm, Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 27.



Fig. 172 - Francisco Freire Alemão, *Capella de N. S. da Conceição Mericoca em 18 de Janeiro de 1861*. Lápis/ 21 cm x 31 cm. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 33.

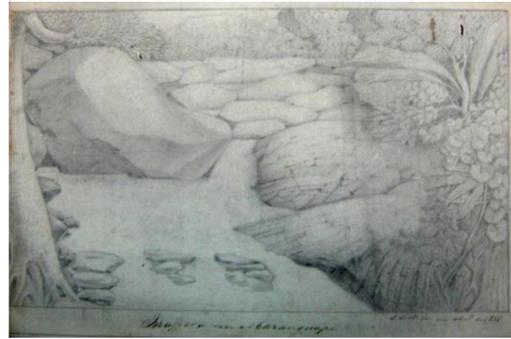


Fig. 176 - Francisco Freire Alemão, *Pirapora em Maranguape. Abril de 1861*. [É terreno de trecho d'água em terreno pedregoso]. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 39.

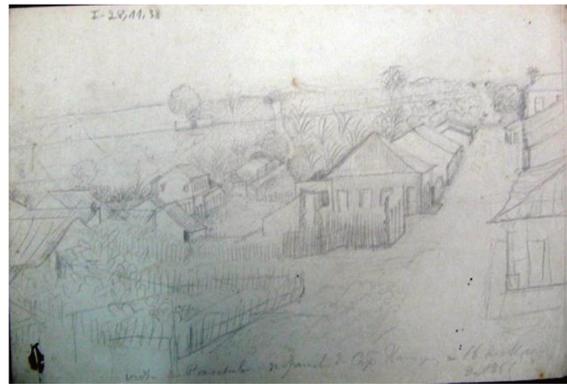


Fig. 178 - Francisco Freire Alemão, *Vista de Pacatuba da janela do Capm. Henrique. 16 de março de 1861*. Lápis / 32 cm x 22 cm. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 38.

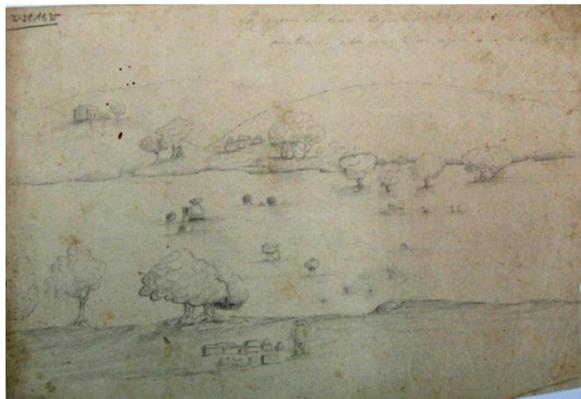


Fig. 174 - Francisco Freire Alemão, *Passagem do Curu, segunda-feira, 28 de Janeiro de 1861*. Lápis/ 30 cm x 21 cm. [Trata-se da celebre travessia do rio, a que se refere Melo Marais na Biografia de Francisco Freire Alemão]. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 35.



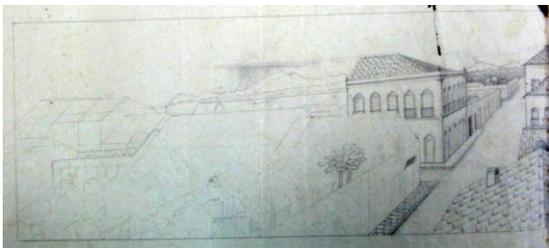
Fig. 175 - Francisco Freire Alemão, *Rua do Comércio. Iço, 25 de outubro de 1861*. "Tomada pela Camara [...] da janela do sobrado em que estamos e que fica 1/3 a lesnordeste (Para baixo) e 2/3 a susudoeste para mais ou menos, e que parte de cima, e que foi desenhada, digo tomada". Lápis/ 22 cm x 20 cm. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 42.



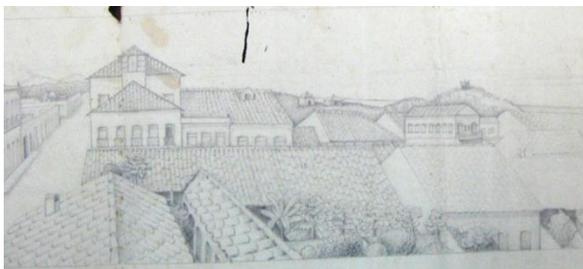
Fig. 177 - Francisco Freire Alemão, *Uma rua da cidade de Içó. Içó, out de 1861, "Trata-se de desenho preliminar",* Lápis/ 19 x 13 cm, Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 43.



Fig. 180 - **Francisco Freire Alemão, [Vegetação Mangue].B.N.- RJ/Seção Iconografia.**



(a)



(b)



(c)

Fig. 179 - Francisco Freire Alemão, [Perspectiva de Localidade não identificada, s.d.], Lápis/ 59 x 12,5 cm. Biblioteca Nacional-RJ/ Seção Manuscritos/ Class. Geral: I-28, 11, 49.

### 7.3.3 – Ilustrações Zoológicas

#### Aves



Fig.181 - Imperial Instituto Artístico, *Gampsonyx swainsonii* (Vigors, 1825), Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 183 - Imperial Instituto Artístico, *Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 182 - Imperial Instituto Artístico. *Coccyzus melacoryphus* (Vieillot, 1817). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 184 - Imperial Instituto Artístico. *Momotus momota* (Linnaeus, 1766). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

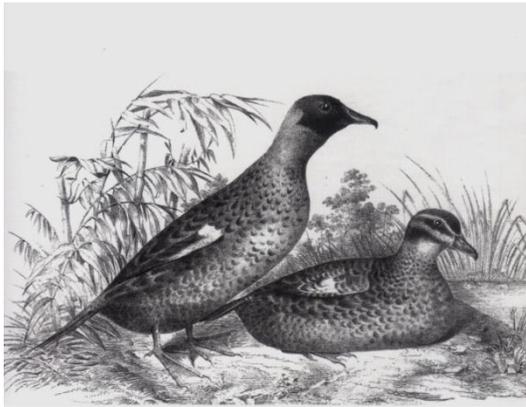


Fig. 185 - Imperial Instituto Artístico. *Nonyx dominica* (Linnaeus, 1766). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 187 - Imperial Instituto Artístico. *Megascops* sp. Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 186 - Imperial Instituto Artístico. *Cyanocorax* sp. Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 188 - Imperial Instituto Artístico. *Tityra cayana* (Linnaeus, 1766). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.191 - Imperial Instituto Artístico. *Icterus cayanensis* (Linnaeus, 1766). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 189 - Imperial Instituto Artístico. *Himantopus mexicanus* (Statius Muller, 1776). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 190 - Imperial Instituto Artístico. *Pachyramphus viridis* (Vieillot, 1816). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 192 - Imperial Instituto Artístico. *Neocrex erythropus* (Sclater, 1867). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.195 - Imperial Instituto Artístico. *Crotophaga ani* Linnaeus, 1758. Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 193 - Imperial Instituto Artístico. *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.194 - Imperial Instituto Artístico. *Chloroceryle americana* (Gmelin, 1788). Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

### 7.3.4 – Gonçalves Dias: litografias dos artefatos indígenas<sup>569</sup>



Fig.196 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos Indígenas: Artes 2, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 197 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas utensílios 04, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

<sup>569</sup> A Biblioteca Digital da B.N. apresenta as seguintes quantidades de imagens: *Armas dos Selvagens – Flechas*: 30; *Artefatos Indígenas: Armas*: 25; *pesca*: 03; *Instrumentos musicais*: 02; *remos*: 3; *utensílios*: 6; *bolsas*: 2; *roupas*: 3; *adornos*: 21; *artes*: 2. Disponíveis em [www.bn.br](http://www.bn.br) [Biblioteca Digital: Entrada: “Comissão Científica de Exploração”. Acesso em 15/04/2011].



Fig. 198 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas armas 21, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

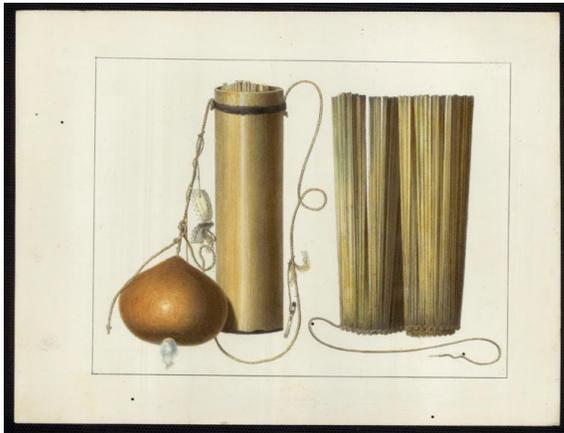


Fig.199 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas armas 022, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.201 - Imperial Instituto Artístico, Armas dos selvagens flechas 28, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

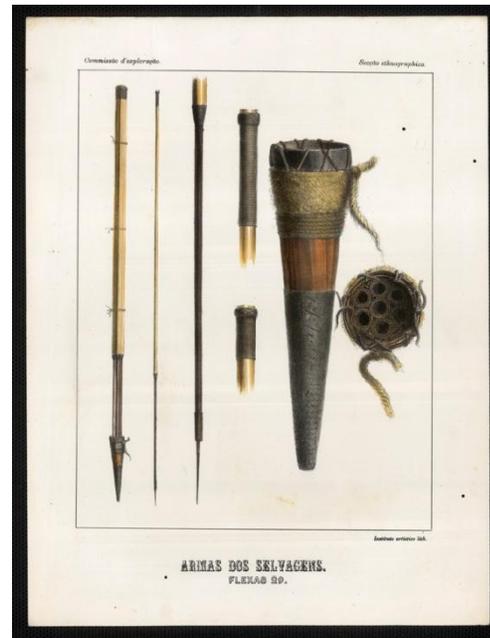


Fig.200 - Imperial Instituto Artístico, Armas dos selvagens flechas 29, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 202 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas armas 04 1862, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 205 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 16, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.203 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas pesca 01, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.204 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas roupas 01, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 206 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 06, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig. 209 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 08, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.207 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 04, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.



Fig.208 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 05, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

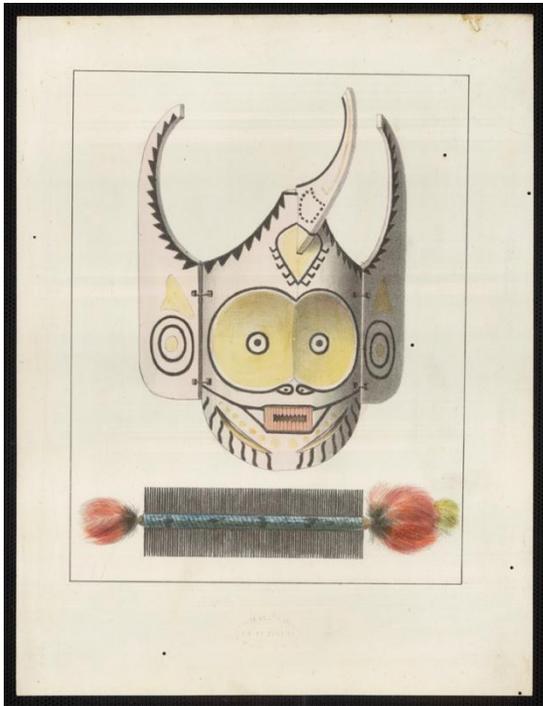


Fig. 210 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas adornos 07, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

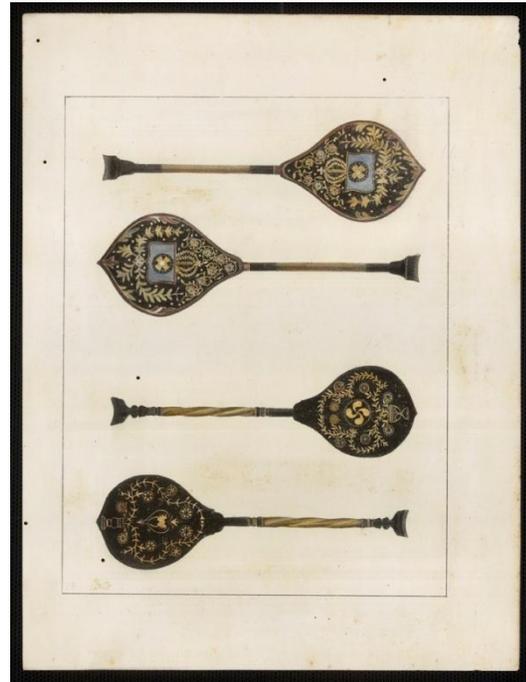


Fig.212 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas remos 03, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.

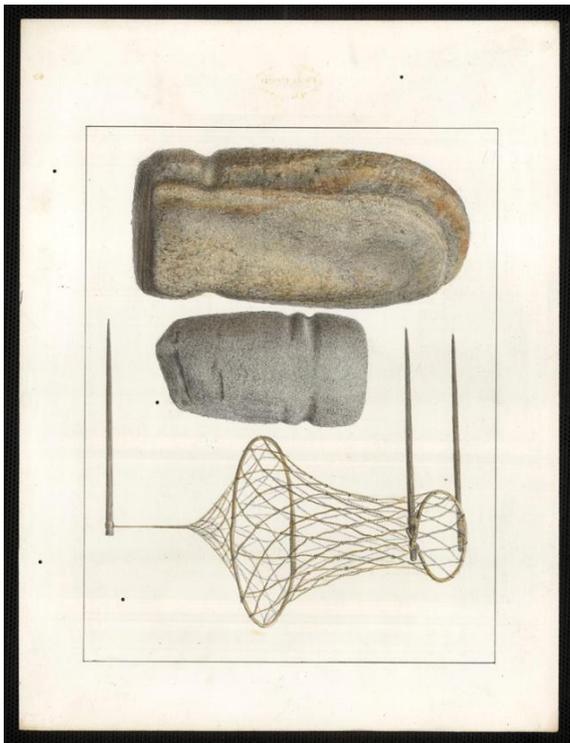


Fig.211 - Imperial Instituto Artístico, Artefatos indígenas pesca 02, Litografia, Biblioteca Nacional- RJ, Seção Iconografia.